

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FE - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RISO, CULTURA E EDUCAÇÃO: IMAGENS DO
PRIMEIRO RISO

CAMPINAS
ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL
2003

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FE - FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

RISO, CULTURA E EDUCAÇÃO: IMAGENS DO PRIMEIRO RISO

AUTORA : MÁRCIA DENISE DE OLIVERA GODOY
ORIENTADOR : PROFESSOR DOUTOR LUIS ENRIQUE AGUILAR

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida por Márcia Denise de Oliveira Godoy e aprovada pela comissão julgadora.

____/____/____

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR LUIS ENRIQUE AGUILAR

COMISSÃO JULGADORA

MEMBRO TITULAR: PROFESSOR DOUTOR JOAQUIM BRASIL FONTES

MEMBRO TITULAR: PROFESSORA DOUTORA MARIA DE FÁTIMA BARBOSA ABDALLA

**CAMPINAS
ESTADO DE SÃO PAULO - BRASIL
2003**

Para Zuza e Pequetita, meus eternos amores...

Para Rosa e Syllas, pela ternura...

Para Johnny e Cyro, meus companheiros...

Para Luzia, pela amizade e afeto...

Para Felipe e Hugo, meus outros amores...

Para Dirceu, também pelas chuvas...

Agradecimentos

Ao Professor Luis Enrique Aguilar, pela gentileza, simpatia e atenção com que finalizou a orientação de meu trabalho

Ao mestre Joaquim Brasil Fontes, pela generosidade, carinho e, sobretudo por ter escutado minha escrita neste trabalho

À querida Jerusa Pires Ferreira, pela atenção, generosidade, carinho e, principalmente, por Nesmejana

À Professora e amiga Áurea Maria Guimarães, pelas sugestões no decorrer do trabalho

Às meninas da Pós Graduação e da Biblioteca da FE - Yoko, Wanda, Gi, Cleo, Alice, Rose, Rita, Cidinha, Nadir e Dona Ana, pelo carinho, simpatia e atenção de sempre...

À querida Nora, pela literatura...

Ao Professor Peter O'sage, pelas valiosas informações, sugestões e ainda, pela cumplicidade apaixonante pelos contos mágicos...

A Edmir Missio, pelas sugestões valiosas e correções no decorrer do trabalho

À amiga e companheira Luzia Batista de Oliveira Silva, pela orientação precisa e decisiva, pela partilha e cumplicidade, pelo afeto, paciência e carinho....

À querida Maria de Fátima Barbosa Abdalla, pelo olhar sensível que nos move e atravessa...

Aos meus alunos, pela oportunidade e carinho

À Capes, pelo auxílio financeiro à pesquisa, sem o qual, este trabalho não poderia ser finalizado

RESUMO

A PRESENTE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO COMPÕE-SE DE TRÊS ENSAIOS. O PRIMEIRO DELES NARRA O PERCURSO E O CONFLITO DE UM LEITOR FRENTE AOS TEXTOS TEÓRICOS E LITERÁRIOS SOBRE O HUMOR E O RISO. PREOCUPA-SE ESTE LEITOR TAMBÉM, COM AS CONDIÇÕES DE INSERÇÃO E EXCLUSÃO DO HUMOR E DO RISO NOS ESPAÇOS INSTITUCIONAIS, SOBRETUDO O ESCOLAR. NO SEGUNDO ENSAIO, O MITO DE DEMÉTER NOS CONTOS POPULARES E O FILME *A GUERRA DO FOGO* ATRAVESSAM A TRAJETÓRIA DAQUELE LEITOR QUE SE DETÉM NAS IMAGENS QUE ENVOLVEM O CORPO, A SEXUALIDADE, O RISO E AS IMAGENS DE RISIBILIDADE AUSENTES OU NÃO NAQUELES CONTEXTOS. SÍNTESE DO TRABALHO COMO UM TODO, O TERCEIRO ENSAIO APRESENTA AS LEITURAS E AS LITERATURAS DO LEITOR QUE SE VÊ DIANTE DE CONDIÇÕES DE INTERDIÇÃO E LIBERAÇÃO DO RISO.

ABSTRACT

THIS STUDY IS COMPOSES IN THREE ESSAYS: THE FIRST ONE OF THEM TELLS ABOUT THE PASSAGE AND THE CONFLICT OF A READING FRONT TO THE THEORETICAL AND LITERARY TEXTS ON THE MOOD AND THE LAUGH. THIS READER IS ALSO WORRIED, WITH THE CONDITIONS OF INSERTION AND EXCLUSION OF THE MOOD AND THE LAUGH IN THE INSTITUCIONAL AMBIENTS, OVER ALL THE PERTAINING TO SCHOOL; THE SECOND ESSAY, THE MYTH OF DEMETER IN POPULAR STORIES AND THE FILM THE QUEST FOR FIRE CROSSES THE TRAJECTORY OF THAT READER WHOM IF IT WITHHOLDS IN THE IMAGES THAT INVOLVE THE BODY, THE SEXUALITY, THE LAUGH AND THE ABSENT IMAGES OF RISIBILIDADE OR NOT IN THOSE CONTEXTS. SYNTHESIS OF THE WORK AS A WHOLE, THE THIRD ASSAY PRESENTS THE READINGS AND LITERATURES OF THE READER WHO HIMSELF IN FACE. SEES OF CONDITIONS OF INTERDICTION AND RELEASE OF THE LAUGH.

I - SUMÁRIO

II – INTRODUÇÃO	01
III. OS VÁRIOS SENTIDOS: CENAS DE LEITURAS	05
1. <i>Os percursos do leitor</i>	06
2. <i>Os homens que dizem, os pensamentos que agora riem</i>	25
IV - OS PRIMEIROS RISOS: TERRA, ÁGUA, FOGO E AR	40
1. <i>Deméter, Perséfone e os contos populares</i>	43
2. <i>Outras imagens do riso e do risível</i>	63
2.1. <i>Um primeiro riso: do filme A Guerra do Fogo</i>	63
2.2. <i>Os soberanos que choram e não falam</i>	67
V. PRIMEIRAS LEITURAS: DE RITUAIS E DE REMEMBRANÇAS	70
VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
VII. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
VIII. ANTOLOGIA	102
1. <i>O Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos</i>	102
2. <i>Contos Populares</i>	108
3. <i>Os soberanos que choram e não falam</i>	163
4. <i>Alguns Verbetes de Câmara Cascudo</i>	165
5. <i>Liberdade e libertinagem na exploração de discursos risíveis</i>	167

II - INTRODUÇÃO

“Há 15 anos (talvez um pouco mais), eu vinha não sei de onde, tarde da noite. (...) Vindo de Saint-Germain, eu atravessava a rue du Four (lado do correio). Tinha na mão um guarda-chuva aberto e creio que não chovia. Mas eu não tinha bebido: tenho certeza. Estava com aquele guarda-chuva aberto sem necessidade. (...) Eu era bastante jovem então, caótico, cheio de entusiasmos vazios. (...) O certo é que aquele bem-estar e ao mesmo tempo o “impossível” contrariado estouraram em minha cabeça. Na travessia da rue du Four, eu me tornei esse “nada” desconhecido de repente... Eu negava aquelas paredes cinzas que me prendiam, me lançava a uma espécie de êxtase. Eu ria divinamente: o guarda-chuva sobre minha cabeça me cobria (eu me cobri propositadamente com esse sudário negro). Eu ria como jamais talvez se tenha rido, os confins de cada coisa se abriam, colocados a nu, como se eu tivesse morto. Não sei se parei no meio da rua, mascarando meu delírio sob um guarda-chuva. Pode ser que eu tenha saltado (é sem dúvida ilusório) eu estava convulsivamente iluminado, eu ria, imagino, correndo.”

GEORGES BATAILLE

Três momentos sintetizam e compõem a presente dissertação de mestrado. Aliei à pesquisa e escritura do trabalho momentos bastante distintos. O primeiro deles é o de observação e contemplação de fisionomias que apreciavam e repudiavam condições de risibilidade. Interessei-me pelo jogo social e lingüístico que envolve uma situação de comunicação. Fui seduzida **pelo que não**¹. **Não ler** textos de humor implicava algo que desconhecia. A **dúvida** foi meu objeto de estranhamento e de reflexão. Vi na austeridade do/no contexto institucional, lacunas para a lascívia e a devassidão.

As condições de interdição e liberação tornam-se sinônimas em determinadas circunstâncias em que o **negar** e o **atenuar** nos dizem sobre coisas que deveriam ser ocultas e que acabam por tornar explícito cada vez mais nossos segredos e desejos. Minha experiência mostrou-me que a falsa austeridade dos espaços institucionais, especificamente da escola, torna-se um espaço de interdição e de liberação irresponsável do corpo que vibra e que clama, muitas vezes não se sabe pelo quê. **O negar** torna-se a ratificação do querer intensamente, do querer independente de normas e conveniências.

O espaço escolar quer que desconheçamos que o obsceno está em cena, é ele a cena de sentimentos comuns, cotidianos e, principalmente, irrefreáveis que ocorrem por detrás das

¹ *Aquele não* da princesa que não ria, citado por: FERREIRA, Jerusa Pires. A Princesa que não ria. In: *Moara*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém. nº 5 - Abr./Set.1996.

cortinas de uma pseudo moralidade; de um véu ténue e perverso que reprime e reforça os desejos mais recônditos, mais sombrios e, não deixa emergir, por exemplo o aspecto sublime e maravilhoso da corpo, de uma corporeidade que não é **desta** ou **daquela** forma, apenas é. Tal pseudo seriedade não atenua e não evidencia o caráter civilizado dos indivíduos, ela conduz, indubitavelmente, para o perigo do recalcado, do sublimado na medida em que, irreversivelmente, os interstícios da condição de aprisionamento a que estamos fadados pela necessidade de liberdade constante e irreprimível, nos torna ora contidos ora enlouquecidos.

Não existe a possibilidade de contenção ou de civilidade quando se trata de gestos e comportamentos humanos. Não há possibilidade de reprimir ou de liberar qualquer ação indecorosa, ela está em nós e para além de nós. O condicionamento deste o daquele gesto, a supressão desta ou daquela ação é igualmente risível aos gestos recalcitrantes de quem não obedece e não corresponde ao que é educado e adequado em determinados espaços institucionais.

Aliás, imprescindível deixar de dizer que nas situações de pretensa seriedade, pressenti muito mais intensamente minha condição miserável de indivíduo e de profissional. E hoje reconheço quão ingênuos eram os textos de humor. Parcas eram as situações de real risibilidade, muito mais irônico era a tentativa de contenção de nossos risos e humores **naqueles** contextos e diante **daqueles** pretextos.

Vi explicitamente como um sujeito pode ser ridículo e burlesco. Enxerguei como podemos nos tornar objetos de riso sem que saibamos o porquê. Basta que sejamos. Basta que nos comportemos como somos. Devemos estar desta ou daquela maneira sempre, jamais deveremos nos atrever a ser, sobretudo a não-ser. A memória risível é o corpo que diz o que não poderia ser insinuado. O riso se estende e atravessa um universo trans-histórico, ele é um intervalo do inexistente e do irreal.

Escrevi sobre minhas contemplações e de olhares que atravessaram meus olhares como leitora de minha condição de professora e pesquisadora. Nela, isto é, nesta condição docente, recordei e vislumbrei restos da pseudo moralidade que me obrigava a assumir. Lembrei-me dos gestos titubeantes de meus professores, donos do saber, que me impediam de sonhar a luxúria e a devassidão propostas por Catulo, Horácio, Bocage, Gregório, Boccaccio e tantos outros... Não me era permitido **ler**. Não me foi permitido **interpretar**. Não estive autorizada a **perceber**.

Provável que o local em que menos aprendi tenha sido na Escola . Ali só aprendi a

esconder e a me conter. Sem saber o que estava escondendo. O **pelo que não** predominou e se pulverizou.

Em meu memorial – **As primeiras leituras: de rituais e de lembranças** - narro as histórias que não aconteceram. As histórias que poderiam ter sido. Narro sobre o cerceamento e a devassidão explícita de meus mestres queridos. Sou produto desta negação. Felizmente a arte literária confessou-me parte daquilo que jamais poderia ter sido expressado na Instituição Escola. A literatura de humor e a contemplação de risos e de gestos risíveis me fez compreender e, não aprender. Vivi em meio a projetos e propostas de liberdade tutoradas e vigiadas. É sobre isto que tentei falar no **terceiro ensaio** e que, inevitavelmente surgiu primeiro. Retirei deste ensaio, algumas das marcantes imagens a partir da contemplação de condições de risibilidade para compor o segundo ensaio __ pedagogicamente colocado como primeiro. Neste texto pretendi falar de teorias e de não teorias sobre o riso e sobre o humor. Não sabia que havia diferenças entre eles. Se é que existem, de fato, distinções perceptíveis e contundentes entre estes dois conceitos.

Em **Vários Sentidos: cenas de leituras** reproduzo, ficcionalmente, imagens de uma memória, alternadamente latente e patente. Li, observei e contemplei condições de risibilidade que se me apresentaram nos mais variados gradientes.

Bergson e Freud eram incompreensíveis para mim. A escolha elitista de Freud por uma linguagem culta e própria de um universo burguês, não esclarecia muitas das linguagens marginalizadas e risíveis que eu também conhecia. Bergson, por sua vez, também não esclarece muito com seus preâmbulos pelo cômico e o riso. Ambos os autores se eximem de certas manifestações de risibilidade e assumem uma postura confortável ante aqueles exemplos expostos por eles.

O método da análise bergsoniana já estava em Joubert - médico francês do século XVI, cujo procedimento é muito semelhante àquele presente no *Tratado sobre o Riso*. Não conseguia visualizar muitas diferenças entre os textos que se apresentavam. Todavia, foram estes os dois autores mais lidos e ruminados por mim. E suas teorias estavam presentes nos outros trabalhos acadêmicos posteriores que li, portanto, fui, inevitavelmente, influenciadas por eles, é imprescindível dizer. A sexualidade e imitação de gestos que são interrompidos e mantidos foram objeto de minhas reflexões a partir, do cotejamento, destes autores.

No ensaio **Os primeiros risos: terra, água, fogo e ar**, pretendi visualizar o mito de Deméter e algumas outras imagens que a ela parecem interligadas, isto é diferentes daquelas

imaginadas e vividas pela leitora e professora: **o fazer rir, o ter que rir, o poder de rir, o não poder rir, os obstáculos para se conseguir fazer rir o outro, o prêmio para quem ri, o presente a quem fizer rir o outro, o partilhar do rir, a solidão do rir, o inefável que surge ao rir, o movimento do corpo ao rir, a sensação inexplicável que surge do rir, o rir...** E o corpo que ri ante a todos: vibrante, fervilhante, quieto e mudo.

III - OS VÁRIOS SENTIDOS: CENAS DE LEITURAS

“Ser e pensar é uma só e a mesma coisa.”

Parmênides

As condições de inserção e exclusão do humor e do riso foram minhas obsessões ao longo de minha trajetória como pesquisadora, leitora e professora. Da ingenuidade e da diversão teci meu interesse por todas as formas nas quais o risível pode aparecer e, nas quais ele é impedido, muitas vezes cerceado. Contemplei todas as formas de risibilidade que foram ou poderiam ser viáveis a partir de minhas leituras e experiências cotidianas; não escolhi tipos nem motivos, muito menos gradações, permiti apenas a recepção de tudo que poderia relacionar-se ao humor e ao riso.

A peculiaridade e o caráter das fontes, portanto, foram diversos e por demais aleatórios. As crônicas de jornais, o teatro, a televisão, o cinema, a propaganda, as charges, as piadas, as linguagens de baixo calão, as gírias e a literatura apresentam linguagens muito distintas umas das outras. Não poupei nenhum tipo de **imagem textual e visual**, todas elas, por curiosidade, foram objeto de minhas observações. Esse modo que privilegia o diferente não encontrou um único paradigma que acolhesse tantas linguagens e tantos significados plurais. Ainda que minha formação acadêmica tenha sido tradicional, a peculiaridade do tema não permitiu que privilegiasse *este* ou *aquela* referencial teórico.

Isto posto, deve-se dizer que as imagens de exclusão e inclusão do universo risível me fizeram intuir sobre o corpo, a sexualidade, a escola e, o próprio riso de um modo particular e, seguramente pertinente para ser apresentado no espaço institucional, uma vez que, meus questionamentos transcenderam, acredito, os limites do narrado e do vivido que indagam acerca do indivíduo que age e devaneia em função e, a partir, de tais temas. Se, pedagogicamente, foram-me negados certos aspectos de textos eróticos e obscenos, aprendi com a interdição e com o transbordamento inevitável que emerge no contexto do humor e do riso, a força alegre, jovial, perversa e terrífica que dele se desprende. *A oportunidade não poderia ter sido melhor.*

É provável que tal ambigüidade tenha sido também o aspecto que me fascinou e seduziu: o humor que pode provocar um riso ou sorriso tão inesperado. É este caráter da imprevisibilidade que tanto me inquieta. E quanto mais ele era objeto de conforto e

desconforto, simultaneamente, de minhas professoras, mais minha curiosidade se acendia e incendiava.

1. Os percursos do leitor

Da escola e de risos

“(...) criaturas hermeticamente fechadas por todos os lados [são os] “aguelastes” (isto é, pessoas incapazes de rir) [e] são encontradas com freqüência no mundo dos pedagogos. O fato pode ser totalmente explicado pela dificuldade da profissão, pela contínua tensão nervosa etc., mas a causa não reside apenas nisso, e sim numa organização psíquica específica que no trabalho do pedagogo se manifesta de modo particularmente claro. Não foi à toa que Tchêkhov para seu homem no estojo escolheu um pedagogo. Aos professores incapazes de compreender e de partilhar o riso sadio das crianças, àqueles que não entendem as brincadeiras, que nunca sabem sorrir e dar uma risada, seria recomendável mudar de profissão. A incapacidade de rir pode ser sinal não apenas de obtusidade, mas também de devassidão”.

Vladimir Propp

“(...) não ríamos. Ele tenta sorrir-me; mas percebo que seu rosto carrega o peso das terríveis impressões nele gravadas pela reflexão, constantemente debruçada sobre as esfinges que derrotam, com um olhar oblíquo, as grandes angústias da inteligência dos mortais.”

Lautréamont

O que me fez realizar esta pesquisa em uma Faculdade de Educação se deve, primeiramente, a algumas experiências frustrantes e inquietantes em sala de aula. Jamais pensara em lecionar e, de repente, fui obrigada a fazê-lo. Inexperiente que era e, **domesticada** que fui, apenas reproduzi o que aprendera e, principalmente como aprendera. Devo ter sido por muito tempo o mesmo estereótipo do profissional que tanto criticávamos durante a graduação. Ali naquele espaço inesperado, após uma formação, provavelmente, tradicional, não devo ter me diferenciado dos modelos educacionais que tanto julgávamos ultrapassados.

Apenas em 1998 pude me arriscar como professora de literatura. A literatura de humor e de riso já eram meus companheiros, todavia ainda não tivera a oportunidade e a coragem de realizar projetos diferenciados. Somente quando me vi efetiva e senhora de minhas salas, permiti que minha acentuada sensibilidade para com o texto literário pudesse sobressair.

Era a leitora que se atrevia a partilhar das aventuras com seus alunos. Como leitora, sabia que apenas o bilhete de ida estaria garantido. Aquelas incursões literárias não deveriam e não poderiam ser previsíveis.

Por razões adversas, o que restou das produções artísticas de meus alunos não foi objeto de análise como assim o desejei quando ingressei neste mestrado, porém, acredito que seja pertinente mencionar alguns momentos dos trabalhos², deles que julgo interessantes, e que talvez estejam relacionados com algumas inquietações minhas sobre o riso, o corpo a sexualidade e a escola. Ler Gil Vicente, por exemplo, e desenvolver um trabalho de leitura de seus textos, não requer muitos desafios, uma vez que a simplicidade dos temas, por ele tratados, são rapidamente assimilados pelos alunos. Não pensei em “liberá-los ou controlá-los” para que fizessem **esta** ou **aquela** leitura, aliás não tinha e não tenho condições de fazê-lo, deve-se dizer.

Foi absolutamente importante, entretanto perceber o que se pode fazer a partir e em função do discurso cômico. Isto sim foi interessante e os gestos de **agrado e desagrado** compensaram todas as outras dificuldades pedagógicas; tais **condições de recepção do texto de humor** foram meu objeto de curiosidade. Além disso, meu olhar contemplou algumas cenas cruciais e decisivas, pois quando os alunos riam; *riam*. Ali naquele intervalo eles *eram*, interregno entre a folha de papel e algo que ainda desconheço que encanta e obscurece no humor, isto é, numa situação de risibilidade. *Eram* algo que fugia do cotidiano, do esperado e do previsto por mim. Permitiram ser sugados no redemoinho do texto risível, me ignoraram e inexplicavelmente surgiram. E me ignoraram ali, naquele espaço nada educacional, nada propício àqueles saberes que julgamos tão necessários ao homem para prepará-los para a vida. Implodi naquele momento, naquele cenário me inquietei. *Não seria* professora, não *aquela* profissional indicada em meu diploma. Os alunos me disseram, rindo, que não fora ainda professora. Jamais o seria.

Esta cena bastante relevante para a perspectiva de meu trabalho ocorreu numa clara alusão **à leitora que escolhe e, a professora que não ri** durante a leitura d’**O Lixo** de Luís Fernando Veríssimo... *Aqueles*³ alunos **tomaram posse** do texto de Veríssimo. **Disputaram a**

² Uma breve observação sobre tais trabalhos, está na Antologia desta dissertação (Liberdade e Libertinagem nos Discursos Risíveis).

³ Embora esta escola estivesse localizada no Bairro Higienópolis, em São Paulo, aqueles alunos estavam ali num colégio que os recebia porque **eles não eram aceitos em nenhuma outra instituição de ensino**. Provenientes de uma Classe Média Alta com crescente perda de poder aquisitivo, eles estavam ali porque os grandes colégios de São Paulo se recusavam a acolhê-los. O dinheiro (que alguns ainda possuíam!) não garantia a permanência em outros lugares. **Eles tinham que ficar ali**. Não poderiam ir para outra espécie de instituição.

leitura e a representação dos personagens. Na crônica havia apenas um homem (sem nome), uma mulher (sem nome). O narrador. Somente estes dois elementos: personagens e narrador. **Riram**. Um riso largo e franco. **Gargalharam**. Puseram as mãos, displicentemente, sobre a barriga arfante. Lembrei-me de François Rabelais. Recordei-me de Horácio, de Gregório de Matos. **Lembrei-me das inúmeras vezes que tentara chamar-lhes a atenção**. E de quanto notara o desprezo em seus olhares. Permiti que entre si negociassem as repetidas leituras do texto. **Encerraram-no**. Os garotos representaram a mulher e , as meninas, o homem. Mudavam **entre risos** as tonalidades da fala do narrador. Teceram **comentários maldosos**. Andavam pela sala não mais em direção à porta. **Agora eles riam**. Não era um **riso alheio**. **Era um riso que permite o encontro, o afeto, o afago e propicia ainda uma “descontração (re)veladora”**.

Da urdidura destas “percepções e experiências” pude **imaginar as imagens** de um leitor que lê solitariamente textos de humor cômico. Ri. Ri animadamente. Ri intensamente. Ri explosivamente. Ri solto e alegremente. Ri deliberadamente. Ri desmesuradamente. Deixa cair lágrimas incontroláveis. Seu corpo se move. Mexe-se com seu riso. Seu corpo treme de delícia e de prazer. O leitor lê agora textos de humor irônico. Esboça um tênue sorriso. Agora não mais explosivo. Apenas se ouve um silêncio. Um perturbador silêncio emanado daquela tempestade de palavras ali bem postas. Ali ele se cala ante o fato. Compactua com aquele escrito. É cúmplice do autor. É um espectador da alma humana. Sente prazer no riso mudo e de soslaio que inunda sua face. Permite-se a invasão da alegria e do descaso da zombaria. O riso apenas é fino e tênue como uma lâmina. *Agora* os olhares da professora e da pesquisadora parecem ter atravessado os olhares dos alunos que riam.

Receita Filosófica: feijão com epistemologia

“Ele foi meu Sócrates e eu fui seu Alcebiades. Sucessivamente agente e paciente, colocou sua glória em aperfeiçoar minha educação. Ao final de meus quatorze anos, sabia grego, latim e os princípios de lógica e

Havia uma acomodação-resignação aliada a uma pseudo rebeldia. Ali naquele depósito de **lixo**; no *lixo* que eles ajudavam a manter, o tédio, a indiferença, a violência e o desrespeito imperava. Sabia, então, que seria mais uma tentativa frustrada, afinal, para eles, era **melhor** ficar pelos corredores, conversando e fumando, jogando baralho, irritando os professores. Muitas vezes eles me disseram que fumar um baseado, cheirar uma carreira de coca e beber um litro de whisky, dava mais barato que assistir a minha aula. Por isso eles diminuíam a quantidade de minutos em que me era permitido falar. A indiferença e a audácia predominavam. Eu era um estorvo. Era uma “pedra no sapato”, na vida daqueles indivíduos sem nomes, sem identidades...

filosofia, e conhecia os primeiros elementos de teologia. Todos me cumularam de elogio para agradar ao meu patrão; me cobri com o manto dessa modesta hipocrisia que gostam de encontrar num jovem, mas com a qual as pessoas instruídas raramente se enganam. Saindo da mesa, o bispo manteve a palavra: vi-me subdiácono tendo feito apenas os exames das almofadas de Monsenhor e os da alcova de Madame de Valbouillant.”

Mirabeau

Certo professor de Metodologia Científica, depois de nos fazer ler pilhas e pilhas de livros sobre Epistemologia, começou um dia a aula, mais ou menos assim:

“Ao chegar próximo à gôndola de cereais, a dona de casa, antes de comprar feijão, pega os grãos e os fricciona entre as mãos, os apalpa demoradamente... Devolve-os dentro da gôndola, ergue-os novamente... Revira-os ora lenta, ora apressadamente... Aproxima-os do nariz, como a cheirá-los, ela se demora neste ritual da escolha...parece que também do olhar e da contemplação... Ergue seus olhos e observa os diferentes preços e marcas... Desliza suavemente por entre uma gôndola e outra... Nada a apressa... Se for necessário morde um grão para saber, se na panela, eles irão cozinhar... Tocar, cheirar, sentir, observar e decidir são tarefas que lhe são comuns ...”

Acredito que este *preâmbulo dos sentidos* seja necessário àquele que pretenda realizar uma pesquisa. Meu professor ensinou-me que era importante perguntar, indagar, perscrutar, pensar, refletir, cogitar, inferir, deduzir, induzir... E desdobrar sentidos e não-sentidos. Seu olhar atravessou o meu e refletimos, epistemologicamente, não mais sobre o feijão, mas sobre o fazer ciência. Não sabíamos nós, que não poderíamos chegar neste ou naquele lugar. Apenas desejávamos pensar; um pensar que para mim tinha o *sabor de uma descoberta*, não de um **Saber**.

Em 1994, quando o humor se tornou objeto de análise acadêmica e não mais alvo apenas de diversão, fui (re)ler alguns livros imprescindíveis para a então decifração definitiva (pensava eu que a faria !) do humor e de seus desdobramentos.

Dom Quixote, O Grande Mentecapto, Memórias de um Sargento de Milícias, Memórias Póstumas de Brás Cubas, Galvez, o Imperador do Acre, Meu tio Atahualpa, Gargantuá e boa parte da obra (contos e crônicas, especificamente) de Fernando Sabino, Sérgio Porto, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade, Luís Fernando Veríssimo, Millôr Fernandes e Machado de Assis, foi lida e relida por mim. O que procurava eu então? Não sabia! Eis a verdade: **eu não sabia**. Provavelmente como não o sei ainda hoje.

Paralelamente a tais incursões literárias, principiei meu rastreamento teórico a partir de teses de mestrado e doutorado defendidas, sobretudo, na USP, UNESP e UNICAMP. Nelas, procurava autores consagrados, periódicos com artigos relacionados ao tema e outras

publicações que me orientassem nesta busca. Buscava... e não sabia o que exatamente. Provável que fosse sobre a linguagem humorística e seus desdobramentos, já que minha formação estava delimitada pelo conhecimento panorâmico da graduação em Letras.

Evidentemente, pesquisei em dicionários e Enciclopédias para saber os significados possíveis do humor e do riso. Naquela época o riso ainda era algo distante em meu trabalho, achava que deveria pensar sobre o humor primeiramente. Freud e Bergson foram meus primeiros autores teóricos sobre o humor. A inteligência em Bergson e a economia de sentimentos em Freud eram verdadeiros **mistérios** para mim.

Encontrava muito mais eco em meus romances, contos e crônicas. Os sentidos picarescos, obscenos, burlescos, paródicos e estilizados dos textos realmente me encantavam e me intrigavam. Eram **eles que me faziam pensar sobre o humor**. Rindo, pude sabê-lo. Ao rir, soube o que os textos freudianos e bergsonianos insinuavam. *Minhas teorias* foram forjadas em tensão e a partir deste conflito entre o texto literário e o teórico. Este último eu não o compreendia, acredito que o texto de humor tenha me dito mais que todas as teorias justapostas. O texto literário me introduziu e conduziu para o marginal e o interdito. As teses, por sua vez, me pareciam, grosso modo, sempre parciais. Eu sempre as achava insuficientes, como se pudesse eu, pretensiosamente, preenchê-las!

Obviamente que este é um trajeto comum: texto-literário e texto-teórico e, vice-versa. Entretanto, a peculiaridade do estudo de humor me parece transformá-lo num tema fascinante, justamente pela exigência intensa e constante da contemplação dos gradientes do riso, da proibição do riso, da explosão do riso e da necessidade de fazer humor. Para mim, o tema é dinâmico demais para ser estudado por um único pesquisador com uma formação restrita a apenas uma área do conhecimento; talvez fosse importante determinada “partilha e troca” de informações com outros profissionais. Ou seja, o humor e o riso são temas que requerem conhecimentos que poderiam ser divididos com historiadores, filósofos, antropólogos, psicólogos e estudiosos da cultura e da linguagem porque talvez exijam uma discussão coletiva mais aprofundada destes profissionais. Será sempre parcial um estudo que não reconheça tal complexidade.

A aluna que obedece e os pensamentos que não riem...

“Ver-se-á que é muito difícil discernir quais as propriedades que cada coisa possui na realidade.”

Demócrito, séc. VIII a.C

Se os **sentidos** são também os grandes norteadores do princípio de uma pesquisa, seja ela de qual natureza for, tentei mergulhar nos **sentidos** que poderiam se organizar ante aquelas 400 páginas que compilara ao rastrear o universo semântico do riso e do humor⁴. Que **Saber** poderia surgir dali e que teias seriam construídas em torno daqueles significados? Haveria significados? Uma pesquisa semântica e lexicográfica poderia ser o caminho⁵? Seria apenas mais um devaneio nada bachelardiano? Maiêutica ou ironia?

Obedecia eu, então, às lições epistemológicas que aprendera ao formular tantas questões que ampliaram excessivamente o universo do risível! Como queria meu professor, grosso modo, os trabalhos científicos começam por um tema-problema, uma tese que, de preferência, possa ser resolvida. Todavia, aquelas dezenas de perguntas que surgiram não possuem respostas. Elas *não querem* respostas. Engendradas, tornaram-se *minhas* ... Infinitas e pessoais, ainda que solucionáveis para outros. Aprendera a lição, mas não me libertara dela ainda. Minha racionalidade e domesticação eram inabaláveis. Talvez por isso o universo anômico do risível me atraísse...

Quando lia textos de humor não sabia que *eram de humor*. Não havia divisões, sistemas, ordens, paradigmas. Parece-me que não há leitor ingênuo, porém não sei em que momento surge um leitor crítico. Nem sei se existe leitor a-crítico. Fato é que meu fascínio pelo marginal começa não sei em que lugar, em que tempo ou em que memória. Não sei se numa memória histórica, ancestral, marginal. Ele mantinha-me próxima da experiência densa com a literatura que sempre tivera.

Simplesmente desconhecia a razão e o porquê. Um dia percebi que apreciava textos risíveis. Fruto de uma curiosidade ingênua e arrebatadora. Parece que é pelo silêncio que percebemos a intensidade do humor. Ele reflete um vazio que persegue a todos e a tudo: ele

⁴ Em maio e junho de 2001, compilei cerca de 400 páginas a partir de dicionários de sinônimos, etimológicos, lexicais e dicionários de analogias; nestas páginas surgiram personagens que são vítimas do humor, personagens que provocam o humor; ações, imagens, palavras e sinônimos do riso e do humor. Pensei que pudesse retornar ao universo do humor agora (des) construindo **aquelas** imagens que aprendi a conhecer na literatura de humor durante minha experiência como leitora. A partir desta pesquisa, elaborei alguns questionamentos que marcaram e antecederam um momento decisivo de mudança no trabalho.

⁵ A distensão provocada por tal pesquisa me fez retornar ao princípio sugerido por meu professor de Metodologia Científica para se fazer um trabalho acadêmico: os periódicos atuais poderiam me (re)orientar. Concomitante à descoberta dos textos de Rivair Macedo, Jerusa Pires Ferreira e Vladimir Propp sobre Nesmejana e Deméter,

ora se infla ora se omite. Desdobra-se e esconde-se.

A leitura de textos de humor, inicialmente esteve relacionada a um momento de fuga, de curiosidade inocente e de puro prazer *alienante*. Uma alienação ingênua e equivocada porque *aqueles personagens* burlescos, grotescos, engraçados e caricaturescos me principiaram numa diversão tola e fugaz que mais tarde compreenderia de outro modo.

Chamo de **aqueles personagens** porque as crônicas, os contos, os poemas e os romances com certa dose de humor irônico e de humor cômico, fizeram parte de minha *história como leitora*. E, num espaço e tempo distantes, anelaram minha existência como leitora e apreciadora da literatura. Meu *conceito de literatura* se fez através de leituras não acadêmicas, logo este invólucro se construiu a partir de textos literários e não literários, escritos ora por autores marginais e, ora por escritores consagrados.

Num determinado tempo, que não sei qual é, repito, optei por textos que me ofereciam histórias, temas e imagens *mais interessantes*. Não saberia precisar se foi a *linguagem sofisticada e artística* que me orientou tal ruptura. Duvido que tenha sabido, tecnicamente, qual a diferença entre uma história folhetinesca e um romance respeitado internacionalmente. Desconhecia que havia um local exclusivo para os imortais da literatura!

Comecei a ler romances precocemente, porém não *sabia* selecioná-los. Detestava livros para crianças, aqueles repletos de figuras e sem nenhuma escrita. Preferia os descritivos e aqueles que contassem longas narrativas, com muitos personagens envolvidos em situações que pudessem me prender a atenção. Depois do livro *O velho e o mar*, li imediatamente *Ubirajara*; o primeiro acho que me chamou a atenção pelo mistério que envolvia um peixe, ingenuamente, me parecia sobre um peixe! O segundo, talvez pela descrição das matas, das florestas, do selvagem, do inexplorado, não sei ao certo.

Minha professora do Ensino Fundamental influenciou bastante minhas escolhas ao comentar suas antigas leituras conosco e, imediatamente, eu procurava ler *aqueles* romances, *aquelas* histórias. Li muitos dos livros que ela ia sugerindo nas aulas, dessa forma. A capacidade de interpretação e reprodução textual dela eram invejáveis e eu me permitia *imaginar aquelas imagens* e, talvez por isso as buscasse, provável que as quisesse para mim, não sei. A princípio, as queria, não percebi que as palavras se apossariam de mim antes que me desse conta desse encantamento, dessa magia.

Independente de ler textos de humor exclusivamente, iniciei minhas leituras a partir de

temas e imagens de *outros leitores*. O humor só **apareceu** com Gregório de Matos, não sabia porque líamos só a poesia Sacra dele. “(...) nesta cruz sacrossanta de braços abertos... (...)” poderia ser uma expressão bonita ... mas me perguntava: por que não lemos a poesia satírica? ela estava no livro didático apenas como citação... por quê? Lembro-me apenas deste episódio antes de entrar na Universidade.

Não saberia dizer se, inocentemente, escolhi os textos de humor porque eles me propiciam uma distensão da realidade, um efeito catártico, apenas. Talvez eles tenham servido para isso por bom tempo. Entretanto, não conhecia o aspecto duplo do universo artístico e não sabia que tais leituras não aliviariam minha existência, mas a tornariam, mais densa e questionadora. Precisamente hoje, acredito que elas teceram parte da minha existência.

Intuitivamente, vislumbro nos textos de **humor, imagens** que me perturbam agora e incomodaram sempre: algo que se relaciona ao humano, indubitavelmente humano. À medida que tais imagens me compuseram e me construíram como leitora, pude refletir e imaginar sobre nós humanos pude *conhecer* o que meu cotidiano, sem o texto literário, jamais me revelaria.

A aprendizagem que a literatura nos propicia não faz parte de nenhum manual, ela nos envolve e aprisiona de uma forma inenarrável. É possível apenas falar de fragmentos, de restos e vestígios. Às vezes, ela permite que nós viremos a página de um *álbum de família legendado e interativo*, mas é só por pouco tempo, logo a seguir tudo se tornará enigmático novamente; para ser em seguida insinuado e, de novo encoberto.

O texto de humor sempre me perseguiu. Seja na sala de aula como aluna e depois como professora. Ele sempre margeou minha existência. Sem explicações muito convincentes. Aconteceu de um modo obsessivo e natural, ao mesmo tempo.

Não conhecia que os textos eram de humor. Eu sonhei que eles eram humor. Talvez tenha intuído que poderia haver uma relação entre homens, humanidade, valores, mitos, símbolos e arte. Não conhecia, apenas imaginava que tudo aquilo poderia referir-se a algo maior. Na verdade não existe algo maior. A importância do humor reside em algo que desconheço. E talvez não importe explicar a complexidade de algo tão simples e humano.

Existe na cultura⁶ um diálogo que sempre me chamou a atenção. Não saberia dizer exatamente o porquê a princípio. Comecei a perceber que havia um esquecimento e certa manutenção lingüística e cultural. Os contos, as histórias e lendas parecem se repetir

⁶ Desde a simplicidade do poeta que diz “ Eu **arrivei** aqui seu doutô pra mode assentá meu chão ...” ; a

independente do espaço no qual surgem.

Não parece existir nenhum tipo de explicação plausível: o mesmo conto popular sobre Cinderela, por exemplo, surge na China, na Europa e na América. Existem repetições e migrações que privilegiam este ou aquele detalhe, não se sabe o porquê. Tais repetições e reiteraões míticas sempre me chamaram a atenção nos textos que revelavam alguma espécie de humor e que provocavam em mim algum tipo de riso.

Fui percebendo que os textos pareciam reiterar universos distintos e ao mesmo tempo familiares. Parece-me que um fio condutor atravessa a literatura, independente de vontade ou não de autores, de tempos e espaços.

Rir e ler textos de humor foram ações que fizeram parte da minha formação como leitora e pesquisadora, portanto. Acredito hoje que elas me compuseram e me tornaram apreciadoras de uma espécie de arte e de uma literatura que talvez se insira numa cultura do riso.

Vi minhas leituras *transcorrerem* pelos gradientes do riso e do humor. Não soube inicialmente distinguir a ironia do cômico e do grotesco. A sátira, para mim, possuía um tom muito mais de crítica, de transgressão, de rebeldia, e não de momentos pornográficos ou obscenos. Escutei de professores e outros leitores que deveria optar por situações de humor mais *sofisticadas, mais nobres*. Não selecionei tipos nem autores.

Fui leitora de todos as nuances de textos de humor. Estas inúmeras formas de instaurar/provocar o riso me fizeram pensar sobre um tipo de arte que tornou-se *particular* para mim. As imagens que oscilam nos textos de humor me impressionam não pela singularidade da sofisticação da linguagem somente; elas me impressionam pelo modo peculiar com que tratam a arte, a cultura e o homem.

O corpo da escola, o corpo na escola: as vertigens da leitura

As putas e os livros podem se levar para a cama

Walter Benjamin

O indecifrável riso de Lautréamont; o ‘romanesco’ e a lascívia em Sade e a violência em Artaud⁷ constituíram o interregno decisivo entre a leitora e a pesquisadora que tanto buscava nas situações de interdição e de risibilidade, vestígios sobre as relações entre o corpo, o riso, a sexualidade e a escola⁸.

Nas páginas destes autores, pude perceber a **tensão** que pressentia nos textos de humor. Alguns instantes que transitam pela perversidade do sarcasmo, pela violência, pelo uso e transgressão do corpo, pela corporeidade que assusta e seduz, pela tristeza e pelo ressentimento cruel e inevitável, enfim por imagens, que nos provocam os labirintos dos sentidos... Pelo riso que **não é**... Pela **ausência** do risível⁹, por alguma razão, enfim que desconheço, ainda que intua sua participação alegórica.

Tais conjecturas me fizeram visualizar ‘ficcionalmente’ um leitor que esteja diante de um livro. Ele nada **sabe** sobre o livro. Sequer sabe que aqueles *pontinhos pretos* são letras e que elas podem significar algo. Pensa ainda que elas podem significar. Não conhece que as palavras não significam. Os homens ora atribuem um significado a elas, ora o sentido é engendrado pelo texto no texto. Quando não muito surgem vários significados, alguns inexplicáveis em nosso mundo.

O leitor está ali olhando para *aquela* folha. *Gosta* de quase tudo mas não sabe o *porquê*. Percorre páginas e páginas. Chega à conclusão de que aquilo é engraçado, é divertido, mas jamais saberia demonstrar *o porquê*. Acha apenas que gosta de seu autor. Ele se **torna** aquele narrador.

Irremediavelmente, torna-se narrador naquele contexto. Incorpora e aprisiona-se daquelas palavras, daqueles significados. Dilui-se numa plena e irrestrita co-autoria. De repente, silencia a escrita e redescobre-se personagem. Agora faz parte do texto. Subitamente é o texto, é a imagem. E ascende. Só e tranqüilo.

Há textos e autores que não permitem sequer o contato com o *universo* literário por eles proposto. Neles, somos sugados e triturados. A sensação que se tem é a de uma força que

⁷ Estas leituras foram realizadas durante o curso Leitura e Ensino - ministrado pelo Professor Doutor Joaquim Brasil Fontes, no ano de 2001.

⁸ Tais autores me fizeram pensar em dois aspectos imprescindíveis para a compreensibilidade desta pesquisa: as relações entre o leitor e a leitura, bem como seus desdobramentos. E parte deste material escrito, foi apresentado durante o seminário sobre a novela Eugeniè de Franval do Marquês de Sade.

⁹ As constantes alusões a algumas imagens, grotescas, supostamente, interpretadas nestes autores, originaria um outro tema que, ultrapassaria esta dissertação de mestrado. Sem dúvida, é um estudo para ser aprofundado numa outra pesquisa.

nos arrasta circular e labirinticamente. Se não nos permitirmos a diluição nessas imagens jamais nos aproximaremos daquele universo. Ainda que tal aproximação nos custe uma existência segura e estável, que tenhamos a sensação de trituração, de inexatidão, de esvanecimento, de perda da própria vida.

A literatura para mim parece ser também isso: a morte de algo que ainda não existe, uma **existência ainda por conceber-se**. Ela, então, *diz* para o humano que ele jamais cessará de recomeçar-se, jamais. Ele é, visceralmente, mortal e inacabado.

Por isso, algumas vezes, a leitura está mais próxima da morte, não da vida. O leitor está frente a um abismo, a uma caverna. Sente-se medo, mas o retorno é inevitável. Certo *ritual de iniciação* acontece independente da vontade do leitor... ele simplesmente se processa. Quando nos permitimos morrer, nascemos... a cada nova palavra que passamos a conhecer algo se fecunda em nós. Uma leitura, ainda que fruitiva nos permite um sonho acordado, um devaneio que nos envolve. Ora estamos num mundo desconhecido ora a linguagem nos presenteia com a aproximação deste mistério. Mas o mistério introduz novas imagens e novos desafios: de novo nos perdemos, novamente somos sugados. A luz surge na mesma intensidade da escuridão, aliás, essa última, talvez seja a única possibilidade de compreensão de um universo mítico que se revela em enigma.

A decodificação de palavras, expressões, sintagmas, justapõem-se a *erupções míticas* que inebriam e confundem, maquiam e entorpecem um leitor. A magia de ler, nesse momento, ratifica o *ditado alquímico* “*leia, leia e descobrirás...*” **mas ler aqui não é só ler**, nesse momento é algo que não se concretiza como esperamos. Há a insinuação e o oferecimento de um portal. Sabemos que ele está ali, intuímos sua existência... e, no entanto, não sabemos como tocá-lo. A força do verbo propicia o contato com o cosmos, uma ordem que anuncia o caos seguinte: a magia e a potência das palavras nos aprisionam. Tornamo-nos seus escravos, vítimas de uma fidelidade eterna.

Nos compreendemos sujeitos quando nos vemos nas palavras. É a única possibilidade de principiar a ser... para estar no instante seguinte. Para nada ser... É a palavra que reivindica um sentido. Um sentido que está em nós, sem que ainda o conheçamos. A aventura do ler prescinde a aventura da morte. A sobrevivência das palavras precisa dos significados que atribuímos a elas. Os sujeitos forjam os sentidos que emanam deles mesmos na medida em que nos permitimos ser devorados pelos simbolismos das palavras.

No caso dos textos de humor, há imagens que perambulam pela narração e que imitam

e criam o humano. A imitação provoca um riso-engraçado, um humor, aparentemente paliativo e, portador de um prazer momentâneo. A criação de algo que lembra, mas destrói o humano de modo grotesco e mordaz suscita e engendra homens outros, indivíduos outros, espelhados por um riso vertiginoso e desestruturador, diria demolidor.

Não são os vícios e as virtudes que dão vida aos personagens e cenários de humor, mas a representação ritual e mítica que tenciona vícios, virtudes e gestos humanos reiterados nos textos de humor. A memória das representações e das imagens de vícios e virtudes dos textos de humor nos fazem imaginar determinada representação do humano. Elas nos fazem sonhar conosco. Somos aquelas imagens no momento em que, repentinamente, surgimos ali. Elas não estão ali, elas passam por ali. Passeiam pelo nosso sonho, nos eternizam e nos iluminam. Não há marginalidade e transgressão nos textos de humor. Um leitor é que pode ler tais interdições que transcorrem dentro e a partir de sua memória histórica.

Memória que titubeia diante de certos textos ¹⁰ que nos escolhem e que privilegiam e despertam todos os nossos sentidos, estes mesmos sentidos nos são capturados... O exorcismo das imagens revoluciona e transforma um leitor; o leitor ingênuo se vê aprisionado, triturado e cúmplice da arquitetura criminosa tecida pelo narrador que através da (ex)trapolação do uso dos sentidos acionada, continuamente, nos arremessa para um abismo úmido e sombrio. Ali naquele pântano de pedras úmidas, sucumbe-se.

De tal modo que o “texto” se apresenta como uma morte para o leitor. Por exemplo, a virtude ali perturba, não são os vícios. Através da linguagem, o narrador deixa claro que a luta permanente do homem será vã: o que prevalece no imaginário humano é o desvio, ainda que obscuro, do crime... o Homem não quer o afago, quer antes o estupro, não pede, antes arranca.

Os sentidos têm, continuamente, privilégio, são eles que importam, só eles têm, de fato, sentido. São eles que levam o leitor a uma densa *reflexão do humano, demasiado humano*. Aquilo que vemos e o que tanto nos incomoda é o Humano, talvez por isso a imagem que se apresente seja semelhante a um visgo... a uma viscosidade caudalosa que impede um contato dos sentidos. Primeiro nos impede o tato: não há possibilidade de tocá-lo. O tátil é proibido. É vulgar. O olhar não se fixa, algo o furta. Os múltiplos odores confundem o olfato: são milhares e nenhum. Escutar a voz do narrador é como trair-se porque ela ecoa num espaço infinito e difuso. O paladar do narrador vomita-nos: ele nos devolve diluídos. Penetrar nos domínios do narrador parece ser algo inadmissível. Só ele conhece as imagens,

¹⁰ Tais conjecturas referem-se às leituras dos textos: *Eugeniè de Franval* do Marquês de Sade; *Cantos de*

só ele detém o segredo, a antecipação do desconhecido e do misterioso.

Não há personagem principal no texto. O narrador é o grande personagem. Trajado elegantemente, é ele quem irá assistir ao espetáculo da surpresa do leitor. Ele nos vê e nos observa. Está atento aos nossos deslizos e julgamentos. Antevê o interregno entre a nossa ingenuidade e a loucura. Nada lhe escapa. Ele nos captura, nos aprisiona. Não há retorno, não há saída: se fecharmos o livro não nos olharemos, se permitirmos que ele nos observe, ele nos (des) cobrirá; e assim nos enxergará... O espetáculo começa antes que possamos imaginar que somos vigiados.

Em meio ao caos do abrir das cortinas somos vítimas e vilões. Impedidos, lutamos e resistimos: a disputa será vã. Sucumbe-se nas entranhas das imagens que nos devoram. Ele explora todos os sentidos, mas não nos permite o Seu prazer. **O chão se abre e somos sugados: o espetáculo apenas principia.**

A narração que se conta e a narratividade que revela

“O mundo é, antes de mais, a totalidade de tudo o que existe, formado pelo Céu e pela Terra (...). Porém, no seu segundo sentido místico, é apropriadamente identificado com o homem. Porque, assim como o universo se formou de quatro elementos, assim o homem se compõe de quatro humores (...).”

Isidoro de Sevilha - 560-636 d.C. - De natura rerum

As leituras teóricas sobre o humor e o riso sempre atravessaram minhas conjecturas literárias e não literárias. Mas nunca conseguia me situar muito bem no contexto delas. Incomodava-me a parcialidade e o cômodo distanciamento das linguagens consideradas nobres. Para mim, o poético e o grotesco caminhavam, se não juntos, paralelamente e, algumas vezes, fundidos. Muitas delas nunca me convenceram, outras apenas me fizeram andar em círculos e, portanto, me tornaram cada vez mais confusa!

Narrar a trajetória das leituras e das reflexões nesta pesquisa sobre o humor e o riso é falar de interdições, sentidos, corpo, sombra, significados outros e de descobertas neste caminho do **negado**. A partir das tentativas de eufemizações de colegas, professores e alunos, percebi o que **poderia** ser dito, e me impressionei com os interstícios do que **deveria** ser

ocultado. A história ao avesso que me interessava. Não a história da repressão somente, sobretudo de como os discursos **liberais** são tão perversos e interditos como os discursos pseudo moralistas dos defensores dos bons costumes.

O fio que desfia e se emaranha na teia de uma corporeidade que só é possível como invenção cultural da sexualidade humana. Invenção e construção, memória aberta e forjada, simultaneamente. A memória é cultura no instante em que se revela como o discurso que se engendra da memória coletiva no indivíduo, no particular. É este particular que se encobre e se esconde. Diz e desdiz, se expande e se encolhe e que nos atravessa alimentando e mantendo nossas memórias.

São os vestígios que se insinuem e que serão usados conforme a conveniência para esta ou aquela sociedade. Não existe repressão, me atreveria a dizer... Entretanto, o interdito está ali... É ele a mesma face do obsceno que está em cena... Apenas não deve ser mostrado... Socialmente ele deve acontecer às escondidas, ainda que todos saibam de sua existência...É um jogo de controle e de ocultação, ironicamente, disposto para damas e cavalheiros que deverão viver socialmente. É apenas mais uma máscara... Uma delas. É um acessório banal, diria. Assimilado por quem deseja permanecer numa determinada elite, é ele, prescindível de comentários.

A perspectiva que se amplia, os sentidos que se perdem

“Quão dolorosa para mim é a página seguinte na qual Satã vem tentar o homem infeliz. Este Satã alegre, este Satã um pouco barrigudo, este Satã de rosto moderno, por um instante me faz rir. E, de repente, censuro-me por ter rido. Nesta página o pintor dialetizou a ironia. Será ela um jogo, será uma crueldade? Satã é bastante inteligente para pretender tentar um Profeta?”

Gaston Bachelard

Norbert Elias¹¹, quando cita Erasmo de Rotterdam, relata como um homem deveria utilizar de modo adequado os talheres. Ao manuseio correto dos objetos, estava condicionada a aceitação daquele indivíduo em determinado grupo social. *Tomar e rasgar a coxa de frango com as mãos* era um gesto indecoroso e digno de um camponês, não de um homem da sociedade, de um homem de certa classe distinta.

¹¹ **ELIAS**, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

Esta imagem: *rasgar a coxa e usar o talher* representa um intervalo bastante peculiar reiterado e resvalado nos textos de humor: os gestos recalcitrantes e desajeitados dos indivíduos; o excesso de higiene e a ausência dela; o pedantismo e o excesso de zelo nos modos de agir e se comportar nos dizem sobre alguns mecanismos de controle pelos quais a sociedade se submeteu, inicialmente e que se estenderiam por longo tempo. Portanto, ao longo do processo civilizador, se é que se pode denominá-lo assim, nossos risos e, principalmente a ausência deles, nos dizem sobre nós, sempre de uma forma, inesperada: se o tolhemos, ele surge por entre as frestas, se o permitimos, com decoro, ele transborda, mais cruel, muito mais devastador. Ele torna o **interdito** e o **comedido**, reciprocamente risíveis. De algum modo, os discursos que provocaram e provocam um certo riso, nos falam da **hesitação** e do **êxito** no que se refere às ações humanas, sejam elas de **sucesso** ou não. Pertinente, de fato, é que Elias parte de um período anterior à nossa sociedade, período este que nos influenciará política, social e culturalmente.

Peculiarmente, nas festas e no carnaval (e em outras manifestações culturais) acredito que, principalmente, no período medieval, um modo de resistência surgia e tornava possível o meio de sobrevivência da plebe. Era através dele que o discurso do risível tornava a sobrevivência possível. Como nos diz Bakhtin, um discurso que representa múltiplas vozes, múltiplos seres, e que dialoga com o eu e o outro. Este **eu** que é, aparentemente, um **outro**. Pois lembremos que a plebe aprecia o *status* do rei e de sua corte. Ele a observa e a cultua. Sabe-se também que ele, o povo, isoladamente procura resistir, mas também se rende **inofensivamente**. A cultura do riso, expressão conceitual e maior contribuição de Bakhtin - segundo Le Goff - nos mostra parte destas oscilações.

E este paradoxo mantém instantes de resistência, contra-reação e manutenção desta sociedade que, conhecendo-se marginalizada e superior, ao mesmo tempo, busca caminhos de superação de conflitos nos momentos propiciados pelo risível, por exemplo.

Quando, brusca e paulatinamente, os costumes da burguesia se consolidam, uma espécie de humor se tornará extinta. Quatro autores nos falarão, na atualidade, deste processo não rápido e superficial, como pode parecer, mas gradual e perverso no que diz respeito ao universo do humor e do riso.

Jacques Le Goff e Peter Burke, nos falarão, no livro *Uma História Cultural do Humor*, a respeito desta primeira imagem sobre o controle, ao comentarem, justamente a relação entre humor e civilidade. Eles se deterão sobre o fim de certas manifestações de humor dentro de

um processo civilizatório; eles não pontuarão a passagem que cito, mas se referirão aos mecanismos de resistência e de controle que serão modificados após a Revolução Francesa, com a transformação da sociedade e a democratização social.

E tenho me perguntado porque tal circunstância nos será fadada, ou seja, porque o caminho, que se quer, democrático populariza e cerceia, simultaneamente, condições de risibilidade.

Imprescindível deixar de dizer que **a imagem deste fim** tem me perseguido. É um término que não sugere somente a censura do riso (que irá acontecer ao longo destes séculos também!), entretanto, sugere a sua liberação. E tal democratização do riso, provável do risível, torna-se, novamente paradoxal. Porque, conforme também sugere Bauman no livro *Em Busca da Política*, o Estado conhece a força e o poder que o riso exerce sobre o povo e o torna, aparentemente, acessível. Riremos todos juntos e, sobretudo, de tudo porque somos iguais.

Esta risibilidade possível torna-se popular e irrestrita. Perigosamente próxima de todos. Segundo Bauman, o riso era uma manifestação de resistência, de liberdade e de liberação populares. Se ele torna-se diluído perde seu caráter autêntico e legítimo, perde seu *status* de liberdade e liberação, talvez.

Prova disso, nos dirá Muniz Sodré, no *Império do Grotesco*, para ele hoje o cinema, a televisão, o teatro, a literatura, a caricatura, a charge, enfim em todas as formas de comunicação nas quais o risível se manifesta; aparece um riso popularesco e vulgar, apreciado por indivíduos de todas as classes sociais. Paradoxalmente, a risibilidade surge, mas não o prazer, a reação, a contra-reação, construídas pelo indivíduo. Ele agora as recebe, *ele as toma para si* porque *elas estão ali*. Ele não as usa como forma de crítica ou de denúncia como assim querem alguns intelectuais. Ele compactua do cerceamento e da limitação de certos risos. Ele não se permite o contato com um certo tipo de risibilidade que lhe é inata. Ele espera dos meios de comunicação a conexão com **aquelas fórmulas de risibilidade**. Ele se apavora com um certo momento risível. Um riso que o homem talvez tenha se esquecido. Um riso primordial, diria essencial.

Tais condições de inserção e exclusão do riso tornaram-se o fio condutor de meu trabalho: **na escola se ri, mas não se ri**. Há certa escolha **sobre o que se pode rir** e *como se deve rir*. Além desta obviedade pedagógica, observei e contemplei aquele riso que desconheço e sobre o qual jamais conseguirei encontrar explicação definitiva: algo próximo a

uma explosão sonora e corporal que sempre me fascinou; interregno entre o prazer e um primeiro riso, sinônimos de ação e de inércia, de corporeidade e êxtase, de silêncio e ausência, sobretudo de ausências.

Essas lacunas e o controle dos gradientes do riso, nos fazem perceber, especificamente, que é **proibido** rir na *escola*, mas também **se ri** na *escola* e, principalmente por **causa dela**. O aparente paradoxo demonstra, na verdade, que a proibição do riso provoca um **primeiro riso**. Único e inexplicável. Fruto da interdição. Do não riso, da ausência do riso. **Rimos porque é o que nos resta**. E quando **ele** explode nossa civilidade se atordoia e nos vemos diluídos, completamente macerados. Ao rirmos, sabemos sobre a **morte**, é ela que nos acalenta, que nos espreita e nos espera, irremediavelmente. Uma morte que prenuncia um nascimento e posterior renascimento... Dinâmico que é, este trajeto parece incomodar em demasia certos indivíduos.

A austeridade e a pseudo austeridade¹² nos **Espaços Escolares** nos impedem **um riso** e nos privilegiam **o riso**. Provavelmente *aquele* primeiro riso. Alimentam nossa **ingenuidade e devassidão**¹³, nossa languidez pelo *proibido* e pelo *negado*. Alimentados pela proibição **aquecemos** nossa perversidade e regozijo, atingimos o êxtase do **não-riso-que-ri**.

As leituras de textos risíveis, proibidos e, ao mesmo tempo, lidos na escola e no trajeto acadêmico *aconteceram*. *Não sabia* porque lia *aqueles* textos. Sabia que **deveria** lê-los, provavelmente porque vi no *semblante* de meus professores o **horror àqueles risos**. A austeridade deles me fez encontrar alguns textos de humor que me causaram uma risibilidade que **jamais pude esquecer**. O encontro com o **risível** me propiciou um **primeiro riso**. E tal princípio não aconteceu sem os obstáculos solitários e inquietantes de alguém que deseja rir; diria **rir, soberbamente**.

Ri ou melhor dizendo, li o que estava autorizada a ler e o que não era *aconselhado*. Mas isto não importa, minha **liberdade** forjou-se a partir dessa proibição, da necessidade do **não-riso** no espaço da escola. Em defesa da disciplina e da concentração, dos bons costumes e da **tradição, família e austeridade**; imprescindíveis às formações dos escolares. Esqueceram

¹² Clemente de Alexandria (150 - 215 d.C), ao prescrever normas de comportamentos para os **‘pedagogos’**, dirá quão impróprio é o riso, muito mais adequado e correto, ao **instrutor**, é o sorriso. Neste último, residirá o comedimento necessário ao pedagogo. Adverte que cabe a este educador a responsabilidade de não usar palavras indecentes, pois assim ele “obstruirá” relações indecentes da devassidão; é imprescindível, portanto, a educação do sorriso. Reiterará ainda a importância da proibição do gesto pelo controle da palavra (da linguagem?); contraditoriamente, parece **deixar escapar** a impossibilidade deste controle, simultaneamente; para ele “o fato de usar as palavras sem disciplina faz nascer a idéia de trazer também a desordem nas ações, e se exercer a castidade na palavra, é resistir à libertinagem”.

¹³ Propp dirá que **“quem não ri é um devasso”**.

que se rasga o riso dessas formalidades e, sobretudo destrói o riso tais malhas e teias, aparentemente, bem construídas. Ele, o primeiro riso, surge, aparece, instaura-se em instantes de vida; atravessa uma vida que se esgarça do enclausurado, do inerme. O humor escandaliza e se ri trazendo a morte por dentro de vidas proibidas, **sedentas** de uma risibilidade gritante, pungente e enlouquecida. Parece-me que a **loucura e o riso** são necessários aos homens. Talvez, sejam eles sinônimos.

A *ação* e a *imaginação* de um leitor que lê textos de humor e sobre o humor não significou apenas a tentativa de realização de apropriação, paráfrase ou intertextualidade entre textos literários e teóricos, procurei relatar que significados **certos risos** provocam e provocaram numa leitora que lê e se deixa ler textos risíveis. Perguntei-me o tempo todo que risibilidade poderia surgir e porque ela, às vezes, surgia sem que, dela, me desse conta. Notei que pretendia falar de alguma experiência que já se instalara em mim, sem que compreendesse seu significado .

Os *efeitos e os sentidos do riso e do humor* são imprevisíveis e sublimes demais para serem dissecados. Resta-me furtar alguns exemplos superficiais de textos literários que se aproximem de um certo conceito que trago comigo: amálgama de teorias e não teorias. Não precisei da escola para saber que eram aladas as palavras. Escutei-as mudas e vibrantes, todas portadoras de risus satânicos. Conciliadoras e perversas. Alegres e joviais. Irônicas e sarcásticas. Imaginei o riso quando ele já se instalara em mim. O primeiro riso já acontecera.

Fazer rir ou simplesmente rir ratificou o encontro com alguns dos **muitos leitores** que se interpenetram em meu trabalho. Há um riso primordial que surge naqueles textos que prescindem de explicação. Não sei se há necessidade de explicitar porque se alimenta o prazer, de explicar um prazer que advém com o riso. Acho que ele surge, mesmo que negado e proibido.

Os homens que dizem, os pensamentos que ainda não riem

Não rimos mais do modo que antes, nos dizem Le Goff, Bremmer e Roodenburg¹⁴. Rimos de coisas que não são mais as mesmas. Perdemos nós o nosso riso, poder-se-ia indagar,

¹⁴ **BREMMER**, Jan & **ROODENBERG**, Herman. (org.). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
23

porém nem mesmo isto seria convincente porque o riso e a disposição que o possibilita e o provoca chamada, muitas vezes, humor, que a um só tempo é o próprio riso; **não nos deixam** e não permitem dizer que o humor e o riso se perderam.

Sei também que o riso não está mais **ali**, mas sei que ele não **pode** estar fora **dali**. Da cena que registra a **nossa** vida. Da memória que se esgarça, que macera, que cerceia e de repente se alegra. Propp, Le Goff, Joubert, Baudelaire, Bergson, Bremmer, Bakhtin, Bauman, Darwin, Larrosa, Verena Alberti, Rubinstein, Aráceli Martins, Muniz Sodré e tantos outros pesquisadores-pensadores parafraseados, citados e invocados não me **dizem**. Não partilham **desse** riso que se perdeu. **Não sei** de qual riso eles falam. Não sei de que humor eles **podem** estar falando. Suas conjecturas **não me** pertencem não podem me pertencer. Não me convencem mais. **Nunca me conseguiram convencer. Nunca me tornaram cúmplices** de suas idéias, ainda que verdadeiras. Não trouxeram a vida que liberta e fecunda. Não me ensinaram que o gesto é explosão, é ira, é êxtase, é, ele, irreprimível. Jamais me convenceram de que a ação pode ser programada e programável. Eles não me falaram do princípio do prazer que o riso contém. Nunca disseram sobre a alegria, a fecundação e o nascimento. Jamais confessaram seus pactos satânicos. Não insinuaram que no homem haveria pulsão de morte e de vida. Nunca me segredaram sobre o caráter volátil do humor. Não me contaram sobre a ausência da unidade na teoria sobre o humor. Esqueceram de ensinar que ‘o belo de cabeça para baixo é o Belo’. Omitiram a devassidão presente nos espaços institucionais. Negaram-me o conhecimento acerca das conjecturas banais sobre o corpo que não surge, que não aparece, que esquece... Não me disseram que os santos são demônios e que anjos podem ser tornar satânicos. Não me falaram do caráter intrínseco do medo e do riso. Revelaram apenas na surdina que a devassidão é tão querida de alguns que se encontra em todos os espaços austeros. Não **me** fizeram rir.

A memória que ri, o humor que mergulha, os sentidos e os elementos que se dissipam

Escreve-se para que possamos esquecer o que se disse nos traços titubeantes de uma escrita misteriosa. Ensina-se para que não possamos saber. Lemos para não reconhecermos nenhum sentido. Esquecemos para nos lembrarmos um dia. Para contarmos o que não se

disse. Para percorrermos o caminho apenas, não para identificarmos o que esteve em nosso trajeto. A viagem transcorre no interregno do acender e o apagar de uma chama. A chama que nos faz imaginar os movimentos delirantes daquilo que não nos impregnou ainda. Ela movimentada tranqüilamente o que ainda não sabemos para que possamos nos lembrar numa outra existência.

Assim o *álbum de família legendado e interativo* passa a fazer sentido na linguagem do criminoso em Freud e nas marcas do cômico em Bergson. Os significados impregnados nos textos de humor e de riso dialogam agora com estes e outros autores que *passam a fazer sentido*. Permitem um significado e perpassam meu caminho. Somente *agora* que eles são esquecimento, fazem sentido.

2. Os homens que dizem, os pensamentos que agora riem

Freud e o humor

“O humor não é resignado, mas rebelde”

Sigmund Freud

Ao escolher a língua culta como parâmetro para sua abordagem sobre os chistes e sua relação com o inconsciente, Freud, segundo alguns comentadores, delimita seu universo de análise para discutir a gênese da produção do prazer humorístico a partir de um processo de comunicação, ou seja, dispõe as relações entre o ouvinte e um outro indivíduo e, estes, por sua vez, tensionam expectativas distintas. Neste trajeto, o ouvinte, “espera” que algo aconteça do ponto de vista afetivo, porém o que o outro faz é uma pilhéria.

Freud elege o humorista como o grande e importante elemento neste processo, pois segundo ele, o humor tem como característica fundamental **evidente grandeza e elevação no modo de obtenção de prazer**. Tal “grandeza reside claramente no triunfo do narcisismo, na afirmação vitoriosa da invulnerabilidade do ego¹⁵”. O ego se recusa a sofrer, “insiste que não

¹⁵ Todas as citações, neste sub item referir-se-ão a: **FREUD**, Sigmund. O Humor. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio: Imago, 1996. Volume 14.

pode ser afetado pelos traumas do mundo externo” e transforma estes traumas em “ocasiões para obter prazer”. Conclui que não cabe ao humor resignação, mas rebeldia.

A aproximação do humor com os processos regressivos ou relativos que tão amplamente atraem a atenção na psicopatologia está associada ao fato de que o humor é um método, dentre vários, que “a mente humana construiu a fim de fugir à compulsão para sofrer”.

Os chistes, por exemplo, “servem simplesmente para obter uma produção de prazer ou colar essa produção, que foi obtida, a serviço da agressão”. A atitude humorística: se recusa a sofrer, enfatiza a invencibilidade do ego e sustenta a vitória do princípio do prazer. Percurso que evidencia a habilidade e a percepção do humorista ao manusear e dispor de diversas máscaras durante uma conversação com outras pessoas.

E esse modo de triunfo do ego, traz, algumas vezes uma complicação, pois ele não é uma entidade simples, uma vez que ele abriga “como seu núcleo o superego”. Às vezes, o ego, prossegue Freud, acha-se fundido com o superego e a atitude humorística consiste na retirada da ênfase psíquica do ego, ao transpô-lo para o superego. Assim, o superego torna o ego minúsculo, ao trivializar todos os seus interesses e, ao distribuir energia, reprime as possibilidades de reação do ego.

Na “origem do chiste um pensamento pré-consciente é entregue por um momento à revisão inconsciente. O humor seria a contribuição feita ao cômico pela intervenção do superego”. Nesta atitude humorística o superego repudia a realidade e serve a uma alusão. A pilhéria não é essencial, mas preliminar, o primordial é a intenção que o humor transmite.

Parece que tais conjecturas, podem ser exemplificadas, diante da expressão do condenado que Freud mesmo cita: “Bem, a semana está começando otimamente”. O criminoso sente-se satisfeito porque ele será morto na segunda-feira e que, portanto a semana já começará muito bem. Uma satisfação, plenamente e saborosamente, satânica. Satisfazer-se com sua própria condenação e extermínio porque ele é um ser desprezível e inútil na/para a sociedade. O jogo entre o saber-se desnecessário e a utilização do recurso humorístico presente em sua fala, também pode sugerir o poder indiscutível que a linguagem, aliada à risibilidade mórbida, confere ao sujeito que terá sua *vida*, que nada vale; somente com o advento de sua própria execução. O **corpo**, a **linguagem** e o **humor** lhe conferem, portanto, este **poder-prazer**, numa perspectiva “complexa” e não banal, como pode parecer. A trivialidade da fala encerra certa complexidade psíquica insinuada por Freud: vê-se a

economia de gasto em relação ao sentimento engendrada pela fonte de prazer obtida através do discurso do humor. Pode-se, inferir, finalmente, que é um riso *remoído*, internamente, e que oculta sentimentos ambíguos e extremamente plurais.

A não resignação do humor significa a um só tempo o triunfo do ego e do privilégio do prazer que afirma-se “contra a **crueidade** das circunstâncias reais...”

Bergson: o cômico e o riso

Freud, de certo modo, pela sua complexidade sempre presente, nos inquieta e amendronta, simultaneamente; Bergson, por sua vez com sua insipiente e confusa repetição, se torna indecifrável.

Para Bergson¹⁶ o riso é um gesto social que dá leve medo. Parece-me que a clareza e a ambigüidade desta frase ratifica a complexidade dos estudos sobre o riso. Se de um lado Ceccarelli (citado por Le Goff¹⁷) nos diz que ‘toda a explicação do ridículo mata o sério’, e que *qualquer* tentativa de fazê-lo será, portanto, vã; de um outro aspecto a pseudo banalidade do risível instiga a contemplação do observador que procura imaginar o riso; não apenas no bojo da sociedade que ri, mas nas diversas células sociais das quais Bergson insiste em permanecer.

Sociedade esta que é acolhida por Bergson de maneira **cômica**, pois ele se detém apenas na perspectiva ridícula e possivelmente risível do homem que não pode (e algumas vezes não consegue) ser desta ou daquela maneira. Ele aponta as condições de liberação e cerceamento do cômico dentro da sociedade, mas não nos permite visualizar o indivíduo *solitário* também nesta organização. Evidentemente que são importantes alguns trechos de seu livro, contudo, sente-se ainda a ausência do corpo que ele dilui em dada célula social. Sente-se a falta do corpo, de um corpo.

A noção de civilidade e de “manutenção harmônica das ações” citada por ele me fez questionar por muito tempo a domesticação e a liberação de gestos; acredito que seja relevante este conceito sobre o “mecânico calcado no vivo” e, pode-se ter em mente claramente o jogo de cerceamento e liberação vigiadas. Imitar, humilhar, desprezar e desfazer

¹⁶ Todas as citações neste sub item referir-se-ão a: **BERGSON**, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2ª ed. Rio: Guanabara, 1987.

¹⁷ Op. cit.

são atitudes de quem está cercado por convenções, como bem destaca Bergson, e o indivíduo torna **isto** cômico e ri da quebra, ou seja, da interrupção linear das ações dentro de um contexto e de um segmento social.

O cômico e o riso, para Bergson, parecem surgir da mudança involuntária, do desajeitamento de indivíduos. As pessoas “civilizadas” trazem consigo algo de mecânico (eu diria domesticado!) que funciona dentro delas. Quando este mecanismo é evidenciado e demonstrado de modo cômico, *se ri*. Para ele ainda será cômico: “a mecanização artificial do corpo humano; a substituição do natural pelo artificial; uma pessoa que dê a impressão de coisa; a confusão entre a pessoa com a função que ela exerce; a ilusão da vida e a montagem mecânica da vida”. Assim, o cômico e o riso *acontecem* quando alguém estiver indiferente, por isso não deve haver afeto, emoção, envolvimento entre os participantes da cena.

O riso, também, intimida, humilha e castiga em seu ambiente natural que é a sociedade. Quando alguém *percebe* a descontinuidade das ações, do involuntário que acontece inesperadamente surge o cômico e o riso. Esta é a comicidade automática instalada na **vida** que imita a **vida**.

E que vida é esta, poder-se-ia indagar. Que vida é esta que tem tempo para *esperar ser e deixar de ser*?

Imitar alguém é destacar a parte do automatismo que ele deixou introduzir-se em sua pessoa. O mecânico calcado no vivo — imagem central donde a imaginação irradia em direções diferentes. *O riso é a correção (?)*, o gesto social que reprime e ressalta certo desvio dos homens e dos acontecimentos.

Embora Bergson fale da tensão entre a fantasia e o cômico, ele não **consegue** avançar na discussão sobre **um tipo de risível**, isto é, “um sujeito **de quem se ri** ou mesmo **aquele que ri**” que transcenda estas imposições e limitações sociais; será sempre numa célula social que o *seu cômico* permanecerá.

Apenas em alguns exemplos ele nos mostrará uma *outra* perspectiva. A caricatura que tem algo de diabólico, ressalta o demônio que venceu o anjo. Por sua vez, o vício, como ele diz, pode tornar-se cômico quando ele *não me* comover.

A ação, para ele, é intencional, o gesto escapa, é automático, e prossegue dizendo que todo desvio é cômico e que o personagem cômico é um tipo.

Sugere que efetuar um estudo completo das ilusões da vaidade, e do ridículo que a acompanha, esclareceria sobremaneira a teoria do riso, pois o remédio específico da vaidade é

o riso. Ratifica que o riso não pode ser absolutamente justo nem bom porque a natureza cedeu ao homem a maldade e a malícia, valendo-se do mal em favor do bem.

Acredito que a fantasia cômica, sugerida por Bergson, esteja relacionada certamente à imaginação humana em seus aspectos social, coletivo e popular. Fato, este, estritamente ligado à capacidade humana de rir e de se tornar objeto de riso. Entretanto, existe, simultaneamente, à insensibilidade e à indiferença, **não uma ausência de emoção**, mas a uma **dissimulação de emoções**. Uma tentativa arbitrária e constante de ocultar sentimentos.

Há de se considerar a pluralidade e a dinâmica da situação cômica, por exemplo, **quem ri, ri de algo para alguém** (ou para si mesmo!); considerando que este objeto do riso pode ser algo que lembra o próprio ouvinte. No âmbito da comunicação há um jogo de interesses que **querem** parecer **desinteressados**. Hipoteticamente parecem querer dizer da *minha* abstenção emotiva, da *minha* indiferença e o fazem, porém, paradoxalmente o fazem *fingindo um distanciamento almejado, mas nem sempre real*.

Os próprios atos involuntários, elencados por Bergson, que provocam o riso insinuam os **envolvimentos** de quem ri. Não se pode romper a continuidade dos gestos __ pode-se presumir; porém se ri do desajeitamento do outro que pode vir a ser **você** que ri ... Que é **você**... Por que poderíamos todos andar comportadamente **ou** desajeitadamente, mas o **controle** submetido aos **controles** não nos permitem agir como gostaríamos. Parece existir uma superposição de interdições e de liberações. A rigidez a que se refere Bergson deveria ser o enrijecimento do ridente e do objeto do riso. Tal *insensibilidade é* que ri.

A inconsciência¹⁸ do cômico em Bergson é possível mas não definitiva e única. Ela *pode* acontecer se assim o quiserem os participantes da cena cômica, se estes quiserem ignorar sentimentos e valores, isto é, se desconsiderarem a presença, a escuta e a ausência, sobretudo a ausência do moral e do não-moral naquele contexto específico. Existe no interregno do risível algo que desconhecemos, não só porque está inconsciente ... Talvez o risível agencie uma memória, um esquecimento ...

As palavras bergsonianas: tensão e elasticidade escondem *memória e esquecimento*, são elas que nos dizem sobre o apagamento e o controle dos gestos “dentro” de situações nas quais surge o riso. Assim o riso não só suaviza, como o quer Bergson, mas intensifica e complexifica as relações sociais. Ele (o riso) sugere a isenção de preocupações, indubitavelmente, como aponta Bergson, porém **pode** (e daí advém a ambigüidade inerente ao

¹⁸ A inconsciência, para ele, parece ser a consciência ... Rimos (segundo ele) porque nos distraímos porque a

risível!) sugerir um sofrimento absolutamente devastador.

O próprio **reconhecimento** de Bergson a respeito da rigidez do corpo e que tal “rigidez é o cômico, e a correção dela é o riso”, nos faz perceber o caráter gelatinoso e inextato do universo risível. Por que “corrigir” o que não foi respeitado”? por que rir dos gestos recalitrantes? Seria este **riso** um riso dos gestos titubeantes? Um riso para os gestos que hesitam?

Para Bergson ainda, “ (...) o teatro é uma ampliação e simplificação da vida, a comédia poderá nos dar sobre essa questão particular do nosso tema mais instrução que a vida real“. Talvez porque nos faça retornar “às nossas lembranças mais antigas, e procurando, nos folgedos que divertiram a criança, o primeiro esboço das combinações que fazem o adulto rir”. E ele indaga : “Que restaria de muitos de nossos sentimentos se o relacionássemos a tudo o que é simplesmente lembrado?” Segundo ele “ (...) a criança faz seus bonecos crescerem, lhes dá alma, e os leva a esse estado de indecisão final em que, sem deixarem de ser bonecos, apensar disso, se tornaram homens.”

Tal arranjo mecânico que reúne “atos e acontecimentos” imbricados um *dentro* do outro nos dá, não somente a “ilusão da vida e a sensação nítida de uma montagem mecânica”, conforme acrescenta Bergson; ele nos mostrará o percurso da mecanização à qual nosso corpo se permitiu. Novamente emergem e desaparecem, gestos e costumes.

De tal sorte que “(...) certa idéia que se exprima, se reprima, uma vez mais se exprima, certo fluxo de falas que se arremesse, que se detenha e recomece sempre. Teremos de novo a visão de uma força que se obstina e de outra resistência que a combate“.

Parece-me, portanto, que o universo do risível se delinea a partir destes melindres da linguagem e da memória. Linguagem do corpo no corpo. Embora Bergson insista em seus exemplos sobre o **mecânico calcado no vivo, sobre a repetição, sobre as inversões e transferências que provocam uma situação de comicidade**; ele não explora algo imprescindível e essencial (provável porque não fosse a preocupação dele naquele momento!) que é a relação entre a linguagem de uma memória risível e o corpo que a reverencia; que a recusa e, concomitantemente, a faz emergir, *inadvertidamente...*

Clemente de Alexandria e Jorge Larrosa¹⁹: o riso, o corpo, a sexualidade e a escola

Laurence Joubert em seu *Tratado de la Risa* do século XVI já nos diz que em espaços nos quais predomina a austeridade, a probabilidade do surgimento do riso é maior.

Seriedade esta que ante a observações e normas sisudas de Clemente de Alexandria (150 - 215 d.C), ao prescrever normas de comportamentos para os ‘**pedagogos**’, nos dá a impressão, e ao mesmo tempo, a clareza, da ambigüidade que cerca tanto a proibição do riso, como a sua liberação. Pois este texto dele, visto no contexto deste trabalho, parece realmente um elogio ao riso, uma apologia aos aspectos menos aceitos, hoje, socialmente falando, do risível. As imagens que ele procura tanto “fazer excluir” do espaço escolar, ratificam a magia, a força, a intensidade e o perigo do riso. Nas entrelinhas de seu discurso retórico e sedutor quase **acreditamos** e compartilhamos do nefasto uso que o homem faz da palavra que, para ele, é, extremamente, sagrada. Mau uso que, aliado aos gestos e aos risos desenfreados trazem à tona “coisas obscenas”: ações que não condizem com a postura de um instrutor e que fariam corar o Divino Pedagogo (Jesus Cristo).

Em detrimento deste perigo terrífico, o instrutor deve cercear e controlar a **voz** dos sentidos, ou seja, para ele deve-se antes “não sentir” o que *percebemos* através dos sentidos! Para ele, isto é ser puro!

Clemente aconselha que a vigilância e a calma devem ser cultivadas. No comedimento do sorriso está o comedimento dos gestos.

Sorrir é uma ação sensata, digna de um sábio. Rir abertamente destrói a harmonia da face e se assemelha ao riso das prostitutas e dos alcoviteiros. Portanto, é necessário *fazer a educação do seu sorriso*, ao privilegiar a vergonha ou o fazer-se envergonhado, desse modo, não se deve tomar parte da volúpia por simpatia. E caso a ansiedade e a aflição sejam inevitáveis, é melhor “representar” um olhar, uma fisionomia triste do que alegre. Recomenda também que numa situação inesperada, pode-se assumir uma **atitude reservada**, capaz de repelir os ataques de libertinagem.

Tais “desregramentos” são facilmente despertados quando ingere-se o vinho, e se é levado a dançar movido pela embriaguez que desperta as **paixões** monstruosas e que **substituem a razão**. Deve-se evitar, por conseguinte, **bravamente** a tentação e os caminhos

¹⁹ **CLEMENTE DE ALEXANDRIA**. Traducción de Claude Mondesert. *Le Pedagogue*. Paris: Les Editions du Cerf, 29 Bd, de Latour-Mauborg, Paris, 1991. Livre II. 10^a. Ed. Texte Grec. Sources Chretiennes. N.108.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana*: danças, piruetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 3^a. ed. Belo

para a libertinagem, usando “tapa-ouvidos” e toda a espécie de subterfúgios que nos tornem resistentes.

Consideradas as respectivas ressalvas no que se refere ao momento histórico e social em que foi escrito, parece-me ainda que os “implícitos” sobre o riso e o obsceno expostos por Clemente, parecem, confirmadamente, ambíguos. Duplo sentido que não “aparece” explicitamente no texto de Larrosa²⁰ (Elogio do Riso). Embora Larrosa aponte a sisudez incômoda dos espaços moralizantes e pedagógicos não nos permite entrever porque o riso é imprescindível, por que ele **deveria** fazer parte do espaço escolar.

Evidentemente, ele denuncia que tal seriedade constitui um problema que não poderia estar na escola; invoca e tipifica uma série de risos que caberiam nos discursos e nas ações pedagógicas dos professores. Alerta ainda que talvez nós precisemos nos desfazer do tom moralizante e dogmático que nos foi concebido e que nós assumimos. Contudo, não conseguimos, por algum motivo, perceber a magia e a força do riso com todas as suas implicações ambíguas.

O objetivo, neste momento do trabalho, não é privilegiar **este** ou **aquele** texto, obviamente, entretanto, não se pode deixar de indagar porque **naquele** texto de Clemente, pela insistência para que o Pedagogo “controle” o riso e opte pelo sorriso, seja fácil pressentir a ambigüidade de suas prescrições; e no ensaio Elogio do Riso, este mal estar não tenha sido acionado. Por que esta sensação não acontece, se Larrosa, de modo pertinente nos aponta o **ridículo** ao não sermos **ridículos**? Qual é o riso de Clemente? De que riso nos fala Larrosa?

Darwin²¹ e as expressões: o leitor que vê

“Ouvi de uma criança de pouco menos de quatro anos a seguinte resposta sobre o que significa estar de bom humor: “É rir, conversar e beijar”. Seria difícil encontrar uma definição mais prática e justa”.

Darwin

Nesta busca por escritos que me falassem sobre **todas** as matizes do riso, dos gestos, do corpo, enfim da corporeidade que não se cala nunca, encontrei, neste livro de Darwin, muitas das apresentações descritivas que me permiti imaginar. Fiquei realmente surpresa com

Horizonte: Autêntica, 2000.

²⁰ Ainda que se deva, desconsiderar, arbitrariamente, o contexto em que foi escrito o livro de Clemente, para associá-lo ao texto de Jorge Larrosa.

²¹ **DARWIN**, Charles. *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. Prefácio de Konrad Lorenz. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Introdução e capítulos 8, 9, 10, 11, 12, 13.

muitas de suas observações sobre as expressões. Portanto, não vejo pertinência em comentar suas descrições, creio seja imprescindível, lê-las integralmente:

Alegria, bom humor, amor, sentimentos de ternura, devoção

O riso parece ser primeiramente a expressão da mera alegria ou felicidade.

Dizemos que às vezes uma idéia engraçada faz cócegas na imaginação; e essas assim chamadas cócegas da mente são curiosamente parecidas com as do corpo. Todos sabem como as crianças riem desenfreadamente e seus corpos se contorcem quando sentem cócegas. (...) o riso por algum motivo engraçado, apesar de involuntário²², não pode ser considerado um movimento estritamente reflexo²³. Nesse caso, e também quando sentimos cócegas, a mente precisa estar numa condição de prazer; se um estranho faz cócegas numa criança pequena, ela grita de medo. O toque tem de ser sutil, e nenhuma idéia ou acontecimento pode ser cômico se for grave.

O som da risada é produzido por um inspiração profunda. Por isso dizemos, “segurar a barriga de tanto rir”. O corpo balança e a cabeça mexe de um lado para o outro.

Durante o riso, a boca se abre de forma considerável, com os cantos puxados para trás e para cima; o lábio superior também se eleva um pouco. O repuxar dos cantos da boca é mais bem observado no riso moderado, especialmente quando abrimos um sorriso largo — nesse caso, a própria expressão já descreve como a boca se abre.

Quando um sorriso discreto se transforma num sorriso maior, ou numa gargalhada, todos podemos sentir e ver, se nos concentrarmos em nossas sensações e olharmos no espelho, que à medida que o lábio superior é repuxado e os orbiculares inferiores se contraem, as rugas nas pálpebras inferiores e sob os olhos são bastante evidenciadas ou aumentadas. Ao mesmo tempo, como pude repentinamente observar, as sobrancelhas são levemente rebaixadas, o que demonstra tanto os orbiculares superiores, quanto os inferiores são contraídos em algum grau, ainda que esse fato passe despercebido, até onde nossas sensações estejam envolvidas.

O brilho vívido no olhar é uma característica dos estados de espírito de satisfação e divertimento, como retração dos cantos da boca e do lábio superior, com as rugas assim produzidas. Quando gargalhamos, os olhos lacrimejam demais para brilhar; mas a umidade que sai das glândulas durante uma risada ou um sorriso pode ajudá-los a ficar brilhantes. Ainda que isso deva ser de uma importância secundária, já que eles ficam opacos na tristeza, apesar de úmidos. O seu brilho parece dever-se principalmente à sua tensão.(...) à excitação do prazer.

[com relação aos sons produzidos durante o riso] (...) a emissão de algum tipo de som acabou tornando-se naturalmente associada com um estado de espírito agradável. (...) Mas ainda não sabemos por que os sons emitidos pelo homem quando satisfeito têm o caráter peculiar e repetitivo do riso. Entretanto, podemos imaginar que eles deveriam ser tão diferentes quanto possível dos gritos e choros de sofrimento.

Igualmente misteriosa é a razão pela qual os cantos da boca são retraídos e o lábio superior erguido durante o riso normal. A boca não deve ser totalmente aberta, pois quando isso ocorre nos paroxismos de gargalhadas quase nenhum som é emitido; ou ele muda de tom, parecendo ter vindo do fundo da garganta. Apesar de não podermos explicar o formato da boca durante o riso, que leva à formação de rugas entre os olhos, nem os seus sons peculiares e repetitivos, nem a trepidação dos maxilares, mesmo assim, podemos inferir que esses efeitos se devem a alguma causa em comum.

Durante uma gargalhada, o corpo todo é jogado para trás e se sacode, ou quase se convulsiona; a respiração fica muito alterada; a cabeça e o rosto se enchem de sangue, com as veias dilatadas; e os músculos orbiculares se contraem espasmodicamente para proteger os olhos. Lágrimas rolam livremente. Assim, como já foi dito, dificilmente podemos apontar qualquer diferença no rosto molhado de lágrimas de alguém que acabou de chorar por um acesso de riso ou depois de uma crise de choro.

Nos europeus, nada provoca o riso tão facilmente quanto a imitação; e é deveras curioso descobrir o mesmo hábito entre os selvagens da Austrália, uma das mais diferenciadas raças do mundo.

Entre uma risada discreta e um sorriso aberto quase não existe diferença, exceto que o sorriso não

²² É possível encontrar em algumas de suas passagens trechos que parecem estar relacionados às teorias de Bergson sobre o cômico e o riso; ainda que não tenha aprofundado, tais recuperações e resgates entre os autores.

²³ Os grifos serão meus.

produz som algum, ainda que uma expiração mais forte e única possa ser ouvida, ou um pequeno ruído __ o rudimento de uma risada__, que aparece no início do sorriso. Do sorriso aberto passamos ao mais apagado pelas mais sutis diferenças. (...) **não é possível demarcar uma separação clara entre os movimentos das feições da mais exagerada das risadas e os de um sorriso sutil.**

Um sorriso, portanto, pode ser considerado o primeiro estágio do aparecimento de uma risada. Mas uma visão diferente e mais provável pode ser sugerida . Isto é, o hábito de produzir, por uma **sensação de prazer.** (...)

Bom humor, alegria.

Um homem nesse estado de espírito mantém seu corpo ereto, sua cabeça elevada e os olhos abertos. As feições não se abatem, nem se contraem as sobrancelhas. Por isso a expressão latina *exporrigere frontem* __ desenrugar a fronte __ significa estar alegre e feliz. Com a alegria, o rosto se expande; com a tristeza, ele se alonga.

O riso é muitas vezes utilizado de maneira forçada para esconder ou mascarar algum estado de espírito, inclusive a raiva. Frequentemente vemos pessoas rindo para esconder sua vergonha ou timidez. Quando se faz uma **ironia**, o sorriso ou risada, reais ou forçados, muitas vezes se **misturam com uma expressão característica de desprezo**, que pode evoluir para irritação ou desdém. Nesses casos, o significado do sorriso ou risada é mostrar para o ofensor que ele só provoca divertimento²⁴.

No diz respeito à **alegria**, sua expressão **natural e universal é o riso**; e, em todas as raças humanas, riso exaltado faz os olhos lacrimejarem mais facilmente do que qualquer outra causa, excetuando-se a aflição.

Ironia, provocação: mostrando um dos caninos.

A expressão de uma **ironia** meio jocosa transforma-se numa expressão de grande ferocidade quando, junto com o cenho muito franzido e um **olhar ameaçador**, o dente canino é exposto.

O **escárnio e o desdém** são dificilmente distinguíveis do desprezo, exceto por implicarem um estado de espírito de maior irritação. (...) o desprezo extremo, que se mistura à repugnância, pouco difere do nojo.

O escárnio e o desdém, tanto quanto a ironia e a provocação, podem ser demonstrados por um discreto descobrir do dente canino de um lado do rosto; e esse movimento parece transforma-se em algo bem próximo a um sorriso. Ou então, o sorriso ou risada podem ser reais, ainda que irônicos. E isso significa que o **outro é tão insignificante que só inspira diversão**; mas a diversão geralmente é apenas uma fachada. Gaika, na sua resposta às minhas perguntas, relata que o desprezo é comumente exibido pelos seus compatriotas, os cafres, com um sorriso; e o raja Brooke diz o mesmo dos daiaques de Bornéu. Como o riso é primariamente uma expressão apenas de alegria, acredito que as **crianças pequenas nunca riem ironicamente.**

Um homem **orgulhoso** exhibe seu **senso de superioridade** sobre os outros mantendo a cabeça e o corpo eretos. Sua postura é ativa __ ou elevada __ e ele tenta parecer tão grande quanto possível; tanto que, metaforicamente, diz-se que está inchado ou inflado de orgulho²⁵.

Baudelaire, Satã e a essência do riso²⁶

A beleza e a inquietação parecem prevalecer no texto de Baudelaire sobre a essência do riso. Plasticidade e inquietude que ele transfere para o leitor: o riso é satânico. Esta

²⁴ Impossível também não se lembrar dos escritos de Freud sobre o chiste e sobre o humor quando lemos estes trechos que seguem.

²⁵ Algumas das imagens “descritas” por Darwin, encorajaram-me a falar dos gestos e dos personagens no filme *a Guerra do Fogo*; tais impressões estão presentes no segundo ensaio desta dissertação.

²⁶ Todas as citações, neste sub, item referir-se-ão a: **BAUDELAIRE**, Charles. *Escritos sobre arte*. Organização

imagem percorre e atravessa nossas sensações ante os momentos em que se ri e, principalmente naqueles que não podemos rir... Ela nos acolhe e nos arranca, nos afasta e nos seduz.

Diz ele: “(...) o **Ser** que quis multiplicar sua imagem não colocou absolutamente na boca do homem os dentes do leão, todavia, **o homem morde com o riso**; tampouco em seus olhos toda a astúcia fascinante da serpente, contudo, ele seduz com as lágrimas. (...) também é com as lágrimas que o homem lava as aflições do homem, que é **com o riso que ele suaviza algumas vezes seu coração e o cativa**; pois os fenômenos engendrados pela queda tornar-se-ão os **meios da redenção**.(...) **o cômico é um elemento condenável e de origem diabólica**, visualiza uma alma absolutamente **primitiva** e saindo, por assim dizer, das mãos da natureza”, pois o **‘riso humano está intimamente ligado ao acidente de uma queda antiga, de uma degradação física e moral’**.

Completa que ‘o riso vem da superioridade’ e que há algo de diabólico nele e que, portanto, é, profundamente, humano.

A história da humanidade é como um pêndulo que oscila ora para o bem, ora para o mal. Ao elevar-se, o homem “(...)conquista para o mal e para a inteligência do mal uma força proporcional à que conquistou para o bem(...)”. A Antigüidade pagã não possui tantos elementos cômicos como o mundo cristão.

E embora a alegria das crianças se diferencie do riso ambicioso do homem, ainda que elas “(...) riam alegremente como as plantas (...)”, elas são “pedaços de homem, quer dizer, satãs em formação”.

E a essência do riso, se complexifica mais quando nos aproximamos do riso provocado pelo grotesco, aquele que excita “a hilaridade louca”, excessiva, que se traduz em lacerações e esmaecimentos intermináveis. “(...) nesse caso o riso é a expressão da idéia de superioridade, não mais do homem sobre o homem, mas do homem sobre a natureza”. O cômico absoluto causa uma vertigem que circula no ar, “enche os pulmões e renova o sangue no ventrículo”. É, ela, enfim, que se apodera de cada ser...

“Afirma-se que a sociologia e o humor têm muito em comum, que concordam em seu objeto de relativizar as rotinas estabelecidas da vida cotidiana, submetendo-as a uma investigação minuciosa. Mas faltam à corrente sociológica principal quase todas as características de alegria, graça, imaginação e senso crítico cultural. Nos pesadelos antropológicos, os sociólogos freqüentemente aparecem como sujeitos monótonos, rudes, dominadores, explicando o óbvio”.

Henri Driessem

O livro *Uma História Cultural do Humor*, coletânea de textos apresentados no Congresso ocorrido em Amsterdã, em 1994; pela pluralidade de pesquisas já realizadas por diversos estudiosos, em torno do humor e do riso, trouxe inúmeras contribuições para esta dissertação, a primeira delas é a de Le Goff, que contribue, por exemplo, para ratificar algumas das preocupações (não resolvidas!) apontadas neste trabalho. A primeira delas, diz respeito à idéia de que o riso é um fenômeno (?) **expresso no corpo pelo corpo**. E que para se pesquisar o riso, (embora não exista ainda uma unidade nos estudos do riso!) “(...) é preciso ir além do instrumento da linguagem das palavras (...)” e é necessário, sobretudo, “(...) estudar a voz, a expressão facial e os gestos, que possuem a sua própria história”.

Outro texto bastante interessante é o de Aaron Gurevich que diz o quanto o livro de Bakhtin²⁸ causou (e ainda causa!) tanto na antiga União Soviética, como em outros países, bastante euforia. Entusiasmo que não o impediu de verificar algumas lacunas e omissões imperdoáveis em seu livro. A primeira delas refere-se ao estranho fato de que Bakhtin “(...) nunca mencione o cristianismo ou o deus cristão: a cultura popular na Europa medieval e renascentista parece existir isenta de qualquer conteúdo religioso ou sem qualquer ligação com a religião”. Nestes dois momentos descritos por Bakhtin não há vestígios de fobia ou medo, nem massacre, nem ódio, nem crueldade, todos ingredientes do carnaval. Bakhtin deixa de dizer sobre o fato de que “o riso e a alegria caminham lado a lado com o ódio e o medo”, peca ainda ao restringir a cultura popular medieval como a cultura do riso e, ao não inserir às imagens do carnaval, o terror presente no bojo da cultura popular. E sobretudo sugere que “(...) ao construir uma polaridade absoluta entre a cultura oficial e a cultura popular do

²⁷ Todas as citações, neste sub, item referir-se-ão a: **BREMMER, Jan & ROODENBERG, Herman.** (org.). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

²⁸ Gurevich refere-se ao livro *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*.

Carnaval, Bakhtin, transpôs alguns aspectos da vida contemporânea na Rússia stalinista para a época da Idade Média e do Renascimento”.

Acrescenta, ainda, que “(...) a teoria de Bakhtin sobre o carnaval na cultura popular é unilateral e, portanto, historicamente incorreta (...)”. Prossegue ele dizendo que “(...) todos que viveram na sociedade cristã medieval pertenciam a níveis culturais diferentes. Todos eram cristãos e, portanto, tinham pontos em comum com a cultura e a religiosidade das pessoas cultas. Contudo, mesmo as pessoas mais incultas possuíam algumas informações quanto aos conceitos e crenças cristãos”.

O rigor exigido pelo governo e pela igreja não era tão dicotômica e maniqueístamente obedecido pelas pessoas simples, isto é, todos, indistintamente eram cristãos, como ressalta Gurevich. Os limites entre o bem e o mal, entre o céu e o inferno, que parecem estar perfeitamente claros na ideologia reconhecida, não são tão claros e tão polarizados na imaginação popular. Assim a tendência para virar o mundo de ponta-cabeça era não apenas inerente ao carnaval, mas também uma característica de religiosidade popular cotidiana. E termina exemplificando detalhes de sua obra (Santos Endemoniados e Bons Demônios): que identifica santo que pode matar, o Cristo que poderia descer da cruz - castigar e matar seu devoto; demônios que não querem deixar o céu etc.

Gurevich parece, portanto, desmistificar algumas das impressões sobre o livro de Bakhtin²⁹ e o riso que muitos ainda teimam em desconsiderar ou ignorar.

A intersecção do elemento religioso que acolhe e contém aspectos, aparentemente excludentes e opostos parece ser bastante significativa, pois no segundo ensaio, acredito que persigo um pouco esta diluição de imagens do universo da cultura que, especificamente, resvalam no universo do risível.

O riso e o corpo, o corpo no riso

Não me senti atraída pelos textos de humor. Eles eram apenas para divertir, não eram nada consistentes. Serviam unicamente para esquecer... A inconveniência da irreverência

²⁹ Embora estas observações de Gurevich sejam bastante contundentes, ainda não consigo deixar de destacar o encantador entusiasmo com que Bakhtin fala do riso e do contexto de Rabelais. Sua escritura e seu modo de falar da Cultura do Riso ainda são importantes e preciosos para aquele pesquisador curioso sobre o riso e que esteja

temática, presentes nos textos humorísticos, não agradava parte de meus professores. Este desagrado, provável que tenha sido o objeto que me seduziu. A sensação de leveza, de catarse e a necessidade de comedimento me confundiam. Não sabia discernir sobre o que acontecia. Bocage, Gullar, Boccaccio, Gregório eram aprovados e desaprovados, quase que simultaneamente. O intervalo entre esta aceitação e o distanciamento responsável, imprescindíveis no espaço austero da escola, deve ter sido o meu objeto de curiosidade, ríamos; mas ríamos, sobretudo do texto e no contexto de vergonha, prudência e punição que pairava no ar. O riso era mais que ambíguo, era algo que não posso explicar, talvez, não queira mais esclarecer. A explosão sonora e corporal fundia-se com algo que apavorava e deliciava os corpos, talvez fosse seu veneno e alimento. Observei, naquelas ocasiões, especificamente, como o riso é intenso à medida em que meus professores, alunos e colegas tentavam escondê-lo, eufemizá-lo ou ignorá-lo... O que me surpreende, apavora e atrai, a partir de meu olhar contemplativo, são os gestos, atitudes e silêncios que circundam labirinticamente, os indivíduos que se vêm numa situação que envolva a exposição, a ocultação e a **exploração do corpo no corpo**.

A hesitação e a irritação deles diante de circunstâncias obscenas e risíveis tornou-se objeto de contemplação e especulação da minha parte. A gestualidade muda ou manifestada me inquietou. A contemplação do contexto de apreço e da repulsa me é cara e me persegue. Os textos de humor me fizeram perceber sobre os gestos titubeantes nossos cotidianos... E o riso, presente ou não, me fez contemplar... Aquele corpo que se esconde, se envergonha e se mostra... Ali nu e, visceralmente, em chamas.

Falar sobre o humor e o riso é discutir sobre algo absolutamente ambíguo. É aceitar e perder-se nas contradições e paradoxos de certezas sempre titubeantes e gelatinosas. Ao mesmo tempo, a obviedade do tema nos arrasta para a leveza de uma areia movediça... Terra que nos envolve e arrasta para o lodo, como a querer que nos transformemos em água e barro, para que voltemos a ser... Para deixarmos de ser... Para que finalmente reconheçamos nossa origem e essência que jamais alcançaremos. Nas máscaras que assumimos encontramos a nós mesmos, na medida em que deixamos de ser, momentaneamente, o que ainda estamos para ser...

O jogo verborrágico também não se presta a maiores esclarecimentos, também ele se rende aos melindres da metalinguagem, também ele é incapaz de convencer... Não é o humor

que contém uma memória, provavelmente é o riso que remete a uma memória coletiva.

Parece-me que a pesquisa não se encerra nesta dissertação de mestrado. Tenho a sensação de que a articulação dos ensaios me trouxe a certeza de que ela ainda está em aberto. Uma abertura que se fecha e abre caminhos e que se insinua pedindo o que não escrevi, porém, virar esta página, parece ser inevitável e importante. Espero, por conseguinte, que as páginas aqui inscritas sejam lidas e esquecidas, apagadas para serem reescritas por outro olhar que perceba corpo, sexualidade, riso e escola, de uma outra forma.

IV - OS PRIMEIROS RISOS: TERRA, ÁGUA, FOGO E AR

Cultura de domínio popular, fruto da inventividade e da imaginação do povo, os contos populares sempre fascinaram e ensinaram jovens e crianças. Entretanto, somente no século XIX, o interesse científico principiou, com a fundação da filologia germânica e a publicação de 3 volumes de contos populares pelos Irmãos Grimm. Jacob Grimm percebeu “(...) um conjunto de motivos e episódios coexistentes nos contos de vários povos europeus: era pois, natural que ele refletisse na origem desses contos e na causa dessa comunidade de motivos, e foi desta forma que ele fundou uma doutrina seguida por vários investigadores europeus, cujo modo de ver é conhecido pelo nome de *escola mitológica*”³⁰. Vários adeptos desta escola: Muller, Gubernatis, Afanasiev e os Irmãos Grimm procuraram explicar a comunidade de motivos dos contos europeus pela comunidade de origem.

Depois desta “primeira” perspectiva surgiu a escola histórica. Doutrina esta que também se equivoca conforme nos relata também Apell. Embora surja posteriormente a escola antropológica, liderada por Andrew Lang, cuja perspectiva parece ser a adequada para Apell, ainda não permitirá uma visão antropológica “tal qual a conhecemos hoje”. Ao excluir os dois primeiros métodos de análise (*das escolas mitológica e histórica*), Apell exemplifica (acredito pelo método histórico comparativo!) o que seria esta análise antropológica e, infelizmente, limita-se a comparar um conto popular russo, bastante modificado - conforme ele próprio diz, com uma história das *Mil e uma Noites* que, evidentemente, é anterior à narrativa russa. Encerra suas observações “justificando o empréstimo” do povo indiano que mantinha relações comerciais com a Rússia.

Estas especulações iniciais sobre a natureza e os motivos dos contos passaram por algumas transformações ao longo do século XX, entretanto, acredito que as indagações teóricas acerca das histórias, lendas, mitos e narrativas populares não foram ainda nitidamente delimitadas (e talvez não seja, de fato, importante, teorizá-las!), embora várias áreas do conhecimento contribuam e contribuíram para seus estudos. E tal confusão torna-se clara quando observamos os conflitos e as incongruências teóricas atuais. Felizmente, Câmara

³⁰ **APELL**, Alfredo. *Contos Populares Russos*: tradições do povo português e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro . Portugal-Brasil. Lisboa: Sociedade Editora - Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana-Livraria Francisco Alves: 1920. Contos russos traduzidos do original.

Cascudo nos oferece uma explicação que permeia a maleabilidade e a beleza dos contos :

“O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, idéias, mentalidades. Decisões, julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Encontramos nos contos vestígios de usos estranhos, de hábitos desaparecidos que julgávamos tratar-se de pura invenção do narrador. Os contos aludem ao cabelo solto das donzelas, às crianças enfeitadas que o achador envolvia na capa, ao rei triste que só vestia branco, à coabitação prévia antes da cerimônia nupcial. Foram usos, regras da vida diária, legalizadas em sua ancianidade histórica. A técnica de exposição é simples, nua e perfeita de seqüência lógica. Não há pormenor dispensável nem a paisagem demora a narrativa. Vive exclusivamente a ação na plenitude da intensidade dramática. Não há senão raros comentários, poucas frases, um período, espécie de descarga nervosa ante uma super-excitação (...). A moral do conto popular é o elogio da habilidade vitoriosa. No discorrer do enredo raramente se abandona o principal pelo acessório embora de inapreciável efeito temático. Segue a estória em linha reta, ação por ação, uma verdadeira gesta. Só se volta para acompanhar outro fio da narrativa quando o essencial-característico pode esperar, imóvel, que os outros personagens entrem em cena na hora exata da “deixa”. Não há descrição de mobiliário, arquiteturas reais, cidades, residências ricas, roupas maravilhosas. Recorre-se a uma imagem, um toque rápido à colaboração do auditório: “Apareceu a princesa que vinha rindo com o tempo... Um vestido que olho mau não pode ver... Toda faiscante de brilhantes... Todo o mundo ficou de boca aberta, olhando a moça... Nem se pode pensar como era bonito o vestido... Dedos cheios de anéis, vestido de cauda, espelhando de seda, a coroa na cabeça... Parecia um anjo... Não era gente da terra”. Estas frases evitam o pormenor ambiental, indispensável nos escritores e nos públicos letrados. O método no conto popular é apenas a utilização do real-imediato, do essencial à ação. É narrativa clara, maciça, seguida, ininterrupta, encadeado e funcional, vivendo sua experiência sem solução da continuidade. A prosódia, a crítica, a maneira de comentar o destino final do conto, o timbre que vai emprestando aos imaginários componentes do dramatis personae, constituem o elementos regionalista, o copyright local. O conto popular local quase sempre é apresentado sob um disfarce literário. Quem o ouve, aproveita o tema para uma reelaboração intelectual, usando o vestido literário novo e bonito aos olhos leitores. Essa rework é uma deturpação, afastando o tema do quadro real do folclore pela impossibilidade de verificar até onde foi a colaboração estética do coligidor. A simples, honesta e pura exibição do conto é o indispensável para o estudo demopsicológico”³¹.

Apesar da insistência dos folcloristas para o fato de que seja importante separá-los em gêneros, motivos, etc., não sei se é realmente possível seguir confortavelmente tais orientações, pois diante de inúmeras “tipologias”: Lendas, Causos, Conto Maravilhoso, Conto de Fadas, Conto Admonitório, Conto Jocosos, Conto de Encantamento, Conto Mágico, Saga, Lenda, Memorial, Chiste, Narrativas Oraís, Conto de Riso, Contos de Fazer Rir, Conto Mágico, Conto de Magia, Contos de Mamãe Gansa, Contos de Velhas, Contos de Moral, Contos da Carochinha, Contos da Baratinha, Contos do Arco da Velha, Contos de Antanho, Contos da Avozinha, Contos de Exemplo, Conto Popular, Conto tradicional, etc; tais classificações se confundem independentes das orientações intelectualizadas. Logo, senti-me “autorizada” a transitar por narrativas de diversos países e nem sempre de origem popular,

pois a insipiência em torno das denominações mais confundem que esclarecem. Não foi possível obedecer, rigorosamente, ao caráter oral das narrativas relacionadas ao mito de Deméter, optei por perseguir imagens e textos que me lembrassem as imagens que parecem envolver o mito. As histórias passaram a falar por si mesmas, sem que se pudesse excluir este ou aquele motivo, por isso incluí textos de outra natureza nesta dissertação e, não apenas as histórias populares.

Este terceiro ensaio não se propõe a “criar” um novo método de análise (e não acredito, aliás, que precisemos de um novo!) que esclareça este ou aquele aspecto “nebuloso” sobre os contos populares, apenas anela e percorre minha imaginação sobre os que riem e os que não riem... E Cascudo confirma, a ineficácia dos conceitos e métodos, ao acrescentar que:

“O conto popular era estudado apenas fazendo-se o confronto entre ele e outros, de localidades próximas ou distanciadas. O coletaneador raramente se dispensava de aformosear a narrativa. A indicação impressa do folclore devia ser a justificativa de uma legalidade inexistente porque já fora violada. Os grandes estudiosos da Literatura Popular e da Novelística expunham o conto e suas variantes através de uma extensa bibliografia. Com Antti Aderne e Stith Thompson o estudo do conto popular, em suas formas e tipos mais essenciais, ficou extremamente simplificado e com uma visão imediata e clara de sua extensão, universalidade e importância. Uma explicação atual sobre a expressão íntima desses contos não me parece viável. Sua antiguidade e modificações anoiteram a fisionomia real primitiva. Teria outras, sucessivamente segundo ficasse, demorasse ou viajasse através de regiões determinadas. O processo constaria de deduções pessoais, num método de lenta aproximação psicológica para mentalidades várias, confusas e desaparecidas. Julgamento por centenas de confrontações através de uma sensibilidade estranha ao ambiente, a mentalidade, o subconsciente do scholar, do clérigo, do estudioso. Os problemas da interpretação não devem aparecer numa divulgação, periférica e modesta, pretendendo apenas resumir e apresentar os múltiplos complexos culturais interdependentes e preexistentes na massa anônima da literatura oral. Não atingimos ao estado de conhecimento que autorizaria a pesquisa das origens e a significação intrínseca dos elementos componentes mas simplesmente sua exposição no conjunto sempre mais vasto de modificações nas variantes e de persistência nas versões, numa tentativa de fixação dos motivos mais antigos e mais universais. As escolas-cardeais no folclore, a mitológica, a asiática ou hindu, a antropológica e a ritualística, multidividem-se em secções, cada qual com sua multidão de exegetas. No mesmo horizonte cada mestre encontra justificações para alterar a gradação na visada. A interpretação dos elementos de um conto tradicional depende da escola a que esta filiado o explicador. O mais lógico é recorrer a uma escola que existe em toda, parte, humana, acumuladora e plástica, a Escola Eclética”³².

Nesta dissertação de mestrado, apenas recolhi algumas versões de narrativas orais, alguns textos que foram recontados pelos organizadores e um conto húngaro que não é considerado oral, embora privilegie o modo de falar do povo húngaro, o que o aproxima de uma narrativa oral, obviamente.

³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *História da Literatura Brasileira: literatura oral*. Rio: José Olympio, 1952.

1. Deméter, Perséfone e os contos populares

“A essência de Deus é como uma roda (...), quanto mais contemplarmos a roda, mais compreendemos a sua forma, e quanto mais compreendemos, tanto mais prazer tiramos da roda (...)”

J. Böhme, 1612.

Pretendia, por extensão, recolher, inicialmente, algumas das versões do conto popular denominado: **A princesa que não ri**, visava à intersecção dos textos *Riso, Cultura e Sociedade*³³, *O riso ritual no folclore: a propósito do conto de Nesmejana*³⁴ e *A Princesa que não ria*³⁵, nos quais foram tecidas considerações sobre este motivo, ou seja, deveria seguir, sobretudo, as versões russas, primeiramente. Tais trabalhos, por sua vez me levaram ao *Hino à Deméter e os Mistérios Eleusinos*³⁶.

Aquele primeiro diálogo foi se distendendo à medida que relia tais obras, acompanhadas de **“versões inesperadas da Deusa que não ri”**. Assim, à característica inicial da **Antologia** que seguia **as pistas** propostas pelos autores dos textos acima citados, foi modificada pelas versões de Câmara Cascudo³⁷ e Aurélio Espinosa³⁸ que, evidentemente ampliaram a perspectiva do trabalho. Além do riso sinônimo de alegria fui percebendo outros elementos míticos que cercavam Deméter. Principalmente, a partir dos comentários de Propp, acerca das muitas versões de Nesmejana, que nos falam da relação entre riso ritual e o riso agrário, por exemplo. Ele retira aspectos importantes dos contos para comprovar sua tese sobre a relação de Nesmejana com aspectos culturais e sociais, específicos de determinado momento da sociedade. Embora cite “certo mistério mágico” que envolve muitos dos contos, privilegia algumas das transformações ocorridas do ponto de vista econômico refletidas nas histórias, isto é, ele as utiliza para comprovar sua perspectiva sobre o riso agrário.

Deve-se deixar claro que a magia e o mistério do risível nos contos foi possível graças à justaposição das versões exemplificadas por Cascudo, Pires Ferreira e Propp, ao mesmo tempo que me fizeram encontrar outras histórias que, de algum modo, se relacionam com algumas das imagens que

³² Op. cit.

³³ **MACEDO**, José Rivair. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: UFRGS/ED.UNESP, 2000.

³⁴ **PROPP**, Vladimir. O riso ritual no folclore: a propósito do conto de Nesmejana. In: *Édipo à luz do Folclore: quatro estudos de etnografia histórico-cultural*. Lisboa: Vega, s.d. p.69-113.

³⁵ **FERREIRA**, Jerusa Pires. A Princesa que não ria. In: *Moara*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA. Belém. n° 5 - Abr./Set.1996.

³⁶ **MALHADAS**, Daisi & **CARVALHO**, Sílvia M. S. *O Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos*. Araraquara: UNESP - Universidade Estadual Paulista - “Júlio de Mesquita Filho” - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1978.

³⁷ **CASCUDO**, Luís da Câmara: *Contos Tradicionais do Brasil*. Rio: Ediouro, 1998.

³⁸ **ESPINOSA**, Aurelio Macedônio. *Cuentos Populares Espanoles*. Recogido de la tradicion oral de España y publicados con una introducción y notas comparativas. Stanford University: California, 1926. 3 volumes.

ora me lembram **a que não ri**, ora me fazem pensar sobre o que está *para além* destas leituras já realizadas!

Desse modo, elaborei e confeccionei uma antologia³⁹ que me fez “interpretar” aspectos relativos ao risível, bem como a alguns aspectos míticos que a ela estão amalgamados. Evidentemente, há muitas outras versões, algumas muito próximas às versões russas; outras recriadas e transformadas pelos seus compiladores, entretanto pude recolher apenas algumas versões deste motivo. Optei também por acrescentar outros contos e textos que falassem do risível e da ausência do riso. As histórias, inseridas na coletânea, percebidas, não mais fragmentariamente, partindo **daquelas** primeiras pistas, mas agora visualizadas num certo conjunto, pretendem recuperar certas imagens freqüentes que (re) aparecem ao longo da coletânea! Procurarei me servir também das contribuições propostas por Pires Ferreira e por Propp no que se refere a escolha propriamente dita deste motivo.

A imagem da **inserção e da exclusão** do riso parece ter norteado minha escolha. Por isso, nem todos os contos são de caráter, exclusivamente, oral. Isto é, alguns dos textos não foram retirados de compilações “seriamente” comprometidas com a reprodução literal da narrativa oral. Misturei, acredito que propositalmente, todo tipo de versões de textos que tratassem de tramas que envolvessem **dor e alegria, prazer e dor**.

Sabemos que o riso agrário⁴⁰, conforme nos diz Vladímir Propp, é incompatível com as imagens de morte, entretanto, acredito que se possa falar também de “risos” que não sejam, “unicamente” alegres ou exclusivamente perversos... A **dissimulação da morte** oferece o caminho para a alegria, para a felicidade. Embora seja evidente, como afirma Darwin, que, primeiramente, o riso seja uma manifestação de alegria; não sei se só possa vir a ser negativo ou positivo, alegre ou triste. Não sei realmente é necessário dizer sobre o riso sempre nesta perspectiva dicotômica. Pois o mistério do riso perpassa as imagens de risibilidade e nos confundem; ele é vida, é morte, é brincadeira e é dissimulação da morte.

Creio que este ritual preceda e envolva os Contos Maravilhosos de modo bastante interessante. Há pistas, labirintos e enigmas que mais nos atormentam, pois aumentam o mistério acerca dos **Mistérios Eleusinos**, por exemplo. Tais elementos que margeiam e anelam os textos aumentam hipóteses que insinuam sobre alguns momentos ritualísticos. O numinoso ora emerge ora desaparece.

Jacques Le Goff, Bremmer e Roodenberg, nos dirão que os Irmãos Grimm, por exemplo, retiravam as anedotas contadas pelos camponeses durante a narração dos contos e, mais que isso, alteravam as versões “picantes” que se agregavam à narração das histórias. Assim, nota-se que os critérios de alguns compiladores, não foram sempre confiáveis. É possível que se **filtrasse**, muitas das

³⁹ Os contos citados aqui estão reunidos, integralmente, no item **antologia**, desta dissertação.

⁴⁰ **PROPP**, Vladímir. *Feste Agrarie Russe: una ricerca storico-etnografica*. 2ª. Ed. Inroduzione di Maria Solimini. Bari: Edizione Dedalo, 1993.

narrativas que lhes eram apresentadas, pois parece que eles pretendiam privilegiar apenas alguns dos aspectos da língua alemã e não era pertinente para os Irmãos Grimm a manutenção de detalhes picantes e obscenos presentes nos textos.

A poesia e um acentuado “acrécimo” tornam os contos de Andersen também duvidosos em alguns aspectos. Se de um lado o caráter literário é bastante rico, há adaptações e alterações que se distanciam do caráter oral das histórias, o que torna duvidosa sua autenticidade. Contudo, ainda assim existe algo em seus textos de mágico e surpreendente que sobreviveu a estas modificações. Além disso, a classificação dos contos também é algo muito discutível e confuso, como ratificam Cascudo e Apell. Particular e arbitrariamente, gosto de chamá-los de Contos Maravilhosos como sinônimo de Contos Mágicos ou de Magia. Isto por permitir que vejamos, nas entrelinhas, algo do mágico-religioso que não se perdeu de todo...

Quanto aos tipos e motivos, como observam Cascudo e Apell, é fácil atrapalhar-se com tantas classificações e divisões, sei que tais trabalhos mapeiam e orientam o pesquisador na busca pelos motivos e tipos de textos, entretanto, ainda gosto é de, dispersamente, descobrir o quanto aquele livro, ainda por ser aberto ali na estante, pode me confundir. Nos contos aqui sugeridos parece-me que as palavras ainda são aladas... O verbo ainda é divino, independente dos comedimentos e das convenções adquiridas ao longo do processo civilizador, por exemplo. Eles celebram, parece-me, o corpo, o gesto, a vida, a luz e o fantástico. Alimentam, ainda que sorratamente, nossa necessidade de contato com o numinoso que não apenas, paradoxalmente, faz parte de nosso cotidiano também, mas que se nos apresenta enigmático e, constantemente (re) construído pelo imaginário popular e erudito, indistintamente.

As histórias populares, aliás, parecem não demarcar esta diferença que, queremos tanto enfatizar algumas vezes entre a cultura dita popular e a erudita. Urdidas e **emprestadas** pelos mais diversos povos, elas ratificam a unidade e a cumplicidade dos Homens com a Natureza. Ainda que a natureza seja, constantemente alterada e, algumas vezes, adulterada pela sociedade, é ela ainda que nos traz algumas enigmáticas respostas.

Os textos reunidos na antologia foram recolhidos durante o ano de 2002 e foram selecionados, ora sistematicamente ora aleatoriamente. O risível sempre me confundiu, sempre me trouxe **reflexões** e **falsas respostas**, por isso, permiti que estas histórias estivessem aqui *presentificadas*. Esta não é uma pesquisa austera sobre o mito e sobre o folclore. Talvez quisesse falar apenas sobre certas imagens míticas anteriores aos contos, inclusive sobre uma tensão entre o narrado e o vivido. Tais imagens, de fato, me perseguem; certamente o sagrado e o ritualístico que envolvem o corpo, talvez sejam eles, minhas verdadeiras inquietações e, são eles, parece-me, que permeiam esta antologia.

A proibição do riso na escola, exposta por mim no primeiro ensaio e, jocosamente, transformada em objeto de riso no terceiro ensaio, mostrou-me a interdição, a pseudo liberação, a

liberação parcial e vigiada, o comedimento e o controle do gesto, do corpo e do riso. Esta pluralidade de imagens ligadas à sexualidade me fez escolher **todo tipo** de risibilidade surgida em **qualquer** espaço institucional que **vibrasse** no texto literário. Literariedade expressa direta e indiretamente nos contos mágicos que inseri nesta coletânea.

Nos contos não parece existir o interdito e o permitido de modo definitivo. Há o estabelecimento de uma cumplicidade que antes implica um trajeto, um percurso imprevisível, excluindo os **limites** do querer e **não poder**. A previsibilidade, se é que ela existe, de fato, permanece na diversão, no esboço de um sorriso, no abrir-se de uma gargalhada, no movimento trêmulo do corpo e na boca que se abre. Nestes instantes o **silêncio** tem triplos sentidos...

Aquelas que riem

Os dois primeiros contos compilados por Aurélio Espinosa foram citados por Câmara Cascudo e Pires Ferreira. Cascudo recolhe o conto A Princesa Sisuda⁴¹ e se reporta ao motivo também presente nos livros de Espinosa - La princesa que nunca se reía e o texto de Héli Chatelain⁴² - Na Nzuá dia Kimanause. Dessa maneira os nove primeiros contos falam da princesa que **precisa** rir... Aquela que **deseja** rir... E talvez estejam mais próximos de algumas das versões orais indicadas por Propp.

Por sua vez, Pires Ferreira comenta algumas versões baianas (que infelizmente não constam de nossa Antologia!) e as relaciona com **Nesmejana**, com Deméter e com **a princesa que não ri** de Espinosa. Ela, portanto, já realiza esta análise comparativa, de certo modo. Explora a questão do deixar de rir, persegue inteiramente os argumentos de Freud sobre tal impedimento. Começa **pelo que não**, pois o **não rir** apontará para uma necessidade **de rir**. ‘Ela **não ri** para rebentar num riso que a trará um esposo’, explica.

As princesas espanholas **que não riem** são conquistadas por um tonto. Um tonto que **“torna-se”** esperto porque é o único capaz de **fazê-la rir**, ainda que este modo traga escrementos, obscenidades, peidos e animais ajudantes. A sacralização do gesto parece surgir na/da interdição desta corporeidade. O gesto é a explosão, o espontâneo, desdobramento e prolongamento; a ação poder ser programada e programável, já o gesto não! **O que atravessa e percorre o corpo é uma celebração mágica. Ela rirá!! Rirá e se casará! Pode ser que rirá para se casar, também.**

Já a sisudez da princesa de Cascudo parece ser mais **contida**, isto é, a imagem simbólica de Deméter “transformou-se” num sujeito que é austero, sério, introvertido, mesmo. Ela não ri, sequer

⁴¹ Op. cit.

⁴² CHATELAIN, Héli. *Contos Populares de Angola*. Cinquenta contos em quimbumbo coligidos e anotados por Héli Chatelain. Lisboa: Agencia Geral do Ultramar, 1964.

sorri. Sua não-alegria incomodou o pai que torna-se triste e violento. O mesmo “**sujeito**” **incapaz**, aparentemente, de conquistá-la o fará de modo curioso: com a ajuda de animais e dos excrementos do rival.

Todos sabemos que as princesas são ricas, milionárias, mesmo; mas esta versão pudica de Afanasjev⁴³ __ citada também por Propp __ faz questão de reiterar que “Deus” sabiamente distribui as riquezas e desgraças para todos, parcimoniosamente. O herói aqui é um “honesto” trabalhador do campo que sem ambição se resigna à vontade divina. Para ele, é o Senhor quem dirá o momento e a quantidade da fortuna que será cabida aos homens. A humildade, a honestidade e a fé são imprescindíveis para a prosperidade. Só assim o “acaso” tornará nosso herói capaz de **fazer a princesa sorrir**.

A contenção aqui aparece o tempo todo: o tolo não é mais aquele parvo... Agora ele é um simples trabalhador que resolve conhecer o mundo, uma cidade qualquer e, para lá se dirige... **Sem saber onde iria** ... Por ter sido honesto, trabalhador e crente em Deus, ele será ajudado por animaizinhos num ritual que fará a princesa rir, digo **sorrir**.

As próximas versões que serão aqui comentadas merecem a intersecção de um parênteses importante: no livro *O Grande Massacre dos Gatos*⁴⁴, Robert Darton apontará alguns caminhos ora pertinentes, ora equivocados sobre o estudo de contos populares. O autor critica, veementemente, a análise, segundo ele, reducionista e mecanicista dos psicanalistas acerca dos contos populares. Entretanto, incorre, assim, no mesmo erro daqueles que rastreiam apenas os conflitos sexuais, entre as imagens de espadas e bainhas, por exemplo, nas narrativas populares. Ao apontar a alteração e modificação de contos com teor macabro e sobrenatural, de camponeses alemães, para o gosto burguês (especialmente o francês!) que depois retornarão ao público camponês, Darton limita-se a criticar esta contaminação da cultura impressa. Para ele, a cultura oral é cerceada em função dos interesses da platéia burguesa que exige **algo mais leve, menos popularesco, talvez menos vulgar**, pode-se inferir.

Acredito que o reconhecimento dessas modificações, sem dúvida, denuncia a manipulação das tramas de fábulas, extremamente, antigas presentes na tradição oral. Contudo, a manipulação por ele denunciada não faz jus à importância do trajeto entre a Cultura e a Memória. Essas adaptações foram sendo feitas não apenas na passagem entre a sociedade feudal e a sociedade capitalista, por exemplo. As **histórias** são de domínio popular e se renovam, se apagam e (re)nascem magicamente. Resistem aos interesses minoritários e transitórios, ainda que, algumas vezes, devastadores de ordens sociais que estabelecem seus domínios, felizmente temporários. Ousaria dizer que o povo também se “aproveita”

⁴³ **CONTOS DE FADAS RUSSOS**. Organização de Aleksandr Afanas'ev. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Landy, 2002. **AFANASJEV**, Nikolaevic Aleksandr - (raccolta). Antiche Fiabe Russe. Torino: Einaud, 1955. _____. *Fiabe Popolari Russe*. Cura e traduzione di Luisa de Nardis. Edizione Integrale. Roma: Newton, 1994. Grandi Tascabili Economici.

⁴⁴ **DARTON**, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos*. 2ª ed. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Graal, s.d. p. 20-101.

das incorporações da elite. O jogo entre o saber e o conhecimento se mantém de ambos os lados, ao mesmo tempo que sobrevive independente de poderes e interesses.

Evidentemente, as comparações das diversas histórias recriadas por inúmeros países, citadas por Darton, nos ajudam a querer resgatar **aqueles** textos cada vez mais desconhecidos da cultura impressa, aqueles que são transmitidos de **boca a ouvido** e que, naturalmente, se mantêm e se alteram sem que saibamos muito como ocorrem tais transformações. Crê-se, portanto, que a Cultura dos/nos contos se mantenha apesar das manipulações e independente delas. A **voz sacraliza os rituais da escuta** e mantém acesa a chama de uma memória que emerge e transborda, que se prolonga e permanece.

Acredita-se, também, que antes de reforçarem a idéia de manipulação, marginalidade, preconceito, pudicidade e vergonha, as narrativas reforçam o espírito da consagração do corpo, ainda que este esteja **ausente, o corpo ainda está ali**. Alterados ou não o corpo e o riso ritualizados estão ali disseminados e, “protegidos” anelam os textos. Sublimados, contidos, cerceados, liberados, negados, ainda assim eles estão ali.

Lembremos pois que a versão brasileira — **Estou quente que nem fogo**, ainda que não, explicitamente, lembra-nos melhor a versão da **princesa que deseja rir**, nos mostra o aspecto sexual e erótico e próximo das versões de Espinosa; e daquelas citadas por Pires Ferreira e por Propp. O corpo se aquece, se prepara para o acolhimento da vida, **ao mesmo tempo que é a vida**. Assim, nestas últimas versões o corpo, a fertilidade e a vida estão associadas, diria fundidas.

Conseqüentemente, a versão de Afanasiev da princesa sem sorriso, pudica e cristã que é, nos incomoda, mas também nos faz (re) conhecer elementos circunstanciais do contexto na qual está inserida, sem que percamos a ligação com Nesmejana. *Não é à toa, portanto que o camponês e trabalhador se envergonha do/com o **olhar insistente** da princesa. **Ela o escolhe**. Antes que ele se aperceba da sedução do feminino, os corpos já se uniram. O riso dela **consagra o gesto, o corpo e a continuidade da vida**... As imagens e símbolos reforçam o “mito da fertilidade”: a lama, a terra, a água, o peixe (com sua viscosidade que se associa ao esperma e à sua forma fálica)... O cenário com as pistas dos Mistérios de Elêusis se nos apresentam suaves e densos! Há ainda vestígios destes mistérios.*

A terra que concebe, o maravilhoso que nos acolhe

Nunca rir, não ter sorriso, entristecer, emudecer, não falar, deixar de falar, permanecer séria e silenciar são imagens que ora sintetizam ora ampliam os motivos **daquela que deseja rir**... Os gestos obscenos, escatológicos, inusitados, cômicos, pitorescos, pueris que desfilam em algumas das

versões aqui justapostas, celebram o corpo interdito e liberto, simultaneamente. Parecem resgatar cenas de alguns rituais que visavam homenagear o rito de Deméter e que eram conhecidos apenas pelo iniciados.

Junito Brandão⁴⁵ nos falará sobre a quantidade excessiva de hipóteses, preâmbulos, impressões e variações etimológicas que envolvem os Mistérios Eleusinos. Num tom que lembra a revelação e o desabafo nos diz:

Ao terminar uma síntese como esta sobre os Mistérios de Elêusis, fica-se, melancolicamente, num grande vazio. Muita história e estória; mitologia abundante; uma pletora de nomes e de etimologias; citações e mais citações; hipóteses e só hipóteses. Sobre o rito, nem uma palavra. O verbo mýein, fonte de mystérion significa “calar a boca” e também “fechar os olhos”: o grande segredo foi certamente sepultado no silêncio e nas trevas de cada Iniciado.

Apenas “vestígios” dos rituais que temos... O rito ficou circunscrito aos iniciados ao Culto de Deméter. **As etimologias, as lendas, as interpretações míticas e psicanalíticas, os restos arqueológicos, as analogias e suposições não nos servem para nada.**

O percurso efetuado por Junito recupera, como ele mesmo reconhece, *instantes* desse ritual... Todavia, ainda cabe perguntar: será que ele se **perdeu** de fato... Se a memória, resistente e inabalável que é, transcende os limites sociais e **atravessa** nossas culturas, não pode existir nestas pistas insuficientes, não a perda, exclusivamente, mas a (re) construção de enigmas labirínticos... As pistas ora são fragmentos ora podem ser a própria “decifração” inadvertida e parcial de mistérios. O fascínio pela mitologia e, especificamente, pelo Mito de Deméter, resvala neste encanto pelo mistério dito de boca a ouvido; privilégio de poucos, fantasia de muitos.

Os contos de magia, estes aqui expostos, alimentam de um modo curiosamente simples imagens da **Deusa**⁴⁶ **que não ri**. Tomam para si as apropriações e adequações necessárias: a deusa agora é uma mortal, não uma rainha, mas uma princesa frágil e indefesa e, sobretudo, privada do riso.

Deméter torna-se triste porque sua filha é raptada por Hades, o Deus dos Infernos⁴⁷. Perséfone grita pela mãe e pelo pai em vão. O pai Zeus sabia que sua filha seria raptada e facilita o plano de Hades. Levada pelo Senhor dos Infernos, provoca a dor de Deméter e a aridez da terra. Sofrem assim os **homens** e a **Deusa**. Perséfone e Deméter são, aliás, comumente, confundidas uma com a outra. A serva de Metanira e Celeu realizará gestos obscenos frente à Deusa que ri. Iambe realiza um gesto mágico que envolve significados muito além dos facilmente previsíveis⁴⁸. Mostrar a região da vulva é um gesto que transcende os limites de nossa compreensão. Analiticamente só podemos (re) começar

⁴⁵ **BRANDÃO**, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2^a. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Volume 1.

⁴⁶ Propp nos falará da contaminação deste mito, entretanto, acho que ele ainda é o parâmetro a ser considerado neste trabalho.

⁴⁷ *O Hino à Deméter* também está no final do trabalho no item antologia.

as conjecturas parciais sugeridas por Junito. Nesta dificuldade que se apresenta, ante o que **restou** das/nas poucas versões a que tive acesso, percebo que a Velha Iambe é a própria Deméter... É Deméter que esgarça o limite do obscuro e do abismo.

Quando Iambe faz gestos obscenos para a Deusa que, então, **ri**; Deméter está diante de um passado que é um futuro. O tempo ali não existe, ele atravessa o contínuo, o atemporal. Deméter esquece a dor, transforma tal dor e ri!? Deméter é a própria velha, ela são uma só: prazer e dor. Iambe ri no passado, no presente e no futuro em Deméter. Deste passado, do presente e do futuro engendra-se a felicidade e a infelicidade humana. Dor e alegria estarão presentes na imaginação que se abre, se dialetiza e, se expande. **Não poder rir é querer rir, é precisar rir, é, sobretudo, rir.** Por isso, o riso percorre e atravessa destruindo a seriedade e o negado. Diria que ele se disfarça da sisudez para irromper num riso incontido e desestruturador.

A princesa que não ri, presumivelmente, seja talvez Perséfone que trouxe a dor pela imprudência, pelo desejo e pela vaidade. Deméter-Iambe celebram o corpo, o gesto incontido e orgástico, por isso riem. Ela deixou de rir, por isso, **agora** precisa de alguém que a faça rir...Algumas outras interpretações do *Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos* parecem sugerir esta outra possibilidade, como por exemplo a análise que se segue:

PERSEFONE, A FLOR E O FRUTO⁴⁹

“É possível opor duas ações de Perséfone, a que precede a permanência dela no Hades e a que a encerra. A tentação que é representada pela flor sobre a qual se inclina no intuito de colhê-la, fazendo com que abismos se abram para ela, corresponde a tentação representada pela romã que Aidoneu lhe oferece sorrateiramente antes do resgate por Hermes. Ela não resiste a nenhuma das duas, quebrando assim, aparentemente, dois tabus.

Cremos que as flores representaram inicialmente o papel de primícias dos deuses, muito antes de se tornarem objetos de adorno pessoal. Não seria aliás de estranhar se, em se tratando de flores de árvores frutíferas principalmente, sobre elas tivessem pesado também tabus, pois primitivos caçadores-coletores têm nas frutas silvestres um importante complemento do regime alimentar, e colher uma flor equivale, obviamente a sacrificar um fruto.

Como o mel representou um alimento muito importante para vários povos pré-agricultores, aventamos a hipótese de que em tempos remoto da humanidade, colher flores dos campos constituísse, em muitas regiões, tabu. Num dos raros mitos sul americanos em que flores são mencionadas personagem que se desvia de seu caminho para colhê-las, é punida, tal qual Perséfone.

Não sabemos se o narciso era, em tempos remotos, uma flor proibida na Grécia. O Hino o apresenta como uma flor "maravilhosa". com uma fascinação sobrenatural, um fascínio semelhante ao do "Edelweiss" dos Alpes, que deu origem a tantas histórias nefastas. E o brilho da flor que o Hino ressalta, como indicativo do sobrenatural. Da mesma forma Deméter, ao entrar na casa de Celeu, expande em torno de si, uma claridade divina. Lêvêque sugere mesmo que a palavra Deus esteja aparentada com a raiz que significa "brilhante". Aliás, é no brilho do relâmpago que Zeus se mostra a Semele, a pedido desta, "sob o seu verdadeiro aspecto" .

O narciso é ainda comparado, quanto a cor, a flor do açafrao, como já vimos atrás, e, quanto ao seu formato, ao bolbo, que designa também o alho. Mesmo tratando-se de uma comparação entre formas,

⁴⁸ Para Clemente de Alexandria, por exemplo, Iambe faz gestos apenas para “quebrar” a indiferença da deusa.

⁴⁹ **MALHADAS, Daisi & CARVALHO, Sílvia M.S.** *O Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos*. Araraquara: UNESP - Universidade Estadual Paulista - “Júlio de Mesquita Filho” - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1978. Tradução do Hino de Daisi Malhadas e Análise antropológica de Sílvia M. S. Carvalho.

provavelmente ela não é gratuita. Como notaram Malhadas/Sarian, o alho tinha um importante papel nas purificações: segundo Harpócrates os homens que se encarregavam de retirar as impurezas das encruzilhadas dedicadas a Hécate, carregavam uma coroa de alho.

Na mitologia grega, o narciso representa a alienação do mundo circundante pela involução do interesse sobre si mesmo. Esta alienação do mundo, este enclausuramento espiritual, só é permitido ao homem, ao tempo da formação da pólis. Da mulher, embora enclausurada espacialmente (no gineceu), exige-se uma preocupação voltada "para fora", para a família, para os outros. Perséfone se encontra numa posição intermediária: ela não é evidentemente uma donzela grega (embora seja identificada em algumas ocasiões com Hestia, a deusa virgem do lar) e também não é bem uma deusa do Olimpo, pois aparece mais associada às ninfas, à Natureza. Mas ela é indubitavelmente uma representante do sexo feminino. Assim sendo, se é que o narciso, além de simbolizar o êxtase (que ocorre igualmente na união mística com deus) também, por sua forma, sugere, ao menos, uma participação no simbolismo do alho: colhê-lo poderia corresponder justamente à escolha do auto-sacrifício (união com deus, purificando os "pecados do mundo"). Na realidade, toda a ação posterior de Deméter é de revolta contra o rito sacrificial em que a mulher é a vítima. A tendência é, como já dissemos (e apesar do fato dos mistérios eleusinos não serem vedados às mulheres), a de se substituir, com o advento da pólis, o sacrifício ritual da mulher, definitivamente, pela ritualização do sacrifício masculino, reservando-se aos homens cada vez mais exclusividade o sacerdócio.

O texto sugere também uma segunda interpretação:

Admitindo-se que a planta, sendo mágica, tivesse uma função especial em antigos ritos de prevenção contra a morte (tal qual o alho), e admitindo-se que Perséfone, como ninfa ou deusa, não estivesse sujeita à morte, o ato de colher a planta como se fora um brinquedo (e é isso que o texto sugere) aparece como uma levandade, uma imprudência, já que ela não precisaria de nenhuma proteção contra a morte. Tal qual a "Fera" do conto de Perrault, Aidoneu aparece para "colher" a ninfa como ela colheu a flor. (Não é por simples acaso que o adjetivo "de tez fresca como um botão de rosa" designa Perséfone na sequência). Se Perséfone reconheceu a planta como mágica, o comportamento incorreto, aparentemente, transformou-a em mortal.⁵⁰

Mais de um nível de interpretação também existe para a segunda ação de Perséfone, esta no Hades:

a) Em primeiro lugar, Perséfone é apresentada como inconformada, revoltada em seu leito conjugal. Mas ela aceita finalmente o alimento das mãos de seu esposo. Ora, aceitar alimento de alguém e comungar com esse alguém, é aceitar um pacto

b) A romã era um símbolo de fertilidade na Grécia Antiga atributo de Hera e de Afrodite, respectivamente, a deusa da união conjugal e a deusa do amor. Perséfone parece assim, ter assim aceito de bom grado o seu destino. Esta interpretação seria reforçada caso a romã tivesse sido também na Grécia Antiga (o que é provável), um símbolo de felicidade, como ela o é na tradição popular de hoje.

c) Comer um fruto assim como comer mel nos mitos indígenas sul americanos, tem uma conotação sexual. Gula e lascívia são, conforme mostra Lévi-Strauss em sua análise dos mitos, equivalentes ou intercambiáveis. Perséfone consentiu, portanto, em tornar-se esposa de Aidoneu.

d) Deuses, tal qual os mortos, não comem o que comem os humanos, e a romã, além de ser um alimento dos humanos, é uma planta medicinal.

Segundo o mito, Perséfone rompeu o jejum imposto como lei no Hades, e qualquer criatura que infringisse essa lei não poderia retornar ao mundo dos vivos. Por outro lado, (um detalhe pouco notado ou mesmo ignorado) o ato de comer evidentemente "ressuscita" Perséfone... uma das ambivalências ou ambiguidades tão típicas do mito: Da mesma forma comendo a romã, símbolo da fertilidade, Perséfone aceita seu destino, como já sugerimos, e furta-se, ao mesmo tempo, ao sacrifício total, continuando a existir como fonte de vida. Como notou Gusdorf, toda expressão do sagrado aparece como bi-polar."

Sobre Perséfone Junito também diz:

Perséfone é o grão que morre, para renascer mais jovem, forte e belo e, por isso mesmo, ela é Core, a Jovem. Poderia simbolizar o próprio neófito, que morre na iniciação, para renascer para uma vida que não terá fim. A permanência de Perséfone no Hades, que seria para sempre, foi reduzida para quatro meses, por concessão especial de Plutão. É que a jovem esposa, embora a contragosto e forçada, comera lá embaixo uma semente de romã. O simbolismo da romã se insere em outro de caráter mais geral, o dos frutos com muitas sementes(...).

⁵⁰ Daí a possibilidade de Perséfone ser a princesa que não ri, presente nos contos e lendas populares....

Trata-se, essencialmente, de um símbolo da fecundidade, de posteridade numerosa. Na Grécia, a romã era um atributo da deusa Hera e de Afrodite e, em Roma, o penteado das mulheres casadas era a imagem feito com entrelaçamento de ramos tenros de romãzeira. Na Ásia, a imagem de uma semente aberta de romã expressa o desejo, quando não a própria vulva. Daí o dizer-se por lá que a semente se abre e se deixa vir cem filhos. Na Índia, as mulheres bebiam o suco de sementes de romã para combater a esterilidade. Perséfone foi coagida a comer a semente doce da romã, que Hades astutamente lhe colocara na mão: é que esta semente, consagrando quem a come aos deuses infernais, é símbolo de uma **doçura maléfica**. Tendo-a comido, Perséfone passará, e assim mesmo por “generosa anuência” de Zeus e de Plutão, um terço do ano nas trevas brumosas do Hades e os outros dois em companhia dos Imortais. No contexto do mito a semente de romã poderia significar que Perséfone deixou-se sucumbir pela sedução e mereceu o castigo de passar quatro meses nas trevas. De outro lado, comendo a semente da romã, ela quebrou o jejum, que era a grande lei do Hades. Quem aí comesse fosse o que fosse não mais poderia regressar ao mundo dos vivos. **Os sacerdotes e sacerdotisas de Deméter, em Elêusis, se coroavam com ramos de romãzeira, mas nenhum Iniciado podia, em hipótese alguma, comer-lhe o fruto, porque, símbolo da fecundidade, possui a faculdade de fazer com que as almas mergulhem no cárcere do corpo.** Dois pontos se devem destacar nessa desdita de Perséfone, que comeu, e à força, uma semente de romã. O primeiro é poder de fixação que possuem, em muitas culturas, determinados alimentos e o segundo, a repressão exercida pelo homem sobre a mulher, através da alimentação. Perséfone foi obrigada a comer a semente de romã e, com isso, sendo esta símbolo da fertilidade, a jovem ficou presa ao marido. Deve existir uma ligação biológica e real entre alimentação e sexualidade. Logo de saída, o ser, durante os nove meses de gestação, vive no seio materno, alimentando-se de sua substância e, uma vez nascido, nutre-se do leite materno. A analogia da mama com o ato sexual parece clara: “Trata-se, em ambos os casos, de um fenômeno de tumescência”: e, como acentua Havelock Ellis: “A mama inchada corresponde ao pênis em ereção; a boca ávida e úmida da criança corresponde à vagina palpitante e úmida; o leite, vital e albuminoso, representa o sêmen, igualmente vital e albuminoso. A satisfação mútua, completa, física e psíquica da mãe e da criança, pela passagem de um para o outro de um líquido orgânico e precioso, é uma analogia fisiológica verdadeira com relação entre um homem e um mulher no ponto culminante do ato sexual”⁵¹. “A semelhança de conformação entre as extremidades orais e vaginais, como observa Roger Caillois, numa parte do mundo animal, é um fato devidamente estudado”⁵². Eis por que, muitas vezes, o desejo sexual é encarado como um aspecto da necessidade de alimentação. O próprio comportamento normal do ser humano atesta uma característica que representa o liame entre alimentação e sexualidade: “a dentada de amor”, por parte da mulher, no momento do coito. Refere-se o fato, ao que tudo indica, a um comportamento instintivo, sem nenhum caráter sádico. Tratar-se-ia, apenas, e inconscientemente, de um ato simbólico de devorar o macho.

Kerényi, e Eliade também se referem à imagem que nos faz lembrar o episódio da tentação e da queda do Homem neste mito. Imbricados estão os percursos de provação, desafios, iniciação e redenção presentes em muitos contos populares, especificamente os citados aqui⁵³.

Conhecer a alegria pode implicar antes a dor

Se o riso agrário relaciona-se, como nos diz Propp, com o surgimento da vida, com a fertilidade, ao riso que rebenta num acesso de alegria no êxtase da euforia, quais outras possibilidades de atualização e ressurgimento do mito de Deméter podem servir para a compreensibilidade de outras imagens e mitos que a Deusa traz consigo? Se a Cultura é, realmente, Memória, como destaca Pires Ferreira no texto *Cultura é Memória*⁵⁴; que teias, malhas e fios ainda podem emaranhar-se na

⁵¹ ELLIS, H. L'impulsion Sexuelle, in: *Études de Psychologie Sexuelle*. Paris, 1911, t. III, p. 199.

⁵² CAILLOIS, Roger. *Le Mythe et L'Homme*. Paris, Gallimard, 1998, p. 45.

⁵³ Lembremos sobre os comentários de Baudelaire expostos no primeiro ensaio.

⁵⁴ Ela parece sugerir que a memória é um intrincado de sentidos, não sentidos e (des) sentidos... Imagens que se distendem, se contorcem... O balé das imagens que se organizam e (des) constroem o tempo todo, energia que se

distensão temporal que reverbera e atravessa a nossa Deusa?

Por que, no Hino, ela deseja transformar Demófão num agérato, imortal tal qual um Deus⁵⁵? Estaria Deméter desejando um substituto para sua filha desaparecida? A bebida que ela pede para ser preparada, como o próprio hino diz: por causa do rito. O fogo, a ambrosia... Que obviedade misteriosa pode ainda acalentar nossa imaginação acerca de tais imagens? Desejamos nós desafiar o “**calar a boca**” necessário aos iniciados nos mistérios⁵⁶ em Elêusis? Lembremos que Deméter é a deusa que tem o culto mais antigo da Hélade. Junito afirma que:

“Os Mistérios de Elêusis não foram os únicos a existir na Hélade. Mas Deméter era a mais venerada e a mais popular das deusas gregas, diz com razão Mircea Eliade, e mais antiga também. De certa forma, a deusa de Elêusis prolonga o culto das Grandes Mães do Neolítico, e, por isso mesmo, outros grandes mistérios lhe eram consagrados, como os da Arcádia e da Messênia, sem excluir sua participação nos de Flia, na África. Além destes, dedicados à Grande Mãe e Elêusis, havia os famosos Mistérios dos Cabiros na Samotrácia e, em Atenas, a partir do século V a.C., os Mistérios do deus tracofrígio Sabázio, considerado como o primeiro culto de origem oriental a penetrar e ter bastante aceitação no Ocidente. Dentre todos esses mistérios, todavia, os universalmente famosos foram os Mistérios de Elêusis e isso, em boa parte, se deve ao apoio decisivo que lhes deu Atenas. Um apoio, por certo, muito inteligente e bem de acordo com a atmosfera política que a cidade de Atená sempre defendeu. E foi certamente a atmosfera política de Atenas que deu aos Mistérios de Elêusis um caráter incrivelmente democrático para a época. Foi, sem dúvida, a união política de Elêusis com Atenas, no último quartel do século VII a.C., que proporcionou a seu culto todo o esplendor e majestade, que perduraram por dois mil anos. Os Mistérios se tornaram, desde então, uma festa religiosa oficial do Estado ateniense, que lhe confiou a organização e a direção ao Arconte-Rei e a um colega seu, um epimelétes, isto é, um intendente especialmente designado para esse mister. A esses se juntavam mais dois delegados, eleitos pelo povo⁵⁷”.

Os versos do Hino foram compostos, provavelmente, por habitantes de outras regiões conquistadas pelas Grécia. Os Mistérios foram assimilados pelos gregos... Isto nos faz supor que o culto a Deméter arcaica já era difundido e pode ter recebido alterações. Mais que isso: o ritual, o rito e a celebração se espalharam pelas regiões gregas.

No conto polonês - **Como os homens conheceram a alegria**, a dor dos homens entristece a jovem princesa, também seduzida pelas flores de um pântano __ as delicadas ninféias __ a princesa “desafiara” os conselhos da poderosa mãe que a expulsa da morada dos deuses. Nessa **recuperação** do mito de Deméter, a **humanização** e o poder de escolha cabem à jovem princesa. Prefere ceder ela, ao seu desejo e ir em busca do **pântano**. O poço profundo a engole diante do mais profundo silêncio. A

prende, intensifica e se expande. Contexto, intratexto se tornam peças (?) estendidas, distendidas no intervalo espaço-tempo. A cultura é memória no momento em que não o é...

⁵⁵ Os filhos das princesas que nascem (crianças que são concebidas com a ajuda e a punição do peixe e de Deus?!), após o riso das princesas ante o tonto, também crescem e falam num segundo!!!

⁵⁶ **MISTÉRIO**, em grego - *mistérion* - significa, etimologicamente, “coisa secreta”, “ação de calar a boca”, uma vez que *mistérion* provém do verbo *mýein*, “fechar, se fechar, calar a boca”, daí *mýstes*, o que se fecha, o que guarda segredo, o iniciado, *mistikós*, “que concerne ao mistérios, que penetra os mistérios místico” e *mystagogós*, de *mýstes*, “iniciado” e o verbo *águein*, “conduzir, sacerdote encarregado de iniciar os mistérios, mistagogo”. In: **BRANDÃO**, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Volume 1.

⁵⁷ Op. cit.

água suja do pântano a acolherá... Na água que é terra, permanecerá... Enquanto pensa ter realizado o correto, a Deusa, inesperadamente, se arrepende e “desce à terra” para procurar a filha. Passa a conhecer de perto os infortúnios humanos. Metaforicamente os homens se aproximam dos Deuses, são eles que buscam a equiparação e as qualidades divinas. O Homem traz a Deusa à terra. A metáfora se transforma em “realidade”, não existe mais distinção entre homens e deuses. Talvez jamais tenha existido.

Nesta busca melancólica, a jovem princesa é encontrada pela mãe junto às flores e ao pântano que a acolheram. Neste pântano pedras preciosas e flores se misturam⁵⁸. Sem poder tê-la consigo, a Deusa irá ensinar aos homens a arar os campos... Assim a alegria surgirá para os homens e o consolo para a Deusa.

É importante destacar a referência e a análise que Eliade faz sobre a etimologia das palavras húmus, homem, isto é de como parecem existir coincidências lexicais, míticas e mágicas entre estas imagens:

“Homo-humus - De todas as crenças (...) ressalta que a Terra é mãe , quer dizer, que gera formas vivas arrancando-as da sua própria substância. (...) a Terra é “viva” porque é fértil. Tudo o que sai da Terra é dotado de vida e tudo o que volta para a Terra é de novo provido de vida . O binômio homo-humus não deve ser compreendido no sentido de que o homem seria terra porque é mortal, mas neste outro: se o homem pode ser um ente vivo é porque vem da Terra, porque nasceu da Terra-Mater e volta para ela. Solmsen explicou matérias por mater, ainda que esta etimologia não seja a verdadeira (o sentido primordial da palavra “matéria” parece ter sido, com efeito, o de “coração da madeira”), ela pode ser encarada no interior de uma Weltanschauung mítico-religiosa: a “matéria” tem o destino de um mãe, porque ela gera incessantemente. Aquilo a que nós chamamos de vida e morte são apenas dois momentos diferentes do destino total da Terra-Mãe: a vida nada mais é que um separar-se das entranhas da Terra, a morte reduz-se a um regresso à própria Terra”. O desejo, tão freqüente, de ser enterrado no solo da pátria é tão-só uma forma profana do autoctonismo místico, da necessidade de reentrar na sua própria casa. (...) recusava-se o enterro aos traidores porque, segundo a explicação de Filostrato, eles eram indignos “de serem santificados pela Terra. A água é portadora de germes; também a Terra é portadora deles, mas na Terra tudo dá fruto rapidamente. Os estados latentes e os germes ficam por vezes durante vários ciclos nas Águas antes de chegarem a manifestar-se; da Terra pode-se quase dizer ela não em repouso: o seu destino é gerar incessantemente, é dar forma e vida a tudo o que volta para ela inerte e estéril. As águas encontram-se no começo e no fim de todo acontecimento cósmico; a Terra encontra-se no começo e no fim de toda a vida. Toda manifestação vital tem lugar graças à fecundidade da Terra; toda a forma nasce dela, viva, e volta para ela no momento em que a parte de vida lhe tinha sido concedida se esgotou; volta a ela para renascer; mas, antes de renascer, para repousar, para purificar, para se regenerar. As águas precedem toda a criação e toda a forma; a Terra produz formas vivas. (...) o destino da terra é estar no princípio e no fim de qualquer forma biológica ou pertencente à história local”. p. 205-206⁵⁹

Além dessas imagens Eliade também acrescenta que:

“(...) a assimilação da mulher à terra arável implica a do falo à enxada e a da lavra ao ato gerador. Rabelais consignou a expressão “membro que se chama o lavrador da natureza”. Há que lembrar a estreita ligação

⁵⁸ Existem algumas versões de contos que trazem princesas que riem e choram enquanto suas lágrimas transformam-se em pedras preciosas. A versão da **princesa que ria rosas** é uma destas histórias.

⁵⁹ **ELIADE**, Mircea . *Tratado de história das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

existente entre mulher e erotismo, de um lado, e lavra e fertilidade da terra, de outro lado". p. 210-211.⁶⁰

O percurso, a provação, o desafio, a dor, a retratação, o arrependimento, e a **redenção**, parecem que dispensam comentários...Os homens parecem ter **tomado posse** das imagens míticas ritualizadas em Elêusis.

Os corpos que ardem

Estar "quente que nem fogo"⁶¹, ou com "cu pegando fogo"⁶² são características das princesas que **desejam** rir, **querem** falar, se casar e que, finalmente, apenas **desejam**. O corpo e o gesto se incendiam no ritual que consagra o acasalamento, o encontro e a plenitude da vida. Nele não há a seriedade ou o silêncio. Apenas o fervilhamento e a tensão que antecedem o cerimonial orgiástico de cunho primordialmente religioso. O fogo purifica, aquece e seduz pelo mistério que não necessita de explicação, não possui explicação. **Aquela que não ri**, rirá explosivamente e manterá o cerimonial do rito que permanece em nosso inconsciente indelével e quieto, acerca dos Mistérios de Deméter, **aqueles** mistérios que não são mais de Deméter. Mistérios que *agora* são nossos também e que ora se calam ora transbordam, devastando e inundando nossa alma. O **fogo** nos traz a luz e o conhecimento que nos apavora e que tanto nos atormenta.

Horror e tormento reverberado na fala da jovem do pequeno fabliau - **Do esquilo** - ⁶³ que, pelo **verbo**, revela o conhecimento da existência e a utilização do órgão sexual masculino para a mãe. O zelo maternal é jocosamente escarnecido pela jovem que brada desafiadoramente o nome obsceno que a mãe tanto temia que se dissesse. A jovem ri do horror da mãe. Não parece ser de outra coisa que **ela ri**. **Ri** do falso pudor que a mãe lhe quer **fazer engolir**. Desafio e riso tornam-se o meio destruturador da tentativa frustrada da mãe. O riso e o corpo alimentam o proibido na mesma medida em que destacam os melindres de seu controle e liberação concomitantes. Riremos da mãe que se deixa ludibriar pela filha. Riremos da perversidade com que ela *obriga* a mãe a dizer-lhe tão soberbo nome.

⁶⁰ Op. cit.

⁶¹ **ALMEIDA**, Aluísio de. *142 Histórias Brasileiras*. In: Separata da Revista do Arquivo. Nº. CXLIV - Departamento de Cultura - São Paulo - 1951.

⁶² Entrecho citado por Pires Ferreira.

⁶³ **PEQUENAS FÁBULAS MEDIEVAIS - Fabliaux dos Séculos XIII XIV**. Estabelecimento do texto, versão para o francês moderno e seleção de Nora Scott. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

O medo e o riso

Deixar de rir e de falar para salvar os irmãos — **Conto os Doze Irmãos, Os Cisnes Selvagens, A Muda Mudela**⁶⁴, mesmo que isto custe a própria vida talvez também signifique dedicação, perseverança, fé e obstinação. Enquanto as princesas e jovens sofrem sem reclamar, as madrastas perversas, arcebispos e intrigueiros ratificam o *mau sinal* da ausência do riso. O **não rir** cerca-se de maus pressentimentos, artimanhas e conspirações. Se, freqüentemente, o riso é criticado pelo descontrolo das emoções e de comportamentos a eles associados, nestas histórias a mudez e a inexpressividade são também perigosas. Elas são objeto de maus presságios, como já se disse. Sabe-se que, nesta rede de histórias sobre **as que não riem**, a jovem triunfará pela sua dedicação e abnegação, entretanto seu percurso imprime uma marca de **terror às lacunas do/no não poder rir**.

Os ciganos também se apaixonam⁶⁵. E entre os dois irmãos a paixão pela mesma mulher emerge, inevitavelmente. Ela porém **escolhe** seu esposo. Aquele que a perde para o irmão, torna-se inconformado rival e, planeja e executa o assassinato do irmão. Como testemunha há o vento, o ar, sua culpa e o pico... No diálogo aterrador com a cunhada, ele **ri**. Ela, por sua vez, **desconfia do riso**. O sublime terrífico riso revela para a moça a loucura e a terrível verdade: ele matara o irmão. Pode-se pressupor que o riso sugere isso. **Aquele** riso parece uma denúncia que não se evidencia nesta história. Sabe-se sobre o significado deste riso, mas não se encontra explicação dele no contexto⁶⁶.

Curiosa também é a história do homem que entendia a linguagem⁶⁷ dos animais e que **ri** das trapalhadas do cão e do galo⁶⁸. Embora todos, naquele tempo, soubessem que bicho falava, revelar este saber era proibido, não se podia demonstrar o reconhecimento da decodificação do diálogo entre os bichos.

Ao **rir, ao se regozijar** ante o engano do cão; ao deixar escapar o conhecimento através do riso, ele torna-se perigoso e é condenado como um bandido. Será, portanto, severamente punido pela revelação do mistério... O riso denuncia o mistério... Será **o riso o mistério**⁶⁹?

⁶⁴ **ANDERSEN**, Hans Christian (1805-1875). *Contos de Andersen*. Tradução do dinamarquês por Guttorm Hansen. Revisão estilística de Herberto Sales. Ilustrações originais de Vilh. Pedersen e Lorenz Frolich. Rio de Janeiro : Saga, 1966. **BRAGA**, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*. 4^a.ed.Lisboa: Dom Quixote, 1998. **OS CONTO DE GRIMM**. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Edições Paulinas. s.d.

⁶⁵ **SERRA**, João Pavão. *Filhos da Estrada e do Vento: contos e fotografias de ciganos portugueses*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1986.

⁶⁶ Poder-se-ia pensar na idéia do **prazer** citado por Freud ao referir-se ao criminoso.

⁶⁷ Italo Calvino também insere no livro *Fiabe Italiane*, uma história também com este motivo: um garoto é condenado a morte pelo pai por ter aprendido a linguagem dos animais. Isto demonstra o receio que se tem deste conhecimento.

⁶⁸ **LIMA**, Francisco Assis de Sousa. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1985.

⁶⁹ Mistério – Thambos – Sentimento da presença do invisível, do inexplicável, no entanto, o sentido é capturado e compreendido.

Invenções e usos do riso

“Deus é dia noite, inverno verão, guerra paz, saciedade fome: isso quer dizer todos os opostos”

Heráclito

“Deus não tem nome, ou melhor, tem-nos todos, pois é, ao mesmo tempo, Um e Todo. Infinitamente repleto da fecundidade dos dois sexos, ele sempre pare o que teve como desígnio procriar.

— O quê? Dizes que Deus possui os dois sexos, Trimegisto?

— Sim, Asclépio, e não apenas Deus, mas todos os seres animados e vegetais...”

Hermes de Trimegisto. *Corpus Hermeticum*, II. 20, 21. (Citado por Eliade p. 111.)

No conto húngaro⁷⁰ a busca dos centavos torna-se jogo e brincadeira. Mãe e filho se divertem enquanto procuram algumas moedinhas. Em meio à pobreza e a miséria, **eles riem**. Parece, que de fato, deuses e pobreza combinam. Os risos vão surgindo em gradientes sempre intensos e (re)velam o **desconhecido**. Como se o riso, dádiva dos deuses, fosse também privilégio de humanos e pobres. O riso neste contexto do conto que, não é popular, se espalha e contamina mãe e filho. Pode-se confundir-se com os centavos, com a senhora alegre e vibrante. Outras, pode-se fingir ser o narrador. Os risos ali descritos percorrem nossa imaginação e anunciam mortes e vidas. Os *risos* parecem **escutar** inquietações acerca da risibilidade. Dúvidas que passam pelo sorriso tímido, pelo riso zombeteiro, pela chacota, pela gargalhada solta. Risos que atravessam almas. Os corpos de mãe e filho vibram, sonoros e impetuosos. Riem da miséria e da tragédia de não terem. Simplesmente de não terem. Riem. Riem. Sempre de forma abundante e esplendorosa. Risos felizes...

O poder de extravasamento, ruptura, alegria e felicidade que o riso contém emergem daquelas/naquelas cenas. Embora, o senso comum e algumas teorias também discutam estes efeitos do riso, acredito que exista, ainda que hipoteticamente algo misteriosamente sublime no riso que jamais será decifrado. O **líquido** que escorre **vermelho** do peito arfante da **mulher que ri** desordenadamente e tão espontaneamente, é algo que escorre com o **espírito alegre e gracejador daquela mulher que ri**. **Lembremos que humor é sinônimo de ar, espírito, gênio, sal, alquimia, alegoria... E que também é um líquido que perpassa nosso corpo, assim como o sangue.**

Entre os pobres e os contos maravilhosos parece ser comum o convívio com a alegria e o riso, como atestam os deuses. Num outro conto interessante chamado **Felicidade e Infelicidade** de tradição popular russa; um **peixe** provoca a **alegria e o riso** entre a família de um camponês. Era o peixe para ser alimento, porém, torna-se objeto de admiração e encantamento daquela casa tão pobre e miserável. Ele não poderá ser o alimento, mas alimentará os corações e as barrigas daquelas pessoas.

⁷⁰ **ANTOLOGIA DO CONTO HÚNGARO**. Seleção, tradução e notas de Paulo Ronái; revisão de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; prefácio de João Guimarães Rosa. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. 354 p. 57

Magicamente, o riso de alguma forma está relacionado ao peixe⁷¹.

Alfredo Apell dirá que este conto recupera uma das histórias das *Mil e Uma Noites*, na qual dois homens discutirão se vale mais ter dinheiro ou sorte. Juntos, resolvem emprestar dinheiro a um pobre cordeiro que também perde, atrapalhadamente, as quantias, sucessivamente, como este camponês do conto russo. Será apenas na terceira oferta-oportunidade que o pobre poderá ter alguma coisa para si: o chumbo que lhe fora dado e, depois emprestado para a mulher de um pescador, lhe trará o primeiro peixe da pescaria; dentro da barriga deste peixe há um grande diamante. Tempos depois, o cordeiro, já muito rico, recuperará, misteriosamente, as outras ofertas que lhe tinham sido feitas pelos dois homens.

Parece que a imagem do peixe, tão comum no imaginário, associado à felicidade, prosperidade e à alegria foram mantidas nos dois textos. Ainda que Apell “reclame” que o conto russo foi bastante modificado, é possível entrever esta relação do peixe com o prazer da alegria e com a prosperidade.

Além disso existem vários outros simbolismos do peixe e eles vão além da imagem de fertilidade e alimento. Seus significados extrapolam a relação da satisfação do prazer, seu formato fálico e a viscosidade lembrada, pelos mitólogos, como o próprio esperma e está diretamente relacionado às imagens cristãs: Jesus Cristo⁷², peixe, androginia etc.. Como nos relata Biedermann:

*[Os]peixes habitam o mundo da água, que na psicologia profunda é interpretado como símbolo do inconsciente, e são portanto personificações de conteúdos “vivos” da camada profunda da personalidade, que tem a ver com a fertilidade e as energias vitais dos “mundos maternos” interiores. Em muitas religiões antigas os peixes são associados às deusas do amor e à fertilidade natural. Ao mesmo, o peixe é também um animal de “sangue frio”, simbolicamente um animal “que não é dominado pelo ímpeto das paixões”, e exatamente por esse motivo torna-se objeto de refeições e sacrifícios sagrados. Na Idade Moderna, o símbolo do peixe, em grego “ichtys”, é interpretado como um acróstico, ou seja, um vocábulo composto das letras iniciais das seguintes palavras: *I*esous *C*hristòs *T*heoû *H*yiòs *S*oter, que significam “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”, e mesmo como um signo secreto, graças ao qual os cristãos se reconheciam entre os pagãos. (...) o peixe era um símbolo da fertilidade nas civilizações mediterrâneas, como ainda ocorre nas festas de fim de ano. Na antiga China, o peixe (yü) era símbolo de felicidade e da abundância como uma metáfora do prazer sexual. Na iconografia alquímica, dois peixes em um rio representam as essências originais enxofre e mercúrio em forma diluída. — para a Psicanálise, o peixe, como símbolo onírico, é uma imagem velada do pênis, que também na linguagem popular turca é chamado de “peixe de um olho só⁷³”.*

E observa Eliade que:

“A espiral, o caracol (emblema lunar), a mulher, a água, o peixe pertencem constitucionalmente ao mesmo simbolismo da fecundidade, verificável em todos os planos cósmicos. Na língua suméria, a significava água,

⁷¹ “Também, o peixe pode aparecer no isomorfismo do fogo, só quando aparece como portador do fogo - trazendo o fogo, mas isto só acontece por usurpação ou raptó, diz Durand. O fogo está ainda assimilado à palavra - palavra de Deus. O ar também pode vir associado à palavra - Sopro de vida, halo divino. Práticas respiratórias no ioga, tem também um sentido de purificação.

⁷² Segundo Gilbert Durand, ‘Jesus é o grande pescador, mas é também o peixe’

⁷³ **BIEDERMANN**, Hans. Dicionário de Símbolos. Trad. De Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

mas significava também “esperma”, concepção, geração. Na glótica mesopotâmia (...) água e o peixe simbólicos são emblemas da fecundidade. Nos nossos dias, ainda entre os “primitivos” - a água confunde-se - nem sempre na experiência corrente, mas regularmente no mito - com o sêmen viril. p. 154⁷⁴.

Lembram-nos uma vez mais, tais analogias, a insatisfação de Junito Brandão, como já dissemos, no que se refere a hipóteses vagas e insuficientes sobre ritos e rituais. Etimologias diversas, pistas falsas e parciais não satisfazem o pesquisador que pretenda “descobrir”; entretanto, as “coincidências míticas” continuam a aparecer nos contos, na arte e, talvez, na vida.

Além de alimento e fertilidade o peixe pode encantar-se ou encantar a quem o assim o deseja. **Os contos Por rdem de lúcio de Afanasjev⁷⁵, O peixinho encantado de Cascudo⁷⁶** e o homônimo de Teófilo Braga⁷⁷, nos mostram esta relação enigmática do peixe, do encantamento “mágico” que ele provoca e do riso. Poder-se-ia citar também a versão baiana comentada por Pires Ferreira na qual ela reproduz o pensamento de João Preguiçoso após o riso da princesa: “Fica aí, putinha, tomara que amanhã tu amanheça parida⁷⁸”. Infelizmente não sabemos se o peixe está presente nesta versão como aquele que realiza os desejos imediatos de João Preguiçoso. Ela ainda comenta a relação entre parto e nascimento sugeridas pelo contexto do conto e pela sucessão de outros entretexos por ela citados.

Percebe-se, por conseguinte que alguns estudos Folclóricos e Mitológicos parecem apenas justapor significados e seria preciso a comparação e a análise muito mais exaustiva dos motivos nos quais o peixe aparece para conhecer melhor a sucessiva “aparição” do peixe, que é tão intrigante. Pois nos contos da antologia nos quais o **peixe intermediará a realização mágica dos desejos** do herói preguiçoso, parvo, ou anti-herói; inclusive “punirá” a **princesa que não ria** ao engravidá-la misteriosamente (simplesmente por que **ela ri**); este filho nascido, magicamente, falará rapidamente, conhecerá o pai ante a dezenas de espectadores, enfim estas serão algumas das realizações mágicas do herói e de se seu peixinho⁷⁹. Dizer-se-ia que não é o peixe que “realiza a mágica”, não é ele quem *transforma* um estado em outro. Ele **contém** esta possibilidade de transformação. Parece que é este um ritual que irá aparecer em diversos textos de cunho popular.

Vladímir Propp, em seu interessante texto sobre Nesmejana⁸⁰, antes de falar propriamente dela, elencará e comentará vários trechos de contos populares nos quais o riso surge. Infelizmente ele não propicia ao leitor a apreciação integral destas versões, apenas cita algumas partes que julga relevante para sua análise. Creio que minha inquietação sobre a relação do peixe e o riso ritual

⁷⁴ Op. cit.

⁷⁵ **ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL DA FÁBULA:** fábulas, mitos, lendas e contos populares. Textos coordenados por A. Della Nina. São Paulo: Editora das Américas, 1959. 32 Volumes.

⁷⁶ Op. cit.

⁷⁷ Op. cit.

⁷⁸ Op. cit.

⁷⁹ Lembremos que Demofão no *Hino a Deméter* também cresce assustadoramente!

⁸⁰ Op. cit.

surgiram dali. Propp dirá :

*“Num mito índio, dois irmãos são engolidos por uma baleia⁸¹, que os transporta para outro país. No ventre da baleia está tanto calor, que eles perdem os cabelos e ficam calvos. Quando saem do ventre da baleia, cada um vê a calvície do outro e **riem** ambos. Para nós é importante que a saída do ventre da baleia seja acompanhada pelo riso, que mais tarde o narrador motiva com a perda dos cabelos.” p.84-85*

*“(…) entre os arapachos existe o mito de um rapaz que pesca. O peixe engole-o. O mestre do rapaz pesca o peixe, corta-lhe o ventre e faz sair dele o aluno. O **rapaz sai a sorrir.**” p. 85*

*“Se o rapaz que **sai do peixe ri**, isso sucede porque assistimos aí a passagem da esfera da morte para a esfera da vida. “Durante a festa primaveril das lupercais, dois jovens romanos eram submetidos a um homicídio e ressurreição simbólicos. Com a faca banhada no sangue sacrificial, tocava-lhes de leve a fronte, depois o sangue era limpo com lã e os **jovens, que se tinha feito voltar simbolicamente à vida, deviam rir.**” p. 86*

Aliadas a estas conjecturas de Propp, há algumas outras estórias que trazem **riso e peixe...** Os dicionários de símbolos, dicionários de mitos, dicionários junguianos trazem algumas outras pistas que elucidam parcialmente o simbolismo do peixe. Mitos que envolvem engolidos, devorados e devoradores também existem muitos e, Gilbert Durand, citando Bachelard, discorre bastante sobre o complexo de Jonas, por exemplo. Mas permanece ainda a dúvida desta imagem tão plural e complexa do **peixe**. Ela ainda não fica clara nesta primeira tentativa de interpretação. E nos contos populares vê-se cada vez mais a manutenção deste mistério que cerca: **as águas que fertilizam a terra e, o peixe, seu habitante; que com sua pele viscosa, é também o próprio sêmen!!!**

Numa dessas histórias pergunta-se **por que o peixe ri**⁸². **O peixe ri** ante à pergunta: é macho ou fêmea? **Aquela** risada não será o motivo principal da trama do texto, ela desencadeará sim uma sucessão de enigmas que não parecem ter solução. Tais enigmas acredita-se que sejam provenientes de um homem tolo. Entretanto, uma jovem decifrará os enigmas propostos pelo estranho jovem feitos ao pai dela; e também decifrará a **esquisita risada** do peixe que, por sua vez, encerra um plano maior que pretendia executar o assassinato do rei. Por extensão, parece que a risada desencadeia uma série de mistérios que são “necessários” para se solucionar o **enigma** maior. Poder-se-ia indagar sobre a operação mágica mediada pela risada do peixe e o mau presságio que ela provoca na rainha. Porém, isto pode parecer óbvio e, ao mesmo tempo, incompleto, pois o filho do vizir **sai sem destino** e encontra o pai da moça que posteriormente descobrirá seus enigmas e...com ela se casara. Mas será que, ante a tantos enigmas superpostos, é importante “descobrir” que enigma é o mais importante? Eles superpostos estariam ali apenas para “dificultar” o encontro e o casamento do dois jovens? A pergunta: **é macho ou fêmea** aponta para o enigma que não deve ser decifrado, que de fato **não quer**

⁸¹ Embora a baleia seja um mamífero, ela habita as águas e, pode além de possuir suas próprias simbolizações, ser associada ao peixe, como bem o faz a cultura popular...

⁸² **CONTOS DE FADAS INDIANOS**. Seleção de Joseph Jacobs. Tradução de Vilma Maria da Silva. São Paulo: Landy, 2001.

ser decifrado na risada do peixe que ri?

Ante a indagação: é macho ou fêmea pode-se também, reportar-se à imagem do andrógino, ser masculino e feminino - nem masculino e nem feminino, conforme explicam Eliade e Brunel :

(...) São Paulo e o Evangelho de João já incluíam a androginia entre as características da perfeição espiritual. Realmente, tornar-se “homem mulher”, ou não ser “nem homem, nem mulher” são expressões plásticas através das quais a língua se esforça por descrever a metanóia, a “conversão”, a inversão de valores. É tão paradoxal ser “homem e mulher”, quanto voltar a ser criança, nascer de novo, passar pela “porta estreita”. A maioria das divindades da vegetação e da fertilidade são bissexuadas ou comportam vestígios de Androginia. (...) o mais curioso é que são andróginas as divindades masculinas ou femininas por excelência, o que se explica se for levada em conta a concepção tradicional segundo a qual não se pode ser qualquer coisa com perfeição se não se for, simultaneamente, a coisa oposta ou, mais exatamente, muitas outras coisas ao mesmo tempo. Todos os mitos da androginia divina e do homem primordial bissexuado, revelam modelos exemplares para o comportamento humano. Conseqüentemente, a androginia é simbolicamente reatualizada pelos ritos. Os fins dessa androginização ritual são múltiplos, e sua morfologia é extremamente complexa⁸³.

No vaso sagrado onde se opera o cozimento, deve ser recriado o ovo do mundo: reencontramos a bissexualidade do ovo primordial, caro aos autores de cosmogonias. Dom Pernety, retomando no Dicionário de mito-hermética (1758) a tradição medieval, dá um sentido alquímico à união de Sálmacis e hermafrodito: trata-se do enxofre e do mercúrio dos sábios. Citando o alquimista D' Espagnet (1550-1630), para quem “a água era a menstruação que contém o sêmen das coisas e leva-a para a terra, Dom Pernety reativa o devaneio material sobre a água vista no texto de Ovídio: A água mercurial dos filósofos faz dos corpos que se banham nela um só”. A idéia de um incesto filosófico entre os amantes reais poderia ressuscitar um mitema que nos pareceu implícito na fábula ovidiana⁸⁴.

Do destino e do riso

Esta imagem, que é também um fato contextual e pontual na maioria dos contos da antologia, insinua o caráter mediador e mágico dos percursos. Os heróis e heroínas “saem sem destino”; mas esse “viajar sem destino” os fazem encontrar ... e não importa o quê. No percurso e na casualidade talvez se concentre o que há de importante e maravilhoso nos textos. Ele contém o que de fato é imprescindível para aquela determinada viagem. Para encontrar **aquela que não ri e a fortuna**, deve-se atravessar um caminho... Para libertar os enfeitiçados e poder **voltar a falar e a rir**, deve-se esperar um espaço de tempo com uma quantidade de anos sempre cabalística. O que está predestinado está condicionado pelo percurso para se chegar lá, mas a finalização e o encontro com o objetivo, não parecem ser os aspectos mais importantes. Essencial, de fato, é viver aquele percurso... Seja ele um caminho entremeado pelo encontro com feras, bruxas ou qualquer outro obstáculo!!

⁸³ Op. cit.

Do riso e da embriaguez

Ao diabo é concedido a cumplicidade de regar a primeira vinha plantada por Noé. A uva seria uma fruta como outra qualquer se não fosse a interferência marota, melindrosa e autorizada por Noé, do Espírito Maligno. Impossível não confessar o apreço pelo preferido de Deus que tornou-se o “anjo caído”. Afinal, do sangue dos animais despejado por ele é que imprimiu-se as três propriedades tão agradáveis da bebida dos deuses... Sem esta pitada de “sal”, não desfrutaríamos dos benefícios tão agradáveis que o vinho nos oferece. Nesta lenda, a conciliação, a cumplicidade e o humor são deliciosamente “regados” e resgatados pelo riso⁸⁵ implícito que ela, sutilmente, evoca⁸⁶.

O belo que emerge e a imaginação que desperta

Muitos psicanalistas, mitólogos, folcloristas, antropólogos, historiadores literários, filósofos e historiadores, enfim, analisaram e propuseram as suas próprias interpretações sobre os contos populares. Acredito que existam muitas verdades advindas das preocupações deste estudiosos e, talvez, elas sejam importantes para se compreender muito o que cerca o humano e sua memória.

Todavia, ousaria dizer, repetindo e, parafraseando, Junito Brandão, que as **marcas de ritos e de rituais** aparecem nos contos independentes de teorias e grandes e novas descobertas. A **ritualização** ainda é de cunho mágico-religioso, e faz-se uma recuperação sempre parcial de ritos que se perderam, talvez que **quiseram se perder**. Por alguma razão apagam-se temporariamente certas marcas deste ou daquele mitema e tempos depois, ele ressurge como uma memória-fênix, é recontado e impregnado naquela cultura. São elas representações ritualísticas que se baseiam em mitos e arquétipos expressados em mensagens simbólicas que nos envolvem totalmente. Misturam-se ao cerimonial e à cerimônia e, alimentam nossa necessidade para um universo mítico e religioso. Eles nos falam de uma outra história que não é aquela exposta à nossa frente; sabe-se que é de um *outro mundo* de que se trata, mas não é possível conhecer este outro mundo. Esse movimento se “descola” do texto como a um **palimpsesto** que encobre uma memória que se constrói do esquecimento. Sob uma fina membrana se esconde uma **história** que, antes de ser, decifrada, nos confunde, encanta, fascina, diverte e nos faz rir.

⁸⁴ BRUNEL, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

⁸⁵ Riso que nos faz lembrar Baudelaire e Freud.

⁸⁶ TAHAN, Malba. *Lendas do Povo de Deus*. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

2. Outras imagens do riso e do risível⁸⁷ ?

2.1. Um primeiro riso: do filme *A guerra do fogo*.

“Ya el hombre prehistórico reía para señalar la ausencia del peligro y para desarmar a sus enemigos. Esta tesis, desarrollada por Darwin, quedó magníficamente ilustrada en la secuencia de un filme reciente: *La guerra del fuego*, donde el descubrimiento laborioso de la risa se traduce en una alegría intensa, que se comunica a toda la horda primitiva. El homínido, se convierte en hombre cuando ríe. La risa es, para empezar, una emoción que aparece en el alivio relacionado con el cese del peligro”.

Henri Rubinstein

As imagens que surgem são rústicas, longínquas e ao mesmo tempo familiares, o fogo, a água, a terra, o ar, o contato com os animais ferozes, que ao mesmo tempo passam a ser dominados pelo homem. A magia do fogo que alimenta, apavora, protege e, finalmente, que permite a sobrevivência. No meio destas imagens tão primordiais surge **o riso e o não-riso**. Mergulhar nestas imagens que permeiam e antecedem o *em torno* do riso, a simplicidade com que a cena surge, a trivialidade do rolar da pedra que cai, pode ser fascinante... E o instante em que a mulher ruidosamente se diverte ante a *mudez* dos outros. E por que no final eles riem da imitação *daquela* cena. O que foi *resgatado* daquela cena recuperada ali nos instantes finais do filme? Em que momento é importante o *não riso aos homens e por que se ri*, de repente. Por que o riso surge ali naquela atmosfera?

Tais imagens do filme sugerem não a narração de uma história e de seus personagens, mas a trajetória pela qual passou a humanidade. A obviedade desta afirmação me fez pensar nos momentos breves que aludem a longos períodos de transformação dos homens. O privilégio técnico que o cinema possui revela a imagem que temos conosco de nós mesmos. Nos mostra o nosso percurso: nossas descobertas ante o fogo, nossos instintos de sobrevivência, os balbucios que indiciam a busca por uma linguagem, a superação do limite humano que domina pela força e inteligência seu habitat; os primeiros momentos que demonstram que o conhecimento é engendrado pela experiência imediata. Dentro de tudo isso, está imbricado um riso. Um certo riso, que surge desconhecido para aqueles que ali estão. Todos olham para aquela mulher sem entender o que era *aquilo*, que gesto seria aquele. Pode-se ler esta suspeita no semblante dos outros. O que significaria este gesto humano naquele

⁸⁷ O filme *A Guerra do Fogo* e dois textos de Hilda Hilst também entrecruzaram minhas indagações sobre o segundo momento desta pesquisa, acredito que eles já estejam insinuando outras perspectivas para o estudo do Mito de Deméter e de Nesmejana.

momento?

De representações e de risos

Após o ataque de inimigos que dizimam parte do bando, três homens serão designados pelo líder e ancião, para protegerem e reacenderem o fogo que fora extinto pelos inimigos. Caso eles falhem, todo o grupo não poderá sobreviver.

No trajeto que marcará o desafio dos três homens visualizamos passo a passo as descobertas, as surpresas, a superação de limites e, o interregno essencial que separa o homem primitivo das emoções e do conhecimento das coisas e de si. Paulatinamente intuímos os momentos que se configuraram na trajetória humana da busca pela sobrevivência da espécie. O riso, parece-me, que irá entremear o caminho pelo poder e domínio das emoções, será ele que estabelecerá justamente o limite entre os estágios e níveis de desenvolvimento da espécie humana. Imprescindível que é, atravessará nossa alma e nos dirá, enigmaticamente, sobre o que somos e o que nunca seremos...

Primeira Cena⁸⁸ : O saber que acontece, o homem que não ri

Para (re) encontrar a garota, o líder do bando a segue pelas pegadas e, principalmente, pelo cheiro. Surpreende-se ao se deparar com um lago pantanoso que traz à sua margem alguns crânios humanos. Desobedecendo ao “aviso”, insiste e tenta atravessar o pântano. Quase imediatamente vê sua expectativa frustrar-se: começa a afundar, irremediavelmente, e parece que irá sucumbir. Eis que toda a tribo (à qual a garota pertencia) o vê naquela situação constrangedora e perigosa. Ele é salvo do pântano pelo grupo, entretanto, será vítima de intenso e divertido caçoar. Dezenas de membros do clã o cercam fazendo chacotas e rindo desmesuradamente.

Acredito que haja várias interpretações sobre esta cena. Duas delas me parecem pertinentes.

O riso do grupo que “conhece” a periculosidade do lago nos faz inferir, primeiramente, que para eles o jovem homem foi tolo, imprudente, e quase morre por *desconhecer* (e este é um aspecto importante!) tal propriedade ali presente. O riso do grupo é intenso, forte e destruidor porque cúmplices que são, partilham da *superioridade* que detém em relação ao homem que não possuía, até então, *aquela* saber! Felizmente, após ser salvo pela tribo, a moça parece avisá-los (lembremos que

⁸⁸ Não reproduzirei as cenas do ponto de vista cinematográfico, mas farei apenas pequenos comentários sobre

aquela espécie semelhante à humana balbucia uma linguagem desconexa para o espectador!) e ele passa a ser tratado como a um hóspede estrangeiro, digno de algumas honras e regalias. Durante à noite são preparados alguns festejos e cerimônias para ele.

Para o homem que vem atrás da garota, por sua vez, **aquele riso** não tem ainda significado. É possível imaginar que ele **passou a conhecer** sobre o risco que correu, porém ele não **sabe** ainda o sentido daqueles risos da tribo... Não sei se é possível afirmar que ele **é inferior** em relação aos membros do grupo e que, portanto, é considerado um tolo por aqueles que **sabem** da própria superioridade... **O jogo de poder ainda não acontece**. Diante daqueles risos, o homem parece sentir-se perdido, não envergonhado! O constrangimento previsível do estrangeiro parece mais indiferença, mais espanto diante daqueles sujeitos que emitem sons estranhos, do que timidez pela “gafe”, pelo estúpido erro! Poder-se-ia supor que ao estrangeiro caberia também **rir** daquela falta de comunicação! **Mas ele não ri...**

Segunda Cena: Os homens que não conhecem, a mulher que ri

Depois de fugir com a garota, os dois (homem e mulher) encontram-se com seus outros dois companheiros.

E estão eles sentados ao lado de uma elevação rochosa. Neste momento a câmera focaliza o alto da elevação e, subitamente, vemos deslizar uma pedra que rola com um certo ritmo e que cai, justamente, sobre a cabeça de um deles.

Diante daquele **acaso**, ante aquela quebra da **continuidade das coisas**, a mulher ri. E seu **riso ri** com os movimentos intensos do corpo que se movimenta espontaneamente e desmesuradamente. Suas pernas se mexem para baixo e para cima. Sua cabeça inclina-se para todos os lados. Suas mãos batem no chão exasperadamente. **Ela não consegue se conter, ela não se contém, ela não quer se conter... O desejo e o prazer surgem daquele/naquele contexto inesperado e se refletem num riso alegre, potente, mágico e irreprímível!**

Ante a tal manifestação de regozijo, é importante observar a expressividade e a ausência dela na face dos outros indivíduos! O corajoso líder do bando parece estar indiferente àquela manifestação física e psíquica da jovem e **continua** a fazer o que estava realizando antes que o riso irrompesse. É possível presumir que, se pudesse lhe, diria: o que há com você? Não pode ficar quieta? Não vê que estou ocupado? Vai continuar grunhindo aí por muito tempo?

Além disso ele **ergue**, rapidamente os olhos para a **vítima da pedra** (e do riso!) e,

simultaneamente para o outro companheiro, como a procurar algum sentido para **aquilo**... Mas seu companheiro retém suas emoções e parece enfurecido, surpreso e **desconfiado** diante daquela mulher que ri de seu companheiro.

E, finalmente, a expressão **daquele de quem se ri**, permanece **vazia**, inexpressiva, quase tola, diríamos.... Mas ainda não parece ser a pseudo indiferença dos que se envergonham. Não é ainda o prenúncio de um rubor⁸⁹ ou de um constrangimento. Limita-se a coçar o alto da cabeça e não **demonstra** sequer a dor.

Terceira Cena: O prazer e o riso que se unem e, a vida que ainda não se conhece

Embora já tivesse demonstrado gradual interesse pela garota, o líder do bando, corajoso e ousado que era, só a identificara, presumivelmente, como a uma fêmea. Naquele ambiente selvagem e hostil ela fora tratada como um indivíduo que, eventualmente, poderia saciar instintos bastante imediatos. Pode-se supor que sua fuga do grupo e posterior resgate pelo jovem líder, tenha sido por esta diferença de costumes, uma vez que ela já conhecia outros modos de sobrevivência mais **sofisticados**.⁹⁰ E numa noite ao ser coagida a fazer sexo com ele, será curiosa a maneira com que ela **ensinará** a ele um outro procedimento para **aquela** circunstância que parecia tão simples e certa. Esta outra forma tornará possível que ela também sinta um prazer que vemos refletido no riso-sorriso que inunda seu corpo trêmulo. O gozo será duplo. Deve-se dizer em tempo que o jovem líder **apenas obedece maquinalmente** a orientação da jovem.... **Ele ainda não ri, sequer sorri...**

Quarta Cena: A pedra que não rola e o homem que ri.

Uma das cenas finais do filme, soberba que é, nos dirá (acredito que aqui não precisemos **supor!**) sobre o afeto, a partilha, o conhecimento, a cumplicidade e o encontro. Nela, veremos nossos protagonistas todos juntos ainda. Agora eles já **sabem** que não apenas leões, lincos e mamutes podem destruí-los, mas existem canibais, areias movediças e, sobretudo, a insensibilidade que pode devorá-los.

Eis que a cena da **pedra que rola** casualmente sobre a cabeça de um membro do grupo é

⁸⁹ Os verbetes de Cascudo e as observações de Darwin sobre o rubor e a vergonha também parecem chamar a atenção sobre estes instantes.

⁹⁰ Ela mesma ensinará ao chefe do bando como provocar a chama do fogo a partir do atrito de alguns

invocada, justamente por ele mesmo que agora atira uma outra pedra diretamente na cabeça, por entre os “cabelos” do colega que, sem graça, inicialmente, lambe seu próprio sangue. Diferentemente daquela ocasião, não vemos apenas o riso da mulher, agora todos riem, todos se regozijam daquela/naquela cena. O som que se ouve não é mais um grunhido, ou sons incompreensíveis; **eles riem e não sabemos mais do que riem...** Certamente **não** saberemos mais... **Eles apenas riem...** E seus corpos movimentam-se desordenadamente e livremente... As expressões e emoções se conhecem **no riso**, se **conhecem pelo riso...** *O riso surge a partir e em função de algo que desconhecemos, felizmente jamais o saberemos, ele apenas surge, emerge e transborda...alegre, esplendoroso e vivo... Cúmplices, partilham do saber e do sabor do riso. Encontram a alegria através do riso que os liberta. O riso parece ser o mistério do ser perante ele mesmo e o cosmos...*

2.2. Os soberanos que choram e não falam : ‘o reizinho gay e a rainha careca’⁹¹

O rei que governa sem a voz, que não tem a voz ... Que não precisa falar... É ele um rei que deixa seu falo calar o povo e a seus ministros. O corpo dele emudece a todos, ao permitir que seu falo reine sozinho e soberano. Ele não se sente disposto a dizer sequer uma palavra, mesmo quando é questionado sobre o seu silêncio e o poder que transfere para parte de seu corpo. Se o silêncio incomoda, o falo cala a todos que estão sempre admirados daquele falo... Através do falo que fala e grita (mesmo mudo!), o reizinho emudecia e acalmava a todos, afastando o ódio do povo... E o fazia imponentemente, sempre reacendendo o poder e o mistério do rei mudo. Força e magia que seduz a turba que se aquieta extasiada com aquilo. Eis que um dia o rei mudo, de sua sacada, numa fala sobre o grande falo, faz estremecer e sucumbir todo o reino... Resolve dizer e faz calar com o falo (agora de outro modo!) todo o reino. Seu corpo só não fala sobre seu desejo, mas mata pelo falo a todos com a fala do rei feminóide (possivelmente andrógino) que resolve bradar. A fala aqui parece dizer sobre o que se quer, ainda que não seja o que se espera.

Ula não é uma princesa que ri, ela é uma rainha que chora. Chora pela nudez de sua passarinha. Ela tem passarinha, não falo. Está triste, vazia e solitária. Sua castidade de rainha é *mantida* em detrimento da nudez da passarinha: desejava apenas ter pêlos. Contudo, a

instrumentos bastante básicos.

⁹¹ **HILST**, Hilda. *Bufólicas*. São Paulo: Globo, 2002 [estes textos constam também da antologia].

calvície é pretexto para a solidão e o desejo de colar-se aos pêlos do outro. Ter os pêlos no corpo que são do outro. O herói pode ser qualquer um: sarcástico, jocoso, nem parvo, nem tolo, nem belo... o motivo do riso provável que não fosse o mais importante. É apenas o pretexto para o encontro dos corpos... É jogo trocado, partilhado, trocadilho daquilo... Feliz com o final de sua tristeza ela esquece a infelicidade da passarinha que não chora mais, seu falo não mais emudece.

O fogo, a palavra, o corpo, a sexualidade e a escola

O mudo do filme, a mudez no filme. A mudez das princesas. A mudez do rei feminóide e a rainha que chora são imagens que se apresentam como a uma nudez dos homens... Elas nos espreitam, ao mesmo tempo que partem e modificam os textos justapostos e o filme. A proposta antropológica de Apell, embora embrionária ainda, sugere o embricamento destas imagens. Ela parece apontar para uma cultura do conto. A urdidura dos motivos e dos mitemas⁹² nos ajudam a compreender, isto é, a perceber alguns sentidos/significados e não a “descobrir” respostas definitivas ou dar lições sobre o riso.

A cultura do riso espalhadas e pulverizadas aqui nos contos justapostos, localizam e focalizam o homem e a cultura, haja vista que as “constelações de imagens”⁹³ mostram e revelam a emergência do riso, do corpo e da sexualidade. Ou seja, enfatizam a relevância do riso que foi perdido e aquele proibido no espaço institucional. Proibição que tensiona vícios e virtudes, e inevitavelmente, aponta para privilégio que o riso acaba por ter ante a aprendizagem do homem.

Aprendizagem que não pode ser tecida apenas pela invocação da diversão, do lúdico e do apontamento de imagens impregnadas de virtudes, as quais, por exemplo, foram objeto de alguns trabalhos acadêmicos que transitam pelo universo do humor e do riso. Deve-se deixar claro que a perspectiva por mim aventada em diversos momentos deste trabalho aponta/evidencia para uma corporeidade que atravessa o interdito e o liberado; liberação esta,

⁹² Mitemas - pequenas unidades de sentidos, segundo Gilbert Durand. Para outros autores estas unidades são chamadas pacotes de imagens, enxames de imagens, etc.

⁹³ Expressão bachelardiana.

que é vigiada, ou seja, está, confortavelmente, sujeita a gradações e comedimentos cabíveis⁹⁴ para **esta e aquela** circunstância.

Acredito, portanto, que meu trabalho não deva ser utilizado como referência para o desenvolvimento e aplicação de trabalhos a serem elaborados para alunos do Ensino Fundamental e Médio. Parti de experiências profissionais que transcenderam o trabalho com adolescentes e adultos e, já na academia, procurei refletir sobre o corpo da escola e o corpo na escola e, detive-me, especificamente, nas imagens do corpo na escola que, muitas vezes, foram expressas, erótica e sexualmente, relacionadas ao riso e ao risível, evidentemente.

As imagens da corporeidade visualizadas por mim remetem também a algumas representações do elemento fogo - associado à **sexualidade, à escola, ao riso e à palavra**. Pois existem muito equívocos observados por Gaston Bachelard no que se refere ao fato de que alguns estudiosos, ao investigar o fenômeno do fogo acabam sendo induzidos e seduzidos pelo fogo relacionado ao fenômeno sexual, o que culmina numa *poética do fogo*, invés de uma ciência sobre o fogo, isto é, não numa mesma perspectiva sobre o fogo. O que emergiu, segundo Bachelard, portanto, foi a relação do fogo com a sexualidade.

Além desta imagem, o elemento fogo nos lembra e significa também: **purificação, devoração, atração-irresistível, quentura da intimidade, o quente, o refúgio, o mistério, o aconchego, o aquecimento e “uma participação mística do indivíduo em seu grupo que o dilui nesta organização, ou seja, que o torna, por sua vez, representante da palavra em nome de todos”**. Estas imagens do fogo, plurais que são, nos permitem escolher esta última de Levy-Bruhn que, especificamente, para este trabalho, parece sintetizá-la, pois a palavra e o fogo vibram uma energia e colocam o indivíduo no dinamismo pleno da **fala, do corpo, da sexualidade e da vida**.

⁹⁴ Há um trecho interessante no PCN do Ensino Médio que parece relacionar-se a esta imagem de vigilância, contenção e pseudo liberação do humor: “A estética da sensibilidade (...)procura não limitar o lúdico a espaços e tempos exclusivos, mas integrar diversão, alegria e senso de humor a dimensões de vida muitas vezes consideradas afetivamente austeras, como a escola (...). Mas a estética da sensibilidade quer também educar pessoas que saibam transformar o uso do tempo livre num exercício produtivo porque criador. E que aprendam **a fazer do prazer, do entretenimento, da sexualidade, um exercício de liberdade responsável**” p.75-76

V - AS PRIMEIRAS LEITURAS: DE RITUAIS E DE REMEMBRANÇAS⁹⁵

"Comecei a trabalhar muito cedo para ajudar um fraco orçamento doméstico, meu pai falecera e minha mãe costurava. Iniciei minhas "universidades", freqüentando um bar na rua Ribeiro de Lima, que tinha duas características : **comida barata e mesa sem toalhas**. Lá acorriam trabalhadores de origem letã, lituana, russa, polonesa, muitos haviam, inclusive participado da Revolução Russa, haviam topado pessoalmente com Lênin, Trotsky, Zinoviev ou Bukharin. Não eram "temas" de academia e sim expressão de relações sociais e políticas vividas."

Maurício Tragtenberg

"(...) escrevo para me tornar invisível...
para perder a chave do abismo..."

Murilo Mendes

Viver é perigoso...

Guimarães Rosa

Desconfiei que minha professora do Ensino Médio não queria estudar as sátiras de Gregório de Matos, fui então lê-las. Minha saga⁹⁶ começou ali. Na Bahia. No meio das fofoqueiras, meirinhos, agiotas e juízes.

Nelson Rodrigues *satirizava e debochava* da família brasileira. Tinha um jeito cruel de *dissecar* futebol e as relações familiares, aliás, boa associação, não queria ser o goleiro do casamento e a sogra do futebol.

Leminski brincava com o erótico e o proibido, dormir e consertar podiam dar concerto.

Veríssimo ressuscitava defuntos que revelariam os grandes e podres segredos num incidente aterrador. No meu universo infanto-juvenil, eu *sabia* que aquela era uma HISTÓRIA REAL. **Brincava** quando fechava os livros e *existia* quando os abria!!!!

Machado também morreu para dizer, através de Brás Cubas, como os burgueses são inúteis e desprezíveis. Desta história, Murilo Rubião retirou material para seu realismo fantástico. Aliás, curiosa afirmação... eu diria cruel reconhecimento: "(...) li 28 vezes *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e dali retirei meu material para escrever (...), minha inspiração veio daquele universo"... *de vez em quando os jornalistas perguntam algo inteligente... é... tudo pode ser fantástico!!*

Os homens estão nus, aqui e ali nos textos de humor. Bom exemplo é *O homem nu* de

⁹⁵ Permiti que minhas lembranças surgissem de modo aleatório e desejei que elas "falassem" de minhas literaturas.

⁹⁶ Este **entretex**to perambula pelas leituras que venho realizando ao longo dos anos. As memórias vieram historicamente misturadas e jorradas.

Fernando Sabino e a *Nudez da Verdade*. Numa alegoria da nudez, veste o Homem do Ridículo, ops, não é o *Burguês Ridículo*, não. Somos nus de nascença e por que não andarmos nus? Por que o nu nos é estranho? Patética imagem que brocha, como no texto de Mário Prata, qualquer namorado.

Não fui leitora de grandes clássicos. Permaneci muito tempo lendo a revista *Mad* e os quadrinhos... ah os divertidos quadrinhos, bobos e tolos. *Chico Bento*, *Zé Carioca* e *Mônica* eram meus preferidos... Mas gostava dos tolos... Virgulino Papa Rabo foi meu primeiro Dom Quixote...tinha onze ou doze anos... lá na Fazenda *Fogo Morto* ele e seu Amaro eram. Só eles eram. Ainda não eram o silêncio shakespeariano, eram apenas meus heróis, ainda que de engenho...

Leonardo Pataca me intrigava porque ficava pensando "esse bobo é bobo ou se faz de imbecil?" quem age no texto? Leozito se deixa levar pelas demandas da comadre. Filho de uma pisadela e de um beliscão o Sargento das Milícias me encantou. Será ele um herói picaresco? nome teórico (Antonio Cândido vai nos esclarecer que não é picaresco, não!!!)...

Ah.... mas meu secreto romance adorado... que na academia ninguém pode saber não... foi aquele... Viramundo... chamado de o grande mentecapto **colado** na **bricolage**, ele sonha nossa infância mineira e sobretudo brasileira. É!! Só a antropofagia de Oswald de Andrade nos une. Sabino mistura, n*O Grande*, lendas, obras, personagens e autores. Resignifica, apropriando-se de François Rabelais... e orgulhosamente nos (re) apresenta à moda de Gargantuá... não somos franceses... mas nos vemos brasileiros ali ... no texto parafraseado... O mundo medieval coincide com o mundo brasileiro!! Por quê? As gargalhadas ali não são proibidas... ele, *O Grande*, finge que quer ser picaresco (nome teórico - Fábio Lucas - outro mineiro - vai nos esclarecer que não é picaresco, não !!!)... ***ainda bem que temos os críticos literários***... mas não importa.... ainda gostava de sonhar aqueles personagens... vivi no meio deles... nem precisava saber o que eram... segundo as classificações acadêmicas... ele, o Viramundo, amava sem ser correspondido... se metia nas situações mais absurdas... vivia enrascado... era tudo o que não podemos ser... ou o que já fomos... e recuperamos ali... será ?

Ahh!! ia me esquecendo do Guima... minha professora o assim batizou... num grande sertão que é a língua portuguesa... ***viver é perigoso***... escrever também ... a gente fala muita besteira ... de vez em quando... ainda bem que existem os professores... atores-palhaços... carinhosamente atores-palhaços porque se rendem e se enternecem sempre... quase marionetes... clonescamente... mas escrever e ensinar são tarefas de loucos e de padres... por

isso me lembrei do episódio da Maria do Padre... lá para aquelas bandas do Sertão... ninguém liga se padre tem mulher... aliás ele é homem... como outro qualquer... e precisa do **chamego xamegante** da mulher... adoro o caso do Riobaldo... me lembra os dizeres vicentinos... aquele Gil Vicente que escrevia para a Rainha e ensinava a plebe.

Meus alunos um dia me disseram que, através do cômico, a crítica social se deixa aparecer e prevalecer... era para divertir... o povo... mas Gil também nos relata como viviam as pessoas no século XV... e para meus alunos tudo ainda é muito parecido... é ... às vezes ... não é mentira... o humor pode ensinar... se alguém quiser aprender... será ?

Ia esquecendo do *amor humor* do Oswaldo... e a prosa cinematográfica do Machado, ops... Alcântara Machado... aquele do Brás... da Liseta e do ursinho.

E tem também o Galvez... do Acre... Platão e a Filosofia são famosos... menos Márcio de Souza (será que é com z?) meu xará? Falei em filosofia e me lembrei de casamento... será que tem a ver? Adélia Prado... na cozinha junto com os peixes e o marido... tem problema não, levantar de madrugada para limpar peixe... que poema lindo... aqui óóóó... para as feministas... e que humor... esqueci das piadas de pescador... do machismo...

E os textos eróticos do século XVIII da Teresa Filósofa... que néctar... Bernardo Guimarães... o elixir do mênstruo ou do pajé? esqueci!!!! e Difuntina e Finadina - personagens do dicionário de nomes próprios... coitadas... nasceram no dia de Finados... dia Santo... morríamos de tanto rir... dos outros... será dos outros ? Tem defunto aí, gente?!!

E o palavrões... são de cunho afetivo, professora... mas professora não fala palavrão, só palavrinha... que cruel sina é a minha... regras, bah...xô, xô para elas.... preferia ser mágico de circo.

Sonhos de uma noite de verão... que texto lindo.... poesia e humor... *Muito barulho por nada*.... Shakespeare... estava certo.... é bom sonhar e amar... ah... os labirintos do amor humor...

Lord Byron lia seus textos românticos para seus amigos poetas... num cenário lindo... prostitutas, bêbedos, mendigos, vadios, desprezados, todos os párias da sociedade reunidos para ouvi-lo recitar belos poemas chorosos... regados por saboroso vinho depositado no crânio de um cadáver do cemitério próximo da taberna... *gosto deste nome porque me lembra boteco, buteco, butiquim*... Ah... Adoniram Barbosa.... que mórbido... o humor... amor e humor... saudosa maloca... o tiro ao Álvaro...acertei!!! Alvarenga e Ranchinho contaram a história romanesca de um defunto fresco que destrói o amor de duas caveiras perdidamente

apaixonadas.... não dá para não associá-los... Byron e a dupla caipira... Oswaldo tinha razão só a antropofagia nos une.

No universo do humor não há imoralidades nem distorções do humano, que é que há *entonces?*

Não me lembro de como aprendi a escrever e a ler⁹⁷. Há apenas algumas imagens esparsas... Pauzinhos para a direita, esquerda, ondas, montanhas... Risquinhos... Para que tanto risco ? Desenhos. Palhaço e Borboleta. Sempre **tirava** 100 e parabéns !!!

“Você **leu** o livro? O que ele **fala?**” Ele fala de um velho pescador que quer pescar um peixe. Um certo peixe. Aquele peixe que nenhum outro consegue pescar. Era um velho pescador. Todos riam dele, tia. Porque ele sempre voltava sem peixes. Diziam que ele estava acabado. Era um tolo. Jamais conseguiria pescar o tal peixe. Será que ele existia mesmo? Não seria sandice do velho pescador? Ele ficava olhando o mar por longas horas... Havia apenas um menino que se dirigia a ele. Apenas ele parecia respeitá-lo. Todos já acreditavam na sandice do velho. Juntos, jovem e velho perseguem aquele peixe. Eles jamais desistiriam..."

"O ponteiro pequeno marca as horas e o grande os minutos". Lembro-me apenas que aos oito anos li *O Velho e o Mar* de Ernest Hemingway e que meu avô me "ensinara" a ler as horas num relógio Orient antigo. Podia ver o tempo... saberia sobre o tempo.

Percorria por longas horas os olhos pela estante da sala: *Ubirajara, Menino de Engenho, A Carne, O Ateneu*, livros em italiano. Tia Cleiri cursava, desde 1976, Letras.... Não tenho certeza se fui alfabetizada na escola, tenho a impressão que Sônia Braga me deu as primeiras noções de sintaxe. Gugu era burro. E ela tinha que repetir milhares de vezes para ter certeza que ele aprendera. No Vila Sésamo aprendi a olhar as estrelas e isto me fazia pensar no que tínhamos sido e se existiam outros mundos....

O **ipê roxo** não era roxo porque em minhas redações ele já perdera seu brilho. Em minha vida não havia primavera: apenas o interregno entre o **outono e o inverno** e, meu ipê não florescia, ali no pátio de minha escola, **ele nascia no outono de mim mesma**. Tinha o cor-de-rosa como preferência, mas meus dedos optavam pelo cinza-que-nada-revela, melhor, esconde.

Só existia por que Dona Nora lia para nós: ali dentro dos poemas de Manuel Bandeira, de Cecília Meireles, Cora Coralina, Mário Quintana, Olavo Bilac e Gonçalves Dias eu era. Só

⁹⁷ Alguém escreve sobre si para não se lembrar dele mesmo; num resgate de memórias esquecidas se aproxima daquilo que perdeu e nunca será capaz de reencontrar. Alguém escreve uma memória para que todos se lembrem de não serem. Escreve-se sobre a vida porque espera-se, ficcionalmente, que todos tenham a certeza de não se

ali o era. A leitura dela povoava minha imaginação... lembro-me de sua fala ao cultuar Érico Veríssimo... ela gostava de detalhes, pequenas cenas... no romance “*Um Lugar ao Sol*” dos muitos instantes maravilhosos reproduzidos por ela, recordo-me da cena em que o protagonista caminha só ao entardecer por uma **chuva tênue e fina**... as mãos no bolso... horas e horas se passam em Porto Alegre... meu fascínio pelo **fim** já surgia ali... o **entardecer**... o fim da noite... o **ocaso e a aurora em mim, nasceram ali**.

Jamais pude encontrar a reprodução daquela imagem em minhas (re)leituras do romance, o medo e o respeito me impediram de indagá-la sobre **aquela chuva... aquele caminhar**... nunca soube onde poderia achar aquelas cenas... ficava me perguntando por que **elas** se perderam... por que eu não **as** encontrava? A voz dela ainda ecoa em mim... sua paixão pela poesia me encantou e iluminou a alma para sempre... fui feita e tecida daqueles discursos... não há nada mais que tenha sido impregnado em mim com tanta força... e beleza... a descrição literária dela tornou-se parte da narrativa/narração da minha existência.

Recordo-me dos versos bilaquianos...“longe do estéril turbilhão... beneditino escreve... e sofre e teima e lima”...o poeta sua... escreve... labuta... reescreve... é um santo... conhecedor do desafio e do silêncio que seu destino requerem... há várias orações coordenadas... muitos verbos ligados pelos conectivos que adicionam as várias ações do poeta... (eu já detestava gramática, mas me sentia feliz porque sabia do sofrimento e da dor de escrever do poeta... e compartilhava com ele... dessa dor...).

Brincávamos com o colar de Carolina... não sabíamos escolher... ou isto ou aquilo... queríamos apenas brincar no pátio...correr... imaginar que Tininha era aquela ali do corredor... e falaríamos com ela... nem precisaríamos fechar os olhos...

Entre a **tradição e a falsa modernidade** presenciei o erotismo e a transgressão em Nelson Rodrigues... *O beijo no asfalto*... tinha onze anos quando D.Nora nos levou para ver aquele homem ali agonizante... pedindo um beijo... o último beijo... "será que ele é gay?" Alguém, ingenuamente, se perguntou... não, era só último pedido... *Perdoa-me por me traíres*... **Você só deseja aquilo que não tem**... Que crueldade fascinante... Depois de Nelson não poderia ser a mesma adolescente...

Vimos também Lisístrata... as mulheres se rebelando contra os homens que só queriam guerrear... O troco viria logo!!! Nada de sexo!!! Que ardilosas são as mulheres... Que comédia...

“Chora de manso e no íntimo... procura curtir sem queixa o mal que te crucia... a vida é vã como a sombra que passa... imagino que estes versos sejam de Bandeira... jamais os esqueci...São fatos e imagens que anelaram minha existência. Pululam em mim...“ *andam boiando na superfície de minh´alma restos de coisas que eu não sei se juntas bastariam ou se eram só pretextos...*” ah... os versos de João Cabral... os restos ainda são pretextos...

Quando as lágrimas rompiam ao ouvir as estrofes de *Juca Pirama* eu não sabia explicá-las. Ora eu não as conhecia, ora eu não as escondia porque só assim sabia que poderia ocultar-me. Só encontrava eco nas entrelinhas daquelas linguagens. Sofria porque queria ter lido todos aqueles livros da estante, não queria ir para casa... Ali na vovó eu lia... **Mas talvez ainda não risse.**

Meu único refúgio era a leitura, era a literatura marginal, consagrada, de mercado ou não. Era e sempre foi o único vestígio de mim. Só ela me dizia coisas que eram, de fato, importantes. Dos 8 ao 17 anos não existia... Só vivia nas páginas de Ághata Christie, J.M. Simmel, Richard Bach, Manuel Bandeira, Cecília Meirelles, Lobato... José Lins do Rego, José Mauro de Vasconcelos, José de Alencar, Cora Coralina, Olavo Bilac, Gonçalves Dias etc.

No Ensino Médio a poesia sacra de Gregório de Matos não me atraía porque a Professora só gostava dela. Dizia que a satírica era fruto de plágios, portanto, não era relevante. Mas o que ela dizia não importava porque eu gostava das **sátiras**. Ela, certamente, nada sabia...Gregório falava das pessoas que governavam sua casa, de uma pessoa feia e fofoqueira, da Bahia, de sua própria condição. Os textos possuíam um teor pessoal e dolorido. Uma tensão entre o **erotismo** e a **pornografia**. Vi neles o desprezo e o descaso com o diferente - interessei-me por esta condição marginal. Na faculdade tentei estudar Gregório de Matos, mas ele era plagiador... diziam... notei naqueles anos profundo preconceito em relação às sátiras de Gregório.

Nunca quis ser professora...Meus primeiros ensaios sobre o "que queria ser?" se baseavam no meu mundo de criança... Desenhava... meu avô desenhava muito bem: seria eu artista plástica... desenhista... pintora...

Mas vovô também tocava...cavaquinho...acordeão...gaita...ele gostava de tocar para mim...Minhas tias diante das alternativas por mim apontadas diziam: pintora? musicista? você vai morrer de fome, escolha algo que te dê dinheiro...Na escola diziam que eu escrevia bem...Seria jornalista...gostava de aventuras... um jornalista vivia aventuras...criava histórias... tinha seu nome em manchetes... seria famosa ... independente... e poderia ganhar

dinheiro!!!!

Veio a adolescência... sem dinheiro e sem perspectivas...fui fazer um curso de contabilidade...seria contabilista e pagaria minha faculdade...era o único jeito... não tinha alternativa...Detestei o curso...em outubro o interrompi...meus pais tinham se separado...minha vida estava horrível...Ano seguinte fui fazer magistério...paguei meio ano...estava gostando...minha grana acabou...outro curso abandonado...Engraçado...se cheguei a pensar em ser professora, foi apenas de criança...por isto o curso de magistério...

Sem trabalho, sem estudar ... estava tudo um caos... Recebi proposta para trabalhar em São Paulo...Terminei o 3o, colegial...Prestei ECA e Unesp __ queria jornalismo e não poderia pagar...tinha que ser Universidade Pública...Tinha outras opções: sociologia, história (não a faça, me disse uma tia!!!) letras (ah... eu amava a literatura e seria uma boa forma de aprender a escrever de verdade!!! poderia ser também escritora!!!). 36 era a nota de corte...eu fiz só 29...Já tinha desistido...na Unesp a prova era escrita...dissertativa...muito mais difícil...

Fiquei para a quarta chamada: Curso de Letras na Unesp... Licenciatura... Jamais seria Professora... seria qualquer outra coisa... pensei...

Não tive escolha: mulher, pobre...eu tinha que escolher...era a oportunidade para que eu fizesse uma faculdade pública...não iria ficar em Sampa sofrendo: pagando uma faculdade e morando em Cortiço!!! Sonhava poder estudar e viver melhor... Arrisquei. Foram 4 anos de negação: não seria professora...Querida o curso de bacharelado... seria pesquisadora... crítica literária...

Minha leituras de Catulo e de Horácio, sobretudo as sátiras horacianas, me fascinaram. Mas não havia professor que se dispusesse a me orientar sobre este autor. Diziam: "você gosta de Machado porque não trabalhar com a ironia machadiana" e eu respondia "muitos já o fizeram, o que eu poderia acrescentar, perguntava".

As provas, leituras e trabalhos acumulavam-se. Para fugir deles lia *Gargantuá*, *Dicionário de Nomes Próprios* e o *Dicionário do Palavrão*. Naquela Biblioteca da Faculdade o riso atenuava o excesso de estudos, as tensões e as discussões teóricas acerca da literatura, da linguagem e do ensino. Absorta "esquecia" (será um esquecimento?????) o cotidiano, não pensava, vivia. Conheci o Limpa Cu de Gargantuá por entre gargalhadas e hilários momentos que eram contidos pelo Senhor Acácio (bibliotecário) e pela Lurdinha - "não riam tão alto" - repetiam. Na Instituição Universidade era necessário um ato de rebeldia. De afeto egoísta e individual. Era a única forma de não ser "engolida" pelas leituras incessantes. Havia uma

obsessão pelo "conhecer" e uma rebeldia⁹⁸ em relação à disciplina que me era imposta para que de "reles" conhecimento, eu pudesse algo aprender.

Apenas o riso instaurava o alento. Me vi em meio àqueles gigantes gulosos e afeitos ao sexo e ao sono. Bebia do vinho imaginado. Saboreava o ócio. Vivía o ócio que jamais me permitia usufruir.

Último ano: escolha das disciplinas optativas: literatura disso, literatura daquilo...lingüística aplicada...o que será que era ??? Era nada não, era um louco que subia na mesa...falava em liberdade... Paulo Freire...e criatividade... me apaixonei por ele...não iria dar aula... gostava apenas dele... era um mestre... um professor maravilhoso...

Além de precisar vender cama, guarda-roupa, estante... tive que "pegar" aula... nada de mais... eram só 30 dias... passariam logo... e era só para eu poder pagar minhas despesas com aluguel e comida... não iria gostar... aliás não queria dar aula... era apenas providencial **pegar** aquelas aulas...

Livro didático ?⁹⁹ A visita do morcego... Colegial, morcegos (dentro da sala de aula!!! ah... que hoorroor ... que medo!!!).

A escola era na periferia da periferia: quem é você (estava com meus 24 anos... de cabelos longos... tipo-bicho-grilo (?), mochila-nas-costas, calça jeans, camiseta-e-tênis e uma cara de menina... "sou a nova professora de Português, vou substituir a fulana", disse para a D. Sônia, vice-diretora... Ela me olhou desconfiada (não sei o que pensou ___ não sei se desconfiou se eu era trombadinha ou passadora de coca ou de maconha... mas ficou intrigada!!!), ah, " Professora a senhora é jovem, me desculpe..." "Seja firme com eles... não dê moleza..."

Sala de aula: caos, nunca consegui ensinar a partir do livro didático.... eles não param... redação: o menino diz: eu transo com uma professora daqui... aconteceu... a senhora jura que não conta pra ninguém... sim... respondi... tudo aquilo que você me escreve passa a ser um segredo nosso, não se preocupe, ok.

⁹⁸ Ler textos que me faziam rir colocou-me em contato com uma lembrança. Naqueles textos há uma memória esquecida, apagada, oculta, que, sinistramente, aparece para nos permitir "respirar". Envolvidos, não conseguimos perceber, talvez, só a Arte consiga "acionar" tal lembrança que tanto nos incomoda e assusta. A literatura de humor em suas diversas nuances não é escapista porque propõe o riso, a gargalhada, o riso largo e divertido. Ela reverbera num momento em que não somos. Ela atua no instante em que somos verdadeiramente o que desconhecemos, o que perdemos. Este "desconhecimento torto" surge alegoricamente em pedaços, ruínas que traduzem uma fragmentação do Ser.

⁹⁹ Em itálico, estarão **pequenos entretextos** que marcam a mudança das escolas nas quais trabalhei. Omitirei os nomes das instituições porque trata-se de uma recuperação pessoal de momentos e imagens que merecem apenas referência, não identificação explícita.

É difícil ser substituta neste país!!! Como nunca serei professora, acho que não saberei a diferença entre o sofrimento das duas... Sem trabalho... sem grana... casa de papai.... irmãos... sobrinho quase-mudo de dois anos e meio... vou ensiná-lo a falar... mamãe!!! piu-piu!! Lu-a... céu... olha o céu... jamais seremos os mesmos... Veja, Felipe, o avião, passe a mão aqui: é áspero, liso... grosso... água... Nunca mais seremos os mesmos... Te amarei para sempre...

Alunos que não sabiam ler nem escrever. Camila... Cleber... Jamais seremos os mesmos... Presente de Grego : substituição... 5a. série, periferia da periferia... Meu Deus, por que eles são tão rebeldes ???

"Cleber... o que foi ? por que você não pára...negro... pobre... sem pai... criado pela avó...o pai morreu assassinado na frente dele... era um garoto vivo, inteligente e com um sorriso lindo...quem dera eu pudesse ajudá-lo ??? Eu não era professora...estava ali só substituindo...me doía o coração... a "Senhora é muito brava, professora... " A "senhora não sabe como nos ajudar???"

Em outra sala: Camila, sempre quieta...as outras meninas sempre falando e Camila sempre quieta... negra, de cabelos curtos encaracolados, um olhar triste, olhos de jabuticaba... perdidos em algum sonho... ainda não sonhado... Estava frio naquele dia... Camila estava com seu chinelo havaiana... Quem fez a tarefa ???__ perguntei __ "eu fiz, eu também..." vamos fazer pequenos grupos... Camila por que você não se senta com alguém?? "Estou bem aqui, professora... " Deixe-me ver seu caderno: muito limpo, organizado, com toda a lição ali... e as outras dos dias anteriores... Camila, por que você não me mostrou seu caderno ?? "Não sei professora" ; ora suas respostas estão certas, vejamos, seu caderno está muito bom.

Parecia que aquela menina era excluída do grupo... por ser pobre, negra, não sei... fizemos um grupo... ela tinha as anotações da lição... logo o grupo a elegeu... a sala a notou e seu sorriso se abriu num mudo agradecimento... Todos os dias ela me trazia o caderno... agora ela dava a primeira palavra... sorria, participava da aula... estava viva...

Por que eles "trocam" as letras ?? "P por B , L por R ??? Eu não sei alfabetizar ninguém???" o que faço???" Não é minha obrigação, não vou ficar... queria... me preocupei com eles... Camila estava bem... Cleber não gritava mais... já conseguia falar com eles... A professora efetiva voltou... Perdi o vínculo... a grana... as aulas... Cleber... Camila...

6a. série - sala de aula azul, amarela, e vermelha. Sujeito-e-predicado-abre-e-fecha.Outro presente : aulas livres - por que alguém deu esta denominação... (??) numa 5a. série à tarde

(6 aulas em três dias !!)

Menina loura... agora me lembro do nome - Míriam - chutava os colegas... gritava... cuspi no chão... menininho gordinho... chamei - de Fofô... A matéria era substantivo, verbo, adjetivo, e sujeito, predicado e objeto...ainda no livro didático...

Sala pequena: 17 ou 18 alunos... espaço mínimo... "era um laboratório, professora..." não havia outro lugar para eles nos colocarem... Teto azul, porta amarela... detalhes em vermelho... (mais tarde eu aprenderia: cores quentes, eles jamais poderiam ser quietos... com tais cores...) a sala os espremia... agitados, nunca calavam-se... Não conseguiam ouvir e a professora não conseguia falar... Eis que substantivo, meus caros alunos é como o nome já diz, substância... (eureka!!! pensei), este giz (levantando-o) como eu sei que ele existe? Ora, que dia é hoje?? 10 de Maio de 1994 - estamos na 5a. F do Colégio Fulano de Tal . Todos nós estamos na sala... o giz não ocupa um espaço num tempo xis... nesta data, quer dizer, ora então ele existe... Existe porque está aqui neste local, neste momento ... "poxa que legal, professora!!!"

Todas as aulas eu chegava e dizia: o que eu estou fazendo e todos repetiam sem parar: "A professora Márcia está abrindo a porta amarela na sala de teto azul com detalhes em vermelho..." Quem é o sujeito da oração ??? "a professora Márcia" !!!! gritavam todos muito alto... URRRA!!! EHA!!! AHAHAH!!!

Como é a sala da 5a. F ??? E eles muito agitados e entusiasmados: "é azul, vermelha e amarela... A sala da 5a. F é azul, amarela e vermelha!!! " estes são os adjetivos porque qualificam o sujeito: sala... A porta era amarela... o teto azul... detalhes em vermelho... "Professora, eu nunca tirei 10 !!! eu mostrei para meu pai... minha mãe..." "Professora, posso ler"??? Não acreditei: eles estavam se comportando educadamente...

Trabalho com variações lingüísticas: ditados, provérbios, frases populares, citações, frases de caminhão, gírias (na escola, no bairro, no clube!!!) com sua respectiva "tradução"... "Professora, minha tia ficou tão emocionada, nunca ninguém pedira para ela ajuda em trabalhos de escolas... os ditados, no tempo dela, ensinavam...eram repetidos pelos filhos...sobrinhos, netos... ensinava-se pelo que não se dizia... apenas representava-se ": **Água mole em pedra dura tanto bate até que fura...** "Professora, a senhora vai continuar sempre conosco ???" os ditados... ahhh os ditados são interessantes... "pela primeira vez sentei no sofá para conversar com meu avô ... ele me deu uma lista de ditados... e me ensinou os significados... achou que não serviria pra nada... mandou te agradecer..."

“Professora, não vi Sílvia Santos... sentei em frente de casa... toda as vizinhas vieram ajudar... consegui 350 provérbios... todos com significados... alguns peguei numa revista... mas a maioria vieram das amigas de minha mãe...”

Para que isto ??? Vejamos o que eles podem nos ensinar ??? As gírias... "professora, minha mãe disse que professora tem que ensinar a escrever certo, e não estimular a gente a usar esta porcaria !!!"

Vejamos qual é a porcaria que você escreveu em seu caderno ??? Quando você usa esta linguagem? "Com meus amigos !!!" Por que você não usa aquela dos seus pais? Meu pai me entende quando falo com ele, mas meus amigos não!!!" Ora se você sabe, domina este dialeto de seus pais e o de seus amigos, por que não conhecê-los ?? "por que é feio, professora ?" e por que é feio?... mostre-me... "Ontem a gente foi numa festa dez... rolou dance... garotas lindas... tudo bem que tinha baranga ... mas tava legal... no final toda galera ficou maneira... tá todo mundo ficando com todo mundo... Não tinha back, nem farinha!! Só muito tarde fui para casa... não queria sair de lá... " Dez, rolou, baranga, legal, back, farinha são gírias, professora" Ora que significado têm elas... ah.. se a gente diz que a festa foi boa, não é a mesma coisa... legal... como substituí-la ?? legal é legal !!! back... braum... maria juana... é tudo nome de maconha, professora... por que usar estes nomes ??? não sei...

Farinha é a cocaína... por que é branca... é uma substituição inteligente... é um processo metonímico... o que é isto... quando eu "transfiro o significado de uma coisa pra outra... é mais ou menos isto... a farinha não é fininha e branquinha? é...

Por associação a gente faz com que as coisas se pareçam..." lá no colegial vocês vão aprender melhor... A palavra dez tem que sentido aí na frase?? "Ah, professora, bom... ótimo..." Dez não é a nota máxima? Sim!!! vejam que interessante... é outra transferência/empréstimo de sentido...

Vamos traduzir a frase e vocês vão dramatizar... Você conta para seu amiguinho como foi a festa... em gíria e na língua padrão... vejamos como fica... “na nossa língua é melhor... a gente entende mais fácil , professora”.

Talvez nós precisemos usar as palavras conforme a situação... o que vocês acham??? “É pode ser, professora !!!” Não fica mais legal ???

Em outra sala: a professora Márcia mentiu... não marcou a prova... não nos consultou... não vamos fazê-la... "Você precisa tomar cuidado... os alunos vieram reclamar... disseram que você fez isto... isto... Você terá que dar uma outra prova... eles podem entrar

com recurso... te processar... você vai ter que preencher papéis..." Dona Sada, chame a aluna fulana de tal... depois conversamos... "Mas você pode apanhar destes alunos..." D. Sada eu trabalho com eles em sala... queira, por gentileza, chamar a aluna... nada acontecerá comigo... "D. Sada, a professora Márcia consultou-nos sobre o dia de prova, nós elegemos aquele dia... eles tumultuaram a prova porque eles não estudaram... fazem isto com todos os professores... mas eles nunca reclamam... A professora Márcia expulsou-os da sala com toda a razão... eles são vândalos... engraçadinhos... e só fazem bagunça..."

"Jackson, venha pegar sua prova"... Professora a Senhora me perdoa?? Claro, agora sente-se e faça sua avaliação... não fica com raiva de mim... " Não ficarei... Sente-se... "Professora, me desculpe..." Daniel, não precisa me pedir desculpas só porque dona Sada pediu-lhe... Não seja cínico... a Senhora não acredita em mim... Nem um pouco, Dani... Faça sua prova... A senhora sempre foi legal... Não sou mais... esta prova foi agendada oficialmente... e vamos fazê-la hoje... e não quero ouvir mais sua voz... Eles me decepcionaram... deixei meus pequeninos da tarde para ficar com eles... e fizeram aquilo... Por quê???

Metade periferia, metade classe média. Redações.Plágios. Reprovações - 7a. e 8a. série. 6a. série - trabalho com revistas e colagem. Elaboração de títulos a partir das montagens. Elaboração de Redações em casa (muitos plágios)... 6a. série: Sala maravilhosa... olhar, ver e criar: basta tentar... Desenho, música... eles adoram cantar... dramatizar ...

"Copie a Música do Raul Seixas, ela não o conhece..." Alunos estúpidos... "Oh que saudades que tenho da aurora da minha vida..." Garoto, o Casemiro de Abreu é considerado pela crítica autor medíocre do Romantismo Brasileiro... Se você tivesse copiado qualquer outro texto dele eu não reconheceria... mas justamente o único que é citado em todos os livros didáticos? Acéfalo!!! Vocês não conhecem uma história de um amor proibido entre empregado e a filha do patrão... "ah... professora, é do cantor beltrano..." (outro garoto bobinho).

Marina, aluna inteligente, líder da sala... temida, respeitada (classe média!!): metade das redações estavam boas... este texto é do Fernando Sabino... "que texto, professora ???" É melhor você não me desafiar... a senhora quer pegar o texto do Fernando Sabino!!! Não quero ridicularizá-la... Se a senhora não me mostrar vou denunciá-la... Está bem, Marina, vou buscá-lo... Na sala: este é um livro de Magda Soares... O texto Morreu de Fome é de Fernando

Sabino e está na página tal... vou ler para vocês... Bomba... Marina, seu trabalho recebeu zero. Não vou considerar nenhum texto.

Semana seguinte: prima de Marina na minha sala... “Professora, Marina copiou de meu caderno o texto, ela achou que fosse meu... Sou aluna de Letras... ela me admira muito... Ela chegou chorando em casa, por favor reconsidere... A mãe de Marina suicidou-se... o pai passa muito tempo sem vê-la... nós a poupamos de quase tudo”.

Carmen, não sei se estaremos fazendo o bem a ela ?? Não sei se devemos perdoá-la... será que esta é a melhor forma de ensiná-la??? Sinto lhe dizer : fui muito clara com eles e não vou abrir mão... eles tiveram 2 meses pra realizar o trabalho... foram vários temas sugeridos... vários de livre escolha... considero uma traição... eu avisei... ofereci-me para ajudá-los... não há desculpas... vou levar o caso ao Conselho de Escola... mas se depender de mim ela será reprovada... ou ficará de recuperação... esta é minha decisão... eles são crianças quando querem... eles são adolescentes quando assim o desejam... e quando querem ser adultos o sabem... reagem e chantageam como gente grande... ela planejou tudo isto... calculou e me desafiou... É melhor você consultar um advogado... Sim. Sou profissional... não estou aqui para ser tia... Marina é inteligente ela se sairá bem no próximo ano... na 7a. série...

Pinheiros - Classe Média Alta de São Paulo- Palavrão... livro didático...a zona... Sangue, suor e violência...

Todos são loucos neste colégio... Diretores... alunos... funcionários... O arco de ferro do jardim contra a testa da menina quase oficializa mais um óbito na cidade-caos... Na secretaria, não sabiam se deviam estancar o sangue ou dar bronca no menino...e eu sentada ali via tudo espantada... que bagunça... Todos corriam de um lado para outro...

Gritos (ensurdecedores) da vice-diretora para mim : "não há aulas a serem atribuídas, outro professor já está ministrando-as!!!" Sem me deixar falar e aos berros: "eu já disse: não há aulas !!! Pode ir embora !!!!" E eu: "Dona Fulana, a primeira coisa que a Senhora vai fazer é deixar de gritar comigo, a segunda é atribuir as aulas para mim porque eu estou aqui há duas horas esperando no meio desta zona, portanto, tendo aulas ou não, a senhora me contratará hoje. E ela: "me desculpe, professora..."

Os textos de humor... Entre a cocaína... o whisky, o avião, os salários baixos e atrasados... o giz na testa... o cigarro trocado com o colega pelo corredor... o baseado, o fogo no cesto de lixo... a luta pela sobrevivência, o desabafo na sala dos professores, o café e a fofoca... o riso-nervoso... o riso-protesto, o desânimo, a tristeza, o casamento e o porre...

Público de Classe Média alta...vodka... zona... Alunos pelo corredor... outros sentados pelo chão... Equipe de professores muito legais... Invasão da diretoria pelos professores ...

A aposta naquelas turmas do colegial repetia-se: a cada semana eles diminuían a quantidade de minutos em que me era permitido falar. O ódio e a audácia predominavam. Eu era um estorvo. Era uma “pedra no sapato”, na vida daqueles indivíduos sem nomes, sem identidades...

Apostila *Positivo*... nada mais retrógrado... Leitura do livro *A Grande Arte*... cola coletiva... Literatura Medieval - sugestão - filme *O Nome da Rosa* de Umberto Eco... polêmica... Sexo, riso, catarse, sexualidade... **PROIBIÇÃO**... Fogo no cesto de lixo...”é só um **foguinho**, professora...” Giz na **MINHA** testa... enlouqueci... como eles puderam fazer isto???

Vamos ler O Lixo de Luís Fernando Veríssimo... OS ALUNOS DISPUTARAM A LEITURA ... TODOS QUERIAM LER... Por quê ??? Nem eu pude acreditar...

Aqueles alunos¹⁰⁰ tomaram posse do texto de Veríssimo. Disputaram a leitura e a representação dos personagens. Na crônica havia apenas um homem (sem nome), uma mulher (sem nome). O narrador. Somente estes dois elementos: personagens e narrador. **Riram**. Um riso largo e franco. **Gargalharam**. Puseram as mãos, displicentemente, sobre a barriga arfante. Lembrei-me de François Rabelais. Recordei-me de Horácio, Gregório de Matos. **Lembrei-me das inúmeras vezes que tentara chamar-lhes a atenção**. E de quanto notara o desprezo em seus olhares. Permiti que entre si negociassem as repetidas leituras do texto. Encerraram-no. Os garotos representaram a mulher e, as meninas, o homem. Mudavam **entre risos** as tonalidades da fala do narrador. Teceram **comentários maldosos**. Andavam pela sala não mais em direção à porta. **Agora eles riam**. Não era um **riso alheio**. **Era um riso que permite o encontro, o afeto, o afago e propicia ainda uma “descontração (re)veladora”**.

Quem "segurava" os alunos do 3o. colegial: eu e o Professor Carlos de

¹⁰⁰ Embora esta escola estivesse localizada no Bairro Higienópolis, em São Paulo, aqueles alunos estavam ali num colégio que os recebia porque **eles não eram aceitos em nenhuma outra instituição de ensino**. Provenientes de uma Classe Média Alta com crescente perda de poder aquisitivo, eles estavam ali porque os grandes colégios de São Paulo se recusavam a acolhê-los. O dinheiro (que alguns ainda possuíam!) não garantia a permanência em outros lugares. **Eles tinham que ficar ali**. Não poderiam ir para outra espécie de instituição. Havia uma acomodação-resignação aliada a uma pseudo rebeldia. Ali naquele depósito de **lixo**; no *lixo* que eles ajudavam a manter, o tédio, a indiferença, a violência e o desrespeito imperava. Sabia, então, que seria mais uma tentativa frustrada, afinal, para eles, era **melhor** ficar pelos corredores, conversando e fumando, jogando baralho, irritando os professores. Muitas vezes eles me disseram que fumar um baseado, cheirar uma carreira de coca e beber um litro de whisky, dava mais barato que assistir a minha aula. Por isso eles diminuían a quantidade de minutos em que me era permitido falar. A indiferença e a audácia predominavam. Eu era um estorvo. Era uma “pedra no sapato”, na vida daqueles indivíduos sem nomes, sem identidades...

Matemática...Neste colégio "aprendi" a ser autoritária, rude, grosseira ... aprendi a dominar as feras... para que, me pergunto hoje???

Eles não paravam de falar ... Vila Brasilândia - periferia da periferia. Nem deu tempo de “ficar vermelha” !!! QUATRO 5A. SÉRIES 28 aulas - 7 aulas de cada turma...

Eram crianças extremamente atenciosas, afetuosas e curiosas... queriam tudo saber... Jamais poderia tê-los deixado pelo outro Colégio.

“O que é sexo oral, professora??? Como se usa a camisinha?? A professora de Ciências só dá fotossíntese(?)... florzinha... plantas... Por que tem gay no mundo, professora???”

Vamos fazer uma caixinha com perguntas... todos os dias vocês vão depositar na caixinha perguntas... pode ser anonimamente... sobre o que quiserem!!! Vou tentar respondê-las...

“A senhora mora perto da Paulista? Que lindo?? Como é lá?? Conta, vai! Aqueles prédios... os carros... o barulho”.

Eles perguntavam tanto sobre sexo... sobre os nomes das partes íntimas que resolvi trabalhar um pouco com tabu lingüístico...

Perereca, prexeca, bingulin, pipi, pinto, caralho, pau, cacete... Por que vocês, riem ?? “Não sei, professora!!!” Então tá, não devemos achar feio o que faz parte do nosso corpo, ok... Estes são nomes que se referem a partes do nosso corpo, não são?? Vejamos o correspondente aos termos no dicionário... Estas palavras apenas são diferentes... ou não, o que vocês acham??? “O que é estupro, fessora ??? Para que serve a vaselina???”

Acho que aqui "arrisquei ser professora". Já era muito tarde para retornar... Já que estava ali... precisa tentar fazer algo bom, legal... Muito trabalho, perseguição, traição, inveja, amigos... e muita saudade... 1o. Colegiais - 4 salas.

Em abril de 1998 fiz uma aula teste num segundo colegial. O tema da aula era Romantismo... Os alunos gostaram da aula... **Havia quatro professores na sala me avaliando; os professores, consegui enganá-los...**

Li com meus alunos *O Grande Mentecapto...* Fernando Sabino, *Memórias de um Sargento de Milícias* - Manuel Antônio de Almeida, Clarice Lispector - *A Hora da estrela*. *A Grande Arte...* Rubem Fonseca... Sexo, drogas... sem Rock in roll... protesto dos pais... E o que passa na televisão ??? Pergunto-vos... . *Senhora...* José de Alencar. Machado de Assis -

Contos. Álvares de Azevedo - Noite na Taverna , poemas. Gil Vicente... Cinco - Peças de Teatro : Auto da Barca do Inferno, Auto da Alma, Farsa de Inês Pereira, Auto da Lusitânia, O Velho da Horta.

Infelizmente não podíamos “brincar” de leitura!!! Era importante que aquilo se solidificasse, se sedimentasse. Para a escola, aquilo tudo era bobagem. Os pais me pressionaram, os próprios alunos, a direção, tudo se rebelava contra aquelas “repetidas” idas aos textos... "esta professora só enrola..."era possível ouvir pelos corredores...Ela não ensina gramática... **instituição** importante na vida dos escolares...Transformei “aquelas atividades”, que para mim já tinham sido mais que satisfatórias, em instrumentos de avaliação - outra **instituição** reconhecida e louvada pela **instituição** escola. Era a minha chance de ser menos marginal. E “mostrar” que trabalhara segundo os moldes da E-D-U-C-A-Ç-Ã-O!!!

E na Semana Semana Cultural os alunos mostraram os **produtos** desta avaliação: **adaptações livres** dos textos de Gil Vicente. Permiti que eles escolhessem os modos para falar daquelas leituras. O que se espalhou neles, e o que eles poderiam pulverizar agora daquelas imagens. Pretendia, naquele momento, invocar aqueles trajetos em produções artísticas : HQ - História em Quadrinhos, Peças de Teatro, Fotonovelas, Composição de Música, Radionovela, Show Musical, Vídeo-Teatro... Ainda não estava pensando nas leituras de texto de humor que se entrelaçaram...

E o ensino superior? É superior? ¹⁰¹

Humor, sombra e pornografia

"Semana passada comentei com vocês que esperava ansiosamente pelo dia em que pudesse realmente ser professora... acho que vou ter que esperar mais um tempo...

Gente, eu não tenho nada contra orgias... embora nunca tenha participado de uma, não tenho nada contra quem as faça... Não deveria, mas vou dizer-lhes algo como educadora... porque as pessoas não podem viver na ignorância o tempo inteiro... Não quero expor ninguém... se alguém quiser se manifestar... fique à vontade, porém... acho que houve um equívoco... Vocês me desculpem se vou decepcioná-los... se serei inconveniente...mas não posso deixar de comentar...

Quando fui morar numa cidade do interior paulista para realizar minha graduação me

acostumei a ser chamada de puta por toda a cidade... desde que lá cheguei... porque era hábito da cidade... Era uma cidade muito católica... como é esta cidade... bem... tão católica que eu conheci o namorado do Bispo que passeava sempre pela Europa, principalmente, Roma, com o dinheiro do povo...

Sabe gente, eu sou muito crítica: isto sim é pornográfico... e eu já estou cheia de discursos moralistas, falso moralistas...hipócritas...

Nesta cidade, morei em uma república mista ... meninos e meninas juntos... bem ... e lá aprendi a ser solidária... fraterna... lá aprendi a dividir meu prato de abobrinha com arroz...e lá, mesmo sendo chamada de puta fui imensamente feliz...tão feliz que às vezes tenho vontade de retornar... para aquele tempo... ali virei gente...

Descobri que no coletivo está a solução para muitos problemas... aprendi a ouvir, a falar e a respeitar os outros. Enfim, quando puder ser realmente professora e ensinar algo para meus alunos...queria que eles tivessem verdadeiros exemplos de solidariedade como eu tive...

Enfim, dizer que o texto ou textos foram pornográficos me parece profundo engano...Aliás isto deveria ter sido colocado em sala porque poderíamos ter discutido isto...Isto sim seria relevante para nossa aula: se eles são eróticos, pornográficos, obscenos, ou qualquer outra coisa...Porque trabalho com anomia, com temas, digamos assim, marginais, aliás acho que sempre me interessei por temas tidos como pornográficos...mas fui atrás de conceitos e definições para saber o que eles representavam...porque eram proibidos...etc...etc...e acho que não é à toa que pesquiso o humor...

Sugiro ainda que se alguém quiser conhecer de fato o assunto leia, primeiramente um livro introdutório sobre o assunto: O que é pornografia? Da coleção Primeiros Passos - Ed. Brasiliense. São duas mulheres que escrevem... infelizmente não me lembro o nome delas... Outras obras de maior profundidade devem ser lidas posteriormente... Só devo chamar a atenção para um detalhe... se alguém não quiser se chocar não abra este livro... porque logo na primeira página há uma freira transando com um cavalo, portanto, poupem suas crenças..."¹⁰²

¹⁰¹ Resumo de minha fala na sala de aula.

¹⁰² Este último ensaio, foi escrito em Julho de 2000 para ser apresentado no Exame de Qualificação como **Memorial**.

VI – CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tinha uma pedra no meio do caminho, no meio do caminho tinha uma pedra, tinha uma pedra no meio do caminho...” A pedra e o caminho continuam ali. Inertes e indiferentes, espreitando para saber se iremos... Embora não saibamos para onde. **Eles** querem saber o que faremos, para onde vamos nos dirigir...

Não acredito que se possa encerrar este trabalho de modo academicamente confortável. Ele não percorreu um caminho tranquilo e prazeroso, não traz conclusões sérias, nem receitas seguras para este ou aquele método, não se presta a grandes e profundas reflexões. Talvez ele seja apenas um registro, uma inscrição-palimpsesto no diário de uma história urdida de silêncios, ausências e negações. Apenas cerimônia do álbum de família legendado e interativo que encerra um tempo, um vestígio tênue e fugaz. Não é ele poético, nem aprazível, agora é apenas fumaça. Restos de uma chama que manteve seu período de incêndio e de avidez. Lembrança e esquecimento do fogo e da vida.

O riso é proibido na escola e, provavelmente, em muitos outros espaços institucionais. Em situações formais e austeras o reconhecimento da necessidade do prazer, da simples “manifestação” do desejo, ainda que ingênuo, de obter tal prazer, é *misteriosamente* cerceado. Embora o bom humor seja incentivado, eventualmente, ele o é sempre filtrado e delimitado pelas condições de moderação e contenção sociais. Ou seja, o bom humor é “aconselhado” para uma diversão contida e responsável. Os movimentos livres e espontâneos são, paulatinamente, domesticados e educados para irem se eufemizando. É provável que os conselhos e as prescrições de Clemente de Alexandria “tenham sido assimilados pelo imaginário educacional” de forma muito convenientemente natural e adequada, pois parece que o sorriso discreto e sutil deve substituir o “riso das prostitutas e dos alcoviteiros”, segundo ele.

Aquilo que poderia fazer parte do cotidiano é “regulado e negado”. Quando parti de textos literários de “humor” para refletir sobre as circunstâncias que envolviam o risível jamais imaginei que esta obviedade pedagógica marcaria para sempre minha história como leitora e pesquisadora. Não sabia que tão óbvia e patente constatação não me bastaria.

Não pudemos rir, mas rimos. Se pudesse, sintetizaria minhas especulações e risos-sorrisos nesta frase, ironicamente, incongruente. Às vezes, é a interdição que provoca a

explosão do imaginário risível. Da necessidade vibrante de prazer que transborda, devasta, invade e perscruta. É provável que aliado ao prazer esteja a previsibilidade do liberado e do proibido. O **aparecer** e o **desaparecer** insinua e alimenta a mágica indecisão do caráter humano, tantas vezes escondido e (re) velado nas narrativas literárias populares que tanto reli.

Se este não é um trabalho convencionalmente sobre a literatura do riso, inegavelmente, parte da imaginação de um leitor que ora se encontra e, ora se (des) encontra em suas leituras e que, ocasionalmente, se aventura pelo limite do riso e, do não-riso, que se permite e experimenta o interdito e o “arrancado”; que ingenuamente, almeja visualizar situações em que não sejam cogitadas as hipóteses : se pode rir? Não se pode rir? Será que se deve rir? Por que não rir? Por que não podemos/pudemos rir? É provável que tenha pensado ao longo do trabalho que poderia (des)cobrir algo... Todavia, a confecção dos três ensaios, dispersamente, escritos atam minhas surpresas e constantes incertezas; eles apenas “falam” sempre intensamente da delícia do **não-poder-ri-que-ri**. O *não* que opta pelo rir... Que escolhe o eterno humor que deveria não abandonar nossa existência, que nela está! Marotamente, poder-se-ia ainda perguntar: é o não rir que nos faz rir?

VII - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS ¹⁰³

Teses e Dissertações Consultadas

CARVALHO, Reginaldo Pinto de. *A Estilística da Indignação*. USP - Universidade de São Paulo - FFLCH, 1993. (Dissertação de Mestrado).

GIL, Célia Maria Carcagnolo. *A linguagem da Surpresa: uma proposta para o estudo da piada*. USP: Universidade de São Paulo - FFLCH, 1991. (Tese de Doutorado)

LEITE, Sylvia Helena Telaarolli de Almeida. *Chapéus de Palha, Panamás, Plumas, Cartolas, "Rigalegios": A Caricatura na Literatura Paulista - 1900 - 1920*. USP: Universidade de São Paulo - FFLCH, 1992. (Tese de Doutorado)

MELLO, José Guimarães. *Humor Romano: O Satírico*. USP: Universidade de São Paulo - FFLCH, 1985. (Tese de Doutorado)

MOTTA, Sérgio Vicente. *Dois Momentos Históricos da Ironia: Lazarillo de Tormes e Memórias de um Sargento de Milícias*. UNESP - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - IBILCE - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Unesp - São José do Rio Preto. 1988. (Dissertação de Mestrado).

ORTIGA, Odília Carreirão. *O Riso e o Risível em Millôr Fernandes: o cômico, o satírico e o "humor"*. USP: Universidade de São Paulo - FFLCH, 1991. (Dissertação de Mestrado).

PRETI, Dino. *A Linguagem Proibida: um estudo sobre a linguagem erótica do Dicionário Moderno, de 1903*. Universidade de São Paulo - FFLCH, 1981. 2 Volumes. (Tese de Livre - Docência).

Literatura de Humor : Crônicas, Romances, Poemas, Teatro, Contos e Novelas

ALMEIDA, Manuel Antônio. *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Ática, 1994.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Contos Plausíveis*. Rio: José Olympio, 1985.

_____. *Auto-Retrato e Outras Crônicas*. Rio: Record, 1989.

ASSIS. Joaquim Maria Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *Contos*. 3^a. ed. São Paulo: Objetivo, 1995.

_____. *Contos*. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Contos*. São Paulo: Cia das Letras, 1998. 2 volumes

_____. *Histórias sem Data*. Rio: Civilização Brasileira, 1975. Edições Críticas.

¹⁰³ Relacionei os diversos títulos e procurei classificá-los de modo aproximado aos temas propostos.

- _____. *Contos Fluminenses*. Rio: Civilização Brasileira, 1975. Edições Críticas.
- _____. *Contos e Crônicas*. Rio: Civilização Brasileira, 1958.
- BANANÉRE**, Juó. *La divina increnca*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- BARRETO**, Lima. *A Nova Califórnia*. São Paulo: Ática, 1995.
- _____. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1997.
- BRITO**, Mário da Silva. *Maravilhas do Conto Humorístico*. São Paulo: Cultrix, 1958.
- CALVINO**, Ítalo. *Fábulas Italianas*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- CERVANTES**. *Dom Quixote*. São Paulo: Paumape, 1991.
- FERNANDES**, MILLÔR. *Novas Fábulas Fabulosas*. Rio : Nórdica, 1978. 160 p.
- _____. *Lições de um Ignorante*. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. 217p.
- _____. Prefácio. In : *13 Pragas do Século 20*. Rio de Janeiro: Folhetim, 1976.
- _____. *Millôr no Pasquim*. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.
- GULLAR**, Ferreira. *A Estranha Vida Banal*. Rio: José Olympio, 1989.
- HESSE**, Hermann. *Demian*. 12^a. Ed. Rio: Civilização Brasileira, 1976.
- HORÁCIO**. *Sátiras*. Tradução e Notas de Antonio Luis Seabra. Prefácio de Geir Campos. Rio: Tecnoprint/Ediouro, 1966.
- HORÁCIO & OVÍDIO**. *Sátiras e os Fastos*. Tradução de Antonio Feliciano de Castilho e Antonio Luís Seabra. Prefácio de João Batista de Melo e Sousa . Rio de Janeiro/Porto Alegre/São Paulo: WM Jackson, 1948. Clássicos Jackson.
- LONDRES**, Maria José F. *Cordel: do encantamento às histórias de luta*. São Paulo: Duas Cidades, 1983.
- MACHADO**, Antônio de Alcântara. *Brás, Bexiga, e Barra Funda*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Arquivo do Estado, 1994.
- MATOS**, Gregório de. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Cultrix, s.d.
- _____. *Antologia*. Porto Alegre: L&PM, 1999.
- NETO**. Paulo de Carvalho. *Meu Tio Atahualpa*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1978.
- PINHEIRO**, Rafael Bordalo. *O Português Tal e Qual: da caricatura à cerâmica. O Caricaturista*. São Paulo: Pinacoteca do Estado: 1996. Catálogo da Exposição.
- RABELAIS**, F. *Gargantua*. Trad. de Yara Frateschi Viera. São Paulo: Hucitec, 1986.
- RODRIGUES**, Nelson. *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril, 1981.
- SABINO**, F. *As Melhores Crônicas*. Rio: Record, 1986.
- _____. *A Mulher do Vizinho*. 15^a. ed. Rio: Record, 1988..
- _____. *Os Melhores Contos*. Rio : Record, 1986.
- _____. *O Homem Nu*. 30^a.ed. Rio: Record, 1989.
- _____. *O Grande Mentecapto*. 25^a. Ed. Rio: Record, 1986.

- _____. *A Nudez da Verdade*. São Paulo : Ática, 1994.
- _____. [et.al.]. *Elenco de Cronistas Modernos*. Rio: José Olympio, 1974.
- SHAKESPEARE**, Willian. *Muito Barulho por Nada*. Rio: Tecnoprint/Ediouro, s.d.
- _____. *Sonhos de Uma noite de Verão*. São Paulo: Scipione, 1993.
- _____. *Sonhos de Uma noite de Verão, Romeu e Julieta, Otelo, Muito Barulho por Nada*. Rio: Tecnoprint/Ediouro, s.d.
- SOUZA**, Márcio de. *Galvez, o Imperador do Acre*. 17^a. Ed. São Paulo: Marco Zero, 1995.
- SHUA**, Ana Maria. *Contos Judaicos com Fantasmas e Demônios*. São Paulo: Shalon, 1994.
- TELES**, Gilberto Mendonça. *Plural das Nuvens*. Rio: José Olympio, 1990.
- VERÍSSIMO**, Érico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Globo, 1997.
- VERÍSSIMO**, Luís Fernando [et.al.]. *A palavra é Humor*. São Paulo: Scipione, 1991. *Coleção A Palavra é...*
- VICENTE**, Gil. *Obras Primas do Teatro Vicentino*. Edição Organizada pelo Professor Segismundo Spina. 3^a ed. São Paulo: Difel, 1980.
- WALPOLE**, Horace. *O Castelo de Otranto*. São Paulo: Clube do Livro, 1964.
- WILDE**, Oscar. *De Profundis*. Porto Alegre: L&PM, 1999.

Dicionários e outras Obras de Referência

- AZEVEDO**, Francisco Ferreira dos Santos. *Dicionário Analógico da Língua Portuguesa: idéias afins*. Brasília: Coordenada/Thesaurus, 1983.
- BERNARDES**, Wladimir. *Pequeno Dicionário de Palavras Corriqueiras*. Rio de Janeiro: Record, 1968.
- BIEDERMANN**, Hans. *Dicionário de Símbolos*. Tradução de Glória Paschoal de Camargo. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- BRUNEL**, Pierre (Org.). *Dicionário de Mitos Literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- CHEVALIER**, Jean & **GHEERBRANT** Alain. *Dicionário de Símbolos*. 13^a. ed. Trad. Vera da Costa e Silva [et al.]. Rio: José Olympio, 1999.
- DETIENNE**, Marcel & **SISSA**, Giulia. *Os Deuses Gregos*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. Coleção A Vida Cotidiana.
- ENCICLOPÉDIA MIRADOR UNIVERSAL**. Volume 11. Verbete “humor”. p. 5876-5893
- FERREIRA**, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975 .
- FILHO**, A. Mauricéia (Celso de Araxama). *Dicionário de Curiosidades Etimológicas*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1961.

- GOMES**, Abeylard Pereira. *Legendas de Caminhão*. 2^a. Ed. Prefácio de José Cândido de Carvalho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- GOMES**, Manuel João. *Nova Recolha de Provérbios e outros Lugares Comuns Portugueses*. Lisboa: Afrodite, 1974.
- LURKER**, Manfred. *Dicionário dos Deuses e Demônios*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MACHADO**, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Lisboa: Editorial Confluência, 1959. 2 vol.
- MAIOR**, Mário Souto. *Dicionário do Palavrão e Termos Afins*. 4^a. Ed. Prefácio de Gilberto Freire. Rio de Janeiro: Record, 1988.
- PITIGRILLI**. *Dicionário Anti-loroteiro*. Rio de Janeiro: Vecchi, 1956.
- REIS**, Carlos. & **LOPES**, Ana Cristina M. *Dicionário de Teoria da Narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- ROOB**, Alexander. *Alquimia & Misticismo: o museu hermético*. Koln, Lisboa, London, New York, Paris, Tóquio: Taschen, 1997.
- SPALDING**, Tarsilo Orpheu. *Pequeno Dicionário de Literatura Latina*. São Paulo: Cultrix, 1968.
- SPITZER**, Carlos. *Diccionario Analógico*. Porto Alegre: Globo, 1936.
- VICTORIA**, Luiz A . P. *Dicionário Ilustrado da Mitologia*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, s.d.

História da Literatura e Conceito de Literatura

- ARISTÓTELES**. *Poética Clássica*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- AUERBACH**, E. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1971. p. 224-244.
- BENJAMIN**, Walter. O Narrador. In: *Textos Escolhidos*. São Paulo: Abril, 1980. [et. al.] p. 3-85. Coleção **Os Pensadores**.
- BETTELHEIM**, Bruno. *A Psicanálise dos Contos de Fadas*. Rio: Paz e Terra, 1980.
- BOSI**, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1990.
- CÂNDIDO**, Antônio. *A Crônica: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.
- _____. *Formação da Literatura Brasileira*. 4^a. ed. São Paulo: Martins, s.d. 2 volumes.
- COELHO**, Nely Novaes. *O Conto de Fadas*. 3^a. São Paulo: Ática, 1998.
- GRANATIC**, Branca. *Humor e Criatividade*. São Paulo: Scipione, 1997. (Livro Didático).
- GUINSBURG**, Jacob. *Romantismo e Classicismo*. In: **O Romantismo**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- JOSEF**, B. *A Máscara e o Enigma*. Rio: Francisco Alves, s.d.
- MOISÉS**, Massaud. *A Criação Literária*. S. Paulo: Melhoramentos, 1976.
- PROPP**, Vladimir. *Morfologia do Conto*. Lisboa: Vega, 1983.

_____. *Morfologia do Conto Maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 1984.

SÁ, Jorge de. *A Crônica*. São Paulo: Ática, 1992.

SILVERMAN, Malcolm. *A Moderna Sátira Brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo*: apresentação dos principais poemas, manifestos prefácios e conferências vanguardistas de 1857 até hoje. 10ª. Ed. Rio de Janeiro : Record, 1987 .

VÁRIOS. *Formalistas Russos*. Porto Alegre: Globo, 1978.

Mitos e Mitologias

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. Volumes 1 e 2.

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

ELIADE, Mircea . *Tratado de história das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. *Mefistófeles e o andrógino: o mistério da totalidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KERÉNYI, Karl. *O Deuses Gregos*. 10ª. ed. São Paulo: Cultrix, 1998.

MALHADAS, Daisi & CARVALHO, Sílvia M.S. *O Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos*. Araraquara: UNESP - Universidade Estadual Paulista - “Júlio de Mesquita Filho” - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1978.

MEUNIER, Mário. *Nova Mitologia Clássica: a legenda dourada*. 6ª. Ed. São Paulo: Ibrasa, 1991.

Sobre o Humor e sobre o Riso

ALBERTI, Verena. *O Riso e o Risível na História do Pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor e FGV, 1999.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Trad. de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1987.

BAUDELAIRE, Charles. *Escritos sobre Arte*. São Paulo: Imaginário: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

BECKER, Idel. Introdução. In: *Humor e humorismo (poesia e versos) e Paródias (de poemas famosos)*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

BERGSON, H. *O Riso: ensaio sobre a significação do cômico*. 2ª.ed. Rio: Guanabara, 1987. 105 p.

_____. *O Riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BREMMER, Jan & ROODENBERG, Herman. (org.). *Uma História Cultural do Humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CAMILO, Vagner. *Risos entre Pares*. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1997. (Ensaio de Cultura, 13)

- ECO**, Umberto [et. al.] .*Carnaval* . Fondo de Cultura Econômica: México, 1984.
- FERREIRA**, Jerusa Pires. A Princesa que não ria. In: *Moara*. Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da **UFPA**. Belém. nº 5 - Abr./Set.1996.
- FONSECA**, Cristina. *Juó Bananére: o abuso em Blague*. São Paulo: Editora 34, 2001.
- FREITAS**, Maria Eurides Pitombeira de. *O Grotesco na criação de Machado de Assis e de Gregório de Matos*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.
- FREUD**, Sigmund. *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente*. Trad. Dr.C. Magalhães de Freitas. Rio: Delta, s.d.
- _____. Os Chistes e sua Relação com o Inconsciente. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio: Imago, 1996. Vol. 7.
- JOLLES**, André. *Formas Simples*. São Paulo: Cutrix, 1976.
- JOUBERT**, Laurence. *Tratado de la Risa*. Traducción de Julián Mateo Ballorca. Madrid: Asociación Española de Neuropsiquiatría, 2002
- KAYSER**, Wolfgang. *O Grotesco: configuração na pintura e na literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- MACEDO**, José Rivair. *Riso, Cultura e Sociedade na Idade Média*. Porto Alegre/São Paulo: UFRGS/ED.UNESP, 2000.
- MARTINS**, Aracéli. *Entendendo o Humor*. São Paulo: Paulus, 1994.
- MENNUCCI**, Sud. *Húmor*. 2ª. Ed. Remanejada. São Paulo: Piratininga: 1934.
- PEIXOTO**, Afrânio. *Humour: ensaio de brevíário nacional do humorismo*. Rio: W.M. Jackson, 1947. p.9-41.
- PROPP**, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- _____. *Feste Agrarie Russe: una ricerca storico-etnografica*. 2ª. Ed. Inroduzione di Maria Solimini. Bari: Edizione Dedalo, 1993.
- _____. O riso ritual no folclore: a propósito do conto de Nesmejana. In: *Édipo à luz do Folclore : quatro estudos de etnografia histórico-cultural*. Lisboa: Vega, s.d. p.69-113.
- RUBINSTEIN**, Henri. *Psicosomática de la Risa*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.
- SAFOUAN**, Moustapha. As técnicas do "a posteriori": retórica e chiste. *Inconsciente e seu Escriba*. Campinas: Papyrus, 1987. Coleção Freud-Lacan. p. 85-109.
- SANT'ANNA**, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Cia*. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- SODRÉ**, Muniz & **PAIVA**, Raquel. *O Império do Grotesco*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

Educação

CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Traducción de Claude Mondesert. *Le Pedagogue*. Paris: Les

Editions du Cerf, 29 Bd, de Latour-Mauborg, Paris, 1991. Livre II. 10^a. Ed. Texte Grec. Sources Chretiennes. No 108.

_____. *Protreptico ai greci*. Introduzione, Traduzione a cura di Quintiliano Cataudella . Firenze: biblioteca dela Facoltà di Firenze, sd. Edição Eletrônica.

LARROSA, Jorge. [et. al.] *Dejame que te Cuente*: Ensayos sobre Narrativa y Educación. Ed.l Laertes: Barcelona, 1995.

_____. *Pedagogia Profana*: danças, piroetas e mascaradas. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 3^a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARRACH, Sônia Maria. *O Lúdico, o Riso e a Educação no Romance de François Rabelais*. Marília: Unesp - Faculdade de Filosofia e Ciências, 1998. Ensaio da FFC; 2.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. Brasília: Ministério da Educação, 1999. p. 75-76

RODARI, Gianni. *Gramática da Fantasia*. São Paulo: Summus, 1982.

Leitor e Leitura

JAUSS, Hans Robert [et al]. *A Literatura e o Leitor*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MANGUEL , Alberto. *Uma História da Leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1999.

_____. *Lendo Imagens*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

PAULINO, Graça. *Intertextualidade: teoria e prática*. Belo Horizonte: Lê, 1995. Coleção Letras.

SARTRE, Jean Paul. *As Palavras*. Rio: Nova Fronteira, 2000.

SCHOLES, Robert. *Protocolos de Leitura*. Lisboa: Edições 70, 1989. Coleção Signos.

Técnicas de Elaboração de Textos Científicos

GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em Prosa Moderna*. 14^aed. Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1988. Cultura Contemporânea, 4)

SALOMON, Délcio Vieira. *Como fazer uma monografia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Periódicos sobre o Humor e o Riso

BELOTO, Rosa Maria. A Ironia: uma figura semântico-pragmática. In: *Tema*. Revista da Faculdade Teresa Martin. São Paulo. n. 5. p. 38-43. 1988. jan/maio.

CALAZANS, Flávio. O Poder do Riso. *Leopoldianum* - vol. XVII - n° 49 - Abril - 1991.

COELHO, Haydeé R. A comicidade. *Ensaio de semiótica*. Faculdade de Letras da UFMG - Belo

Horizonte. n.10. -p.23- 33. Dez/1983.

DIAS, Ângela Maria Sátira: a sinfonia do contraste. *Tempo Brasileiro*. v. 61. p. 13- 32.1980.

DICK, Hilário. Função literária da ironia. *Estudos Leopoldenses*. Universidade Vale do Rio dos Sinos. n. 22. p. 241-261. 1972.

FIGUEIREDO, Arlete B. de Azevedo. Para uma Estilística do Humor. *Alfa*. FFCL de Marília - Dep. de Letras n. 13/14 - p. 279-314. 1968.

FOURASTIÉ, Jean. Reflexão sobre o riso. *Diógenes*. Brasília Universidade de Brasília (9 35-47). - Jul./dez. 1985.

FRIEIRO, Eduardo. A Moral da Ironia e do "Humour". *Revista Brasileira*. Rio: (28: 34-42) 1960.

GALEFFI, Romano. O Cômico em Bergson. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, out/nov/dez. 1958. v. 8 - Fasc. IV.

GIL, Célia Maria Carcagnolo. Humor: Alguns Mecanismos Lingüísticos. *Alfa*, São Paulo, 39: 111-119, 1995.

_____. O HUMOR E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA . *GEL - GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*. - EST. SÃO PAULO . 1994. XXII - ANAIS DE SEMINÁRIOS DO GEL - VOL. 2 - RIBEIRÃO PRETO - SP.

GOES, Paulo de. O Humor : uma tentativa de análise da contribuição freudiana.v. 11 n.1 set./85 *Revista de Estudos Universitários*. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba .

GOMES, Plínio Freire. Notas sobre a mediação entre o erudito e o popular. *Revista de História*, São Paulo, nº125-126, p.65-80, ago-dez/91 a jan-jul/92.

GUERREIRO, Mário A. L. Da Mentira como Atos de Fala. *Leopoldianum: Revista de Estudos e Comunicações*. Santos,v. 16 - n. 45 - p.45-115. abr./ 1989.

LINHARES FILHO. Ironia, Humor e Latência nas Memórias Póstumas. *Revista de Letras*, Fortaleza, 14 (1/2) - Jan/Dez 1989.

MASSONI, Maria Izabel de O. O Riso Diferente. In: *Tema*. 1995.

NETO, Darcy Gomes. A Comédia Aristofânica: do Grotesco ao Riso Carnavalizado. *Polifonia - Revista de Letras* de Cuiabá. UFMT. Vol. 1 - 1993.

PÉRCIA, Vicente. Aspectos do Humor Brasileiro. *Crítica de Arte*. n. 3. Rio - 1979 p.39-42.

POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua*. Campinas: Unicamp-IEL,1994. 82 p. (Apostilas do Curso de Pós- Graduação - textos fotocopiados - este material, na época ainda não fora publicado em livro).

RANGÉ, Bernard & Jablonski , Bernardo. O Humor é só Riso? Algumas considerações sobre os estudos em humor. *Arquivo Brasileiro de Psicologia*. Rio: 36 (3):133-140 - jul/set - 1984.

TRAVAGLIA. Luís Carlos. Uma introdução ao estudo do humor pela linguística. *Delta*. 1 (55-82). v.6 1990.

_____. Recursos linguísticos e discursivos do humor e classe social na televisão brasileira. *Estudos*

Linguísticos XVIII. *Anais de Seminários do Gel*. Lorena, 1989. p. 670-677.

REVISTA DE CULTURA VOZES. Petrópolis (3): volume 64 - abril 1970. Ano 64. (edição com textos sobre o humor).

Cultura e Sociedade

AUZIAS, Jean-Marie. *A Antropologia Contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1978.

BACHELARD, Gaston. *A Terra e os Devaneios do Repouso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *A Chama de uma Vela*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *O Direito de Sonhar*. São Paulo: Difel, 1985.

BAUMAN, Zygmunt. Medo e Riso. In: *Em Busca da Política*. Rio: Jorge Zahar Editor, 2000.

BLANCHOT, Maurice. *La Risa de los Dioses*. Madrid: Taurus, 1971.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Histórias dos Nossos Gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil*. São Paulo : Melhoramentos, 1976.

_____. Luís da Câmara. *Locuções Tradicionais no Brasil*. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977. 236p.

CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e Outras F(r)estas*. Campinas: Editora da Unicamp, Cecult, 2002.

DARTON, Robert. *O Grande Massacre dos Gatos*. 2ª ed. Tradução de Sônia Coutinho. São Paulo: Graal, s.d. p. 20-101.

DARWIN, Charles. *A Expressão das Emoções no Homem e nos Animais*. Prefácio de Konrad Lorenz. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Introdução e capítulos 8, 9, 10, 11, 12, 13.

DURAND, Gilbert. *Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ELIADE, Mircea . *Mefistófeles e o Andrógino*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

FERREIRA, Jerusa Pires. Cultura é Memória. In: *Revista USP*, São Paulo(24): 114-120, dezembro/fevereiro 1994/95

GAY, Peter. *A experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud: o cultivo do ódio*. São Paulo: Cia das Letras, 1995. Volume 3.

MELETINSKI, E.M. *Arquétipos Literários*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1998.

NOVAES, Adauto (Org.). *O Olhar*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

NUNES, Benedito. *Introdução à Filosofia da Arte*. São Paulo: Desa, 1966. Coleção Buriti.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de História de Cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979. 1º. Volume: Cultura Grega, 2º. Volume: Cultura Romana.

- PLATÃO.** Livro X. In: *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Círculo do Livro/Nova Cultural, 1997.
- RICOEUR,** Paul. *Interpretação e Ideologias*. 4^a. Ed. Rio: Francisco Alves, 1990.
- SACKS.** Oliver. *Um Antropólogo em Marte*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SILVA,** Luzia Batista Oliveira. *Psicanálise, Poética e Epistemologia: a contribuição de Gaston Bachelard*. Londrina: UEL, 1999.
- THOMPSON,** E.P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.
- VERNANT,** Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. 6^a. Ed. Rio: Bertrand Brasil, 1989.
- ZIMMER,** Heinrich. O Rei e o Cadáver. In: *A Conquista Psicológica do Mal*. São Paulo: Palas Athena, 1988.

Literatura Erótica

- ANÔNIMO DO SÉCULO XVIII.** *Teresa Filósofa*. Tradução de Carlota Gomes. Prefácio de Renato Janine Ribeiro. Porto Alegre: L& PM, 1997.
- ARTAUD,** Antonin . *Heliogabalo ou O Anarquista Coroado*. Tradução de Mário Cesariny. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.
- CATULO.** *A Los Dioses Del Amor - A Los Demonios de La Lujuria*. Madrid, 1994. Edición Limitada Y Numerada. Libros de Autor. Colección La biblioteca de Cristal.
- CORREIA,** Natália (Org.). *Antologia de Poesia Portuguesa Erótica e Satírica*. Seleção, prefácio e notas de Natália Correia. Portugal: Vale Formoso, 1965.
- CUATRECASAS,** Alfonso. *Erotismo no Império Romano*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1997
- DONNE,** John. *Poemas Eróticos*. Lisboa: Assírio Alvim, 1998.
- FONTES,** Joaquim Brasil. *Variações sobre a Lírica de Safo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1992.
- GAMA,** Luiz. *Primeiras Trovas Burlescas*. Edição Preparada por Lígia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GARCIA,** José Martins (Org.). *Poesia Portuguesa Erótica e Satírica Século XVIII-XIX*. Lisboa: Edições Afrodite, 1975 .
- GUIMARÃES,** Bernardo. *Poesia Erótica e Satírica*. Organização e Introdução: Duda Machado. Rio de Janeiro: Imago, 1992 .
- GULLAR,** Ferreira. *Poema Sujo*. São Paulo: Círculo do Livro, s. d.
- LAUTRÉAMONT,** Conde de. Os cantos de Maldoror. In: *Obra Completa*. Tradução Cláudio Willer. São Paulo: Iluminuras, 1997.
- MIRABEAU.** *Obras Eróticas*. São Paulo: Brasiliense, 1987 .

OVÍDIO. *Poemas da Carne e do Exílio.* Seleção, tradução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Cia das Letras, 1997 .

PAES, José Paulo. *Poesia Erótica em tradução.* São Paulo: Cia das Letras, 1990 .

PARTRIDGE, Burgo. *História das Orgias: dos gregos ao século XX.* São Paulo: Ibrasa, 1961.

ROBERT, Raymonde (Org.). *Contos Paródicos e Licenciosos do Século XVIII.* Trad. Luís Cláudio Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

SADE, Marquês de. *Obras Escogidas.* Buenos Aires: Corregidor, 1999.

_____. *Os crimes do Amor.* Porto Alegre: L&PM, 2001.

_____. *Os Cento e Vinte Dias de Sodoma.* Tradução de Manuel João Gomes. Lisboa: Antígona, 2000.

_____. *A Filosofia na Alcova.* São Paulo : Círculo do Livro, s.d.

_____. *Eugénie de Franval.* Lisboa: Cotovia, 1992.

SAVARY, Olga. *Carne Viva: 1ª. Antologia Brasileira de Poemas Eróticos.* Rio de Janeiro: Anima, 1984.

Sobre Literatura Erótica

ALEXANDRIAN. *História da Literatura Erótica.* Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1991 .

BREMMER, Jan (Org.). *De Safo a Sade: momentos na História da Sexualidade.* Campinas: Papirus, 1995.

FERREIRA, Jerusa Pires & **MILANESI,** Luis. *O Obsceno: Jornadas Impertinentes.* São Paulo: Hucitec - Intercon, 1983.

NOVAES, Adauto (Org.). *Libertinos Libertários.* São Paulo: Cia das Letras, 1996.

_____. *Os Sentidos da Paixão.* São Paulo: Cia das Letras, 1987.

Contos Populares

APELL, Alfredo. *Contos Populares Russos: tradições do povo português e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro.* Portugal-Brasil. Lisboa: Sociedade Editora - Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana-Livraria Francisco Alves: 1920. Contos traduzidos do original.

ANDERSEN, Hans Christian (1805-1875). *Contos de Andersen.* Tradução do dinamarquês por Guttorm Hansen. Revisão estilística de Herberto Sales. Ilustrações originais de Vilh. Pedersen e Lorenz Frolich. Rio de Janeiro: Saga, 1966.

AFANASJEV, Nikolaevic Aleksandr - (raccolta). *Antiche Fiabe Russe.* Torino: Einaud, 1955.

_____. *Fiabe Popolari Russe.* Cura e traduzione di Luisa de Nardis. Edizione Integrale. Roma: Newton, 1994. Grandi Tascabili Economici.

- ALMEIDA**, Aluísio de. *142 Histórias Brasileiras*. In: Separata da Revista do Arquivo. Nº. CXLIV - Departamento de Cultura - São Paulo - 1951.
- ANTOLOGIA DO CONTO HÚNGARO**. Seleção, tradução e notas de Paulo Ronái; revisão de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; prefácio de João Guimarães Rosa. 4^a.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. 354 p.
- BRAGA**, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*. 4^a.ed.Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- CASCUDO**, Luís da Câmara: *Contos tradicionais do Brasil*. Rio: Ediouro, 1998.
- CHATELAIN**, Héli. *Contos Populares de Angola*. Cinquenta contos em quimbumbo coligidos e anotados por Héli Chatelain. Lisboa : Agencia Geral do Ultramar, 1964.
- CONTOS DE FADAS INDIANOS**. Seleção de Joseph Jacobs.Tradução de Vilma Maria da Silva. São Paulo: Landy, 2001.
- CONTOS DE FADAS RUSSOS**. Organização de Aleksandr Afanas'ev. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Landy, 2002.
- CONTOS DO PAÍS DAS FADAS**. Organizado por Gondim da Fonseca. Ilustrações de Henrique Cavalleiro. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1958.
- CONTOS POPULARES RUSSOS**. Seleção e Organização José Viale Moutinho. São Paulo: Landy, 2000.
- ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL DA FÁBULA**: fábulas, mitos, lendas e contos populares. Textos coordenados por A. Della Nina. São Paulo: Editora das Américas, 1959. 32 Volumes.
- ESPINOSA**, Aurelio Macedônio. *Cuentos Populares Espanoles*. Recogido de la tradicion oral de Espana y publicados con una introducción y notas comparativas. Stanford University: California, 1926. 3 volumes.
- GOMES**, Lindolfo. *Contos Populares Brasileiros*. 3^a. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.
- GRIMM**, Jacob & **GRIMM**, Wilhelm. *A Bela Adormecida e Outras Histórias*. Tradução de Zaida Maldonado. Porto Alegre : LP&M, 2001.
- LIMA**, Francisco Assis de Sousa. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- OS CONTOS DE GRIMM**. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Edições Paulinas.s.d.
- PEQUENAS FÁBULAS MEDIEVAIS - Fabliaux dos Séculos XIII e XIV**. Estabelecimento do texto, versão para o francês moderno e seleção de Nora Scott. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SERRA**, João Pavão. *Filhos da Estrada e do Vento*: contos e fotografias de ciganos portugueses. Lisboa : Assírio & Alvim, 1986.
- TAHAN**, Malba. *Lendas do Povo de Deus*. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

Filme:

A Guerra do Fogo - Quest for fire - Direção: Jean Jacques Annaud. 1981. 100´

PÁGINAS DA INTERNET CONSULTADAS

www.newadvent.com <<http://www.newadvent.com/>>

www.medievalsoucers.org.com <<http://www.medievalsoucers.org.com/>>

www.stanforduniversity.org.com <<http://www.stanforduniversity.org.com/>>

www.geocities.com/patrologia <<http://www.geocities.com/patrologia>>

[www.caracol.imaginario.com/folclore](http://caracol.imaginario.com/folclore) <<http://caracol.imaginario.com/folclore/index.html>>

Centro cultural Matalana - Moçambique

VIII – ANTOLOGIA¹⁰⁴

Os textos justapostos aqui não sintetizam nem ilustram esta dissertação de mestrado. Acredito que eles mais apontam a complexidade da pesquisa no que se refere ao interesse pelo folclore, pela mitologia e enfim, pela cultura. São eles Memória de uma Cultura e de Culturas que atravessam nosso cotidiano e nossa imaginação. Apresentam-se distantes de uma lógica imposta ou inerte. São frutos de tradições e dinâmicas renovações que se pluralizam em imagens encantadoras e perturbadoras. Talvez tal perturbação seja o ponto crucial da dificuldade que se apresenta neste trabalho. Não há uma única pergunta e nem tampouco a aproximação de uma resposta. Nada foi resolvido ou esclarecido. Não apresenta solução ou receita. A nada se presta. Elogia e privilegia apenas o corpo e as literaturas que são invocadas pelos artistas anônimos e alguns poucos consagrados. Resgata e incomoda, seduz e desorienta. Dissipa e impregna-se. Adere e desprende-se. É matéria e material do humano.

1. O HINO A DEMÉTER E OS MISTÉRIOS ELEUSINOS¹⁰⁵

A Deméter de belos cabelos, augusta deusa, começo a cantar, a ela e a sua filha de pés finos, que Aidoneu raptou. Consentiu-o Zeus de voz forte e retumbante, quando, longe de Deméter de gládio de ouro e de belos frutos, ela **brincava**¹⁰⁶ com as jovens Oceânides de peitos amplos, e **colhia flores**, rosas, crocos e belas violetas, num prado macio, e íris, jacinto, e também o **narciso**, que por dolo, Gaia, segundo a vontade de Zeus, para agradar o deus que acolhe multidões, fez brotar, surpreendentemente brilhante, para a jovem de tez fresca como **um botão de rosa**; naquele momento, ele foi objeto de espanto para todos que o viram, deuses imortais e homens mortais; de sua raiz nasceu uma cabeça de cem pétalas, e, com o perfume desse **bolbo**, todo o vasto céu, o alto sorriu, e toda a vasta terra e a salgada e bojuda onda do mar. Então, **a jovem, atônita, estendeu ao mesmo tempo os dois braços para colher esse belo brinco**; mas **terra de largos caminhos se abriu na planície nísia e dela saiu impetuoso, com seus cavalos imortais**, o senhor que recebe uma multidão, o filho poliônimo de Cronos. Raptou-a e sem que ela quisesse, em seus carros dourados, conduziu-a em prantos, então ela lançou gritos agudos chamando o Pai Cronida, o deus supremo e poderoso. Nenhum dos imortais nem dos homens mortais ouviu-lhe a voz, nem as oliveiras de belos frutos; somente a jovem e prudente filha de Perseu, Hécate, de mantilha brilhante, ouviu-a de seu antro, e também o senhor Hélio, filho radioso de Hiperião, quando a moça chamava o Pai Cronida; este, porém, estava sentado longe, afastado dos deuses, em um templo muito freqüentado por suplicantes, recebendo belas oferendas dos homens mortais. Sem que ela quisesse, o irmão de seu pai, o senhor de muitos seres, aquele que recebe uma multidão, o filho poliônimo de Cronos, por sugestão de Zeus, conduziu-a em seus cavalos imortais. Enquanto contemplava a terra e o céu, o mar piscoso e violento e os raios de sol, a deusa esperava ainda rever sua querida mãe e a raça dos deuses que vivem sempre, a esperança lhe encantava o grande coração apesar de estar aflita (...) os cimos dos montes e as profundezas do mar

¹⁰⁴ Nesse item estarão reunidos alguns contos, verbetes, textos e o *Hino a Deméter*.

¹⁰⁵ MALHADAS, Daisi & CARVALHO, Sílvia M.S. *O Hino a Deméter e os Mistérios Eleusinos*. Araraquara: UNESP - Universidade Estadual Paulista - “Júlio de Mesquita Filho” - Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, 1978.

¹⁰⁶ Os grifos são meus.

ressoaram à voz imortal e ouviu-a sua venerável mãe. **Uma dor penetrante tomou-lhe o coração; de sua cabeleira divina arrancou a mantilha com as próprias mãos, jogou um escuro véu sobre os ombros e precipitou-se, como um pássaro, por terra e por mar à sua procura.** Ninguém queria contar-lhe a verdade; nem deus, nem homem mortal, nem ave alguma veio como mensageiro verídico. Em seguida, durante nove dias, a venerável Deo ia e vinha pela terra com tochas acesas nas mãos; nem de ambrosia, nem de néctar, doce bebida, se servia em sua aflição, nem seu corpo mergulhava em banhos. Mas quando, pela décima vez, chegou a brilhante Aurora, Hécate, com um archote nas mãos, encontrou-a e, então, para informá-la, tomou a palavra e disse:

"Venerável Deméter, que **trazes as estações e dás seus esplêndidos presentes**, que deus dos céus ou que homem mortal raptou Perséfone e te aflige o coração? Eu ouvi um grito, mas não vi com meus olhos quem o lançava; com estas breves palavras conto-te toda a verdade" .

Assim falou Hécate. A filha de Rea, de belos cabelos nada respondeu a suas palavras, mas logo, com ela, avançou impetuosa com tochas acesas nas mãos. Foram até Hélio, que do alto observa os deuses e os homens; colocaram-se diante de seus cavalos e a divina entre as deusas, disse-lhe: "Hélio, respeita, ao menos tu, a deusa que sou, se um dia, com palavras e ações teu coração e espírito alegrei; da filha que gerei, doce rebento, famosa pela beleza, ouvi a voz lancinante através do éter estéril, como se houvesse sido coagida, mas nada vi com meus olhos. Mas tu que toda a terra e todo o mar, desde o divino éter, olhas com teus raios luminosos, com sinceridade, conte-me se em algum lugar viste, quem, deus ou homem mortal, partiu, tendo para longe de mim arrebatado a minha filha, sem que ela quisesse e com violência".

Assim falou. E o filho de Hiperião lhe respondeu:

"Filha de Rea de belos cabelos, soberana Deméter, tu o saberás, sinto muito respeito e piedade por ti, que sofres por causa de tua filha de pés finos. Nenhum dos imortais é responsável, a não ser Zeus, acumulador de nuvens, que a deu a Hades, seu próprio irmão, para que ela fosse chamada sua esposa forescente; ele a raptou e em seus cavalos a conduziu às brumosas regiões inferiores, apesar de seus fortes gritos. Vamos deusa, faz cessar tua grande lamentação; **não debes assim em vão guardar uma cólera insaciável**; não é um genro, indigno de ti, entre os imortais, o senhor de muitos seres, Aidoneu. Teu próprio irmão e nascido do mesmo sangue; ele obteve sua parte de honra quando, no princípio, foi feita a partilha em três e habita com aqueles de quem, na divisão por sorte, tornou-se rei."

Tendo falado assim, apressou os cavalos, que, a seu grito, conduziam rapidamente o carro veloz, como aves de longas asas; **uma dor cruel e mais terrível atingiu o coração da deusa.** Em seguida, irritada contra a Cronida de nuvens negras, afastou-se da assembléia dos deuses e do vasto Olimpo, e **caminhava pelas cidades dos homens e seus férteis alqueives, dissimulando sua beleza por muito tempo, nenhum homem que a viu a reconheceu,** nem nenhuma mulher de vestes bem acinturadas, até que ela chegou à casa do prudente Celeu, que no momento era rei da fragrante Elêusis. Sentou-se perto do caminho, o coração triste, junto ao poço Partênio, de onde os cidadãos tiram água, à sombra, pois acima dela crescia uma frondosa oliveira; assim ela parecia um velha bem idosa, que foi privada de dar à luz e dos dons de Afrodite que ama as coroas, como são as nutrizes dos filhos dos reis justiceiros e as intendentess no fundo de suas casas sonoras.

Viram-na as filhas de Celeu de Elêusis quando foram buscar água fácil de tirar, para levá-la em vasos de bronze à casa de seu pai - eram quatro, como deusas, e estavam na flor da idade: Calidice, Clisidice, encantadora Demo e Calítoe que era a primogênita mas não a conheceram, é difícil para os mortais ver os deuses; aproximando-se, disseram-lhe estas **palavras aladas**:

"De onde vens e quem és velha senhora entre os homens nascidos outrora? Por que ficas longe da cidade e não te aproximas das casas? Lá se encontram mulheres de idade como tu, em salas bem sombreadas, e outras mais jovens, que podem te estimar e expressá-lo por palavras e ações " .

Assim falaram, e a deusa venerável entre as deusas respondeu-lhes:

"Queridas filhas. quem quer que sejais entre as mulheres, salve, eu vos responderei, não há inconveniente em responder com a verdade a vossas perguntas. Dos é meu nome, que minha venerável mãe me deu. Cheguei há pouco, de Creta, através da vasta superfície do mar; não por minha vontade; por violência e por constrangimento, sem que eu quisesse, piratas me conduziram. Em seguida, eles, com seu rápido navio ancoraram em Tórico; lá mulheres do continente subiram numerosas, e eles já

havam preparado um festim na popa do navio; mas meu coração não desejava alimento doce como o mel; às escondidas, precipitei-me através do continente sombrio, fugindo e esses senhores soberbos, para que não tirassem proveito de meu preço, vendendo-me sem me terem comprado. Assim, errante, até aqui cheguei; não sei que terra é esta nem quem a habita. Mas, para vós que todos os que habitam as moradas do Olimpo concedam jovens maridos e a felicidade de dar à luz filhos como desejam os pais; agora, com boa vontade, filhas, tende piedade de mim. Minhas filhas; à casa de quem irei, de que casal, para com boa vontade, prestar-lhe um serviço? Que trabalho apropriado para uma mulher que não é mais jovem pode ser realizado? Eu poderia envolver com meus braços uma criança recém-nascida e ser uma boa nutriz poderia vigiar a casa e estender, no fundo dos aposentos bem construídos, o leito do senhor, e também exercitar as mulheres no trabalho".

Assim falava a deusa. Logo lhe respondeu Calidice, virgem não submetida ao jugo, a mais bela das filhas de Celeu:

"Mãe, **o que os deuses enviam, apesar de nossa dor, é forçoso que nós homens soframos, pois eles são bem mais fortes.** Mas com clareza vou assinalar e nomear os homens que aqui têm o poder e a honra, dirigem nosso povo e defendem os muros da cidade com seus desígnios e suas decisões justas. Do prudente Triptólemo, de Diocles, de Polixeno e do irrepreensível Eumolpo, de Dolico e de nosso valente pai, as esposas cuidam das casas; nenhuma delas, desde o primeiro olhar, poderia menosprezar teu ar nobre e te afastar de suas casas, mas todas te receberão, pois, de fato, pareces uma divindade. Se queres, aguardar que à casa de nosso pai vamos e à nossa mãe Metanira de vestes - bem acinturadas contemos tudo do começo ao fim e vejamos se ela pede para ir à nossa morada e não procurar outras casas. Ela cria, no palácio bem construído, uma criança mimada, um filho tardio, durante muito tempo desejado e acolhido com alegria, se tu o criasses até que ele atingisse a puberdade, facilmente uma mulher, vendo-te, ficaria com inveja: tantos presentes ela te daria por criá-lo"

Assim ela falou. A deusa aquiesceu com um sinal de cabeça; tendo enchido com água os vasos brilhantes, elas os carregavam com orgulho. Rapidamente chegaram à grande casa do pai, e logo contaram à mãe o que viram e ouviram. Ela pediu-lhes para que, bem depressa, fossem contratá-la por um alto salário.

Como as corças ou as novilhas na estação da primavera saltam num prado, fartas de alimento, assim, segurando as pregas de suas graciosas vestes, se precipitaram pelas ruas baixas, e em torno dos ombros saltavam seus cabelos, semelhantes à **flor do açafraão**. Encontraram a gloriosa deusa perto do caminho, onde antes a haviam deixado; enquanto à casa de seu pai a conduziam, ela ia atrás, o coração amargurado, coberta da cabeça aos pés; o peplo escuro se enrolava nas pernas ágeis da deusa. Logo chegaram à casa de Celeu, dileto de Zeus, e atravessaram o pórtico; lá, sua venerável mãe estava sentada perto de um pilar do vigamento solidamente fabricado. Com a criança, jovem rebento, ao colo; as moças correram para junto da mãe, e, quando a deusa chegou ao limiar e tocou o teto com a cabeça, encheu a entrada da luz divina. Veneração, respeito e um pálido temor se apoderaram da mãe; cedeu-lhe a cadeira e pediu-lhe que se sentasse. Mas **Deméter**, que traz as estações e dá seus esplêndidos presentes, não quis sentar-se na brilhante cadeira **ficava em silêncio com seu belo olhar fixando o chão, até que a fiel Iambé arrumou-lhe um assento maciço**, que cobriu com velocino branco. Nele sentou-se e com as mãos trouxe para o rosto o véu; *durante muito tempo, muda, triste, ficou sentada na banquetta, a ninguém se dirigiu nem com uma palavra nem com um gesto, mas sem sorrir, sem tomar alimento ou bebida, permaneceu envolvida pela saudade da filha de vestes acinturadas, até que a fiel Iambé com motes e com muitos gracejos, levou a augusta e pura deusa a sorrir e mesmo a rir e a ficar com humor favorável. Foi Iambé, então, que mais tarde, por seu temperamento, também causou prazer à deusa.* Em seguida, Metanira encheu uma taça com vinho doce como o mel e ofereceu-lhe, mas ela recusou, pois não lhe era permitido, disse, beber vinho tinto, e pediu que lhe dessem para beber uma mistura de farinha e água com poejo tenro. Metanira preparou a bebida, como ela pedira, e serviu-a à deusa; a muito venerável Deo aceitou-a, **por causa do rito (...)** entre elas começou a falar Metanira de bela cintura :

"Salve, ó mulher ! Penso, de fato, que não nasceste de pais comuns, mas de nobres; brilha em teus olhos dignidade e graça, como no olhar de reis justiceiros. **O que os deuses enviam, apesar de nossa dor, é forçoso que nós homens soframos, pois seu jugo se assenta sobre nossa nuca.** Mas

agora que vieste aqui, está a tua disposição tudo o que é meu: cria-me esta criança filho tardio e inesperado, muito implorado em minhas preces e que os imortais me deram. Se tu o criasses até que ele atingisse a puberdade, facilmente uma mulher, vendo-te, ficaria com inveja, tantos presentes eu te daria por criá-lo!"

Por sua vez, respondeu-lhe Deméter, a deusa que se cinge com bela coroa:

"Eu te saúdo também, mulher; que os deuses te concedam bens. De boa vontade me encarregarei da criança, como me pedes; eu a criarei; não creio que, por imprudência de nutriz, algum sortilégio ou bebida mágica a perturbará, pois conheço um remédio bem mais forte que os vermes, conheço um bom recurso contra os sortilégios maléficos".

Assim falou e recebeu a criança em seu colo perfumado, em seus braços imortais. O **coração da mãe se alegrou**. E assim, ela criava no palácio o belíssimo filho do prudente Celeu, Demofão, que Metanira de bela cintura deu à luz. Ele crescia igual a um deus, sem tomar alimento, nem ser amamentado; Deméter ungiu-o com ambrosia como se tivesse nascido de um deus, e docemente soprava-o segurando-o ao colo. À noite, ocultava-o no ardente fogo como uma tocha, às escondidas de seus pais; para estes era muito espantoso como ele crescia de um salto e era, pela aparência, semelhante aos deuses. Ela o teria feito agérato e imortal, se, por desatino, Metanira de bela cintura, durante a noite, espreitando-a, não a tivesse visto de seu quarto perfumado; ela lançou um grito e bateu em ambas as coxas, temerosa por seu filho, muito perturbada em seu coração e gemendo disse estas palavras aladas:

"Demofão, meu filho, a estrangeira te esconde num fogo alto e em mim provoca gemido e amarga dor".

Assim falou se lamentando. Ouviu-a a divina entre as deusas. Irritada com ela, Deméter, a deusa que se cinge de bela coroa, com suas mãos imortais, retirando do fogo o filho querido e inesperado, que no palácio Metanira deu à luz, colocou-o no chão longe de si, **com terrível ira no coração**. Ao mesmo tempo, disse a Metanira de bela cintura:

"Homens ignorantes e insensatos, nem o bem nem o mal, que o destino determina que vos aconteça, reconheceis. E tu, por desatino, cometeste a mais grave das faltas. Invoco o juramento dos deuses. Água terrível do Stix: eu teria feito seu filho imortal e agérato para sempre e lhe teria dado uma honra imperecível; mas agora não lhe é mais possível escapar às deusas da morte. Uma honra imperecível, no entanto, sempre lhe caberá porque em nosso joelho subiu e em nossos braços dormiu. **Quando, com as horas, tiveram completado a evolução os ciclos de seus anos, os filhos de Elêusis deverão sem cessar uns contra os outros, combates e horríveis lutas sempre.** Eu sou Deméter, a quem honram, e que **maior riqueza e alegria propicia aos imortais e aos mortais.** Vamos! Que um templo e sob ele um altar o povo todo me construa, ao pé da acrópole e de sua alta muralha, acima do nível do Calicoro, na colina proeminente e própria fundarei os mistérios, para que, em seguida, com pureza, cumprindo-se, torneis propício meu coração".

Assim tendo falado, a Deusa tomou uma alta estatura e aspecto nobre em lugar da velhice que repeliu, e, ao redor dela, a beleza pairava; uma fragrância agradável se espalhava de suas vestes perfumadas, ao longe brilhava uma luz do corpo imortal da deusa, seus loiros cabelos desciam pelas costas; encheu-se a sólida casa de esplendor como de um relâmpago. Ela atravessou o palácio. Os joelhos de Metanira logo se dobraram, e durante muito tempo permaneceu muda, nem o filho querido ela pensou em erguer do chão. As irmãs da criança ouviram seu grito lastimoso e saltaram de seus leitos de belas mantas; uma, em seguida, tomou em seus braços a criança e aconchegou-a em seu colo; outra reanimou o fogo, e uma outra precipitou-se com seus delicados pés para erguer a mãe, e afastá-la do quarto perfumado. Reunidas ao redor da criança banharam-na embora ela se debatesse; cercavam-na de carinho, mas seu coração não serenava, pois eram seres inferiores as nutrizes que a carregavam.

Elas, durante toda a noite, tremendo de medo, tentaram tornar propícia a gloriosa deusa. Logo que a aurora brilhou, contaram a verdade ao poderoso Celeu, como ordenara Deméter, a deusa que se cinge com bela coroa. Então ele convocou para a ágora seu numeroso povo e ordenou que construíssem, para Deméter de belos cabelos, um templo rico e um altar na colina proeminente. Eles, muito prontamente, obedeceram, ouviram sua fala e construíram como ordenara; o templo crescia segundo o desígnio divino. Depois que o terminaram e se desencubiram do pesado trabalho, foram cada um para sua casa. **A loira Deméter lá se assentando, longe de todos os deuses bem-**

aventurados. permanecia consumindo-se de saudade da filha de vestes bem acinturadas. **Deu aos homens que vivem sobre a terra fecunda um ano horrível e cruel; a terra não fazia o grão germinar; pois escondia-o Deméter, a deusa que se cinge com bela coroa.** Muitos arados curvos, em vão, os bois puxaram nas lavouras; muita cevada branca inutilmente caiu na terra. **Ela teria exterminado toda a raça dos homens mortais pela terrível fome, e, privado da homenagem gloriosa de oferendas e sacrifícios os que habitam as moradas do Olimpo, se Zeus não tivesse pensado e refletido em seu espírito.** Primeiramente enviou Íris de asas de ouro para chamar Deméter de belos cabelos, cuja beleza é cheia de graça. Assim determinou. Íris obedeceu a Zeus Cronida de nuvens negras e seu pés transpuseram a distância rapidamente. Chegou a cidadela de Elêusis perfumada e encontrou no templo Demeter de peplo negro; começando a falar disse-lhe estas palavras aladas :

“Deméter, Zeus Pai, cujo desígnio é eterno, chama-te para que vás ao encontro da raça dos deuses que vivem sempre. Vamos! que minha palavra, ordem de Zeus, não deixe de ser executada”.

Assim falou, suplicando, mas **o coração da deusa não se deixou persuadir.** Em seguida o Pai enviou todos os deuses bem-aventurados que vivem sempre; um após outro chegava para acalmá-la: ofereciam-lhe muitos e magníficos presentes e as honras que ela quisesse escolher entre os imortais; mas ninguém conseguiu persuadir o coração nem o espírito da deusa irritada, em seu íntimo, que com dureza repelia suas proposições. **Ela dizia que no Olimpo perfumado não caminharia, nem faria a terra produzir fruto, antes que visse com seus olhos sua filha de belo rosto.**

Depois que Zeus de voz forte e retumbante ouviu isso, enviou Argifonte de cajado de ouro ao Érebo, a fim de que, esclarecendo Hades com doces palavras, a pura Perséfone das trevas brumosas conduzisse para a luz, para a companhia dos deuses, e a fim de que sua mãe, vendo-a com seus olhos, fizesse cessar sua cólera. Hermes não desobedeceu. Logo depois de deixar a morada do Olimpo, penetrou rapidamente na região inferior da terra.

Encontrou o senhor no interior da casa, descansando em seu leito com a esposa respeitada, que muitas vezes se revoltava de saudade da mãe; ela, em vista das ações intoleráveis do deus bem-aventurado meditava terríveis projetos. O forte argifonte, aproximando -se, disse:

"Hades de cabelos escuros, senhor dos mortos. Zeus pai ordenou que eu conduza comigo a nobre Perséfone do Érebo, para que sua mãe, vendo-a com seus olhos, faça cessar sua cólera e sua terrível ira contra os imortais; **ela medita a grave ação de aniquilar a fraca raça dos homens que nascem na terra, escondendo a semente no chão, diminuindo as honras dos imortais; ela sente uma terrível cólera;** com os deuses não se mistura, mas fica longe, no interior do templo perfumado, na cidadela rochosa de Elêusis.”

Assim falou. O senhor dos mortos, Aidoneu, **sorriu malicioso** e não desobedeceu à ordem de Zeus Rei. Imediatamente pediu à prudente Perséfone:

"Vai, Perséfone, para junto de tua mãe de peplo negro, no peito conservando benevolentes teu espírito e teu coração, e não te atemorizes excessivamente em vão. Entre os imortais não serei um esposo indigno de ti. Sou irmão de Zeus Pai. **Aqui, quando estiveres, reinarás sobre todos os que vivem e se movem e terás as maiores honras entre os imortais.** Entre os que te houverem, injuriado, receberão punição para sempre os que não tornarem favorável meu espírito com sacrifícios, oferecendo-os com pureza, fazendo-te as oferendas apropriadas ”.

Assim falou, alegrou-se a prudente Perséfone e com rapidez e vivacidade saltou de regozijo; mas ele **deu-lhe para comer, de uma romã, um grão doce como mel, às ocultas,** depois de olhar ao seu redor, para que ela não permanecesse para sempre junto à venerável mãe Deméter de peplo negro. Aidoneu, senhor de muitos seres, atrelou os cavalos imortais a seu carro de ouro.

Ela subiu ao carro. A seu lado, o forte Argifonte tomou as rédeas e o chicote com suas mãos atravessou o palácio; os cavalos voavam sem que os fustigassem. Rapidamente atravessaram o longo caminho; nem o mar, nem as águas dos rios, nem os vales cobertos de ervas detinham o ímpeto dos cavalos imortais, nem os picos das montanhas, mas sobre eles seguiam cortando as espessas nuvens.

Conduzindo o carro, Hermes parou onde estava Deméter, a deusa - que se cinge com bela coroa, diante do templo perfumado. Ao vê-los ela se precipitou como uma mênade através da floresta de uma montanha umbrosa (...) e comigo e com teu pai, o Cronida de nuvens gregas habitarias, **"honrada por todos os imortais. Se vais voltar voando para a região inferior da terra, lá**

habitarás um terço do tempo por ano, e dois terços comigo e com os outros imortais. Quando, com todas as flores - perfumadas da primavera a terra se cobrir, então voltarás das trevas brumosas para grande admiração dos deuses e dos homens mortais. E com que artifício te enganou o poderoso senhor que recebe uma multidão?

Então a bela Perséfone encarou-a e respondeu-lhe :

"Pois bem, mãe, eu te direi toda a verdade. Quando o benfazejo Hermes, rápido mensageiro, em nome do pai Cronida e dos outros filhos de Urano foi me buscar no Érebo, para que tu me visses com teus olhos e fizesses cessar contra os imortais tua cólera e tua terrível ira, eu com vivacidade, saltei de regozijo; mas ele, às ocultas, impingiu-me um alimento doce como o mel, um grão de romã, e, sem que eu quisesse, à força, obrigou-me a comer. Como ele me raptou, segundo o desígnio profundo do Cronida, meu pai, e partiu levando-me para a região inferior da terra, tudo direi e te contarei como pedes. **Num prado, muito aprazível, nós todas, Leucipa, Faino. Electra, Ianta, Méлита, Iaca, Ródia, Caliroa, Malóbois, Tica, Ociroa de tez fresca como um botão de rosa, Criséie, Ianira, Acasta, Admeta, Ródopa, Pluto, a sedutora Calipso, Stix, Urânia, a graciosa Galaxaura, Palas que incita ao combate e a arqueira Ártemis, brincávamos e com as mãos colhíamos flores encantadoras, numa mistura de tenro croco, íris, jacinto, botões de rosas, lis admirável de ver, narciso que a vasta terra fez brotar como açafão.** Eu, com alegria o colhi e a terra sob ele se abriu, e dela surgiu o poderoso senhor que recebe uma multidão. Partiu levando-me sob a terra em seus carros de ouro, apesar de minha grande resistência; e eu lancei gritos agudos. Conto-lhe toda a verdade apesar de minha dor".

Assim, o dia inteiro, intimamente unidas com muitas e mútuas manifestações de carinho, alegram o coração e o espírito; e corações cessaram de sofrer; davam-se testemunhos recíprocos de alegria, delas aproximou-se Hécate de mantilha brilhante, e envolveu com muita afeição a filha da pura Deméter; desde então Hécate precede e segue Perséfone. Zeus de voz forte o retumbante enviou-lhe como mensageira Rea de belos cabelos para que reconduzisse Deméter de peplo negro à casa dos deuses; prometeu dar-lhe as honras que ela escolhesse entre os deus dos imortais e **consentiu que a filha, do ciclo de um ano, vivesse um terço nas trevas brumosas e dois terços com sua mãe e com os outros imortais.**

Assim falou e a deusa não desobedeceu à mensagem de Zeus. Rapidamente lançou-se dos cimos do Olimpo e chegou à planície de Raros, **núcleo de terra outrora fecunda que então não era fecundo, mas permanecia ocioso, desprovido de vegetação, pois a terra escondia a cevada branca, por desígnio de Deméter de belos pés; mas, logo em seguida, quando a primavera se desenvolvesse, ela ia ostentar uma longa cabeleira de compridas espigas de trigo; e depois em seu colo, sulcos férteis ficariam carregados de espigas que seriam atadas em feixes.** Lá desceu a deusa primeiramente do éter estéril. Com **alegria viram-se e regozijaram-se de coração** . Então, Rea de mantilha brilhante disse a Deméter:

“Vem, minha filha, Zeus de voz forte e retumbante, chama-te para, que voltes à raça dos deuses; prometeu dar-te as honras que quiseses entre os deuses imortais, consentiu que tua filha, do ciclo de um ano viva um terço nas trevas brumosas, e dois terços contigo e com os outros imortais, Disse que será assim e confirmou-o com, um sinal de cabeça . Vamos, minha filha, obedece, **não continues demais irritada contra o Cronida de nuvens negras e imediatamente faz crescer para os homens o fruto que dá vida**”.

Assim falou Deméter, a deusa que se cinge com bela coroa, não desobedeceu, mas **imediatamente fez crescer o fruto dos sulcos fecundos. Toda a vasta terra com folhas e flores se cobriu e a deusa dirigiu-se aos reis justiceiros.** Triptólemo e Diocles, hábil cavaleiro, ao poderoso Eumolpo, a Celeu, chefe do povo; ensinou-lhes o cumprimento dos mistérios sagrados e explicou os belos ritos, a Triptolemo, a Polixeno e ainda a Diocles, ritos augustos, que não é possível transgredir, penetrar nem divulgar, pois um grande respeito pelas deusas retém a voz.

Feliz aquele que entre os homens da terra viu esses mistérios, mas aquele que não é iniciado nos ritos sagrados, aquele deles não participa, nunca tem um destino semelhante, mesmo o que está morto nas trevas brumosas.

Depois que fundou todos os ritos, a divina entre as deusas partiu para no Olimpo integrar a assembléia dos outros deuses. Lá habitam junto a Zeus que ama o raio, as deusas veneráveis e

respeitáveis; muito feliz aquele e a quem elas amam com benevolência entre os homens da terra logo elas enviam a sua casa, a seu lar, Plutão que aos mortais concede riqueza.

Vamos! Vós que possuís a terra perfumada de Elêusis e Paros rodeada pelas ondas e a rochosa Antrona - tu, Deo venerável soberana que trazes as estações e das seus esplêndidos frutos a tua filha, a bela Perséfone - benevolentes, concedei-me, por meus cantos, uma vida agradável. E eu pensarei em ti em meus outros cantos.

2. CONTOS POPULARES

A presente coletânea tem como o objetivo a apresentação de algumas das versões que podem estar relacionadas a Deméter. Procurei realizar uma análise comparativa destas versões do mito que nos remetem a Deusa da terra fecundada. Espera-se que elas possam ser partilhadas pelos leitores e que sirvam de apreciação, não somente de análise.

1. LA PRINCESA QUE NUNCA SE REÍA ¹⁰⁷

Éste era un rey que tenía una hija que nunca se reía. Y el rey mandó pregonar que el que hiciera reír a la princesa se casaba con ella, no importa quien fuera. Y de todas partes iban al palacio del rey pretendientes que se querían casar con su hija y trataban de hacerla reír. **Pero nadie la podía hacer reír.**

Un hombre tenía hijos y el menor de ellos le tenían **por tonto**. Y el menor dijo un día a su padre: __ Padre, déjeme ir al palacio del rey a ver si hago reír a la princesa. Y el padre le dijo que no, que era tonto y que no la haría reír. Y los hermanos mayores le dijeron: __i Anda, tonto, qué has de hacer tú! Y el menor por fin se calló y no dijo nada. Y entonces dijo el mayor: __Padre, voy yo a ver si hago reír a la princesa. __Y el padre le dijo que fuera. Y se marchó el mayor al palacio del rey.

Llegó y le dijeron que entrara. Y subió a hablar con la princesa para ver si la podía hacer reír. **Y la encontró seria como estaba siempre.** Y le dijo a la princesa: __Mira, cuando yo tenía una novia la tonta se creía que yo la quería. Pero, ¿a quién he de querer yo más que a ti, prenda adurada? **Pero la princesa oyó y no se rió.** Y ya el pobre se avergonzó y se fué a su casa. Y cuando llegó le dijo a su padre: __Ni Dios hace reír a aquella mujer.

Y el padre dijo: __No sé como no puede mi hijo mayor hacer reír a aquella mujer. Y le llamó y le dijo: __No sé como no puedes hacer reír a esa mujer. Tan gracioso que eres y no la haces reír. Mira, anda otra vez y dile que comistes garbanzos con sopas y verás como se ríe. Y fué el hijo mayor otra vez al palacio y dijo que quería hablar con la princesa otra vez porque esta vez si la iba a hacer reír. Y le dijeron que subiera. Y fué y le dijo a la princesa: __Oye, si vieras tú lo que comí ayer. **Pues cenemos y almorcemos dos cosas, sopas y garbanzos. Y le princesa tan seria y no se reía.** Y como él se quedó mirándola y riéndose le dijo ella: __i Márchate de ahí y véte a la mierda! Y se marchó y le dice : __Güeno, güeno; a la mierda me voy; y si cagando estás te traeré el orinal. Y se fué. Y llegó y le dijo a su padre: __No, pues no; que no hay quien haga reír a aquella mujer, así le peguen cuatro tiros.

Y entonces el hijo segundo dijo: __Tú eres un tonto y no sabes hablar con las gentes. Que me

¹⁰⁷ ESPINOSA, Aurelio Macedônio. *Cuentos Populares Espanoles*. Recogido de la tradición oral de España y publicados con una introducción y notas comparativas. Stanford University: California, 1926. 3 volumes.

deje mi padre ir a mí y verás como yo sí la hago reír. Y el padre le dijo que fuera. Y se marchó el hijo segundo al palacio a hacer reír a la princesa. Y llegó y le dijeron que subiera. Y subió a donde estaba la princesa, y va y le dice: **__Oye, ¿ sos tú la que no te ris?** Y ella muy seria le dijo para burlarse de él: **__Sabes que por no descubrirte no te quiero?** Y entonces él se quitó el sombrero y le dijo: **__Descubrirme sí me descubro, pero no te quiero porque eres un mortero. Pero la princesa tan seria como siempre y ni se sonrió.** Y se fué el hijo segundo a su casa y le dijo a su padre: **__i Me cago en todos los bienes del rey y en el rey y en su hija ! Nadien puede hacerla reír .**

Y entonces le dijo el menor a su padre: **__Padre, ya que mis dos hermanos no han podido hacer reír a la princesa déjeme ir a mi y verá como yo sí la hago reír.** Y los dos hermanos mayores le dicen: **__No, hombre, no vayas, que eres muy bruto y vas a quedar muy mal. Pero el padre dijo: __Anda si quieres, que más mal que a tus hermanos no te puede pasar.** Y se marchó el menor, **que le tenían por tonto a ver a la princesa.** y llegó al palacio y le dijeron que subiera. Y va y le dice a la princesa : **__?A que si te traigo la oveja más grande del rebaño te la tragas de un bocado ? Y ella muy seria, muy seria, y nada decía.** Y va él y le dice: **__? A que si te la traigo cruda te la comes de un bocado? Y ella muy seria, muy seria.** Y va él y le dice: **__Pues, escucha y verás, prenda adorada, si con este que tiro quedas encantada. Y tiró un pedo muy grande y muy fuerte y después tiró otros seguidos. Y le dió a la princesa tanta risa que ya no podía ni hablar.** Y de la fuerza que hizo para tirar los pedos se le rompió la chaqueta y se le vieron los tirantes. Y ella le dijo por fin: **__Me gustas por tus tirantes y serás mi esposo.**

Y ya vió el rey que había venido uno que **había hecho reír a la princesa,** pero le dijo al muchacho: **__Te casarás con mi hija, pero antes tienes que pasar por tres pruebas.** Y la primera es que tienes que guardar **veinticuatro conejos** que tengo sin que se te pierda uno solo. Y dijo él que estaba muy bien, que le trajeran los conejos. Y fueron y le trajeron los conejos y se fué con ellos. Y para que se le perdiera uno el rey le dijo a la princesa que fuera y le comprara uno. Y fué ella y le dijo que le vendiera un conejo. Y él no lo quería vender, pero tanto le estuvo rogando que por fin le dijo: **__Mira, te doy un conejo si duermes esta noche conmigo.** Y ella no quería, pero por quitarle el conejo consintió. Y se llevó el conejo y fué esa noche a dormir con ella al palacio sin que nadie le viera. Otro día se levantó y cogió la camisa de la princesa y salió tocando con una chifla que tenía. Y cuando tocó la chifla el conejo salió corriendo tras él. Y salió otra vez con sus veinticuatro conejos.

Y la princesa de vergüenza no le dijo a su padre nada de lo que le había pasado. Sólo le dijo que el joven no quería vender los conejos. Y ya que vió el rey que guardaba bien los conejos sin perderlos le llamó y le dijo: **__Güeno, ya está bien la primera prueba. Ahora vamos a la segunda, y es que tienes que traerme un saco de mentiras.** Y llamó el joven a la princesa y le dijo delante de todos: **__Te acuerdas princesa de cuando te vendí un conejo porque durmieras conmigo, y que dormistes conmigo y otro día me fuí con mi conejo y tu camisa ? Y la princesa dijo en seguida : __! Que, que no me acuerdo ! __ Cómo me he de acordar de una cosa que no es verdad ? Cómo que no es verdad? __ le dijo el muchacho, y sacó la camisa de la princesa y se la enseñó al rey. Y ya la princesa, avergonzada tuvo que confesar la verdad. Y entonces dijo el joven: **__Con la mentira que dijo la princesa hace un momento se llena el saco. ! Allá va! Y el rey dijo entonces : __Güeno, pues ya van dos pruebas. A hora es la tercera y la última, y es que como mi hija tiene otro pretendiente mando que esta noche duerma entre los dos, y por la mañana vendré a ver para que la tiene la cara y para que tenga la cara con ése que esté de ese lado se casa.****

Y se acostaron los dos y la princesa en el medio. Y ella se durmió. Y el otro pretendiente era un príncipe a quien el rey quería mucho. Pero ella quería más al joven. Y a media noche dijo el príncipe: **__Yo quiero cagar.** Y le contestó el joven: **__Pues, mira, cágate allí en ese rincón, que así hice yo.** Y fué el príncipe y se cagó en el rincón donde le dijo el joven. Y entonces le dijo: **__Pero, mira que a hora tienes que comértela que así hice yo.** Y el príncipe creía que el joven decía la verdad y fué a comerse la mierda. Pero no pudo y empezó a vomitar. Y entonces le dijo el muchacho: **__Güeno, güeno, no te la comas si no puedes. Mira, que lo mejor es que la envuelvas en tu camisa así duermes con ella para que nadie la vea por la mañana. Porque si el rey la ve mañana estamos perdidos los dos. Y va aquél y recoge toda la mierda en su camisa y se la mete debajo de su ropa y se acuesta con ella en la cama.**

Y ya se durmieron los dos. Y la princesa despertó con el mal olor y se retiró del príncipe todo

lol que pudo porque no le podía aguantar. Y decía: __!Qué sucio y indecente es este príncipe que viene y se caga en la cama! Y así amaneció con la cara hacia el joven. Y cuando vino el rey y la halló con la cara hacia el joven dijo: __Ya están las tres pruebas. Mi hija se casará con este joven. Y el joven se casó con la princesa. Y al otro mandó el rey que lo echaran a palos del palacio.

2. LA PRINCESA QUE NUNCA SE REÍA¹⁰⁸

Éste era un rey que tenía una hija que nunca se reía, y mandó publicá un bando que su hija se casaría con er que la hiciera reí. Y publicaron er bando y llegaban too lo **grande y naire la podía hacé reí**. Y a too los echaban en una mamorra porque no la podían hacé rei. De toa parte venían grande personaje pero **naire decía cosa que le hacian gracia**.

Y ya er rey aburrío e que naire la pudiea hacé reí dijo que dejaran abierta toa la puerta pa que entraran lo que quisieran a **vé si podían hacé reí a la princesa**, a vé si alguno tenía esa arbilidá. Y en un pueblecito cercano había una mujé que tenía dos hijo y ya uno staba en la mamorra. Y el otro, que se **llamaba Juanillo y que era medio simplón**, va y le dice a su maré: __ Mare, ya que mi hermano stá en la mamorra y no güerve vi yo a vé si hago reí a la princesa. Y le dijo la mare: __ Pero si too eso grande personaje no han podido hacé reí a la princesa, y si tu hermano que e tan listo no la ha hecho reí, cómo la va a hacé reí tú ? Pero, na; é le dijo que le preparara las alforja y que se iría ar palacio. Conque va la mare y le prepara too y se marcha é ar palacio.

Y en er camino se encuentra con uno conocido que le dicen: __ ?Ánde vas, Juanillo? Y contesta é: __ Vi a vé si hago rei a la princesa. Y aquello le dicen : __ Anda. ! Qué vas a hacela reí! A ésa no hay quien la haga reí. Ven con nosotros. Y se fué con ello y lo llevaron a una juerga. Y é llevaba una guitarra y tocó y los divirtió. Y al otro día le dieron una perra y se fueron. Y la criá e la posá le dijo: __ Mía que yo no tengo má que darte que esta servilleta. Pero siempre que digas "Componte, servilleta," se pondrá una mesa de too lo que tú quiera comé.

Güeno, pue se marchó er simplán de ai y en er camino se encontró con otro conocido y le dicen : __ ?Ánde vas, Juanillo? Y é les contesta: __ Vi a vé si hago reí a la princesa. Y ello se echaron a reí y le dijeron: __ Anda, hombre! Qué la vas a hacé reí ! Si a ésa naire la hace reí, y a tóo los echan en la mamorra. Y le convidan a otra juerga y se va con ello y tocan y bailan toa la noche. Y otro día cuando se van le dan una perra. Y la criá sale y le dice: __ Mía que yo no tengo má que darte que este vaso, pero siempre que digas, "Componte vaso," se pondrá una mesa de too lo vino y licore que tú quiera bebé. Y le dió é le gracia y se marchá ar palacio.

Y ya llegando ar palacio se encontró con otro conocido y le dijeron: __ ? Ánde vas, Juanillo? Y contesta é: __ Pue yo vi a vé si hago reí a la princesa. __ A esa no hay quien la haga rei, le dicen aquello. Y lo convidan también a una juerga y se van y bailan y se divierten toa lo noche con é. Y otro día le dicen: __Ya que nos ha divertido tanto con tu guitarra te vamo a dá una perra. Y le dieron una perra y se marcharon. Y la criá e la posá le dice: __ Yo no tengo na que darte, pero te voy a cambiar esta guitarra por la tuya. Y este guitarra cuando la toques too se pondrán a bailá en seguía.

Pu ya se marchó ar palacio y llegó. Y le dicen que entre y sube a **vé si pué hacé reí a la princesa**. Pero no la pudo hacé reí y a la mamorra corriendo.

Y a medio día le llevaron a too lo que staban en la mamorra la comida. Y va Juanillo y tira too lo plato lleno e comida por la ventana. Y aquéllo como se quedaron sin comida lo querían matá. Y les dice é: __ No se apuren que esto es cosa de poco rato. Y coge la servilleta y dice: __ Componte, servilleta. Y ar momento se puso la mesa de toa la comida der mundo y comieron aquéllo hasta que se hartaron e too, y hasta que ya tenían la panza como un tambó. Y too gritaban: __! Viva Juanillo! I Viva er tonto! Y como la gritería y er jaleo no cesaban dijo la princesa a su doncella : __? Qué pasa en la mamorra ? Anda a vé que pasa en la mamorra que dende que entrá Juanillo er tonto no se oyen má

¹⁰⁸ ESPINOSA, Aurelio Macedônio. *Cuentos Populares Espanoles*. Recogido de la tradicion oral de Espana y publicados con una introducción y notas comparativas. Stanford University: California, 1926. 3 volumes.

que grito y jaleo.

Conque va la doncella a la mamorra a vé que es lo que pasa y le Cuentan lo que ha pasao con la comida y lo de la servilleta. Y va corriendo y se lo cuenta a la princesa. __ i Ay, señorita, si usted viea la servilleta que tiene er tonto! Ar momento que dice, "Componte servilleta," se pone uma mesa llena de toa la comida der mundo. Paece mentira que usted siendo reina no tenga esa servilleta. Y le dice la princesa: __ Anda y dile que cuanto quiere por ella. Y va la doncella y le dice a Juanillo que cuanto quiere por la servilleta, que la princesa se la quiere comprá. Y le dice é: __ Dinero no quieo. Dígale usted a su ama que se la doy si me deja vele er dedo gordo der pie. Güeno, pue va aquella y se lo dice a la princesa y dice ésta: __ i Ay, qué grosero y atrevido! Que lo maten! Pero la doncella le dice: __ Misté señorita, que se pué usted hacé un bujero en er zapato y en la media y le enseña er dedo y se queda con la servilleta y no pasa na. ?Qué le importa a usted que le vea er dedo gordo der pie ese tonto? Güeno, pue tanto le stuvo rogando la doncella qtle consintió ar fin. Y vino aquí y se hizo le princesa un bujero en er zapato y se rompiá la media y le enseñó er dedo gordo der pie y se quedó con la servilleta.

Y ar otro día cuando llevaron la comida a la mamorra cogió Juanillo too otra ve y lo tiró por la ventana, plato y comida y too. Y llegan aquéllo mu enfadao otra ve y le dicen que es un loco que los ha dejao otra ve sin comida y que a hora ya no tiene servilleta. Y va é y les dice: __ Señore, no se apuren ustedes. Ayer por comé y hoy por bebé. Y saca su vaso y dice: __ Componte vaso. Y ar momento se puso la mesa llena de too lo licore que podían deseá. Y bebieron hasta que too se emborracharon. Y empezaron a gritá: __ Viva Juanillo ! __ Viva er tonto! Y era tanto er jaleo y la gritería que otra ve dijo la princesa a su doncella: __ Pero y a hora, ? qué es lo que pasa en la mamorra? Anda a vé que juerga es ésa. No sé por qué arman ese escándalo. Y va la criá y le cuentan lo que pasa y lo del vaso y va ella y se lo cuenta too a su ama. Y le dice: __ Ay, señorita ! Tiene er tonto un vaso que ar momento que le dice, "Componte vaso," se pone una mesa llena de too lo licore der mundo. Paece mentira que usted siendo reina no tenga ese vaso. Y le dice la princesa: __ Pue anda y lè pregunta que cuanto quiere por é.

Conque entonces se va la criá otra ve a la mamorra y habla con er tonto y le dice que su ama quiere comprá er vaso, que le haga er favó de decile cuanto quiere por é. Y le dice Juanillo: __ Misté, que no quiero dinero por er vaso. Dígale usted a su ama que se lo regalo si me deja vele er güeso e la rodilla. __ Jesús, que atrevimiento! Que lo maten en seguía a ese tanto, grosero ! __ dice la princesa. Pero la criá le dice que lo mismo que le había enseñao er dedo gordo der pie le pué enseñá er güeso e la rodilla, que se pué rompé er vestido y la media y dejalo vé er güeso y se queda con er vaso. __ i Que no, que eso no pué sé! __ dice la princesa. Pero tanto le insiste la criá que ar fin consiente. Y va y llama ar tonto y le enseña er güeso e la rodilla y se queda con er vaso.

Ar tercer día cuando llevaron la comida a la mamorra Juanillo cogió otra ve too lo plato y la comida y tiró too por la ventana. Y entonces ya lo que staban en la mamorra se ensultaron má que ante y le dijo: __ ? Ora qué vamo a comé ? Y querían matalo. Pero é les dijo: __ Señore, má despacio, que esto es cosa de poco rato. Antier por comé, ayer por bebé, y hoy , por bailá. Y coge su guitarra y empieza a tocá. Y ar momento que comenzó a tocá too comenzaron a bailá. Y cuando vieron er jaleo que había llegaron lo guardia e la mamorra pero también ello empezaron a bailá. Y vengan a bailá y vengan a bailá, y too baila que tebaila hasta que caían rendido. Y hasta er palacio llegó er ruido y er griterío y er rey se marchó a la mamorra a vé que pasaba. Y ar momento que entró y oyá tocá la guitarra é y su comitiva comenzaron a bailá. Y venga a bailá y venga a bailá hasta que le dió orden a Juanillo que dejara e tocá.

Y se fué er rey entonces ar palacio y le contó a la princesa lo e la guitarra der tonto. Y la princesa cuando er rey le dijo que él mismio había tenido que bailá se sonrió un poquitín y le dijo a su criá: __ Anda a vé cuanto quiere er tonto por la guitarra. Y va aquélla y le dice a Juanillo: __ Dice mi ama que cuanto quiere por la guitarra. Y le contesta é: __ Dígale usted a su ama que se la doy con tar de que a too lo que yo diga me diga ella que no. Y fué la criá y se lo dijo a la princesa y dijo la princesa: __ En esto hay mosca. Mejó es no comprale la guitarra. Y le dice la criá: __ Pero, señorita, paece mentira que usted siendo reina no tenga esa guitarra. Na le pué pasá. Si é le dice que se case con é usted le dice que no. Too lo que é pida le dice usted que no. Güeno pue acetó la princesa y vino aquí con su guitarra y se la entregó.

Y staba tavía en el cuarto e Ia princesa cuando le dijo: __? Quié usté que yo me sarga? Y como aquélla se había comprometío a decí que no pue le dijo: __No. Y dice é entonce: __ Güeno, pue aquí me quedo. Y se quedó en er cuarto con Ia princesa. Y le dijo entonce Juanillo: __? Va usté a salí der cuarto? Y ella contesta: __ No. Y se quedó en er cuarto con er tonto. Y dice entonce é: __? Va a quedarse Ia criá con nosotros? Y ella dice: __ No. Y entonce Ia criá se salió y los deixo solo. Güeno púe ai se stuvieron hasta que ya era noche y ella se sentó en una silla y le dijo é: __? Usté se va a está sentá en esa silla toa Ia noche? Y dice ella: __ No. Y entonce tuvo ella que acostarse a dormi en la cama. Y cuando ya ella staba acostá en la cama le dice é: __? Yo me voy a quedá sin dormí toa le noche? Y ella le contesta: __ No. Y dice é entonce: __ Pue entonce no hay ma remedio que me acueste con usté. Y se acsotó con ella, y toa la noche durmieron junto. Y como ya durmieron junto otro día dijo er rey que tenían que casarse. Y se caso Juanillo er tonto con la princesa.

3. LA PRINCIPESSA SENZA SORRISO¹⁰⁹

Cosa credi tu, com'è grande questo mondo! Ci vivono uomini ricchi e uomini poveri, e c'è posto per tutti, e tutti protegge e giudica il Signore. Vivono i ricchi, e fan festa; vivono i poverelli, e lavorano; a ciascuno Ia sua sorte!

Nelle sale dello zar, negli appartamenti reali, nell'alto *terem* si pavoneggiava **Ia principessa che non rideva mai**. Che vita faceva, che abbondanza, che lusso! C'era d'ogni cosa gran quantità, tutto quel che si può desiderare; **ma lei non sorrideva mai, né rideva**, come se nulla potesse far contento il suo cuore.

A guardar quella figlia cosí triste lo zar suo padre s'amareggiava. A tutti apre i suoi saloni, a chiunque desideri esser suo ospite. __ Che cerchino di rallegrare la principessa Senza Sorriso, dice. __ Chi ci riuscirà l'avrà in moglie __ Non appena ebbe detto questo, il popolo cominciò a ribollire ai cancelli reali! Da ogni parte vengono e vanno figli di zar e di re, boiari e nobili, militari e borghesi; cominciarono i banchetti. il vino scorreva: ma Ia **principessa seguitava a non sorridere!**

Nell'altro estremo del paese, viveva nel suo angolino un onesto lavorante; al mattino scopava il cortile, la sera pascolava il bestiame, era in continuo movimento. Il suo padrone era un uomo ricco, leale, che non gli lesinava il pagamento. Non appena ebbe finito l'anno, mise sul tavolo un sacchetto di denaro: __ Prendi quel che vuoi! __ dice, e uscí dalla porta. Il lavorante s'avvicina al tavolo e pensa: «Come fare per non peccare di fronte a Dio, come sapere quel che mi spetta?» Scelse una monetina, la mise nel portamonete e pensò di bere un po' d'acqua; si sporse sul pozzo e la monetina rotolo e andò a fondo.

Il poveretto restò senza niente. Un altro al suo posto avrebbe pianto, si sarebbe afflitto e dalla rabbia non avrebbe piú lavorato, ma lui no: __ Tutto proviene da Dio, __ dice, __ il Signore as a chi e cosa dare: a chi dispensa soldi, e a chi toglie gli ultimi. Si vede che sono stato poco diligente, che ho lavorato poco; adesso sarò piú scrupoloso! __ E di nuovo si rimise al lavoro; ogni cosa tra le sue mani ardeva come una fiamma! Finito il termine __ era passato ancora un anno __ il padrone mette sul tavolo un sacchetto di denaro: __ Prendi quel che ti pare! __ dice, ed esce dalla porta. Di nuovo il lavorante pensa come non incorrere nel corrucchio del Signore, come non prender piú deI necessario; prese una monetina, andò a bere e quella gli sfuggí inavvertitamente dalle mani, cadde nel pozzo e affondò. Con maggior zelo si rimise egli al lavoro; la notte non dormiva, di giorno non mangiava. Guardi attorno: da chi il grana si seccava, da chi ingialliva, ma dal suo padrone era sempre piú verdeggiante; il bestiame degli altri aveva le zampe storte, e il suo saltellava per la strada; i cavalli altrui si trascinarono a stento anche in discesa, i suoi non si riusciva a tenerli. Il padrone capiva a chi daveva esser grato, a chi doveva dir grazie. Finito il termine __ era passato il terzo anno __ mise sul tavolo un monticello di denari: __ Prendi quel che vuoi, mio caro lavorante; tuo é il lavoro, e tuoi i

¹⁰⁹ AFANASJEV, Nikolaevic Aleksandr - (raccolta). *Antiche Fiabe Russe*. Torino: Einaud, 1955.

soldi! __ E se ne uscí.

Il lavorante prende di nuovo una monetina, va al pozzo a bere un po' d'acqua, guarda: l'ultima moneta e salva, e le due di prima galleggiano alla superficie. Le raccolse, indovino che Dio lo ricompensava per il suo lavoro; si rallegra e pensa: «È ora ch'io vada a vedermi il mondo, a conoscer la gente!» Pensò, e andò dove le gambe lo portavano. Va su un campo, corre un topo: __ Lavoratore, caro compare! Dammi una monetina, verrà il momento che avrai bisogno di me! __ Gli diede una moneta. Va per il bosco, ecco uno scarabeo: __ Lavoratore, caro compare! Dammi una monetina, verrà il momento che ti compenserò! __ Gli diede una moneta. Rema su un fiume, incontra un pesce siluro: __ Lavoratore, caro compare! Dammi una monetina; verrà il momento che ti farò comodo! - Non la rifiutò neppure a lui, gli diede l'ultima.

Giunse in una città; quanta gente! quante porte! Il lavorante si guarda attorno, si gira da ogni lato: non sa dove andare. C'è dinanzi a lui il palazzo dello zar, tutto adorno d'argento e d'oro; la principessa Senza Sorriso sta alla finestra e guarda fisso, proprio lui. Dove ficcarsi? I suoi occhi si velarono, un sonno profondo scese su di lui ed egli cadde dritto in mezzo al fango. Ed ecco comparire all'improvviso il pesce siluro dal muso duro, lo scarabeo babbeo, il topolino di pel cortino; Corrono tutti insieme. Gli fanno grandi inchini, riverenze e sorrisini: il topo il vestito gli aggiusta, lo scarabeo le scarpe gli lustra, il siluro acchiappa una mosca. La principessa Senza Sorriso guarda i loro servizietti, e scoppia a ridere. __ **Chi, chi ha messo di buon umore mia figlia?** __ domanda lo zar. Questo dice: __ Io! __ l'altro dice: __ Io! __ No, __ disse **la principessa senza sorriso**, __ è stato quell'uomo! __ e indicò il lavorante. Subito lo portarono alla reggia e sotto gli occhi Del sovrano il lavorante si tramutò in un bellissimo giovane! Lo zar tenne la sua parola di zar; quel che aveva promesso mantenne. Dico io: non sarà tutto un sogno del lavorante? M'assicurano di no, che è la pura verità; allora bisogna crederci.

4. NA NZUÁ DIA KIMANAUEZE¹¹⁰

Muitas vezes falamos de Na Nzuá Kimanaueze kia Tumb'a Ndala, um homem popular. Na Kimanaueze construiu a sua casa e casou-se. A sua esposa ficou grávida e deixou de comer carne e qualquer outro alimento, e só desejava peixe. Para lhe fazer a vontade Na Kimanaueze mandou Katumua pescar no Lukala. O Katumua pegou na rede e foi para o sítio indicado. Trouxe o peixe e a senhora cozinhou-o e comeu-o. À noite deitou-se e dormiu. Na manhã seguinte disse: «Que hei-de comer?» Katumua agarrou na rede e foi pescar. Chegou ao Lukala, pescou bastantes peixes e deu-os à senhora, que os comeu todos num dia. Katumua observou: «Sempre que eu vou pescar ela come todos os peixes num só dia! Foi novamente pescar e trouxe-lhe mais peixe. E assim todos os dias, durante meses.

Em certa altura Na Kimanaueze disse: «Katumua, vai pescar!» Agarrou na rede, chegou ao Lukala, atirou-a e esperou algum tempo. Puxou a rede, que estava pesada. Puxou-a novamente mas sem resultado. Katumua gritou: «Tu que estás a prender a rede debaixo de água, ainda que sejas o deus do rio ou um crocodilo, larga a minha rede. Não vim por minha vontade, mas sim cumprindo ordens!» Lançou outra vez a rede e então foi bem sucedido.

Quando, porém olhou para a rede, notou uma coisa estranha. Ficou cheio de medo, largou a rede e deitou a fugir. De dentro da rede ouviu-se uma voz: «Não corras, pára!» Obedeceu e puxou a rede para fora da água. A tal coisa moveu-se em terra. O Katumua ficou outra vez cheio de medo e tremia como varas verdes.

A estranha criatura disse: «Eu sou o senhor do Mundo e ordeno-te: «Vai para casa e traz-me Na Kimanaueze kia Tumb'a Ndala e a sua mulher que te obrigaram a pescar».

¹¹⁰ CHATELAIN, Héli. *Contos Populares de Angola*. Cinquenta contos em quimbumbo coligidos e anotados por Héli Chatelain. Lisboa : Agencia Geral do Ultramar, 1964.

Katumua afastou-se rapidamente, deixando roupa e tudo. Quando chegou a casa perguntaram-lhe: «Porque vens nu? Por acaso terias perdido o juízo?» Katumua respondeu: «Deixem-me, por favor, deixem-me explicar ao chefe tudo o que se passou!»

Dirigiu-se à casa do chefe e sentou-se. Depois deitou-se de bruços com o queixo no chão. Na Kimanaueze pediu-lhe que se explicasse. Katumua disse: «Senhor, quando te deixei dirigir-me ao Lukala. Atirei a rede à água e esperei algum tempo. Puxei a rede e senti-a muito pesada e declarei: «Tu que estás a prender a rede debaixo da água, quer sejas o deus do rio ou um crocodilo, larga a minha rede. Não vim por minha vontade, mas sim cumprindo ordens ! Puxei outra vez a rede e o próprio rio veio até à margem. Desatei a fugir, mas parei obedecendo a uma voz que disse: «Não corras, pára por favor. Vai e traz-me o teu rei e a tua rainha, que estão sempre a mandar-te pescar. Manda-os vir aqui para eu os informar de tudo aquilo que está dentro do meu coração. Eis a razão por que vim aqui o mais depressa que pude. Senhor, tenho dito!».

Na Kimanaueze deu a sua aprovação e ordenou à rainha para irem aonde foram mandados. A rainha vestiu-se com todo o rigor, o mesmo fazendo Na Kimanaueze.

Acompanhados pelo primeiro-ministro e Katumua, chegaram ao Lukala. Encontraram-no sentado numa cadeira e ficaram a tremer de medo.

Lukala procurou tranquilizá-los e disse: «Não estejais com medo. Aproximem-se para que diga o que vos quero». Sentados no chão escutaram Lukala: «Tu, Na Kimanaueze kia Tumb'a Ndala, meu amigo, quando vieste construir aqui, quiseste ver-me. Estabeleceste-te na minha terra. Agora a tua mulher, está grávida e **não come outro alimento a não ser peixe todos os dias**. Assim dará cabo de todo o meu povo». Também te informo, primeiro-ministro, que em consequência da gravidez da rainha de Kimanaueze, o meu povo será exterminado.

Pois bem, quando a criança nascer, se for uma menina será minha mulher, e se for um rapaz será meu amigo ou o meu homónimo. Eu, Lukala, o garanto! Na Kimanaueze kia Tumb'a Ndala perguntou-lhe: «Senhor, o que desejas mais?» E olhando para o local onde estivera o génio já não o viram.

Voltaram para casa e Katumua continuou a pescar.

Chegou o dia em que a rainha deu à luz um rapaz. Anunciaram ao rei a feliz nova, com a qual ficou muito satisfeito. Arranjou uma cabra e ofereceu-a às pessoas que assistiram à rainha. Passaram anos até que o menino chegou à idade de casar.

Lukala apareceu em sonhos e disse: «Tragam-me o meu amigo, eu o conservarei na minha companhia. Se não o apresentarem, matá-lo-ei». Acordaram sobressaltados. Na Kimanaueze perguntou à sua mulher o que deviam fazer. O que será de ti meu filho, Na Nzuá, a quem o rio quer para si? Na Nzuá, quando ouviu isto, ficou cheio de medo. O que devo fazer? Para onde hei-de fugir? Chamou uma rapariga e mandou-a pôr água numa celha. A mulher trouxe-lhe a água. Na Nzuá deitou-se na celha e ali ficou algum tempo, pensando no seu destino. Saiu do banho e perguntou ao pai: «O que hei-de fazer? O pai respondeu: «Não sei que te diga. Pega nas coisas que te pertencem e vai para onde quiseres».

Na Kimanaueze entregou-lhe dois escravos, dois bois, duas cabras e duas porcas, e acrescentou: os últimos animais servir-te-ão de alimento para a viagem. Dentro em pouco, não nos veremOs mais. Qualquer que seja o caminho que seguirem, não atravessem nenhum rio. Tem cuidado ao contornar as nascentes. O filho ouviu-o com toda a atenção e partiu com tudo que lhe fora dado.

Montou num boi e os escravos seguiram atrás. Atravessaram relvados e bosques. Passou o primeiro, o segundo, o terceiro e quarto dia e foram contornando os rios.

No começo do quinto dia chegaram ao coração do mato e Na Nzuá sempre montado no boi encontrou uma clareira e olhando à sua volta viu toda a espécie de caça que Deus criou. Todos os animais ferozes do Mundo estavam ali. Também ali estavam todos os insectos, os animais marítimos e todas as aves que Deus fez. O que os juntou no mesmo lugar foi a morte de um veado. Nenhum deles foi capaz de o dividir de modo a que todas as feras tivessem uma parte igual para cada uma.

Quando viram Na Nzuá exclamaram: «Estamos felizes!» Na Nzuá ao ouvir isto ficou cheio de medo. Os animais explicaram: «Precisávamos de alguém para nos dividir um veado e agora estamos satisfeitos». Na Nzuá respondeu: Pobre de mim! Como poderei fazer isso eu, Nzuá dia Kimanaueze kia Tumb'a Ndala, um homem do povo? Não estejais com medo. Apeia-te do boi e desembainha a tua

faça. Obedeceu sem discutir. Agora reparte esta carne conosco! Como poderá chegar um veado para semelhante multidão ? Divide-o bem para que todos comam! Começou a retalhá-lo e a distribuí-lo . Em pouco tempo o veado acabou e apenas uma parte daquela multidão fora contemplada. Todos os outros reclamaram: Ainda estamos à espera! Divide-o bem para que todos recebam o seu quinhão. O veado acabou. O que hei-de fazer? Agarrou no seu cão, matou-o e dividiu-o. Mesmo assim não chegou. Matou todos os animais que possuía e por fim matou também os escravos. Nem assim chegou. Os animais insistem: Divide de forma que todos acabem por ter a sua parte. Na Nzuá deu às formigas só os cabelos e aos animais só um ossinho e assim mesmo não chegou. Ainda ficaram alguns sem a parte que lhe competia. As feras insistiram: Que todos tenham a sua porção! Ele respondeu: «O que hei-de fazer mais se já distribuí tudo o que possuía ?» Nada me resta a não ser a mim próprio! As feras declararam: «Tu fizeste quanto foi possível e por isso estamos satisfeitos!»

O leão disse: «Vem cá, aproxima-te! Não tenhas medo». Na Nzuá aproximou-se do leão e este ordenou-lhe: «Abre a boca!» Na Nzuá abriu a boca. O leão cuspiu-lhe na boca, dizendo: «Na Nzuá, quando estiveres aflito exclama: Teleji!»

O lobo também falou: «Vem cá e abre a boca». Ajoelhou-se e cumpriu a ordem recebida. O lobo cuspiu-lhe na boca, dizendo: «Se passares alguma privação exclama: Teleji! ».

O Njinji disse: «Vem cá». Ele foi e ajoelhou-se. «Abre a tua boca!» Ele abriu a boca. O Njinji disse: « No dia em que o trabalho for violento exclama: «Teleji!»

A formiga disse: «Nzuá aproxima-te» . Ele foi-se no chão. «Abre a tua boca! O dia em que precisares de mim basta dizer: Teleji!»

O leopardo também disse: «Vem cá »! Ele foi Disse-lhe: «Abre a tua boca. No dia em que estiveres em perigo, chama: Teleji !»

O mukenge gritou: «Vem cá!» Ele aproximou-se. «No dia em que o perigo se aproximar de ti chama: Teleji!»

O falcão ordenou: «Chega-te aqui». Ele aproximou-se e abriu a boca. Cuspiu-lhe na boca e disse: «No dia em que te vires seriamente preocupado chama: Teleji!»

Quando o falcão acabou de falar, disse a águia : «Vem cá!» Nzuá foi. A águia explicou: «No dia em que a angústia se apoderar de ti chama: Teleji!»

Todos os animais disseram o mesmo. Por fim gritaram: Vai! Agarrado ao seu bordão penetrou sozinho no coração do bosque. Andou, andou, até os pés lhe ficarem em ferida. Então pensou: Que hei-de fazer? Lembrou-se e gritou: «Teleji!»

Transformou-se imediatamente num falcão e voou pelos ares fora. Quando a fome o apertou pousou num campo e disse: «Teleji!» e voltou à forma humana. O que hei-de comer? « Teleji!» Tomou a forma de um leopardo e dirigiu-se a uma aldeia que estava a pequena distância. Viu duas aves domésticas a comer na relva, deu um salto e apanhou dois galos.

As pessoas quando ouviram as aves gritar levantaram-se rapidamente supondo tratar-se dum Njinji. Tentaram apanhá-lo mas não conseguiram. Voltando a dizer: «Teleji!» regressou à forma humana. Amarrou os dois galos e pendurou-os no seu bordão. Ao chegar a um campo encontrou três viajantes e sentou-se no chão. Interrogado pelos companheiros, que lhe perguntaram donde vinha, respondeu: Vou ter com o meu irmão! Levava-lhe dois galos, mas morreram no caminho !Tenho fome e o pior é que não sei cozinhá-los! Os viajantes ofereceram-se para preparar as aves. Pegaram nelas, depararam-nas e cozinharam-nas. Depois de comer , adormeceu. De manhã cedo pôs-se a caminho. Depois de ter passado o calor do meio-dia voltou a ter fome e disse :«O que hei-de fazer? Teleji!» E ficou um lobo. Entrou na selva.. Agachou-se e ficou quieto até ao anoitecer. Aproveitou a escuridão e entrou na aldeia mais próxima. Descobriu uma corte com porcos e roubou dois leitões. Os porcos grunhiram e o povo ficou em sobressalto. Percebendo que se tratava de um lobo tentaram caçá-lo mas não o conseguiram. Retirou-se e adormeceu tranquilamente. Ao amanhecer invocou: «Teleji!» e voltou a ser homem! Meteu os leitões num cesto que improvisou na selva e partiu. Ao chegar a um campo encontrou outros viajantes, que lhe perguntaram: Para onde vais ? Ele respondeu: Vou ter com o meu irmão, e levo-lhe dois leitões, que morreram no caminho por excesso de calor. Não vejo entretanto quem os possa cozinhar! Os viajantes disseram: Dá-os cá que nós vamos prepará-los. Cozinharam a carne de um deles. Depois de comer, adormeceu.

Pela manhã declarou: Hoje não posso andar porque os meus pés doem-me e portanto ficarei a

descansar. Os viajantes concordaram. Nós também repousaremos para amanhã recomeçarmos a viagem. Para matar o tempo, tiraram a carne do leitão e estenderam-na no tecto da barraca. Algumas mulheres da povoação vieram vender géneros aos viajantes e notando a carne de porco no tecto propuseram comprar um pouco dessa carne. Os viajantes explicaram: A carne não é nossa, pertence a outro, àquele homem que está ali a dormir. As mulheres não disseram mais nada e retiraram-se para as suas casas e contaram aos homens: «Fomos ao campo e encontrámos a carne de porco. Seriam os lobos que apanharam os leitões de noite ou quem sabe se não foi esse homem quem nos roubou ? Os habitantes da aldeia disseram: «Vamos e vocês vão-nos mostrar o tal homem!»

Os homens pegaram nas espingardas, bordões e lanças com a intenção de o castigar. Ao chegar ao campo gritaram: Onde está quem roubou os nossos porquinhos? Ei-lo aqui! Ele protestou: Quem disse que vos roubei? Onde encontraste esta carne ? Travou-se um grave conflito, mas Ngana triunfou. Os outros foram buscar reforços e apresentaram um verdadeiro exército. Se pensas que foste o vencedor enganaste-te. Anda cá para fora para ajustarmos contas.

Nzuá apareceu e começou o combate. Quando estava prestes a sucumbir, chamou: «Teleji!» e transformou-se num leão. Ao primeiro rugido da fera a multidão fugiu espavorida. Alguns largaram as espingardas no mato, outros cheios de medo caíram pelo caminho. O leão continuou a rugir ameaçadoramente e os viajantes também fugiram. Quando ficou sozinho, chamou: «Teleji!» e voltou a ficar homem. Pensativo disse: O que vou fazer? Prosseguiu a sua viagem e entrou pelo mato dentro, sempre na incerteza do futuro: Para onde vou ? Para Luanda ? Eu nunca lá fui! Não tenho lá parentes nem amigos. O que vou fazer? Em que casa hei-de ficar? Então parou e ficou a reflectir: Estou perplexo, eu Nzuá dia Kimanaueze kia Tumb'a Ndala, como me estou a aventurar sem nunca ter visto esse lugar? Então disse: «Teleji!» Novamente se transformou em falcão.

Voou pelos ares fora até que chegou a Luanda. Ai gritou: «Teleji!» e transformou-se num passarinho muito bonito como não havia outro igual, pois tinha bico e asas douradas. Aconteceu esvoaçar por cima da casa do governador no momento em que **Na Maria, sua filha, estava a costurar na varanda. Ela olhou para o chão e viu a sombra de um passarinho. De tão contente que ficou, levantou os olhos à procura da avezinha. Exclamou: Oh querido, como poderei apanhar-te ? És tão bonito ! Tirou o seu lenço branco e estendeu-o no chão. Ajoelhou e rezou. O passarinho desceu e pousou no lenço. Ela agarrou-o e disse: Onde te hei-de guardar para que não morras? Meteu-o numa gaiola de ouro que pôs no seu quarto. Depois de lhe ter dado arroz e água, foi logo contar ao pai: Apanhei um passarinho como o pai nunca viu igual nem na Europa nem na terra dos negros. Não faço a menor idéia donde veio.**

O pai disse que o fosse buscar porque desejava vê-lo. Quando olhou para ele ficou encantado, confirmando a opinião da filha. **Na Maria levantou-se muito satisfeita, mas não tardou a ficar muito triste porque o passarinho recusou-se a comer.** Deu-lhe diversos alimentos europeus mas ele nem lhes tocou. Não sabia como tratá-lo e receava perdê-lo.

Na Maria tinha o hábito de se alimentar ao meio-dia e ao primeiro cantar do galo. Posta a mesa no quarto, algumas raparigas ficaram observando os pratos de comida. No dia seguinte as coisas passaram-se da mesma maneira. O passarinho resolveu a certa altura gritar: « Teleji!» e transformou-se numa formiga. Principiou a descer e aproveitou as migalhas que caíram ao chão e comeu-as. Depois disse: «Teleji!» e voltou a ficar na " gaiola um lindo passarinho.

Um belo dia disse: «Teleji!» e transformou-se num homem elegantemente vestido. Sentou-se à mesa e serviu-se. Quando acabou a refeição gritou: «Teleji!» e ficou formiga. Repetiu: «Teleji!» e voltou à forma de passarinho. Ao primeiro cantar do galo, Na Maria levantou-se e sentou-se à mesa e não tinha que comer. Pediu às raparigas uma explicação e na falta de uma resposta satisfatória acusou-as de serem as responsáveis. As raparigas resolveram ficar acordadas toda a noite para poderem apanhar o ladrão em flagrante. À meia-noite o passarinho chamou: «Teleji! » e transformou-se em formiga e desceu até ao chão. Em seguida voltou a dizer: «Teleji !» e ficou um belo rapaz. Quando se sentou à mesa e principiou a refeição foi visto pelas raparigas. Elas tiveram medo de se aproximar e foi ele quem teve de se servir. Quando acabou exclamou: «Teleji!» e apareceu na gaiola na forma de pássaro. Ficou tranqüilo até que o galo cantou. Na Maria acordou e foi para a mesa e não vendo comida nenhuma exclamou: «Raparigas, para onde foi a comida ?» Furiosa, bateu-lhes.

As raparigas reagiram: Senhora, não nos castigues injustamente. Permite que vos expliquemos

tudo. Durante a noite vimos um homem sentar-se à mesa e servir-se. Não pudemos interrogá-lo, de tão aterrorizadas que ficámos. Não fiques a duvidar daquilo que estamos a dizer. E para teres a certeza, amanhã acordar-te-emos para que tu o possas ver também. Na Maria concordou e foram deitar-se. À meia-noite o passarinho gritou: «Teleji!» e ficou formiga. Mal desceu repetiu: «Teleji!» e transformou-se num homem elegantíssimo. Sentou-se à mesa e, enquanto comia, as raparigas que o viram foram logo chamar a Ngana Maria.

Ngana Maria levantou-se e dirigiu-se para a mesa. Na Nzuá dia Kimanaueze kia Tumb'a Ndala, homem popular, e Na Maria olharam um para o outro e abraçaram-se. Sentaram-se à mesa e ficaram absortos. Ao amanhecer Nzuá escreveu ao governador. Este abriu a carta e leu: «Eu, Na Nzuá dia Kimanaueze kia Tumb'a Ndala, homem popular, quero casar com Na Maria, filha do senhor governador».

O governador respondeu favoravelmente, acrescentando que ainda não tinha o prazer de o conhecer pessoalmente e que gostaria de o ver acompanhado de sua filha.

Recebendo a resposta Na Nzuá disse: «Muito bem, vou dormir e amanhã iremos». No dia seguinte depois de terem feito todos os preparativos dirigiram-se a casa do governador. Sentaram-se e conversaram demoradamente.

O governador olha para Na Nzuá e depois para sua filha, perguntando: «Na Maria, quereis casar com este homem?» Respondeu afirmativamente. «Na Nzuá, queres casar com a minha filha? Se casares prestar-me-ás um serviço e ficarei contente.» Na Nzuá disse: «Que pretendes de mim?» O governador concluiu: «Irás buscar uma minha filha que deixei em Portugal. Foi para Portugal e nunca mais soube o que foi feito dela. Se a trouxeres dar-te-ei como recompensa tomares parte no Governo». Na Nzuá aceitou a proposta. O governador deu-lhe todas as informações para que pudesse encontrar a cunhada. «Se vires uma rapariga a deitar cinzas para um monte de lixo, fica a saber que é a minha filha.»

Na Nzuá partiu, depois de se despedir da esposa e de esta lhe desejar uma feliz viagem. Quando partiu, Na Nzuá chamou: «Teleji!» e transformou-se num falcão que voou pelos altos céus. Mais adiante gritou: «Tekji!» e ficou uma águia. Quando chegou a Portugal viu uma rapariga sair de uma casa, dirigir-se para um monte de lixo e principiar a deitar-lhe cinzas. Ouviu a menina lamentar-se: «Pobre de mim, que vida miserável que estou a levar».

Do alto do firmamento Na Nzuá escutou e reconheceu a pessoa que procurava. Então voltou a chamar: «Teleji!» e regressou à forma de falcão e desceu a toda a velocidade e ao aproximar-se da terra seguiu a rapariga e levou-a pelos ares fora. Em baixo o povo gritou: «Olhem um pássaro a fugir com uma pessoa!» Ele voltou a dizer: «Teleji!» e transformou-se em águia e voou pelos céus fora com a rapariga. Tanto voou que acabou por chegar a Luanda. Aí pelo poder de “Teleji” voltou a ser homem.

Mal entrou em casa perguntou a sua mulher. Na Maria: não é esta a tua irmã, que o teu pai me encarregou de trazer? Na Maria toda contente confirmou. No dia seguinte dirigiu-se ao senhor governador e entregou-lhe a filha. Ficou tão satisfeito que imediatamente nomeou o genro membro do Governo. Abraçando-o disse: «Pelo muito que fizeste, bem mereces esta alta recompensa. Farás parte do Governo e assim recebes o galardão que te é devido».

E viveram felizes, Na Nzuá dia Kimanaueze kia Tumb'a Ndala e Na Maria, a filha do governador.

Narrámos uma longa história. Se quiserem, contaremos mais, se não quiserem, vamos dormir.

5. A MENINA QUE NÃO FALAVA¹¹¹

¹¹¹ Recolhido pelo Centro Cultural Matalana - Moçambique. Edição Eletrônica. Indicação do Professor Peter O'Sagae do site: www.caracol.imaginario.com/folclore. Texto retirado da internet:

Certo dia, um rapaz viu uma rapariga muito bonita e apaixonou-se por ela. Como se queria casar com ela, no outro dia, foi ter com os pais da rapariga para tratar do assunto.

Essa nossa filha não fala. Caso consigas fazê-la falar, podes casar com ela, responderam os pais da rapariga. O rapaz aproximou-se da menina e começou a fazer-lhe várias perguntas, a contar coisas engraçadas, bem como a insultá-la, mas a miúda **não chegou a rir e não pronunciou uma só palavra.** O rapaz desistiu e foi-se embora. Após este rapaz, seguiram-se outros pretendentes, alguns com muita fortuna mas, ninguém conseguiu fazê-la falar.

O último pretendente era um **rapaz sujo, pobre e insignificante.** Apareceu junto dos pais da rapariga dizendo que queria casar com ela, ao que os pais responderam: **Se já várias pessoas apresentáveis e com muito dinheiro não conseguiram fazê-la falar, tu é que vais conseguir? Nem penses nisso!**

O rapaz insistiu e pediu que o deixassem tentar a sorte. Por fim, os pais acederam. O rapaz pediu à rapariga para irem à sua machamba, para esta o ajudar a sachar. A machamba estava carregada de muito milho e amendoim e o rapaz começou a sachá-los. Depois de muito trabalho, a menina ao ver que o rapaz estava a acabar com os seus produtos, perguntou-lhe: O que estás a fazer?

O rapaz começou a rir e, por fim, disse para regressarem a casa para junto dos pais dela e acabarem de uma vez com a questão. Quando aí chegaram, o rapaz contou o que se tinha passado na machamba. A questão foi discutida pelos anciãos da aldeia e organizou-se um grande casamento.

6. ESTOU QUENTE QUE NEM FOGO¹¹² !

Num reinado muito distante **havia uma princesa que nunca se ria.** Estava sempre carrancuda e só vivia repetindo :

__ *Estou quente que nem fogo !*

O rei seu pai mandou pôr editais no reinado **convidando os moços em idade de casamento,** para virem ao palácio **fazer a princesa rir.** A rapaziada chegou que não foi pouca. Não havia castigo algum para quem não conseguisse fazer a princesa se rir.

Voltava para casa sem esperança de ser genro do rei e já não era pouco.

A moçada ia se apresentando, subindo as escadas, entrando no salão nobre, sentando perto da moça e já começava a brincadeira. Um fazia trejeitos e micagens, outro contava as histórias mais engraçadas, todos se riam, só a princesa, muito séria :

__ *Estou quente que nem fogo !*

Passou toda a mocidade pelo palácio. Um dia, um tontinho, magricela e torto, que mal sabia falar, disse à mãe que ia fazer a princesa se rir. A mãe caçou dele :

__ Oh! bobo! já os moços mais ativos foram lá e perderam o tempo você não arranja nada!

Tanto falou o bobinho que a mãe lhe deu a licença pedida e, ainda por cima um ovo.

__ Para que você quer um ovo, meu filho?

__ **Para fazer a princesa rir.**

O tontinho mequetrefe chegou no palácio, subiu as escadas, sentou-se perto da princesa e ficou muito sério. De repente a princesa falou :

__ *Estou quente que nem fogo !*

Então cozinhe este ovo! Respondeu o moço, enquanto tirava o ovo da algibeira.

A moça deu uma gargalhada gostosa e, desde aí por qualquer motivo **mostrava os dentes.** O rei ficou muito alegre. Vestiram bem e encheram de presentes o moço, ele endireitou-se e veio a ser um bom noivo para a princesa. Houve festas a valer no dia das bodas.

¹¹² **ALMEIDA,** Aluísio de. *142 Histórias Brasileiras.* In: Separata da Revista do Arquivo. Nº. CXLIV - Departamento de Cultura - São Paulo - 1951.

7. A PRINCESA SISUDA¹¹³

Diz que era uma vez um rei muito bondoso e feliz mas se tornou triste porque sua filha única **deixou de rir**. Ficou **sisuda** e não havia quem a fizesse **mostrar os dentes**, fosse a que pretexto fosse. Com aquela penitência dentro do palácio o rei foi ficando diferente e até cheio de **raivas** e de **violência** se tomou. Nem parecia o rei de outrora.

Aconselhado pelos doutores, o rei anunciou que **dava a mão da princesa a quem a fizesse soltar uma boa gargalhada**. O palácio ficou formigando de gente que ia tentar **fazer a moça dar uma risada**. Faziam todos caretas, davam saltos, contavam cousas engraçadas. Nada. Vieram até palhaços mas **a princesa nem mostrou a cor dos dentes**.

Começaram a vir as pessoas que moravam fora do reino mas tudo inutilmente. A **moça não ria**. O rei cada vez ia ficando pior.

Um rapaz que soube da notícia **resolveu procurar fazer a princesa rir**. Os vizinhos **mangaram** muito dele, contando o que sucedera com os outros. O rapaz era teimoso e fez ouvidos de mercador. Arranjou sua trouxa e veio para o reinado.

O rei marcou o dia para ele comparecer e o moço não perdeu ocasião. Subiu a escadaria, passando por muitos homens bem vestidos e chegou ao salão onde estava o rei com a princesa. Um criado abriu a porta e ele entrou. Quando viu o salão ricamente preparado, cheio de cadeiras douradas e de espelhos, com o chão coberto de tapetes, o rapaz ficou tão atropalhado e confuso que nem se podia mexer do lugar. O criado, muito duro, quis empurrá-lo, mas o homenzinho, ainda mais acanhado, deu uma volta tão depressa que esbarrou no criado e ambos foram ao chão numa queda estrondosa, pernas para o ar, desarranjando tudo. Aquilo foi tão rápido que a princesa, que não tinha levantado os olhos, quando olhou, já os dois estavam esperneando por cima dos tapetes, derrubando as cadeiras. **A princesa disparou numa gargalhada gostosa** que ecoou por todo palácio.

O rei ficou satisfeito mas lembrando que prometera casar a filha com quem a fizesse rir, ficou muito sério e pensativo, imaginando como resolveria aquele caso.

Mandou chamar o rapaz e perguntou se ele não queria dinheiro em vez de se casar com a princesa.

___ Não senhor, quero é a princesa como rei meu senhor prometeu!

___ Pois casar você não casa. Se quiser dinheiro eu dou. Não vou ter um genro da sua iguala...

O rapaz ficou acabrunhado e saiu do palácio. Ia por um caminho de cabeça baixa, quando viu três sombras. Olhou mais e enxergou que eram uma formiga, uma lagartixa e um rato, discutindo por causa de um bicho morto. **O rapaz apartou a briga e dividiu tudo direitinho, dando uma parte para cada um. Os três bichinhos ficaram contentes e disseram:**

___ Quando precisar de um de nós, chame e será valido.

Voltando para o palácio o rapaz soube que o rei mandara convidar um príncipe muito formoso e rico para casar com sua filha. O rapaz correu para o caminho, chamou pelos três bichinhos. Esses compareceram imediatamente. O rapaz contou o que lhe sucedera e pediu auxílio. Os três bichinhos estiveram tempo conversando, perguntando e combinando. Finalmente o rato deu o plano:

___ Vou buscar uma raiz que você espreme e dá um suco que faz dor de barriga de matar. Quem beber esse suco não terá outro jeito senão evacuar seja onde estiver. Assim mesmo foi. O rato trouxe a raiz e o rapaz espremeu o suco. A lagartixa levaria para o quarto e a formiga, de gota em gota, devia botar na boca do príncipe adormecido.

Antes do casamento, o príncipe e a princesa passavam a noite juntos, como era costume naquele tempo. Só depois de três dias é que se fazia a cerimônia. Na primeira noite assim que o príncipe se deitou, o rapaz deu o remédio à lagartixa e esta subiu pela parede, passou as telhas e desceu

¹¹³ CASCUDO, Luís da Câmara: *Contos tradicionais do Brasil*. Rio: Ediouro, 1998.

pelo lado de dentro. A formiga recebeu e foi levando para a boca do príncipe. Este, no sono, lambia o beijo e o remédio ficava na garganta. E de gota em gota a mezinha ia fazendo efeito. O príncipe, mesmo sem acordar, **sujou a cama toda com excrementos**. A princesa acordou furiosa e botou o noivo para fora do quarto. De manhã disse ao rei que não queria um **sujão** daqueles para seu marido. O príncipe tanto pediu e tanto suplicou que a princesa deixou-o dormir mais uma vez no mesmo quarto.

Novamente o moço entregou o remédio à lagartixa e a formiga encarregou-se de levar à boca do príncipe. Com pouco mais, sem querer, o noivo fez outra desgraça na cama e foi expulso pela princesa, que **ficou encarnada de raiva**. No outro dia o rei despedia o príncipe e a princesa dizia que aquilo era **castigo por ele não ter dado licença para ela casar com quem a fizera rir**. Palavra de rei não volta atrás. O rei consentiu e o rapaz casou com a princesa. Foi uma festa que durou três dias e eu estive lá, comendo do bom e do melhor e não arranjei nada para vocês porque vim comendo no caminho...

8. A PRINCESA QUE NUNCA SORRIA ¹¹⁴

Quando você começa a pensar no assunto, como é maravilhoso esse mundo de Deus! Nele vivem afortunados e desditosos, cada um tem seu destino, e o Senhor cuida de todos.

Num palácio real, num castelo maravilhoso num quarto imenso vivia a gloriosa Princesa Que Nunca Sorria. Que vida a dela, que abundância, que luxo! Ela tinha muito de tudo, tinha tudo quanto seu coração desejava. E, mesmo assim, **nunca sorria e nunca tinha dado uma gargalhada; era como se nunca o seu coração não sentisse prazer com nada**.

O **rei ficava angustiado** quando olhava para sua **triste filha**. Abriu as portas do palácio para todos que quisessem ser seus hóspedes.

“Deixe-os tentar divertir a Princesa Que Nunca Sorri”, dizia; “aquele que conseguir a terá por esposa.

Mal acabara de dizer essas palavras, as pessoas começaram a se aglomerar diante dos belos portões do castelo. Eram de todas as camadas sociais __ príncipes e duques, boiardos e nobres, gente importante e plebeus. Tiveram lugar banquetes, o hidromel corria __ e mesmo assim a **princesa não sorriu**.

Na outra ponta da cidade , num cantinho seu, vivia um empregado honesto. De manhã ele varria o pátio, à tarde levava o gado para pastar, labutava incessantemente. Seu patrão, um homem rico direito, pagava-lhe bem. No fim do ano ele colocou um saco de dinheiro em cima da mesa e disse a seu empregado :

“Pegue o que quiser.”

E depois saiu da sala.

O empregado foi até a mesa e pensou:

“Como não pecar contra o Senhor pegando um pagamento grande demais pelo meu trabalho?”

E pegou somente uma moeda, apertou-a na mão e foi beber um pouco de água no poço. Curvou-se para apanhar a água, a moeda escapou-lhe da mão e caiu no fundo do poço.

O pobre coitado ficou sem nada. Outro em seu lugar teria levantado as mãos para o céu, teria chorado e se afligido, mas não ele.

“Deus nos manda tudo”, pensou ele. “O Senhor sabe o que dar a quem: a alguns ele concede uma quantidade generosa de dinheiro, de outros Ele tira até o último centavo. Devo ter sido descuidado e trabalhado mal. Daqui para frente vou me dedicar mais.”

E pôs-se a trabalhar de novo, e suas mãos trabalhavam com mais agilidade que o próprio fogo.

¹¹⁴ **CONTOS DE FADAS RUSSOS**. Organização de Aleksandr Afanas'ev. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Landy, 2002.

Outro ano se passou, chegou a hora de acertar as contas e o patrão colocou novamente um saco de dinheiro em cima da mesa, dizendo-lhe:

“Pegue o que quiser.”

E saiu da sala como fizera antes. E mais uma vez o empregado não quis desagradar a Deus com um pagamento que fosse demasiado para o seu trabalho. Pegou uma moeda, foi beber água no poço, tropeçou, e mais uma vez a moeda caiu e afundou na água. Ele se pôs a trabalhar com mais afinco ainda, mal dormindo à noite e mal comendo de dia. E, veja só, enquanto o cereal dos outros secava e morria, o de seu patrão florescia; enquanto o gado dos outros caía no chão de cansaço, o de seu patrão pulava pelas ruas; os cavalos dos outros tinham de ser arrastados morro acima, os de seu patrão tinham de ser contidos para não dispararem. O terceiro ano passou, e ele chegou novamente a hora de acertar as contas. O patrão colocou uma pilha de dinheiro em cima da mesa dizendo :

“Pegue, meu caro empregado, pegue o que seu coração desejar; o trabalho foi seu, o dinheiro também deve ser.”

E saiu da sala.

Mais uma vez o empregado pegou somente uma moeda e foi ao poço tomar água; e veja só, sua última moeda estava a salvo, e as duas que ele perdera antes flutuaram até a superfície da água. Ele as pegou, achando que Deus o recompensara por seus esforços. Ficou felicíssimo e pensou:

“Está na hora de conhecer o vasto mundo, de conhecer outras pessoas.”

Pensou durante algum tempo e depois partiu, sem saber para onde. Estava atravessando um campo quando um camundongo passou correndo por ele e disse:

“Meu querido companheiro, dê-me uma moeda, que um dia lhe serei útil.”

O empregado deu uma moeda ao camundongo, e depois entrou numa floresta. Um besouro veio em sua direção, e disse :

“Meu querido companheiro, dê-me uma moeda, que um dia lhe serei útil.”

E ele deu a moeda ao besouro. Depois lançou-se no rio para atravessá-lo a nado, e encontrou um bagre que lhe disse:

“Meu querido companheiro, dê-me uma moeda, que um dia lhe serei útil.”

Nosso amigo não recusou o **pedido do bagre** e deu-lhe sua última moeda.

Chegou a uma cidade. Lá havia muita gente, muitas casas! O empregado olhava para tudo e para todos os lados, mas não sabia para onde ir. **De repente, encontrou-se diante do palácio do rei. A Princesa Que Nunca Sorria estava sentada à janela, toda vestida de ouro e prata, e olhava fixamente para ele. Onde poderia se esconder ? Sua vista escureceu, ele perdeu os sentidos e caiu de cara na lama.** Como que saído do nada, *o bagre de longos bigodes apareceu, seguido do velho besouro e do camundongo de pelo curto; todos eles vieram e puseram-se a trabalhar: o camundongo tirou-lhe o casaco, o besouro limpou-lhe as botas e o bagre espantou as moscas. A Princesa Que Nunca Sorria ficou observando aquelas atividades estranhas e acabou caindo na gargalhada.*

“Quem foi, quem foi que alegrou a minha filha?”, perguntou o rei.

E alguém respondeu:

“Fui eu!”

“Não”, disse a **Princesa Que Nunca Sorria**, “foi aquele homem.”

E apontou para o empregado, que foi imediatamente levado ao palácio, e, ali, diante do rei, estava ele transformado num belo jovem. O rei cumpriu sua palavra e deu-lhe o que tinha prometido.

Fico me perguntando se o empregado não sonhou com tudo isso. Mas não, tenho certeza de que todas essas coisas aconteceram e, por isso, é bom acreditarmos nelas.

9. A PRINCESA SILENCIOSA ¹¹⁵

¹¹⁵ **CONTOS DO PAÍS DAS FADAS.** Organizado por Gondim da Fonseca. Ilustrações de Henrique Cavalleiro. Rio de Janeiro: Livraria Quaresma, 1958.

Era uma vez **o filho de um rei** que **passava os dias brincando** com uma bola de ouro.

Aconteceu que, uma tarde, achando-se no jardim entregue ao seu brinquedo favorito, veio uma anciã encher o cântaro na fonte que havia junto do palácio, e o príncipe, casualmente, quebrou-lho com a sua bola.

Foi a velhinha, comprar novo cântaro, e o príncipe, já agora de propósito, arremessou-lhe a bola e partiu-o.

Tristemente, sem se queixar, a anciã, não tendo mais dinheiro algum, foi comprar fiado um outro cântaro e tornou a aproximar-se da fonte. Mal o havia enchido quando o príncipe lhe atirou com a sua bola de ouro e o fez em pedaços.

— Tudo esperava de ti, pois há muito que te conheço . Permitam, porém, os Gênios, que te inflames de amor pela **Princesa Silenciosa!**

E desapareceu.

Logo no dia seguinte o príncipe começou a empalidecer e enfermar de tal modo, que dentro em poucas semanas não pode mais erguer-se do leito.

Desesperava-se o rei sem atinar com a misteriosa doença do filho. Doutores de todo o mundo desfilaram pelo palácio, e nenhum deles descobriu o mal que atormentava o herdeiro do trono.

Várias vezes o rei interrogou a fim de ver se ele obtinha algum indício que o levasse a achar a causa de tão estranha doença . Em vão ! O príncipe negava-se a falar.

Mas o pai tanto fez, tanto fez, que por fim ele narrou a aventura dos três cântaros quebrados à velhinha, e a maldição que esta lhe lançara. Pediu em seguida licença para partir e correu mundo até encontrar a Princesa Silenciosa. O rei consentiu, ordenando, todavia, ao seu primeiro-ministro que seguisse o príncipe em tão aventureira e extraordinária viagem.

Durante muito tempo caminharam os dois sem trégua através de reinos e de impérios. Pararam, finalmente, no sopé de um monte elevadíssimo, cujo píncaro chegava até ao sol. Estavam-no contemplando, cheios de admiração, quando lhes apareceu um simpático velhinho.

— Para onde ides, viajantes ?

— Andamos à procura da Princesa Silenciosa .

E contaram a história dos três cântaros quebrados, e a maldição lançada pela velha.

— Este monte que vedes é justamente o Monte da Princesa Silenciosa, uma criatura formosíssima. Touca-se com sete véus. Em volta dela há sempre uma auréola de luz, que provém da irradiação da sua beleza.

Não lhe perguntaram os viajantes o lugar em que ela morava.

Segundo o velhinho, porém, necessitariam de cerca de seis meses até poder chegar à sua residência, onde, segundo ouvira dizer, **muitos homens tinham morrido sem conseguir obter uma única palavra da sua boca.**

Tão fatais notícias não desanimaram, todavia, o príncipe; antes o fizeram continuar a jornada, com maior brio e coragem mais destemida.

Depois de muito caminhar chegaram ao cume de outro monte. Ali souberam que uma das vertentes era rubra como sangue. Caminharam mais e entraram num povoado.

Disse, então, o príncipe ao ministro :

— Sinto-me desfalecido de cansaço! Repousemos aqui! E inquiramos notícias da Princesa Silenciosa.

Assim fizeram. Dirigiram-se à loja de um mercador, o qual, vendo que os visitantes não eram do país, lhes ofereceu cordial hospitalidade.

O príncipe agradeceu, e perguntou por que motivo uma das ladeiras do último monte que tinham subido era vermelha como sangue.

— Este monte dista cinquenta léguas do palácio da Princesa Silenciosa. A encosta de que falais é toda de cristal branco, mas fica vermelha com o reflexo dos lábios da princesa, tão rubros e brilhantes eles são. É uma criatura formosíssima. Guarda-a, porém, uma aia terrível, cujos pés repousam habitualmente sobre caveiras humanas. Em volta dela há sempre uma auréola de luz, que provém da irradiação da sua beleza . **Muitos homens já perderam a vida por querer escutar uma palavra da sua boca.**

Ouvindo isto, o príncipe continuou a jornada, com maior brio e coragem mais destemida.

Após vários dias de caminho chegaram, enfim, a outro monte, no cimo do qual se erguia o castelo da Princesa Silenciosa.

Acercando-se dele, viram que era todo construído de crânios humanos.

Disse o príncipe ao ministro :

__ São, decerto, as **cabeças dos que morreram, esperando ouvir uma palavra da boca vermelha da princesa.**

Antes de entrar no castelo acamparam uns dias nas imediações, e dormiram sobre as suas capas. Durante a noite só escutaram choro convulso e lamentações desgarradas, __ vozes que gritavam de longe e de todos os lados :

__ Ai! Meu filho ! Meu filho querido!

__ Oh! Meu irmão! Irmão da minha alma!

Intrigado, o príncipe um dia perguntou o que era aquilo a um habitante do lugar.

__ São as vozes das mães e das irmãs dos que morreram por querer escutar uma palavra da Princesa Silenciosa.

Ouvindo isto o príncipe dirigiu-se para o castelo com maior brio e coragem mais destemida.

No caminho encontrou um homem que trazia um canário numa gaiola. Cantava o pássaro tão primorosamente que o jovem se resolveu a comprá-lo e levá-lo consigo.

Comprou-o e continuou a andar, entristecido, pensando que talvez em breve teria de morrer se não conseguisse obter uma palavra da boca da Princesa Silenciosa.

__ Por que está tão triste, mancebo ? Que te preocupa ? __ indagou o pássaro.

O príncipe estremeceu, não sabendo se tinha na mão um canário ou um gênio. Finalmente acalmou-se e contou-lhe a sua aventura.

__ Não te aflijas ! É muito fácil de conseguir o que desejas. A princesa falará. Apresenta-te esta mesma noite no palácio e leva-me contigo. Ela toca-se com sete véus, e em volta dela há sempre uma auréola de luz que provém da irradiação da sua beleza. Quando chegares, coloca-me, sem que ela me veja, perto do lustre do seu quarto, e pergunta-lhe depois como vai passando. Ela não te responderá. Dirás então : “Já que não quereis falar comigo, falarei com o lustre do vosso quarto”. Assim, tu falarás e eu responderei.

O príncipe seguiu este conselho ao pé da letra. Tirou o canário da gaiola, meteu-o no bolso e dirigiu-se imediatamente ao castelo.

Avisado ao rei, __ pai da Princesa Silenciosa, __ que um mancebo pretendia ver sua filha, mandou-o vir à sua presença e comunicou a **decisão em que estava de a dar em casamento a quem fosse capaz de a fazer falar.**

__ Vai tenta, __ ousado aventureiro! **Se, porém, não fores bem sucedido, mandar-te-ei cortar a cabeça.**

Encaminhando-se o príncipe, ao anoitecer, para os aposentos da princesa, a qual **o esperava disposta a não dizer uma única palavra, fosse pelo que fosse.** Antes de entrar passou pela aia terrível, que estava sentada numa cadeira, com uma **rosa mágica** na mão, e repousava os pés sobre caveiras humanas.

Chegando ao quarto, da princesa soltou o canário, que voou, sem ela pressentir, e pousou em cima do lustre. Em seguida, voltando-se para a bela **Silenciosa**, perguntou, com uma grande vênia.

__ Como ides, senhora ?

Não obteve a mínima resposta.

__ Não quereis falar comigo ? Bem! Falarei com o lustre do vosso quarto.

Dizendo isto, voltou-se para o lustre e pôs-se a conversar com ele.

__ Como estás, ó lustre?

__ Muito bem, muito obrigado! Há longos anos que ninguém me dirige a palavra. Certamente alguma boa fada te envia para conversares comigo. Oh! Como sou feliz! Queres entreter-me contando-me uma história?

__ Quero. Vou-te contar a história de Sucna Murga.

__ Não ! Essa é um história muito bonita, mas eu já a sei. Além disso é muito grande. Não sabes nenhuma história pequena?

__ Pequena ? Parece-me que não ...

__ Nesse caso vou contar-te uma. Era uma vez um rei que tinha uma filha de singular formosura. Três príncipes desejavam casar-se com ela, e o pai, não sabendo como decidir, chamou-os a todos três e disse: “darei a mão de minha filha àquele que dentre vós que, daqui a um ano e um dia, seja capaz de praticar uma ação qualquer, mais extraordinária do que as praticadas pelos outros dois.

Os príncipes concordaram e decidiram-se animosamente a correr o mundo. Chegados daí a três meses junto a uma fonte de onde partiam três caminhos, cada qual tomou o seu e combinaram regressar àquele mesmo sítio depois de passado meio ano.

Seguiu cada um para o seu lado, e justamente depois de meio ano chegaram de volta todos três.

Indagaram então uns dos outros o que tinham conseguido de extraordinário durante todo esse tempo.

Tinham conseguido pouca coisa, como se verá...

Um declarou que era capaz de ver qualquer objeto à distância de mil léguas com um óculo mágico que trazia.

Outro disse que era capaz de se transportar num minuto a qualquer parte, por mais longe que fosse, proferindo apenas uma palavra cabalística.

E outro informou ter adquirido certo remédio maravilhoso que, dado a uma pessoa na hora da morte, a fazia recuperar imediatamente a saúde.

__ Vejamos como está passando a nossa princesa, __ disse o do óculo. E assestando-o em direção ao palácio do rei, que ficava a duzentas léguas de distância, empalideceu mortalmente.

__ o que há ? __ perguntaram-lhe, aflitos, os outros dois.

__ A princesa está à morte.

__ Salvemo-la ! __ disse o que se podia transportar num minuto a qualquer parte.

Pedindo então ao outro o remédio maravilhoso, voou num instante ao palácio, deu-o a beber à princesa e ela ficou boa no mesmo momento.

Ao chegar a este ponto o canário perguntou ao príncipe :

__ Qual dos três pretendentes mereceu a mão da princesa disputada?

__ O do óculo, __ respondeu o príncipe.

__ Nunca ! Nunca! O do remédio maravilhoso, esse sim que a mereceu!

E entraram a discutir acaloradamente, cada qual pelo seu príncipe, sem jamais falar do terceiro, o que voara proferindo uma palavra cabalística.

Não podendo mais conter-se, a Princesa Silenciosa exclamou :

__ Loucos que sois ! O mais indicado para esposo da princesa foi aquele dos três que pôde chegar a tempo de lhe dar o remédio justamente na hora da morte. A duzentas léguas de distância como estavam, de que servia o óculo? De que valia o remédio ? Por mais que o seu possuidor corresse com ele, chegaria meses depois de ela estar enterrada.

O rei foi informado de que a filha, a Princesa Silenciosa, tinha quebrado o silêncio. Ela, porém, protestou, declarando que fora vítima de uma astúcia e que não consentiria em casar-se com o príncipe sem que ele a fizesse falar três vezes.

Desesperançado, o príncipe voltou para casa e consultou o canário .

__ Ela gosta muito de ti, mas finge que está furiosa, __ disse este, __ e mandou que lhe tirassem o lustre do quarto. Quando voltares à sua presença põe-me junto da parede, por detrás de um reposteiro.

O príncipe assim fez. Conduzido novamente ante a princesa, saudou-a respeitosamente :

__ Como ides, senhora ?

__ Não quereis falar comigo ? Bem! Falarei com parede de vosso quarto.

__ Olá parede! Queres contar-me uma história ?

__ Com muito gosto, __ respondeu o canário, oculto por detrás do reposteiro. Era uma vez uma donzela riquíssima que tinha três namorados “Alberto, João e Antonio. Não sabendo com qual dos três devia casar-se por ignorar qual dos três a amava mais, convidou-a virem a sua casa a horas diferentes e disse a cada um deles :

__ Ai de mim! Meu pai acaba de falecer deixando-me cheia de dívidas. Como andavam enganados os que me supunham rica! Nada tenho. Estou até sem dinheiro para fazer o enterro. Alguns

criados vieram aqui agora mesmo e disseram que me levariam todos os móveis de casa e me poriam na rua se eu não lhes pagasse ainda hoje, o mais depressa possível. Serás capaz de, com toda urgência, me conseguir dez moedas de ouro ?

O pai não tinha morrido. Tudo era plano dela para saber se os namorados só a cortejavam pela sua grande fortuna.

Alberto, um dos três, logo ao sair à rua encontrou uma bolsa com cinquenta moedas de ouro e veio imediatamente trazer-lha.

Antonio, filho de um mercador muito rico, pediu dinheiro ao pai, que lhe negou. Ele entristeceu-se. Mas correu depressa a um ourives, vendeu o seu melhor anel por cem moedas e levou-as à namorada.

João, coitado! Era muito pobre. Procurou por todos os meios obter algum dinheiro. Nada conseguindo depois de tentar em vão todos os recursos, alugou-se como escravo por dez moedas de ouro e mandou entregar à namorada essa quantia.

Qual dos três manifestou maior dedicação?

__ Alberto, que foi o primeiro de todos a trazer o dinheiro, __ respondeu o príncipe.

__ Nada disso! Repliquou o canário . Quem deu mais prova de amor foi Antônio, que cem moedas de ouro obteve e cem moedas de ouro foi levar. No entanto ela pedira apenas dez!

E empenharam-se a discutir sobre o caso, __ o príncipe e o canário, __ pondo grande cuidado em não citar a propósito de coisa alguma o nome de João.

A princesa, que tudo ouvira muito atentamente, estava desesperada porque não se referiam a ele, como se porventura o seu ato não houvesse sido mais meritório que o dos outros. Acabou, afinal, por protestar em favor de João.

O rei ficou admirado ao saber que sua filha tinha falado pela segunda vez. Faltava só mais uma. Encontrando-me nesse dia no palácio, ele bateu-me no ombro e ponderou:

__ Meu caro Gondim! Acho que este príncipe é bem mais inteligente do que todos os outros que tem vindo até agora ao meu reino com a esperança de obter a mão de minha filha obrigando-a a falar.

__ Assim me quer parecer, Majestade! Penso que este acabará casando-se com ela.

__ Talvez, quem sabe ?

A Princesa Silenciosa fingia estar louca de furor por ter falado pela segunda vez.

__ Agora, __ disse o canário ao príncipe, __ coloca-me atrás da porta do quarto dela sem que ela dê por ter falado pela segunda vez.

__ Agora, disse o canário ao príncipe, __ coloca-me atrás da porta do quarto dela sem que ela dê por isso. Depois trava conversa com a porta.

O príncipe seguiu de bom grado esse conselho . Quando se tornou a avistar com a princesa, curvou-se respeitosamente, saudando-a :

__ Como ides, senhora?

Não obteve a mínima resposta.

__ Não quereis falar comigo? Bem ! Falarei com a porta de vosso quarto .

E voltando-se para a porta, pediu amavelmente :

__ Porta! Queres contar-me uma história?

__ De muito bom grado, senhor! De muito bom grado!

E contou :

Viajavam juntos, certa vez, um escultor, um alfaiate e um estudante de Direito. Chegadas a uma cidade, tomaram cômodo na mesma pousada, e cada qual se entregou ao seu trabalho.

Uma noite, enquanto os outros dois estavam dormindo, o escultor saiu, bebeu uma xícara de café, fumou no seu cachimbo, e, para distrair, pegou numa porção de barro e compôs lindíssima estátua de mulher, que colocou no lugar mais visível da habitação.

E foi-se deitar.

Daí a pouco o alfaiate despertou e, vendo tão linda estátua de mulher, fez-lhe imediatamente um vestido formosíssimo e retirou-se para seu quarto.

Passada uma hora, o estudante acordou e ficou maravilhado contemplando aquele prodígio de estátua e aquele encanto de vestido ! Invocou então um Gênio seu amigo e pediu-lhe que infundisse,

ao barro, vida e cor humana. O Gênio acedeu. Logo a estátua se transformou numa jovem de radiante beleza, que cumprimentou o estudante e se foi reclinar num sofá.

Pela manhã, quando os outros dois acordaram, formou-se grande contenda para saber qual dos três era mais digno de merecer a gratidão daquela moça tão bem vestida e tão linda.

E na realidade, __ interrogou o canário, __ qual dos três era o mais digno? Eu sou pelo escultor.

__ E eu pelo alfaiate.

Começou a disputa entre os dois, e cada qual apresentava as suas razões, __ um pelo alfaiate e outro pelo escultor, sem nomear para coisa alguma o estudante de Direito.

A princesa não pôde reprimir-se e exclamou:

__ Sois uns loucos ! Sempre desvairais! Quem senão o estudante, era mais digno da sua gratidão? Sem vida ela não seria mulher: seria apenas uma estátua.

O rei foi avisado de que sua filha falara pela terceira vez. Foi eu que lhe levei a notícia.

O casamento realizou-se com grande pompa. Duraram os festejos quarenta dias e quarenta noites.

A anciã a quem o príncipe quebrara os três cântaros era uma boa fada, apareceu no palácio e trouxe um belo presente aos noivos. Ela era madrinha do príncipe, e quisera somente corrigi-lo de sua má índole fazendo-o passar por todos aqueles trabalhos. Fora ela ainda que se transformara em canário e o salvara da morte certa que esperava, se ele não conseguisse fazer falar a Princesa Silenciosa. Mas (cá para nós... a princesa só falou porque gostava muito dele.

O príncipe voltou para a corte de seu pai, onde ainda hoje vive com a esposa, considerando-se a criatura mais feliz de todo o mundo.

10. COMO OS HOMENS CONHECERAM A ALEGRIA ¹¹⁶

No fundo recuado dos tempos, lá onde os séculos começaram, não existiam nem rei, nem príncipes nem senhores, nem servos. Havia homens e mulheres, simplesmente. O grande déspota, o patrão absoluto dos seres humanos era a dor. Na terra só se viam florestas selvagens, alagadiços imensos, paludes. Só alguns frutos insípidos e que satisfaziam a fome dos homens.

A belíssima Swatawa, filha de Jjwia, que é a deusa da vida, olhava com curiosidade, do alto de sua celeste casa esplendente, o pobre e árido globo terrestre. E a Swatawa agradaram, de nosso planêta, algumas flôres misteriosas, cuja branca corola, ondulava sôbre a superfície cristalina de um lago: eram as ninféias.

__ Agradam-te tanto assim? __ perguntou Jjwia à mocinha, indicando as flôres que no verde das fôlhas rígidas pareciam pratinhos de pedra.

__ Muito, minha mãe. Gostaria de colhê-las...

__ Mas é um desejo tolo! As ninféias não têm côr nem perfume. O que te parece um mistério não passa de tolice.

__ Ninféias ? Chamam-se ninféias ? Eu preciso acariciar as pétalas níveas, imediatamente. Deixa-me descer à Terra neste mesmo instante.

__ Que estás dizendo ? desaprovou com veemência Jjwia. Queres ir para um lugar tão , triste ? Os homens sofrem frio, fome. sêde, acabam se tornando maus e perigosos. As doenças os atormentam, as paixões os dividem, a morte os dizima.

Swatawa teve muita pena das pobres criaturas infelizes, uma lágrima se lhe destacou dos olhos fulgentes e caiu em cima da Terra.

¹¹⁶ **ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL DA FÁBULA:** fábulas, mitos, lendas e contos populares. Textos coordenados por A. Della Nina. São Paulo: Editora das Américas, 1959. 32 Volumes.

___ Minha mãe ___ invocou a gentil criatura ___ como é que podes tu, transmissora de vida, não consolar os pobres homens ? Qual é a existência que ofereces, se não ilumina um pouco de alegria ? Jjwia justificou-se: Não pertencem à raça divina, minha filha.

Os deuses não choram, os deuses não se atormentam pelos humilíssimos mortais. Continua a viver pura e feliz acima e fora da Terra. Mas se insistes, isto só prova que não és digna de viver na morada luminosa dos deuses; portanto, vai-te!

Expulsa do céu, a moça de coração compassivo se encontrou, por prodígio, e no mesmo instante, à margem de um tanque. Na superfície das águas ondulavam as ninféias, que pareciam tão graciosas aos olhos da donzela. Swatawa estendeu a mão e cuidou de colhêr uma, a flor do seu desejo! Mas a alva corola, sacudida por um sôpro do vento, se afastou um pouco.

A gentil filha de Jjwia não queria renunciar ao seu desejo inocente. Ajoelhou-se no terreno mole da margem, estendeu por cima da água o corpo flexível e gracioso e de novo tentou agarrar a flor movediça. O tanque lhe sorriu, olhando-a com o próprio rosto, refletido na água.

Pareceu-lhe que muitas ninféias, esplêndidas como estrêlas, giravam ao redor de sua cabeça. Escorregou para a água sem um suspiro.

Jjwia no entanto, ficara a pensar na filha. Sua punição havia sido rigorosa demais e agora sentia remorsos. Onde estaria àquela hora, a pobre Swatawa ? A deusa passou a esquadrinhar os cenários da Terra, o teatro lúgubre do sofrimento e da miséria. Ali estavam homens e mulheres, caminhando desolados pelas margens de um banhado insalubre, onde floresciam enfermidades moitas sujas. Mas não se via a menina bem-amada.

Jjwia não mais cuidou da sua dignidade divina. Sofria também ela, chorava também. Deixando a moradia luminosa dos céus, desceu, por sua vez, à terra. E caminhou, caminhou, procurando Swatawa, chamando pela filha em doloridos gritos, Os homens e mulheres tiveram piedade dêsse coração materno ferido, e procuraram consolá-la. Quem sofre compreende a pena dos outros.

Transcorreram dias longos, noites eternas. Jjwia teve, enfim, uma inspiração foi para uma grotta que se encontrava no centro de fechadíssima floresta. Resolutamente, sempre invocando a filha querida, penetrou no antro. Seus olhos, divinos, estavam sempre cheios de luz e por isso enxergava ainda no mais profundo escuro do mundo. Caminhou por algum tempo e foi assim que chegou a um maravilhoso salão cavado em plena rocha viva, no centro do qual resplendia um trono de ouro. No trono, bela e fria, com um vestido recamado de gemas raras, estava sentada Swatawa. Diante dela, numa pequena bacia de mármore, ondejava a corola branca de um nenúfr, a ninféia tão querida da menina. Em grande profusão aqui e ali, pequenos escrínios de onde se espalhavam para pratinhos belíssimos, as pedras mais lindas : esmeraldas, rubis, brilhantes, safiras.

___ Swatawa, minha pequena! chamou a deusa, correndo comovida para a donzela.

A menina ergueu-se tranquilamente do trono e foi ao encontro da deusa. Seu rosto não demonstrava nem alegria nem assombro.

___ Vem ___ implorou ela ___ eu te conduzirei de volta à jucunda mansão dos deuses.

___ Não, decidiu a moça. Aqui estou bem. A deusa da Morte me ensinou a indiferença, que é a virtude dos deuses. Minha paz, agora, é perfeita. Não temo a cólera dos numes nem me comovem as lágrimas e os suspiros dos homens.

Quando num coração se extinguiu a chama, é tolice querer reavivá-la. Nos olhos de Swatawa fulgurava o esplendor frio das pedrarias.

___ Filha ___ gemeu a deusa, afastando-se do reino da morte, adeus...

___ Adeus, mãe.

Agora, que sofria tanto, Jjwia sentia-se aproximada dos homens, com êles solidária, ligada aos seus desgostos e lágrimas. Irmã dos humanos, enfim. Chamou ao seu redor os infelizes, ensinou-os cultivar o solo, a construir o arado, a cultivar as plantas, criar o gado, a tecer a estôpa e a lã.

A divina lição foi preciosa. Não mais os homens tiveram receio da fome, do frio, da miséria. Aprenderam a cantar; aprenderam a ter esperança. Foi a alegria, finalmente¹¹⁷!

¹¹⁷ Dentre as muitas versões sobre o rapto de Perséfone e a dor de Deméter, está uma que se parece muito com este conto. O narciso aparece ligado àquele que busca a realização de seus desejos. Deméter também é acolhida por mortais e convive com eles e será lambe, serva a quem a fará rir após gestos obscenos. O riso parece nestes

11. O GANSO DE OURO¹¹⁸

Havia um homem que tinha três filhos. O mais novo se chamava **Tolico** e sempre era **desprezado e maltratado** por todos da família. Aconteceu do filho mais velho enfiar na cabeça um dia de ir à floresta cortar lenha. Sua mãe então preparou para ele um delicioso almoço e uma garrafa de bom vinho. Enquanto andava pela floresta, um **velhinho** deu-lhe bom dia e pediu:

__ Dá-me um pedacinho de **carne** do teu prato e um **gole de vinho** da tua garrafa, tenho muita **fome e sede**.

Mas o rapaz, que se julgava muito **esperto** retrucou:

__ Dar-te minha carne e meu vinho! Não, obrigado! Não teria o bastante para comer e beber __ e lá se foi o rapaz.

Logo dedicou-se a derrubar uma árvore, mas não havia trabalhado muito quando errou a machadada, feriu-se e foi obrigado a voltar para casa para fazer um curativo. Ora, fora o velhinho que lhe causara esta maldade.

Em seguida o filho do meio foi cortar lenha, e sua mãe preparou para ele, também, um delicioso almoço e uma garrafa de vinho. E o mesmo velhinho também lhe apareceu e pediu algo para comer e beber. Mas, como o irmão, julgando-se muito sabido, respondeu:

__ Tudo que te desse seria perda minha. Vai-te embora!

O velhinho prestou bem atenção que este, também, recebesse a sua recompensa: na segunda machadada que deu no tronco da árvore, errou, acertando a própria perna, vendo-se forçado a voltar para casa.

Aí o Tolico se ofereceu:

__ Pai, gostaria de ir também cortar lenha.

Ma o pai respondeu:

__ Seus irmãos ambos se alejaram. Tu que nada entendes destes assuntos, deves ficar em casa.

Mas Tolico era bem insistente e por fim o seu pai consentiu:

__ Vai, segue o teu caminho. Serás mais esperto depois de sofreres por tuas tolices.

E sua mãe lhe deu apenas pão seco e uma garrafa de cerveja amarga. Mas quando entrou pela floresta, encontrou o velhinho, que pediu:

__ Dá-me um pouco de carne e bebida, pois tenho muita fome e sede.

E Tolico retrucou:

__ Só tenho um pão seco e cerveja amarga, mas, se quiseres, sentaremos e comeremos juntos.

Sentaram-se e, quando o rapaz pegou o pão __ **minha nossa!** __, este transformou-se em um delicioso empadão, e sua cerveja amarga em um vinho esplêndido. Comeram e beberam à vontade, e, quando terminaram, o velhinho disse:

__ Como tens um bom coração e aceitasse compartilhar o teu almoço comigo, vou te conceder uma benção. Lá em frente está uma árvore velha; derruba-a e encontrarás algo entre as raízes __ despediu-se e seguiu o seu caminho.

Tolico pôs-se a trabalhar e derrubou a árvore; e quando esta caiu, encontrou um **ganso com penas de ouro** em um buraco entre as raízes. Tomou-o nos braços e se dirigiu a uma hospedaria, onde pretendia passar a noite. O dono da hospedaria tinha três filhas, e quando elas viram o ganso, ficaram muito curiosas em examinar o **maravilhoso pássaro**, e muito desejaram arrancar uma das penas de

casos associados à dor, ao sofrimento, a provas impingidas aos homens. Parece-me percurso e provação. Será a “dor, o grande megafone de Deus, dada aos homens para saberem que estão vivos”?

¹¹⁸ GRIMM, Jacob & GRIMM, Wilhelm. *A Bela Adormecida e Outras Histórias*. Tradução de Zaida Maldonado. Porto Alegre : LP&M, 2001.

seu rabo. Por fim, a mais velhas decidiu-se:

__ Tanto desejo que irei obter uma dessas penas.

Esperou, então, que o rapaz se virasse e puxou por uma pena da asa do ganso. Mas, qual não foi sua surpresa, quando se viu grudada no pássaro; nem sua mão, nem mesmo um dedo conseguindo mais saltar da asa do ganso. Logo, a segunda irmã apareceu resolvida a também roubar uma pena; mas, no momento em que tocou na irmã, ficou grudada. Por fim, veio a terceira irmã, e queria muito uma pena, mas as outras duas a avisaram:

__ Fica longe! Por favor, fica longe!

Contudo, ela não percebeu o porquê do que diziam.

__ Se estão segurando o ganso, também quero segurar __ e aproximou-se delas; mas no instante em que tocou em suas irmãs, ficou grudada, presa como elas ao ganso. E assim, ficaram as irmãs em companhia do ganso por toda a noite.

De manhã, Tólico levou o ganso debaixo do braço e nem reparou nas três moças, mas seguiu com elas grudadas atrás de si; e onde quer que ele fosse, elas eram obrigadas a ir, tão rápido quanto as suas pernas podiam levá-las, quisessem ou não.

No meio de uma planície, um padre avistou-os; e vendo aquele cortejo, comentou:

__ Que vergonha! Que meninas atrevidas, correndo atrás deste rapaz por todos os lados! Isso lá é jeito de se comportar?

Pegou, então, a mais moça pela mão para levá-la dali, mas no instante em que a tocou, também ficou grudado, e teve de seguir com o cortejo. Logo veio o ajudante do padre e, quando viu o seu patrão correndo atrás de três mocinhas, admirou-se muito exclamando:

Ora, ora, vossa reverência ! Aonde vais tão apressado? Temos um batizado hoje! __ correu e puxou o padre pelo hábito, mas num instante ficou também grudado.

Enquanto os cinco assim marchavam, um atrás do outro, encontraram dois trabalhadores com suas ferramentas, voltando do trabalho. E o padre gritou, pedindo-lhes ajuda. Mas assim que o tocaram, eles também formaram fileira, agora sete, todos a correr atrás de Tólico e de seu ganso de ouro.

Finalmente chegaram a uma cidade onde reinava um rei que tinha uma única filha. **A princesa era tão pensativa e séria que ninguém conseguia fazê-la rir; e o rei proclamara a todo o mundo que quem a fizesse rir a teria como esposa.** Quando o jovem soube disso, foi até ela com o seu ganso e todo o seu cortejo. Assim que viu os sete, todos presos uns aos outros, correndo de cá para lá, tropeçando uns nos calcanhares dos outros, **a princesa não conseguiu segurar uma longa e sonora gargalhada.** Então Tólico a exigiu por esposa, o casamento foi celebrado, ele foi declarado herdeiro do trono e viveu por longos e felizes anos junto de sua mulher.

12. O GANSO DE OURO¹¹⁹

Era uma vez um homem que tinha três filhos, e o mais novo deles chamava **Bobalhão**; ele era **desprezado, escarnecido** e sempre passado para trás. Aconteceu certa vez que o mais velho tinha de ir para a floresta, cortar lenha, e antes de sair a mãe deu-lhe para levar um lindo e fino bolo de ovos e um garrafa de vinho, para que não sofresse fome e sede. Quando ele chegou à floresta, encontrou-se com um homenzinho velhinho e grisalho, que lhe desejou um bom-dia e disse:

__ Dê-me um pedaço de bolo da sua bolsa e deixe-me beber um gole do seu vinho, estou com tanta fome e sede.

Mas o **filho inteligente** respondeu:

__ Se eu lhe der o meu bolo e o meu vinho, não sobrá nada para mim; vá andando!__ Deixou o homenzinho ali e seguiu o seu caminho.

¹¹⁹ OS CONTOS DE GRIMM. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Edições Paulinas.s.d.

Quando ele começou a derrubar uma árvore, errou um golpe e o machado cortou-lhe o braço, de modo que ele teve de ir para casa fazer curativo. Mas o golpe errado partira do homenzinho grisalho.

Então o segundo filho foi para a floresta e a mãe lhe deu, como ao primeiro, um bolo de ovos e uma garrafa de vinho. Este também cruzou com o homenzinho velho e grisalho, que lhe pediu um pedaço de bolo e um gole de vinho. E o segundo filho também respondeu, muito **prudente**:

__ O que eu lhe der, vai me faltar; vá andando! __ Deixou o homenzinho velho e grisalho, que lhe pediu um pedaço de bolo e um gole de vinho.

O castigo não demorou: quando ele deu alguns golpes no tronco da árvore, acertou com o machado na própria perna e teve de voltar para casa carregado.

Aí o Bobalhão falou: __ Pai, deixe-me ir cortar lenha .

E o pai respondeu: __ Os seus irmãos se machucaram nesse trabalho, deixe para lá, você não entende nada disso.

Mas o bobalhão insistiu e pediu tanto, até que o pai acabou dizendo:

__ Então vá; você vai aprender, apanhando .

A mãe deu-lhe um bolo que foi assado na cinza, com água, e um garrafa de cerveja azeda. E quando ele chegou à floresta, também lhe veio ao encontro o homenzinho velho e grisalho, cumprimentou-o e disse: __ Dê-me um pedaço do seu bolo e um gole da sua garrafa, estou com tanta fome e sede.

E o Bobalhão respondeu: __ É que eu só tenho bolo de cinza e cerveja azeda. Se isso lhe servir, podemos sentar-nos e comer.

Então eles se sentaram, e quando Bobalhão tirou o seu bolo de cinza, viu que era um fino bolo de ovos, e a cerveja azeda era um bom vinho. Comeram e beberam e depois o homenzinho disse:

__ Por você ter bom coração e por ter repartido o que era seu comigo, eu lhe darei sorte. Ali está um velha árvore, derrube-a encontrará alguma coisa nas suas raízes.

E com isso o homenzinho se despediu.

Bobalhão foi e derrubou a árvore, e quando ela caiu, lá estava, entre as raízes, um **ganso que tinha penas de ouro puro**. Ele o tirou de lá e o levou-o consigo para uma hospedaria onde queria pernoitar. Mas o dono tinha **três filhas**, que viram o ganso, ficaram curiosas por aquela ave maravilhosa e sentiram muita vontade de possuir uma das suas penas de ouro.

A mais velha pensou: “Vai surgir uma oportunidade para eu arrancar uma dessas penas”, e quando Bobalhão se afastou um pouco, ela agarrou o ganso pela asa. Mas seus dedos e sua mão ficaram grudados na asa. Logo chegou a segunda irmã que não tinha outro pensamento a não ser buscar uma pena de outro para si mesma: mas nem bem ela tocou na sua irmã, ficou grudada e presa. Por fim chegou também a terceira, com a mesma intenção. Aí as outras duas gritaram:

__ Não se aproxime, pelo amor de Deus, não chegue perto! Mas ela não entendeu por que não devia se aproximar, e pensou: “Se as duas estão aí, então eu também posso” __ e correu para junto delas. Assim que tocou a irmã, ficou presa. E desta forma elas tiveram de passar a noite com o ganso.

Na manhã seguinte, Bobalhão pegou o ganso no colo, e saiu andando sem se importar com as três moças que estavam coladas e presas nele. Elas tinham que ficar o tempo todo correndo atrás dele para a direita e para a esquerda, conforme a vontade das pernas do rapaz. No meio do campo, encontraram-se com o vigário, e quando este viu aquele desfile, falou:

__ Envergonhem-se, moças indecorosas; como podem ficar correndo assim pelo campo atrás de um moço, então fica bem uma coisa dessas ?

E com isso ele agarrou a mais nova pela mão, querendo puxá-la. Mas assim que a tocou, também ele ficou grudado e teve que correr junto com os outros.

Pouco depois, o sacristão, que vinha passando deu com o senhor vigário correndo atrás de três moças. Ficou muito espantado e exclamou: __ Ei, senhor vigário, para onde vai tão apressado? Não esqueça que temos hoje um batizado! __ correu e segurou-o pela manga, mas ficou preso, por sua vez.

Quando os cinco iam assim trotando um atrás do outro, encontraram-se com dois camponeses que voltavam do campo, com as suas enxadas. Então o vigário pediu-lhes que soltassem o sacristão. Mas nem bem eles tocaram no sacristão, ficaram colados, e agora eram sete que corriam atrás do Bobalhão com o seu ganso no colo.

Bobalhão chegou a uma cidade onde reinava um rei que tinha uma filha, que era tão sisuda que ninguém conseguia fazer a princesa rir. Por isso, o rei mandou proclamar que quem conseguisse fazer a princesa rir, poderia casar-se com ela . Quando Bobalhão soube disso, foi com o seu ganso e o seu séqüito até a filha do rei, e quando ela viu aquelas sete pessoas correndo uma atrás da outra, caiu na gargalhada, rindo sem parar.

Então Bobalhão exigiu-a em casamento, mas o **rei não se agradou daquele genro**. Fez toda sorte de rodeios e disse que ele devia antes trazer-lhe um homem que pudesse beber até esvaziar uma adega de vinho.

Bobalhão pensou no homenzinho grisalho que decerto poderia ajudá-lo, foi para a floresta e viu, no lugar onde derrubara aquela árvore, um homem sentado, de cara muito triste. Bobalhão perguntou o que o deixava assim, e ele respondeu:

__ Tenho uma sede tão grande que não consigo matá-la. Não suporto água e já esvaziei um barril de vinho, mas o que é uma gota sobre uma pedra quente?

__ Eu posso ajudá-lo, __ disse Bobalhão, __ venha comigo e terá bebida suficiente.

Então ele o levou para a adega do rei, e o homem atacou os grandes barris, bebeu e bebeu até lhe doerem as ancas, antes do fim do dia, esvaziou a adega inteira.

Bobalhão reclamou de novo a sua noiva. Mas **o rei estava irritado porque um rapaz a quem todos chamavam de Bobalhão ficaria com a sua filha, e impôs outra condição**: ele deveria trazer-lhe um homem que fosse capaz de comer uma montanha de pão.

Bobalhão não pensou duas vezes e saiu logo para a floresta. Lá, no mesmo lugar, estava sentado um homem apertando a barriga com um cinturão, com cara tão **infeliz**, que lhe disse:

__ Já comi o pão do forno de uma padaria inteira, mas de que serve isso para alguém como uma fome tão grande como a minha ? Meu estômago está vazio e tenho de apertá-lo com meu cinto, para não morrer de fome.

Bobalhão ficou muito contente e disse:

__ Levante-se e venha comigo; você comerá até se fartar.

E levou-o para a corte do rei, que mandara juntar toda a farinha do reino inteiro e assar uma enorme montanha de pão. Mas o homem da floresta postou-se diante dela, começou a comer, e num só dia deu sumiço àquela montanha inteira.

Bobalhão exigiu sua noiva pela terceira vez. Mas o rei procurou mais uma escapatória e exigiu um navio que pudesse viajar por água e por terra.

__ Assim que você chegar velejando nele, __ disse o rei, __ terá logo minha filha por esposa.

Bobalhão foi direto para a floresta. Lá estava o homenzinho velho e grisalho, a quem dera o seu bolo, e lhe disse:

__ Por você eu bebi e comi, e também lhe darei o navio; faço tudo isso, porque você se mostrou compadecido para comigo.

Então ele lhe deu o navio que viajava por água e por terra; e quando o rei o viu, não pode mais negar-lhe a sua filha.

O casamento foi celebrado; depois da morte do rei, Bobalhão herdou o reino e viveu por muito tempo feliz com a sua esposa.

13. O PEIXINHO ENCANTADO¹²⁰

Era uma velha que tinha um filho tão preguiçoso que passava o dia deitado. Não sabia fazer cousa alguma e se a mãe não arranjasse o que-comer morria de fome. A velha, perdendo a paciência, pegou dum pau e deu umas pancadas no preguiçoso, obrigando-o a sair de casa e ganhar fosse quanto fosse.

__Vá buscar nem que seja lenha para o fogo!

O preguiçoso saiu se arrastando e gemendo, bem devagar até a mata. Sentou-se uns tempos

¹²⁰ CASCUDO, Luís da Câmara: *Contos tradicionais do Brasil*. Rio: Ediouro, 1998.

sem ânimo para quebrar um galhinho de pau seco. Vindo a sede, lembrou-se que ali estava um poço muito fundo. Meteu a mão nágua e, com grande surpresa sua, trouxe um peixinho vivo, pulando ainda. O preguiçoso ia metê-lo no bolso quando o peixinho falou por aqui assim:

__ Não me mates. Se me sacudires dentro do poço, darei tudo que pedires dizendo: "Querendo Deus e meu peixinho..."

O preguiçoso, com preguiça de levar o peixe, sacudiu-o novamente dentro do poço. Esteve sentado, imaginando na trouxa da lenha que precisava fazer. Finalmente, para experimentar, disse:

__ Querendo Deus e meu peixinho, apareça aqui um feixe bem grande de lenha. Apareceu um feixe que era um despotismo de grande. O preguiçoso nem tentou levantar uma ponta, tão pesado era. Tornou a falar:

__ Querendo Deus e meu peixinho, quero ir para casa montado neste feixe de lenha.

Escanchou-se no feixe e este saiu numa carreira doida. Toda a gente que ia vendo aquela arrumação caía na gargalhada e o preguiçoso ficava zangado com a mangação. Por fim o feixe passou diante do palácio do rei onde a princesa e suas amigas estavam na varanda, tomando fresco. Quando viram aquela marmota, deram uma risada que não acabava mais. O preguiçoso, vendo as risadas da princesa, disse:

__ Querendo Deus e meu peixinho, a princesa terá um filho meu!

Chegando em casa o preguiçoso entregou o feixe de lenha, deitou-se e daí em diante viveu muito bem com a velha, pedindo tudo ao peixinho.

A princesa adoeceu e os médicos, depois de muito exame e remédio, descobriram que ela estava esperando criança. O rei quase fica doido. Veio um menino muito bonito e ninguém sabia quem era o pai. O rei botou aviso para que todos os homens se reunissem numa praça. Foram todos, até o preguiçoso. A princesa veio com o filhinho, com o rei e a corte. Iam todos passando pelo meio do povo. Quando o menino viu o preguiçoso, estirou as mãozinhas e agarrou-se nele, gritando:

__ Papai!

O rei mandou-o prender incontinenti, assim com a filha, e meteu-os, com o neto, num grande caixão, sacudindo tudo ao mar. O caixão saiu boiando, barra a fora...

O preguiçoso, deitado no caixão, nem-como-cousa, muito satisfeito, brincando com o filho. Depois que a fome chegou e que comeram do bom e do melhor; o rapaz disse:

__ Querendo Deus e meu peixinho, esse caixão dê numa praia perto do palácio do rei. O caixão correu em cima d'água como um peixe. Deu numa praia e parou. Saíram todos de dentro e o preguiçoso disse:

__ Querendo Deus e meu peixinho, apareça aqui um palácio muito mais bonito e preparado do que o do rei.

Imediatamente um palácio formoso apareceu. O preguiçoso, a princesa e o menino foram viver como ricos, tendo criados, carruagens e todos os preparos.

O rei, muito triste e arrependido pelo que fizera, passava parte da noite sem sono, passeando. Numa dessas noites avistou ao longe um clarão e mandou saber o que era. Disseram que era um palácio mais bonito que o palácio real, todo iluminado. O rei, pela manhã, saiu para ver. Encontrou o palácio e não se cansava de admirar. Foi se chegando para perto e avistou um moço bem parecido e delicado que o convidou para entrar e almoçar. Vai, o rei aceita, não reconhecendo o preguiçoso. No fim do almoço, o preguiçoso, com as artes do peixinho, fez aparecer no bolso do rei uma colher de ouro da mesa. Acabando de comer; o moço deu pela falta de uma colher de ouro e desconfiou do rei. Este se defendeu, já alterado. O moço mandou revistar e foi achada a colher no bolso do rei que ficou acabrunhado pela vergonha. :

__ Como é que eu sou ladrão sem saber?

__ Da mesma forma que filha foi mãe sem querer!

Respondeu o moço, dando-se a conhecer. Chamaram a princesa e o menino para o rei abençoar. Fizeram as pazes e foi a vida mais feliz desse mundo.

14. O PEIXINHO ENCANTADO¹²¹

Era uma pobre mulher, que tinha um único filho, e **demais parvo**, e não queria trabalhar. Coitadinha, não lhe servia senão para comer. Um dia que ia para o mato buscar lenha um rapazinho da vizinhança, ela pediu-lhe para que levasse consigo o tolinho, e lhe ensinasse a fazer um feixinho . Quando chegaram ao monte, o rapaz foi cortar dois molhos de lenha, e o parvo pôs-se a brincar ao pé de uma ribeira . Ali esteve sem pensar em nada, a ver os peixinhos na água; eis senão quando salta um peixinho mesmo às abas do parvo, que lhe logo as unhas. O peixinho assim que se viu ns mãos do parvo, disse-lhe :

__ Não me mates, que em paga, quando quiseres alguma coisa, basta dizeres “Peço a Deus e ao meu peixinho que me dê tal e tal, que tudo há-de sair como pedires.”

O parvo, assustado, deixou o peixinho cair-lhe da mão, e logo desapareceu na ribeira . O outro rapaz bem chamava por ele para vir erguer o seu molho; ele foi, e quando viu que o molho era pesado disse :

__ Peço a Deus e ao meu peixinho que me ponha a cavalo neste feixe de lenha.

Saltou para cima do molho, que o levou a galope pelo mato fora e por toda a cidade, até chegar a cada da mãe. **O rei estava à janela do palácio**, e ficou admirado; chamou a filha :

__ **Vem ver o parvo a cavalo num feixe de lenha.**

A princesa desatou a rir, quando o viu; mas o parvo disse baixinho:

__ Peço a Deus e ao meu peixinho, que **a princesa tenha um filho meu.**

Tempo depois começou a princesa a padecer; todos os médicos foram de opinião, que a princesa andava ocupada. O rei ficou desesperado e pedindo por todos os santos à filha que lhe dissesse quem tinha sido o causador de uma tal vergonha. A princesa jurava por tudo que não sabia explicar aquilo; o rei mandou botar um pregão, de que quem viesse confessar que era pai do menino casaria com a princesa.

O rei ficou espantado, a princesa não compreendia o que estava ouvindo . O parvo contou então o acontecido. O rei para se confirmar, disse-lhe:

__ Pois pede ao teu peixinho que te faça aparecer agora aqui muito dinheiro.

O dinheiro caiu-lhe de todos os lados.

__ Pede ao teu peixinho que te faça um moço muito perfeito e esperto.

O parvo ficou desde logo mais formoso que todos os príncipes; casou com a filha do rei, e pela sua grande esperteza ficou governando.

15. OS DOZE IRMÃOS¹²²

Era uma vez um rei e uma rainha, que viviam juntos em boa paz e tinham doze filhos, que eram todos meninos. Então o rei disse à sua esposa:

__ Se o décimo terceiro for uma menina, os outros doze terão de morrer, para que a riqueza da menina fique maior e ela seja a única herdeira do reino . __ Ele mandou fazer logo doze caixões, já forrados com aparas de madeira, com uma almofadinha em cada um deles. E mandou leva-luz para um quarto trancado . Então o rei entregou a chave à rainha e ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguém a respeito disso .

Mas a mãe ficou o dia inteiro sentada e tão triste, que seu filho caçula, que sempre estava junto dela, que ela chamava pela Bíblia Benjamim, lhe disse : __ Mãe querida, por que está tão triste ?

¹²¹ BRAGA, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*. 4ª.ed.Lisboa: Dom Quixote, 1998.

¹²² OS CONTOS DE GRIMM. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Edições Paulinas.s.d.

___ Filho querido, ___ respondeu ela, ___ não posso contar-lhe isso. Mas ele não lhe deu sossego, até que ela abriu aquele quarto e lhe mostrou os doze caixõezinhos, já forrados e preparados. E disse então :

___ Meu querido Benjamim, esses caixões, seu pai mandou fazer para você e seus onze irmãos; porque se nascer uma menina, todos vocês serão mortos e enterrados dentro deles.

E como, ao dizer isso, ela chorasse muito, o filho consolou-a, dizendo :

___ Não chore, mãe querida, nós vamos nos arranjar, vamos simplesmente embora daqui.

Ela porém disse :

___ Saia com seus onze irmãos e vá para a floresta . Lá, um de vocês deverá sempre ficar sentado no galho mais alto da árvore mais alta, montando guarda e olhando para a torre aqui do castelo . Se nasceu um menininho, mandarei içar uma grande bandeira branca, então vocês poderão voltar. Mas se for uma menininha, a bandeira será vermelha, então vocês deverão fugir a toda a pressa, e que o bom Deus cuide de vocês. Todas as noites, eu me levantarei e rezarei por vocês no inverno para vocês tenham uma fogueira para se aquecerem; no verão, para que não sofram com o calor.

Depois que ela abençoou os seus filhos, os meninos saíram e foram para a floresta . Eles montavam guarda por turnos, um depois do outro, no alto de um belo carvalho, observando a torre. Quando passaram onze dias e chegou a vez de Benjamim, ele viu uma bandeira sendo içada . Mas não era a bandeira branca, mas a vermelha de sangue, anunciando que todos eles deveriam morrer. Quando os irmãos ouviram isso, ficaram encolerizados e disseram :

___ Então nós devemos morrer só por causa de uma menina? Juramos que vamos nos vingar: onde quer que encontremos uma menina, faremos jorrar o seu sangue vermelho.

E com isso eles se embrenharam mais na floresta, e bem no meio dela, onde era mais densa e escura, eles encontraram uma casinha pequena e enfeitada, que estava vazia. Então eles disseram:

___ Aqui ficaremos morando, e você, Benjamim, que é o menor e mais fraco, ficará em casa, cuidando dos afazeres. Nós vamos sair em busca de alimento.

E eles saíram para o mato, atirando em coelhos, veados, aves e rolinhas, em qualquer outra caça que encontrassem, que levavam ao Benjamim, para que a preparasse, a fim de saciarem a sua fome. Eles viveram naquela casinha durante dez anos, sem sentirem o tempo passar.

A filhinha que a sua mãe, a rainha, dera à luz, agora já estava crescidinha, era boa de coração e linda de rosto, e tinha uma estrela de outro na testa . Certo dia, durante uma lavagem geral, ela viu, no meio de toda aquela roupa, doze camisas masculinas, e perguntou à mãe :

___ A quem pertencem essas doze camisas? Elas são pequenas demais para meu pai.

E a mãe respondeu-lhe de coração pesado:

___ Filha querida, elas pertencem aos seus doze irmãos. E a menina falou:

___ Onde estão os meus doze irmãos? Eu nunca ouvi falar deles. A mãe respondeu:

___ Só Deus sabe onde eles estão; andam vagando pelo mundo.

Então ela chamou a menina, abriu-lhe a porta do quarto e mostrou-lhe os doze irmãos com as aparas de madeira e as almofadinhas.

___ Estes caixões ___ conto ela, ___ eram destinados aos seus doze irmãos. Mas eles foram embora às escondidas, antes que você nascer.

E ela relatou à menina como tudo acontecera. Então a menina disse:

___ Mãe querida, não chore; eu vou sair e procurar meus irmãos. E ela pegou as doze camisas e saiu, diretamente para dentro da grande floresta. Andou o dia inteiro e ao anoitecer, chegou à casinha enfeitada. Ela entrou e encontrou um rapazinho jovem, que lhe perguntou :

___ De onde você vem e para onde vai?

Estava admirado porque ela era tão linda, vestia roupas reais e tinha uma estrela na testa . E ela respondeu:

___ Eu sou uma princesa e procuro meus doze irmãos, quero andar até o fim do mundo, até que os encontre.

E mostrou-lhe as doze camisas, que lhes pertenciam.

Então Benjamim viu que ela era a sua irmã, e disse:

___ Eu sou seu irmão caçula, o Benjamim.

Aí ela começou a chorar de alegria, e Benjamim também, e eles se abraçaram e se beijaram de

tanto amor. E depois disse:

__ Querida irmã, eu não posso ocultar-lhe uma coisa : nós havíamos combinado que toda e qualquer menina que encontrássemos deveria morrer, porque tivemos de abandonar o nosso reino por causa de uma menina.

E ela respondeu: __ Eu morrerei de bom grado, se com isso puder libertar meus irmãos.

__ Não, __ respondeu ele, __ você não vai morrer. Fique embaixo desta tina até que meus irmãos voltem para casa; eu me entenderei com eles.

E foi o que ela fez. Quando caiu a noite, os outros voltaram da caçada e a refeição estava pronta . Eles sentaram-se à mesa e, enquanto comiam, perguntaram : o que é que há de novo?

E Benjamim falou: __ Vocês não sabem de nada?

__ Não, responderam eles; e ele continuou : Vocês estiveram na floresta e eu fiquei em casa, mas eu sei mais que vocês.

__ Então conte-nos, __ exclamaram eles. E ele respondeu:

__ Vocês me prometem que a primeira menina que encontrarmos não será morta?

__ Prometemos, __ gritaram todos __ ela será poupada, mas conte-nos logo o que há.

Então ele gritou:

__ Nossa irmã está aqui! __ e levantou a tina.

A princesinha apareceu no seu vestido real, com a estrela de ouro na testa, e era tão linda, mimosa e delicada, que todos se alegraram, abraçaram-na e beijaram-na e lhe quiseram bem de todo o coração.

Então ela ficou em casa com Benjamim, ajudando-o nas tarefas. Os onze forma para a floresta, caçando veados, aves e rolinhas, para ter o que comer, e a irmã e Benjamim cuidavam para que tudo fosse bem preparado. Ela procurava lenha para o fogão e ervas para a salada, e punha as panelas no fogo, de modo que a refeição estivesse sempre pronta, quando os doze irmãos voltassem para casa . Ela também mantinha a casinha em ordem e arrumava as camas, lindas e bonitas. Os irmãos estavam sempre satisfeitos e viviam com ela em grande união.

Certa vez, os dois que ficavam em casa preparam mais um boa refeição . E quando todos se reuniram, sentaram-se à mesa, comeram e beberam e ficaram todos contentes. Havia um pequeno jardim naquela casinha enfeitada, onde cresciam doze lírios magníficos e estranhos. Então ela quis fazer um agrado aos irmãos, e cortou as doze flores, planejando dar uma a cada um deles, depois de comerem. Mas assim que ela cortou as flores, no mesmo instante os doze irmãos se transformaram em doze corvos e voaram embora por cima da floresta, e a casa como o jardim também sumiu. E a pobre menina ficou sozinha na floresta selvagem, e quando olhou em redor de si, viu uma velha parada ao seu lado, a qual lhe disse:

__ Minha filha, o que foi que você fez ? Por que não deixou em paz os doze lírios? Eles eram os seus doze irmãos, agora ele viraram corvos para todo o sempre.

A menina disse chorando :

__ Será que não existe um meio de libertá-los?

__ Não, __ disse a velha, __ não há nenhum no mundo, a não ser um só, mas tão difícil que você não poderá liberta-luz por meio deles. **Porque você terá que de ficar muda por sete anos, sem poder falar e nem rir!** Se você disser uma só palavra, mesmo faltando uma só hora para completar os sete anos, tudo terá sido em vão e seus irmãos serão mortos por essa única palavra.

Então a menina pensou no fundo do seu coração : “Eu sei com certeza que vou libertar os meus irmãos!” É ela foi, subiu numa árvore alta, sentou-se ali, e **ficou fiando, sem falar sem rir.**

Ora aconteceu que **um dia um rei estava caçando na floresta.** Ele tinha um grande galgo, e este cão correu rosnando e latindo e, olhando para cima, pulava em volta da árvore na qual a moça estava sentada. Aí o rei se aproximou e viu a linda princesa com a estrela de ouro na testa, e ficou tão encantado com a sua beleza, que gritou para ela, perguntando se ela aceitaria ser a sua esposa. Ela não respondeu, mas fez que sim com um pequeno inclinar da cabeça. Então ele subiu na árvore, tirou-a de lá, colocou-a no seu cavalo e levou-a para casa . E logo realizou-se o casamento, com muita pompa e alegria; mas **a noiva não falava e não ria.**

Depois que eles viveram alguns anos juntos e felizes, a mãe do rei que era, uma mulher malvada, começou a caluniar a jovem rainha, e disse ao rei :

Não passa de uma reles mendiga essa moça que você trouxe consigo . **Quem sabe lá que espécie de coisas perversas ela faz às escondidas. Se ela é muda e não pode falar, pode ao menos rir de vez em quando . Mas quem nunca ri é porque tem má consciência.**

No começo o rei não quis acreditar nisso, mas a velha insistia tanto, e acusava a jovem esposa de tantas coisas ruins, que o rei por fim se deixou convencer e mandou condená-la à morte.

Então foi acesa no pátio uma grande fogueira, na qual ela iria ser queimada . O rei ficou na janela, olhando com os olhos cheios de lágrimas, porque ainda a amava . Quando ela já estava amarrada à estaca e o fogo já lambia as suas vestes com línguas vermelhas, naquele mesmo instante esgotou-se o último momento daqueles sete anos. Então ouviu-se um ruído no ar um ruflar de asas, doze corvos vieram pousando, e assim que eles tocaram o chão, transformaram-se nos doze irmãos que ela havia libertado . Eles espalharam o fogo, apagaram as chamas, soltaram a sua querida irmã, envolvendo-a em beijos e abraços.

E agora, já podia abrir a boca e falar, ela contou ao rei a razão por que estivera muda e nunca rira . O rei ficou contente quando soube que ela era inocente, e então todos eles ficaram vivendo juntos e unidos até a morte. A malvada madrasta, porém, foi levada a julgamento e foi metida num barril cheio de óleo fervente e serpentes venenosas, onde morreu de morte horrível.

16. OS CISNES SELVAGENS¹²³

Muito longe daqui, na terra para onde voam as andorinhas quando aqui em casa é inverno, morava um rei que tinha onze filhos e uma filha, de nome Elisa. Os onze irmãos, que eram príncipes, iam a escola com uma estrela no peito e uma espada na cinta. Escreviam em lousas de ouro, com lápis de diamantes, e tanto sabiam ler perfeitamente como sabiam de cor as lições: até nisso se notava que eram príncipes. A irmã Elisa ficava sentada num pequeno tamborete de espelho, folheando o seu livro de figuras, cujo valor equivalia ao da metade do reino.

Levavam vida feliz aquelas crianças. Mas não ia ser sempre assim.

Seu pai, que reinava sobre todo o país, casou-se com uma **rainha má**, que não gostava nada das pobres crianças. Já no primeiro dia elas o perceberam. Havia grande festa no palácio, e as crianças brincavam de visitas. Mas, em vez de ganharem bolos e maçãs assadas, como antes, a madrasta lhes deu areia numa xícara de chá, e mandou-as fazer de conta que era coisa de comer.

Uma semana mais tarde, mandou a menina Elisa para o campo, entregando-a a uma família de camponeses. Vivia enchendo de intrigas a cabeça do rei, falando mal dos pobres príncipes, até conseguir que o rei não quisesse mais saber dos filhos.

__ Voai pelo mundo a fora, e cuidai da própria vida! __ disse aos príncipes a rainha má. __

Voai como grandes aves, sem fala!

Não conseguiu, porém, a rainha fazer todo o mal que queria; e os príncipes se transformaram em onze belíssimos cisnes selvagens. Com estanho grito, saíram voando pelas janelas do palácio, por sobre o parque e a mata.

Pela manhã, bem cedo, passaram pela herdade onde a irmã Elisa dormia, em casa dos camponeses. Voaram sobre o telhado, virando o longo pescoço e batendo as asas, mas ninguém os viu ou ouviu. Tiveram então de partir. Voaram para as alturas, para as nuvens, pelo vasto mundo a fora, chegando a uma grande e sombria floresta, que se estendia até a costa.

Na casa da família de camponeses, Elisa, a pobrezinha, brincava com um folha verde, pois não possuía outros brinquedos. Fez um buraquinho na folha, através do qual olhava o Sol, e era como se visse os claros olhos dos irmãos. Cada vez que o sol lhe brilhava na face, ela pensava nos muitos beijos que deles recebera.

¹²³ **ANDERSEN**, Hans Christian (1805-1875). *Contos de Andersen*. Tradução do dinamarquês por Guttorm Hansen. Revisão estilística de Herberto Sales. Ilustrações originais de Vilh. Pedersen e Lorenz Frolich. Rio de Janeiro: Saga, 1966.

Um dia passava-se como o outro. **O vento soprava através das altas sebes de roseira, ao redor da casa, e sussurrava para as rosas: “Quem é mais bela do que vós?”** As roseiras sacudiam a cabeça e diziam: **“Elisa!”** E quando, aos domingos, a velha camponesa, sentada em frente à porta, lia seu livro de salmos, o vento virava as folhas e perguntava ao livro: **“Que criatura pode ser mais piedosa que tu?”** **“Elisa!”** __ dizia o livro de salmos. E as roseiras e o livro diziam a verdade.

Quando completou quinze anos, Elisa voltou para casa. Vendo o quanto ela era bela, a rainha encheu-se de ódio e rancor contra a menina. Bem teria gostado de transformá-la num cisne selvagem, como fizera aos irmãos, mas não ousou fazê-lo desde logo, pois o rei queria ver a filha.

Pela manhã, a rainha foi ao banho. O banheiro era todo de mármore, adornado com almofadas macias e os mais ricos tapetes. Pegou três sapos e beijou-os.

__ Pousarás na cabeça de Elisa quando ela entrar no banho, para que se torne indolente como tu! __ disse ao primeiro. __ Pousarás na testa dela __ disse ao segundo __ para que ela se torne feia como tu, e o pai dela não mais a reconheça. Pousarás no coração dela __ sussurrou ao terceiro __ para que ela se torne má e venha a sofrer com isso.

E soltou os sapos na água cristalina, que logo adquiriu uma tonalidade esverdeada. Em seguida chamou Elisa, despiu-a e a fez entrar na água. Assim que a menina submergiu um dos sapos pousou-lhe nos cabelos, outro em sua fronte, e o terceiro em eu peito. Mas Elisa parecia nem senti-los. Quando ela se ergueu, três papoulas vermelhas flutuaram na água, se os sapos não fossem venenosos, e nem tivessem sido beijados pela megera, ter-se-iam transformado em rosas vermelhas. Mas ainda assim se transformaram em papoulas por terem pousado na cabeça e no coração dela. Elisa era boa e inocente demais para que o feitiço pudesse ter poder sobre ela.

Percebendo-o, a rainha má friccionou a pele da menina com suco de nogueira, tornando-a de uma cor marron-negra, untou-lhe o rosto com unguento fétido e deixou emaranhar-se o maravilhoso cabelo da jovem. Era impossível reconhecer a bela Elisa.

Quando a viu, o pai assustou-se, e disse que aquela não era sua filha. Ninguém a quis reconhecer, **a não ser o cão de guarda e as andorinhas**, que, no entanto, como pobres animais, nada tinham a dizer.

A pobre Elisa chorou e pensou em seus onze irmãos, que andavam longe. Triste e cabisbaixa, saiu do palácio, andou o dia inteiro por campos e prados, e entrou na grande floresta. **Ela não tinha a menor idéia para onde queria ir**, era impelida apenas pela mágoa e pelas saudades dos irmãos. Imaginava que eles, com certeza escorraçados da casa como ela, deviam andar vagando pelo mundo, e resolveu procurá-los.

Não andara ainda muito tempo na mata, quando a noite caiu, e Elisa não encontrou qualquer caminho ou atalho. Deitou-se onde estava, no musgo macio, fez sua oração e recostou a cabeça num pedaço de árvore. O silêncio era profundo, o tempo ameno, e ao redor, na grama e no musgo, brilhavam como um fogo verde centenas de pirilampos. Ela tocou de leve um ramo, e os insetos luminosos caíram sobre ela como estrelas candentes.

Durante a noite inteira ela sonhou com os irmãos. Sonhou que de novo brincavam como crianças, que escreviam com lápis de diamantes em lousas de ouro e folheavam o maravilhoso livro de figuras, que custara metade do reino; mas não escreviam nas lousas como outrora, só faziam zeros e riscos. E apareciam ali as mais ousadas façanhas que haviam realizado, tudo quanto tinham visto e vivido. No livro, tudo era vivo, os pássaros cantavam, e os seus irmãos; quando, porém, ela virava a folha, todos logo pulavam de volta, retornando aos seus lugares no livro, para que não houvesse confusão entre as figuras.

Quando ela acordou, o sol já ia alto. Ela não o via, pois as altas árvores estendiam por cima os seus densos ramos; os raios do Sol, entretanto, se abriam em leques, sob as copas, e formavam um véu dourado. A folhagem exalava perfumes intensos, e os pássaros quase vinham pousar-lhe nos ombros. Ouviu, bem perto, o ruído de água corrente; em seguida, viu vários regatos, que se uniam, formando um lago, com o mais lindo fundo de areia. Ao redor cresciam cerrados arbustos, em certo lugar, todavia, os veados haviam feito uma grande abertura, e por ali Elisa desceu à água. Esta era tão cristalina que, se o vento não tivesse agitado os ramos, fazendo mover a sombra deles, refletida no lago, ela teria acreditado que estavam ali pintados no fundo, pois o quadro que se mostrava ali,

destacando cada folha, era perfeito.

Assim que se fitou, no espelho da água, o próprio rosto, Elisa apavorada, vendo-se escura e feia. No entanto, molhando a mão e esfregando os olhos e a testa viu aparecer a pele branca. Tirou, então, toda a roupa, e entrou na água fresca. Não poderia haver no mundo uma jovem princesa mais linda.

Depois tornou a vestir-se, fez tranças dos longos cabelos e foi à fonte, onde bebeu água na concha da mão, continuando depois a caminhada, mata adentro, sem rumo certo. Ela ia pensando nos irmãos, imaginando que Deus certamente não haveria de abandoná-la, Ele, que fazia crescer maçãs agrestes para saciar os que tinham fome. Encontrou uma dessas árvores cujos ramos se curvavam ao peso dos frutos. Ali, ela, almoçou, e depois de colocar escoras sob os ramos continuou a jornada, penetrando na parte mais escura da mata. A quietude era tão grande que ela ouviu o ruído dos próprios passos, e o estalar de cada folha seca em que pisava. Não se via um pássaro, nem um raio de sol varava as densas copas. Os altos troncos erguiam-se tão próximos uns dos outros que, quando ela olhava para a frente, via uma parede de árvores envolvendo-a. Reinava ali uma solidão como ela nunca antes conhecera.

A noite foi muito, muito escura. Nem um só pirilampo brilhava no musgo. Acabrunhada, ela deitou-se para dormir. Pareceu-lhe então que por cima dela os ramos da árvores se afastavam e Nosso Senhor a fitava com os olhos meigos, com anjinhos em vota, acima da cabeça e sob os braços dele.

Ao acordar pela manhã, ela não sabia se sonhara, ou se aquilo fora verdade. Andou alguns passos e encontrou uma velha que levava frutos silvestres em uma cesta, dos quais lhe deu alguns. Elisa perguntou-lhe se não vira onze príncipes cavalgando através da mata.

— Não — respondeu a velha. — Mas vi ontem onze cisnes com coroas de ouro na cabeça, descendo a nado o ribeirão, perto daqui.

Conduziu Elisa até um declive que havia mais adiante. Lá em baixo corria um ribeirão, em seu leito sinuoso. Pelas margens, por cima da água, as árvores estendiam longos e folhudos galhos. Outras tinham as raízes expostas, e os seus ramos pendiam entrelaçados sobre a água.

Elisa disse adeus à velha, e pôs-se a andar ao longo do ribeirão, até onde ia dar a uma grande praia.

A jovem olhou o mar que se estendia à sua frente. Mas nem uma só vela apareceu ao largo, um único barquinho que fosse. Como podia ela continuar a jornada? Fitou os inúmeros seixos da praia. A água desgastara-os deixando-os redondos. Vidro, ferro, pedra, tudo quanto o mar atirava à praia tomava o formato da água, que era muito mais mole que a mão da jovem, fina e delicada. Incansável, a água rola e rola até desgastar os objetos duros, pensou ela. Também eu serei incansável! Obrigado pela lição, claras ondas rolantes. Sei, sinto-o na alma, que me levareis para junto dos meus queridos irmãos.

Entre as algas atiradas à areia ela achou onze penas brancas de cisne. Juntou-as num buquê. Nelas havia gotas, não se poderia dizer se de orvalho ou de lágrimas. A praia era erma, mas ela não sentia a solidão, pois o mar apresentava constantes variações. **O mar, em poucas horas, nos mostra mais do que os lagos de água doce um ano inteiro.** Se vinha uma grande nuvem negra, também o mar se tornava preto, e quando o vento soprava, as ondas viravam o lado branco para fora. Quando, porém, as nuvens tinham reflexos rubros e o vento dormia, o mar era como feito de pétalas de rosas. Ora a água era verde, ora era branca, mas por mais serena que estivesse sempre havia um leve movimento nas margens. A água arfava brandamente, como peito de uma criança adormecida.

Quando o Sol já ia baixo, Elisa viu onze cisnes selvagens, com coroas de ouro na cabeça, voando para terra. Adejavam, um atrás do outro, numa longa faixa branca. Elisa subiu a rampa e ocultou-se atrás de um arbusto. Os cisnes pousaram perto dela e agitaram as grandes asas brancas.

Quando o Sol desapareceu no mar, caíram de repente as penas dos cisnes e surgiram então onze belos príncipes, os irmãos de Elisa. Ela soltou um grito, pois embora eles tivessem mudado muito, Elisa sabia que eram eles, sentia que deviam ser seus irmãos. Rejubilaste, saltou-lhes nos braços, chamou-os pelo nome e eles reconheceram, radiantes, a irmãzinha, que crescera e se tornara uma moça formosa. Riam e choravam ao mesmo tempo, e não tardaram a compreender o quanto a madrasta fora má com eles.

— Nós — explicou o mais velho dos irmãos — voamos pelo espaço, como cisnes selvagens,

enquanto o Sol está no céu. Quando o Sol se põe, recuperamos a forma humana. Por isso, devemos sempre tratar de ter onde pousar à hora do crepúsculo, pois se estivermos nas alturas, em forma humana, cairemos no abismo. Não moramos aqui. Há, do outro lado do mar, uma terra tão bela como esta. Mas o caminho até lá é longo, temos de sobrevoar o oceano, e não há em nossa rota, ilhas onde pernoitar. Apenas um pequeno rochedo solitário se ergue lá fora, no mar aberto. É tão pequeno que dá exatamente para nele repousarmos, lado a lado, encostados uns nos outros. Com o mar agitado, as ondas se quebram em cima de nós. E, ainda assim, damos graças a Deus por estar lá aquele rochedo jamais poderíamos visitar nossa querida terra natal, pois nosso vôo toma dois dias inteiros, dos mais longos do ano. Só uma vez por ano nos é dado visitar nosso antigo lar, e aqui ousamos ficar dias. Voamos por cima da grande floresta, de onde avistamos o palácio onde nascemos, e onde mora nosso pai, e a alta torre da igreja onde nossa mãe está enterrada. Aqui, até as árvores e os arbustos são como entes queridos, correm pela planície cavalos selvagens, tal como víamos em nossa infância; o carvoeiro canta as mesmas velhas canções, ao ritmo das quais dançamos em criança, enfim: aqui é nossa pátria para onde nos sentimos atraídos, e onde te encontramos, queria irmã. Por dois dias ainda poderemos ficar aqui; mas findos estes, teremos de partir para além do oceano, rumo a um belo país, que não todavia nossa pátria. Mas como poderemos levar-te conosco? Não temos navio nem barco...

__ Como poderei libertar-vos? __ interrompeu-o a irmã.

Não sabiam, mas passaram quase toda a noite conversando, entregando-se por umas poucas horas ao sono.

Elisa acordou pela manhã ouvindo o bater das asas dos cisnes sobre a sua cabeça. Os irmãos já estavam de novo transformados. Descreveram, voando, grandes círculos, e, por fim, voaram para bem longe. Um deles, porém, o mais novo, ficou. Passaram todo o dia juntos, o cisne com a cabeça pousada no colo de Elisa, ela afagando as suas asas brancas. À noitinha, os outros voltaram e, quando o Sol desapareceu de todo, retomaram a sua forma natural.

__ Amanhã partiremos, e não ousaremos voltar antes de um ano. Não podemos, entretanto, abandonar-te assim! Tens coragem de vir conosco? Meu braço é suficientemente forte para carregar-te sobre a mata. Mas será que teremos asas suficientemente fortes para voar contigo sobre o oceano?

__ Oh, sim! Levai-me convosco! __ pediu Elisa.

Passaram a noite inteira atarefados, construindo, uma rede grande e forte; nesta Elisa se deitou, e, quando o Sol saiu, e os irmãos se transformaram em cisnes selvagens agarraram a rede com o bico e partiram, rumo às nuvens, levando a querida irmã, que ainda dormia. Quando os raios do Sol lhe atingiram o rosto, um dos cisnes voou por cima da cabeça dela, fazendo sombra com as grandes asas abertas.

Quando Elisa despertou, já estavam longe de terra. Ela julgou estar ainda sonhando, tão estranha foi a sensação de ser carregada através do espaço, sobre o mar. Viu ao seu lado um ramo cheio de bagas maduras, e um feixinho de saborosas raízes, que o irmão mais novo juntara. Viu-o voando bem por cima de sua cabeça, e sorriu-lhe, agradecida.

Voavam a tão grande altura que o primeiro navio que viram, lá embaixo parecia uma gaiivota branca a flutuar na água. Pairava atrás deles uma enorme nuvem preta, verdadeira montanha, e nela viu Elisa refletida a sombra de si mesma e dos onze cisnes, serenos e gigantescos, num quadro dos mais majestosos. À medida, porém, que o Sol ia subindo e a nuvem ia ficando para trás, a silhueta aérea foi desaparecendo.

O dia inteiro, cruzaram os céus como flechas sibilantes. Todavia, não avançavam tão depressa como de costume, pois carregavam a irmã. A noite aproximava-se, e com ela, prenúncios de tempestade. Apreensiva, Elisa viu o Sol baixar sem que surgisse nas ondas o mínimo vestígio do rochedo solitário. Julgou perceber que os cisnes faziam o maior esforço ao baterem as asas. Não avançavam com a necessária presteza, e a culpada era ela! O Sol ia desaparecer, eles se transformariam em gente, cairiam ao mar e se afogariam. Ela dirigiu então ao céu a mais fervorosa prece, mas ainda não via o rochedo. As nuvens negras tornaram-se próximas, e as fortes rajadas de vento anunciavam a borrasca. A densa e ameaçadora parede, formada pelas nuvens, crescia, fendida por sucessivos relâmpagos.

O Sol alcançou a fímbria do mar, no horizonte. O coração de Elisa palpitou. Nisto, os cisnes precipitaram-se para baixo. Ela julgou que estavam caindo sobre o mar, tão veloz era o vôo. Um

instante depois, tornaram a adejar. A metade do disco solar mergulhara no oceano. Só então viu Elisa o pequeno rochedo, embaixo deles, tão pequeno que se poderia tomá-lo por uma foca que pusesse a cabeça fora d'água. O Sol desapareceu rapidamente, e dentro em pouco era como uma estrela. Aí o pé de Elisa tocou em terra. O Sol apagou-se, como se extingue a derradeira fagulha de uma fogueira. Ela viu os irmãos, de braços dados, ao seu redor. Mas, de fato, o espaço na rocha dava exatamente para ali ficarem aglomerados. Os vagalhões investiam contra o rochedo, caíam em cima deles como uma chuva torrencial. O céu era continuamente iluminado pelos coriscos, e os trovões rolavam sem parar. Os irmãos ficaram de mão dadas, cantando um salmo, que lhes infundia ânimo e consolo.

Ao clarear o dia, o céu mostrou-se límpido e ameno. O Sol saiu e os cisnes partiram, voando, da ilhota, levando Elisa. O mar continuava agitado. Lá do alto, a espuma branca, flutuando no verde-negro do mar, era como milhões de cisnes nadando na superfície.

Quando o Sol subiu mais, Elisa viu, à sua frente, como erguida no espaço, uma cadeia de montanhas, com brilhantes massas de gelo nos picos. Em plena encosta avultava, altaneiro, um palácio que devia ter uma milha de extensão. Imponentes, intermináveis, sucediam-se ousadas galerias de colunas e arcadas. Embaixo farfalhavam bosques de palmeiras, onde desabrochavam flores maravilhosas, grandes como rodas de moinho. Ela perguntou se era aquela a terra que os irmãos buscavam, mas os cisnes sacudiram negativamente a cabeça. O que ela via era o grande palácio celestial da Fada Morgana, no qual nenhum ser humano poderia viver. Elisa contemplou o castelo. Mas, de repente, tudo se desmoronou — os montes, as florestas, o palácio: tudo isso desapareceu, cedendo lugar a vinte majestosas igrejas, todas iguais, com torres soberbas e janelas ogivais. Ela julgou ouvir o órgão, mas o ruído era o do bramir do mar, que vinha até o alto. Já estavam bem perto das igrejas, quando estas se transformaram num frota de navios que velejavam no oceano. Ela olhou para baixo, e viu que tudo não passava de um nevoeiro a correr sobre as águas. Depois desse quadro, que variava constantemente, ela viu, de súbito, a terra para onde se dirigiam. Erguiam-se ali magníficas montanhas azuis, com matas de cedros, cidades e palácios. muito antes do Sol se esconder, ela estava na montanha, em frente a uma grande caverna, revestida de finas e verdes plantas sarmentosas, que formavam verdadeiro tapete bordado .

— Vamos ver que sonhos terás aqui, hoje à noite — disse-lhe o irmão mais novo, mostrando-lhe onde ela ia dormir.

— **Quem me dera sonhar com um modo de libertar-vos!** — respondeu ela.

A idéia preocupou-a vivamente, e ela pediu a Deus, com todo o fervor, que a ajudasse. Mesmo dormindo ela continuou a rezar sua prece. Pareceu-lhe então que voava pelo espaço a grandes alturas, até o palácio celeste da Fada Morgan. Ali, a fada veio-lhe ao encontro, formosa e radiante, mas tendo ao mesmo tempo, estranha semelhança com a velha que na mata lhe dera frutos e lhe falara a respeito dos cisnes com coroas de ouro.

— Teus irmãos podem ser redimidos — disse ela. — mas tens **coragem e perseverança?** O mar, embora seja mais mole que tuas delicadas mãos, molda as pedras; mas não sente a dor que teus dedos irão sentir — não tem coração, não sofre a apreensão e as torturas que terás de suportar. Vês esta urtiga que tenho na mão? Desta espécie há muitas em torno da caverna onde dormes. Só estas servem, e aquelas que crescem nas sepulturas, no cemitério, lembra-te bem! Terás de colhê-las, embora elas te queimem a pele, deixando-a cheia de bolhas; pisarás as urtigas com os pés, e obterás a fibra delas. Com essa fibra, tecerás onze gibões de mangas compridas. *Lança-os sobre os onze cisnes selvagens, e estará desfeito o encantamento deles. Mas lembra-te: a partir do momento em que começares o trabalho, e até ele estar terminado, ainda que entre um momento e outro medeiem anos, não deverás falar. A primeira palavra que disseres será um mortífero punhal no coração de teus irmãos. Da tua língua depende a vida deles.* Guarda bem tudo isso na memória!

Assim dizendo, a fada tocou a mão de Elisa com a urtiga. Esta a queimou como fogo vivo, e a fez acordar. Era dia claro. Junto ao lugar onde ela dormira, jazia no chão uma urtiga igual à que ela vira em sonho. Aí ela caiu de joelhos, agradeceu a Deus, e saiu da caverna, para iniciar o trabalho.

Com suas mãos delicadas agarrava as terríveis urtigas, que queimavam como fogo, deixando grandes bolhas nas mãos e nos braços. Mas ela estava disposta a tudo suportar, contanto que pudesse libertar os queridos irmãos. Pisou, depois, as urtigas, com os pés nus, e teceu as fibras verdes tiradas delas.

Quando o Sol se pôs, os irmãos vieram e se assustaram ao encontrá-la **muda**. Acreditaram tratar-se de novo feitiço da madrasta perversa. Todavia, quando viram as mãos dela, compreenderam o que ela fazia por eles, **o irmão mais novo chorou, e onde caíram suas lágrimas, ela não sentiu mais dor: as bolhas causticantes logo desapareceram.**

Elisa passou a noite inteira entregue ao seu trabalho, ansiosa por libertar os irmãos. Todo o dia seguinte, enquanto os cisnes andavam longe, ela ficou em sua solidão. Nunca o tempo passara tão depressa. Um gibão já estava pronto, e ela começou o segundo.

Nisto soaram entre as montanhas buzinas de caça. Apavorada, ela ouviu o som aproximar-se cada vez mais, e ouviu o ladrar dos cães. **Refugiou-se no interior da caverna.** Alarmada, juntou num feixe as urtigas que colheira e cardara, e sentou-se em cima dele.

Nesse momento, um grande cão saltou dentre os arbustos, seguido por outro e mais outro. Com furiosos latidos avançaram, recuaram e tornaram a investir. Poucos minutos depois, todos os caçadores estavam em frente à **caverna**. O mais belo entre eles, o rei daquele país, acercou-se e Elisa. Nunca vira antes donzela tão formosa.

Como vieste parar aqui, linda criança? __ perguntou ele.

Elisa meneou negativamente a cabeça, pois não devia falar: disso dependia a vida e a liberdade dos seus irmãos. Ocultou as mãos embaixo do avental, para que o rei não visse o que ela sofria.

__ Vem comigo! __ disse ele. __ Aqui não podes ficar. Se és tão boa como és bela, hei de vestir-te de seda e veludo, colocar-te na cabeça a coroa de ouro, e dar-te por morada o meu mais suntuoso castelo.

Ergueu-a sobre o cavalo. Ela chorou, torceu as mãos, mas o rei explicou:

__ Só quero tua felicidade. Um dia saberás me agradecer.

E partiu, ao longo das montanhas, levando-a consigo no cavalo, acompanhado dos outros caçadores.

O Sol já ia baixo quando surgiu diante deles a majestosa cidade real, com torres e cúpulas. O rei conduziu Elisa ao palácio, onde alegres repuxos refrescavam com os seus jatos d'águas os grandes salões de mármore, cujo teto e paredes ostentavam vistosas pinturas. Elisa porém, nada via; chorava, desesperada. Apática, deixou as mulheres vesti-la com vestidos régios, adornar com pérolas os seus cabelos, e calçar-lhe finas luvas nas mãos requemadas de urtigas.

Ante o esplendor de sua beleza, destacada pelas vestes nobres, toda a corte se inclinou mais ainda diante dela, e o rei declarou-a sua noiva, embora **o arcebispo meneasse a cabeça em sinal de desaprovação**, dizendo que a bela jovem encontrada na floresta devia ser uma feiticeira, que ofuscava a vista de todos e fascinava o coração do rei.

O soberano, porém, não deu ouvidos àquelas insinuações. Deu uma festa, mandou toca música, trazer as mais excelentes iguarias e executar bailados pelas mais graciosas donzelas. Elisa foi conduzida, através de jardins perfumados, para suntuosos salões. Mas **nem o mais leve sorriso lhe aflorava aos lábios, e em seus olhos se via estampada a tristeza, como um eterno legado.**

O rei mandou abrir um quartinho, pegado ao aposento onde ela devia dormir. Estava adornado com valiosos **tapetes verdes**, e assemelhava-se inteiramente à **caverna** onde ela fora encontrada. No chão estava o **feixe de fibras** que ela fiara, e do teto pendia o gibão já terminado; tudo aquilo um dos caçadores tomara para si, como objetos curiosos.

__ Aqui podes sonhar que estás de volta à tua antiga casa __ disse o rei. __ Está aqui o trabalho com que lá te ocupavas. Agora, em todo o esplendor de hoje, hás de gostar de recordar daquele tempo.

Vendo ali o que ela mais desejara reaver, um sorriso assomou-lhe à boca, e o sangue voltou-lhe às faces. Ela pensou na libertação dos seus irmãos, e beijou a mão do rei. Ele apertou-a contra o peito e mandou repicar os sinos, anunciando as núpcias. **A formosa donzela muda, filha da floresta**, seria a nova rainha do país.

O arcebispo sussurrou palavras malévolas aos ouvidos do rei, que, no entanto, não se impressionou. O casamento fora decidido e seria realizado. O próprio arcebispo teve de colocar a coroa na cabeça dela e o fez com intenção maligna: apertou-lhe o aro na fronte, ferindo-a de propósito. Mas **uma dor ainda maior oprimia o coração dela: a mágoa de a haverem afastado dos irmãos, o que não a deixava sentir qualquer dor física. Sua boca permaneceu calada.** Seus olhos, porém, refletiam um profundo amor pelo rei, bom e formoso, que tanto fazia para agradá-la. Cada dia gostava

mais dele. Ah! Se pudesse contar-lhe **sua mágoa**, contar-lhe todo o **seu sofrimento!** Mas tinha de permanecer calada, até levar a cabo a sua tarefa. À noite, saía furtivamente de junto dele, e ia para o quartinho, que **imitava a caverna**. Ali tecia um gibão depois do outro. Quando, porém, começou o sétimo, a fibra acabou.

No **cemitério**, sabia-o, **creciam as urtigas** de que ela necessitava. Mas ela mesma devia ir colhê-la. Como o conseguiria?

“Que é a dor dos meus dedos, comparada ao sofrimento do meu coração?” pensou ela. Devo arriscá-lo. Deus não me há de abandonar! Transida de horror, como se fosse praticar um ato criminoso, esgueirou-se até fora de casa, na clara noite de luar; desceu ao jardim, atravessou as longas aléias, ganhou as ruas desertas e tomou o rumo do cemitério. Ali chegando, viu em um dos túmulos mais espaçosos, um grupo de mulheres-vampiro, bruxas horrendas que tiravam os trapos, como se fossem tomar banho, e escavavam com dedos longos e magros as sepulturas recentes, de onde retiravam os defuntos, para lhes devorarem a carne. Elisa tinha de passar pertinho delas. As megeras a seguiram com olhos malignos, mas ela rezou a sua oração, ajuntou as urtigas e levou-as para o palácio.

Uma única pessoa a vira: o arcebispo, que **velava enquanto os outros dormiam**. Ele viu que tivera razão que com a rainha nem tudo estava em ordem: não era uma pessoa normal, era uma bruxa, que enfeitiçara o rei e todo o povo.

No confessionário, contou ao rei o que vira, e confiou-lhe os seus temores. Quando as palavras malévolas lhe saíam da boca, os santos, nos altares, meneavam a cabeça, como se quisessem dizer: “Não é assim. Elisa é inocente”. Mas o arcebispo interpretou-o de modo diferente: julgou que os santos testemunhavam contra ela, sacudindo a cabeça de modo desaprovador, como se a censurassem por seus pecados. Duas pesadas lágrimas rolaram pelas faces do rei, que foi para casa com a dúvida no coração. À noite, tentou dormir, mas o sono não lhe vinha. Viu Elisa levantar-se e sair. Seguiu-a, pé ante pé, e viu-a entrar no quartinho. Aquilo se repetiu todas noites, e todas as noites ele a seguiu.

Dia a dia ele se tornava mais sombrio. Elisa bem que o percebia, mas não compreendia o motivo. Apreensiva, sofria mais ainda pelos irmãos. Suas lágrimas caíam sobre o veludo e a púrpura real, e lá ficaram como cintilante pedraria. No entanto, aproximava-se o fim do trabalho, faltava um único gibão. E ela viu-se sem fibra e sem urtiga. Uma vez ainda, a última, teria de ir ao cemitério, para abastecer-se. Pensou, com pavor, na solitária caminhada, nas horrendas mulheres vampiros. Mas sua vontade era firme, como o era sua confiança no Senhor.

Elisa foi, mas o rei e o arcebispo a seguiram. Viram-na desaparecer no portão do cemitério; quando se aproximaram, viram as mulheres-vampiro sentadas na sepultura, tal como Elisa as vira. O rei afastou-se com desgosto, pois imaginou que entre as bruxas estava agora aquela cuja cabeça, naquela mesma noite, repousara junto ao seu peito.

__ O povo que a julgue! __ disse ele.

E o povo a julgou: “Ela será queimada nas chamas da fogueira!”

Dos esplêndidos salões reais ela foi levada a uma escura e úmida masmorra, onde o vento sibilava nas grades da janela. Em vez de veludo de seda, deram-lhe o molho de urtigas que ela ajuntara, para que ela repousasse a cabeça; os rijos e picantes gibões que ela tecera deviam servir-lhe de colcha e cobertor. Mas não lhe poderiam ter feito melhor dádiva! Pôde ela assim recomeçar o trabalho, e orou ao Senhor. Lá fora, os meninos da rua cantavam versinhos zombeteiros a respeito dela. Nenhum ser humano vinha trazer-lhe uma palavra de consolo ou carinho.

À noitinha, uma asa de cisne passou zunindo em frente à grade. Era seu irmão mais novo, que finalmente a achara. Ela soluçou de alegria, embora soubesse que aquela, sem dúvida, era a última noite que teria de vida. Mas o trabalho também estava quase concluído, e os seus irmãos se achavam ali perto.

O arcebispo veio vê-la, para passar com ela a última hora de vida, pois assim o prometera ao rei. Mas **ela sacudiu a cabeça e pediu com olhos e gestos que ele se retirasse**. Era imperioso que ela terminasse o trabalho naquela noite, pois do contrário tudo teria sido inútil. __ toda a dor, todas as lágrimas, e as noites passadas em claro teriam sido em vão. O arcebispo retirou-se, proferindo palavras acerbas contra ela. A pobre Elisa, porém, sabia que era inocente, e prosseguiu em seu trabalho.

Ratinhos corriam pelo chão, carregando as urtigas para junto dos pés dela, para ajudar um pouco, e o tordo, pousando junto à grade da janela, cantou a noite inteira suas cantigas mais

alegres, para que ela não perdesse o ânimo.

Pela madrugada, apenas o dia começara a clarear, pois o Sol demoraria ainda uma hora a aparecer, os onze irmãos compareceram à porta do palácio e pediram para ser levados á presença do rei. Não era possível, foi-lhes respondido, pois ainda era noite, o rei dormia e não podia ser acordado. Mas eles insistiram, ameaçaram, outros guardas correram, e finalmente, com o rumor, o próprio rei apareceu a fim de ver o que significava aquilo. Nesse momento o Sol apontou, os irmãos não foram mais vistos, e por sobre o palácio passaram então, voando, onze cisnes selvagens.

O povo começou a afluir aos bandos, pelas portas da cidade, para ver queimar a feiticeira. Um feio cavalo puxava a carreta em que ela ia, metida numa túnica de grossa aniação, com os lindos cabelos longos a cair-lhe sobre os ombros; tinha nas faces uma palidez mortal, seus lábios se moviam de leve, enquanto os dedos torciam a fibra verde. Até a caminho da morte ela não interrompia o trabalho iniciado. Dez gibões jaziam a seus pés, e ela tecia o décimo primeiro. **O populacho dela escarnecia.**

__ Olhai a feiticeira, como resmunga! Nem um livro de salmos tem nas mãos! Leva consigo apenas sua feitiçaria! Vamos arrancar aqueles trapos e rasgá-los em mil pedaços!

E todos a cercaram, avançaram de todos os lados para rasgar o que ela tecera. Nisto, porém, onze cisnes brancos vieram voando e pousaram ao redor dela, na carreta, batendo as suas grandes asas. A multidão recuou, atemorizada.

__ É um sinal do céu! Ela deve ser inocente! __ murmuravam muitos, mas não se arriscavam a dizê-lo em voz alta.

O carrasco tomou-a pela mão, mas ela atirou, ás pressas, os onze gibões sobre os cisnes, e no lugar destes surgiram onze garbosos príncipes, o mais novo com uma asa de cisne em vez de um braço, pois faltara uma manga em um gibão, que ela não conseguira terminar.

__ Agora posso falar! __ disse ela. __ Sou inocente!

E o povo, vendo o que acontecera, curvou-se para Elisa, como ante uma santa. No entanto, ela caiu prostrada nos braços dos irmãos, vencida pela emoção, pelo medo e pela dor.

__ Sim, ela é inocente __ disse o irmão mais velho, e contou tudo quanto se passara.

Enquanto ele falava, espalhou-se uma fragrância como de milhões de rosas. Cada acha de lenha, na fogueira, criara raízes e ramos, e em lugar da fogueira surgira uma sebe, viva e aromática, cheia de rosas vermelhas. No topo havia uma flor, branca e cintilante como uma estrela. O rei colheu-a e colocou-a no peito de Elisa, que despertou, com paz e ventura no coração.

Todos os sinos das igrejas badalavam, sem ninguém os tocar, e os pássaros vieram em grandes bandos. A volta ao palácio transformou-se num cortejo festivo, como nunca se vira igual naquela terra.

17. OS TRÊS CISNES¹²⁴

Havia numas terras encantadas um príncipe descendente de milagrosa fada e casado com a princesa mais bela do vizinho Reino.

Ao fazer-se moço o príncipe, a fada, sua mãe, recomendou-lhe que **jamais na vida se mirasse em espelho ou onde contemplasse em reflexo a sua imagem formosa**, pois se tal fizesse, ele príncipe, se transformaria num cisne.

Por isso o moço, seguindo à risca as recomendações de sua mãe, **proibiu em palácio o uso de espelhos e fugia das águas dos rios, dos lagos e de todos os objetos transparentes que pudessem refletir a sua imagem.**

Ora, uma vez a princesa, deslumbrada com a rara beleza do esposo, o contemplou tão fixamente e por tanto tempo que o príncipe não pôde esquivar-se àquela adorável contemplação, e, fitando a esposa, viu a sua imagem refletir-se na retina daqueles olhos.

¹²⁴ GOMES, Lindolfo. *Contos Populares Brasileiros*. 3ª. Ed. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

E, então, já sob o efeito do encanto, murmurou:

— Ah! Ingrata, foste a minha perdição! Agora procura-me para sempre nos ares!

E, tomando a forma de um alvíssimo cisne, voou pela infinidade do céu.

Rápida a princesa precipitou-se sobre o cisne que batia as asas, e vendo que já não podia alcançar, atirou-lhe uma pequena caixa de ébano que ele recolheu nas asas, levando-a consigo.

Desde esse dia a princesa tornou-se melancólica e a ninguém dirigia uma única palavra.

Tudo se fez para despertar daquele sonho de tristeza, e tudo foi debalde.

O rei, seu pai veio então buscá-la e levou-a por montes e vales, de vila em vila, a ver se assim a distrairia daquela profunda mágoa.

Chegaram, pois, a uma bela cidade pertencente ao Reino e ali se instalaram em suntuoso palácio, mandando o Rei anunciar aos habitantes por seus emissários que concederia uma soma enorme de dinheiro e graças a quem contasse uma história eu fizesse a princesa rir e esquecer seus padecimentos.

Muitos foram os que se dirigiam ao palácio, imaginando e relatando casos engraçadíssimos, histórias de fadas e de gênios, sortilégios e bruxarias, mas impassível mostrava-se ao ouvi-las a princesa, e muitas delas só serviam para aumentar ainda mais as suas angústias.

Vivia nas redondezas da cidade um pobre velhinho lenhador em cujo lar havia fome e frio.

Uma noite, seguindo ele pela estrada, pensando na sua vida de misérias, pedia a Deus que lhe inspirasse uma história que fizesse a senhora princesa rir, porque assim poderia alcançar não um reino portentoso, mas um pedaço de pão para matar a fome.

Sentou-se numa pedra que havia à margem do caminho e, continuando em suas cismas, viu de repente surgir à sua frente uma pequenina cabra toda branca, trazendo à cabeça um pequenino púcaro de água. E dirigindo-se a ele, disse-lhe:

— Arreda, que eu quero passar!

O velho, deslumbrado, recuou, a pedra ergueu-se por si mesma e deu passagem à cabrinha, tomando novamente sua primitiva posição. Implicado com o mistério da cena que se acabava de passar, o lenhador sentou-se novamente sobre a pedra, quando segunda cabra, desta vez toda azul, trazendo à cabeça outro pequenino púcaro de água, dirigiu-se a ele, e, como a primeira, murmurou as mesmas palavras:

— Arreda, que eu quero passar!

O velhinho saltou imediatamente para um lado, dando caminho à graciosa cabra.

A pedra levantou-se e ela atravessou lampeiramente. Depois que a pedra desceu ao seu lugar, o velhinho sobre ela se sentou. Muito disposto a não sair dali.

Mas o lenhador começava a imaginar no que vira, e terceira cabrinha toda verde, trazendo ainda pequenino púcaro de água, surgiu, falando-lhe como se falasse à pedra:

— Arreda, que eu quero passar!

Seguidamente o velhinho recuou e a pedra ergueu-se vagarosa deixando passar a galante cabrinha. Antes, porém, que a pedra se abaixasse o velhinho, de súbito inspirado, meteu-se pelo subterrâneo, e qual não foi o seu espanto quando se viu entre as paredes de um maravilhoso palácio, onde em meio de riquíssimo salão havia um grande tanque jorrando cristalina água em que a cabrinha esvaziava o púcaro.

Em roda de uma pequenina mesa. três belos jovens jogavam as cartas, quando de repente um deles disse para um dos criados:

— Criado, criado, traze aqui o meu relógio!

E logo o outro:

— Criado, criado, traze aqui o meu retrato!

E seguidamente o outro:

— Criado, criado, traze aqui a minha caixa!

Três criados trouxeram os objetos pedidos pelos jovens e eles sucessivamente, fitando as queridas relíquias, murmuraram:

— Retrato, retrato de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Relógio, relógio de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Caixinha, caixinha de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

E, imediatamente, transformaram-se os moços em três brancos e lindos cisnes, que desapareceram em meio das águas do tanque.

O velhinho bateu palmas de contente por haver descoberto a **história que faria rir a senhora princesa, e, dirigindo-se para o lugar da pedra, murmurou as palavras cabalísticas que aprendera:**

— Arreda, que eu quero passar!

A pedra ergueu-se e ele saiu do palácio, vendo-se outra vez na estrada, por onde seguiu em demanda da cidade.

Ao amanhecer foi ao palácio real e perguntou à sentinela se podia contar uma história à senhora princesa.

O soldado riu-se da figura exótica do velho e do seu maltrapilho traje.

— Vai-te daqui, seu jagodes!

— Não irei, não senhor, quero contar uma história à senhora princesa...

O soldado, enfurecido, saltou sobre o velho e fez-se então uma algazarra infernal que obrigou o Rei a chegar à janela.

Mal o velho avistou Sua Majestade, pôs-se a gritar:

— Eu quero contar uma história à senhora princesa!

O que fez com que o Rei mandasse soltá-lo e ordenasse que subisse imediatamente.

Introduzido o velhinho nos aposentos da princesa, alguns minutos depois ecoou uma gargalhada nas dependências do palácio, riso de alegria, que fez com que o Rei desmaiasse de prazer.

No outro dia o Rei e a princesa, acompanhados do velhinho já muito bem vestido e de grande comitiva, seguiram caminho da pedra encantada, a verificarem a verdade da narrativa. Chegados que foram, todos se ocultaram no bosque próximo, ficando a princesa e o velho sentados sobre a pedra. A primeira e a segunda cabrinha passaram, e, quando desapareceu a terceira, o velho e a princesa acompanharam-na pelo subterrâneo, em cujo interior a moça fica deslumbrada.

Esconderam-se atrás de um reposteiro, e eis que três lindos cisnes saíram do tanque e se transformaram em três belos mancebos, num dos quais a princesa, cheia de pasmo, reconheceu seu esposo.

Quis gritar, mas o velhinho conteve-a prudentemente. Então um dos mancebos e seguidamente os outros disseram para os criados:

— Traze, tu, o meu relógio!

— Traze, tu, o meu retrato!

— Traze, tu, a minha caixa!

E murmuraram sucessivamente, contemplando cada uma daquelas relíquias:

— Retrato, retrato de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Relógio, relógio de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

— Caixinha, caixinha de minha bela, vejo-te, só não vejo a ela!

Quando o mais lindo dos príncipes pronunciou tais palavras a princesa não se pôde conter e lançou-se em seus braços, murmurando:

— Ó meu amado esposo!

Surpreso, o príncipe afastou-se e disse-lhe:

— Por ora ainda não. Meu encanto não terminou. Amanhã nós todos três, cisnes que somos, passaremos em frente de teu palácio e aquele em que acertares um de três limões que atirares será o teu esposo e ficará desencantado!

Subitamente os três moços, transformados em cisnes, desapareceram nas águas do tanque.

A princesa voltou para casa muito triste e tudo narrou às suas criadas, o que causou um grande alegrão aos soldados por verem que o lenhador deveria ser castigado. No dia seguinte muito cedo a princesa veio para a janela, munida de três limões, e esperou. Mas no mesmo instante apareceram ao longe os três cisnes voando.

O primeiro cisne passou e muito longe dele passara o limão atirado pela princesa. O segundo quase fora atingido nas asas, quando apareceu o terceiro, muito branco e mimoso, que caiu, recebendo

no peito o terceiro limão e transformando-se logo naquele belo príncipe que era o legítimo e adorado esposo.

Foi indescritível a alegria que reinou no palácio e na cidade.

O velho lenhador subiu logo à categoria de duque, e nunca mais houve fome nem frio no seu lar. Entretanto, o primeiro de seus atos foi perdoar àquela sentinela malcriada que lhe fora impiedosamente ao pêlo.

18. A MUDA MUDELA¹²⁵

Era uma vez um homem que tinha duas filhas; a mais nova era muito linda e a mais velha muito feia, por isso embirrava com a irmã, que a não podia ver. A feia intrigava-a com o pai, que se fiava em tudo quanto lhe dizia; um dia armou uma traição para a perder. Morava por ali um rapaz muito valdevinos, que tentava todas as raparigas, e a irmã feia disse à mais nova que fosse àquela casa, porque ali existia uma família envergonhada e em grande miséria, a quem ela podia socorrer, porque tinha bom coração. Assim que a irmã saiu a socorrer a tal família, a irmã mais velha avisou o pai que lhe foi sair ao encontro, e ficou suspeitando o que não era. Desesperado com a afronta, o pai resolveu mandar matá-la, e deu ordem a um criado que a levasse para a floresta, para acabar com a pobre menina. Mas o criado teve dó dela e deixou-a perdida no meio da floresta só com a companhia da cadelinha, que ela estimava muito e que nunca a deixava. A menina viveu por algum tempo dentro de uma furna, comendo ervas. Andando um dia o rei à caça viu uma cadelinha e mandou dar-lhe pão, a cadelinha pegou no pão e fugiu para o ir levar à sua dona. Passado tempo a cadelinha foi apareceu ao rei em outro sítio, tornaram-lhe a dar pão, e fugiu outra vez; o rei mandou acompanhar a cadelinha para ver onde ela ia, e qual não foi o espanto ao encontrar uma donzela tão formosa e que parecia tão desgraçada. **Ora esquecia de dizer que a menina tinha prometido que se escapasse da morte e fosse salva daqueles trabalhos, estaria sete anos sem falar.** Quando o rei a encontrou e lhe fez perguntas, ela lembrou-se da sua promessa, e não disse uma palavra. O rei levou-a para o palácio, porque gostava muito dela, e tanto se apaixonou que queria, desse por onde desse casar com a menina. **A mãe do rei aconselhava-o a que não casasse senão quando ela tornasse a achar a fala.**

Ao fim de muito tempo, pouco antes dos **sete anos**, o rei já sem esperança pediu uma princesa em casamento, e foi com toda a sua corte buscá-la. A menina mandou então fazer um vestido com uma das mangas muito larga, e no dia em que o rei voltou a receber os noivos à escadaria. A **princesa assim que a viu deu uma grande gargalhada**, dizendo:

Olha a **muda mudela**,
Que dentro da manga traz uma panela!

A menina respondeu logo:

Olha a princesa **destemperada** .
Que logo entra mal fala .
E eu há sete anos que aqui estou
É a primeira fala que dou.

O príncipe ficou pasmado com o que viu, desfez logo ali o casamento com a princesa, e casou com a menina, como tanto tinha desejado.

¹²⁵ BRAGA, Teófilo. *Contos Tradicionais do Povo Português*. 4^a.ed.Lisboa: Dom Quixote, 1998.

19. POR ORDEM DO LÚCIO¹²⁶

Havia uma vez um pobre camponês que, por mais que trabalhasse, por mais que se esforçasse jamais conseguia juntar nada. Afinal disse a si mesmo: “Mas que destino ingrato o meu! Mato-me o dia inteiro e pouco falta para morrer de fome, ao passo que o meu vizinho fica o dia inteiro de barriga para o ar e tudo lhe corre bem. O dinheiro parece ir sozinho ao seu bolso! Vou orar desde a manhã até à noite. Talvez assim, Deus se apiede de mim!” E começou a orar a Deus. Durante dias inteiros **sofreu fome**, mas não fez outra coisa senão orar. Chegou o domingo de Páscoa e soaram as matinas. O camponês pensou: “Depois da abstinência, todos se restauram e eu não tenho nem uma côdea! Vou pegar água e sorvê-la como se fosse sopa!” Pegou um balde e, apenas o atirou à água, eis que apanhou um enorme lúcio! Ah! Ficou todo alegre! “Afinal eu também poderei fazer uma festa _ pensou. _ **Vou preparar este peixe e comer até ficar farto!**”

Mas eis que o lúcio lhe diz com voz humana:

__ **Se você me deixar em liberdade, bom homem, eu o farei feliz. Realizarei tudo o que sua alma deseja!**

O homem não teve um momento de dúvida nem de hesitação. Tornou a atirar o Lúcio à água e correu para casa . Chegando lá sentou-se à mesa limpa e vazia e disse:

__ “Por ordem do lúcio e vontade de Deus, quero esta mesa posta e o almoço servido”.

Imediatamente a mesa apareceu posta, e servido um almoço tão rico e variado de comidas e bebidas, que ele não se envergonharia, mesmo que tivesse convidado o próprio tzar! O homem persignou-se e disse:

__ Glória a ti, Senhor! Tenho com o que me restaurar, depois da longa penitência!

Mas não se pôs logo a comer. Saiu, foi à igreja e assistiu à missa; depois, voltando para casa, comeu até ficar farto, e sentou-se à soleira da porta.

Naquele momento a princesa sentiu desejo de passear pelas estradas. Saiu com as governantes e, como era a festa de Cristo, ia distribuindo esmolas para os pobres. Deu a todos, esquecendo-se, porém, do camponês. Esse disse, então, de si para si: **“por ordem do lúcio e vontade de Deus que a princesa fique grávida e tenha um filho !”**

Assim foi. Ao fim de nove meses, a princesa teve o filho o tzar começou a interrogá-la:

__ Confesse! Com quem você pecou?

A princesa chorou e jurou que não pecara com ninguém.

__ Não sei por que Deus me puniu deste modo!

Por mais que o tzar a interrogasse, nada confessava. Entretanto, **o garoto pôs-se a crescer, não dia a dia, mas hora a hora. Depois de uma semana já falava.** O tzar mandou vir dignitários e nobres de todo o reino e mostrou-lhes o menino, na esperança de que o menino reconhecesse num deles o próprio pai. O tzar ordenou que levassem o menino de casa em casa, por todo o reino. Queria que visse todas as pessoas, de toas as condições, casadas ou solteiras. Os emissários saíram com ele. Percorreram todas as ruas e estradas, casa por casa. Caminharam, caminharam e o menino sempre calado. Chegaram afinal, à isbá do pobre camponês e, apenas o viu, o menino começou a gritar:

__ Papai! Papai!

Foram contar a novidade ao tzar e este, mandando vir ao palácio o pobre camponês, interrogou-o:

__ Diga, homem. É seu filho este menino ?

__ Não é meu filho, majestade. É filho de Deus __ respondeu o camponês.

O tzar não foi na conversa. **Mandou que realizassem o casamento da princesa com o pobre camponês e mandou também aparelhar um grande bote, embarcar a princesa, o camponês e o filho largando-os em alto mar.**

¹²⁶ ENCICLOPÉDIA UNIVERSAL DA FÁBULA: fábulas, mitos, lendas e contos populares. Textos coordenados por A. Della Nina. São Paulo: Editora das Américas, 1959. 32 Volumes.

O bote navegou pelo mar. Tocado por ventos fortes, viajou muito e foi encalhar numa praia longínqua . Quando o pobre camponês ouviu que a água já não fazia ruído sob o bote, disse:

__ Por ordem de Lúcio e vontade de Deus, bote, voe para um lugar seco.

Imediatamente o bote transportou-os para um lugar alto e seco. E eles, deixando o bote, começaram a caminhar para onde as pernas os levassem: andaram, andaram, andaram e nada tinham para comer nem para beber; a princesa, de tão fraca, apenas podia mexer as pernas. Então, o camponês disse-lhe:

__ Você sabe, agora, o que é ter sede e fome?

__ Sim, sei __ respondeu ela.

__ Pois assim sofrem os pobres. Você, no dia de Páscoa, não me quis dar uma esmola!

Depois de uma pausa, acrescentou:

__ Por ordem de Lúcio e vontade de Deus, que surja neste lugar um palácio como não haja outro no mundo, com jardins, lagos e tudo quanto é preciso!

Apenas terminara de falar, apareceu o rico palácio. Das portas saíram logo fiéis servos que ergueram os patrões nos braços, levaram-nos para as brancas salas, sentaram-nos diante de mesas de carvalho ricamente guarnecidas. Os quartos estavam todos mobiliados e maravilhosamente decorados. Sobre as mesas, tudo estava pronto: comidas doces e bebidas. O camponês e a princesa comeram e beberam à vontade; depois, saíram a passear nos jardins.

__ Tudo é lindo aqui __ disse princesa __ pena, só, que não haja aves nos lagos.

__ Espere. Teremos também aves e pássaros, __ replicou o camponês. E acrescentou: __ Por ordem de lúcio e vontade de Deus, que nadem nesse lago doze patas e um pato. E que cada uma tenha uma pena de ouro e outra prata. E que o pato tenha sobre a cabeça um tufo de brilhantes.

Ela viu, então, nadando no lago doze patas e um pato. Cada uma tinha uma pena de ouro e outra prata, e o pato um tufo de brilhantes na cabeça.

Assim a princesa passou a viver com marido, sem dores nem tristezas, enquanto o filho continuava crescendo. À medida que crescia, sentia dentro de si uma grande força. Começou a pedir ao pai que o deixasse sair para correr mundo e procurar uma esposa. Afinal, deixaram-no ir, e ele se pôs em viagem. Selou o cavalo, montou-o e partiu. Em caminho, encontrou uma velhinha decrépita que disse :

__ Saúde, príncipe russo. Aonde vai ?

__ Procurar uma noiva para mim, avozinha, mas não sei onde a encontrarei.

__ Ah, meu filho! Então lhe direi. Vá além do mar, ao último dos reinos. Encontrará uma princesa tão bela que não há outra igual no mundo!

O valente moço agradeceu. Chegando ao porto, tomou um navio e partiu para o último dos reinos.

Depois de muito navegar, chegou ao reino que procurava. Apresentou-se ao rei e pediu-lhe a mão da filha. Disse-lhe o rei.

__ Não é só você que pretende casar-se com minha filha. Há outro pretendente, um valente campeão e se eu lhe negar a mão da princesa, é capaz de destruir todo o meu reino!

__ Bem, se vossa majestade a recusar a mim eu é que lhe destruirei o reino!

__ Mas que está dizendo, jovem ? O melhor é você lutar com ele. Darei a minha filha àquele que vencer.

__ De acordo, majestade. Pode convidar todos os reis, príncipes e nobres para que venham assistir à função e tomar parte no meu casamento com sua filha.

O tzar mandou emissários fazer os convites. Não se tinha passado um ano e já estavam ali tzares, reis e príncipes de todos os reinos. Inclusive aquele mesmo tzar que abandonara a própria filha num bote sobre as ondas do mar. No dia marcado, os dois campeões enfrentaram-se, cheios de mortal ódio. A terra tremeu aos seus golpes. Os bosques curvam-se, os rios agitaram-se. O filho da princesa venceu o poderoso adversário, decependo-lhe, de um só golpe, a impetuosa cabeça .

O jovem foi carregado em braços para o palácio. No dia seguinte realizou-se o casamento e ele convidou todos os tzares e príncipes para irem fazer uma visita à sua casa e conhecer seu pai e sua mãe. Todos se preparam. Navios foram aparelhados e uma grande frota se fez ao mar. A princesa e o camponês, sabendo da chegada dos hóspedes ilustres, saíram ao seu encontro. Todos foram muito bem

recebidos; durante dias, seguiram-se banquetes, festas e muitos divertimentos. Tzares e príncipes visitaram o palácio e os jardins e ficaram admirados. Jamais tinham visto semelhantes riquezas. Admiraram-se, sobretudo, com as patas e o pato. Qualquer um deles estava disposto a dar até metade do reino por uma só daquelas patas.

Afinal pensaram os hóspedes em voltar para seus lares. Encaminharam-se para o porto mas não tinham ainda chegado, quando foram alcançados por um veloz mensageiro que lhes pediu que voltassem, pois o patrão queria realizar com eles uma conferência secreta. Todos voltaram.

O camponês reuniu-os e disse-lhes :

__ Não é assim que se comporta gente honrada! Desapareceu uma das patas do meu lago é só um dos senhores pode ter-se apoderado dela!

__ O senhor está levantando uma calúnia! __ retrucaram os príncipes e os tzares __ Isto é um desaforo! Dê imediatamente uma busca. Se encontrar a pata com qualquer um de nós, faça com ele o que quiser. Mas senão encontrar, sua cabeça rolará!

__ Muito bem. Estou de acordo __ replicou o camponês.

E, imediatamente começou a dar busca nos convidados. Pouco depois, chegou a vez do pai da princesa. **O camponês disse de si para si:** Por ordem de lúcio e vontade de Deus, que a pata esteja oculta sob o manto”. Em seguida, levantou o manto do tzar e ali estava a pata, com uma pena de ouro e outra de prata!

__ Ah ! Ah! Ah! __ **riram-se todos** __ Ora, até os tzares deram para ser ladrões!

O pai da princesa jurou por todos os santos eu não roubara nada, que nem pensara nisso . Não podia compreender como a pata se encontrava ali.

__ Histórias __ retrucaram. __ A pata foi encontrada em seu poder, o senhor a roubou.

Nesta altura, a princesa saiu, foi ao encontro do tzar e revelou que era a filha que ele mandara abandonar num bote sobre as águas. E disse:

__ O senhor não acreditou nas minhas palavras naquele dia, meu pai, mas agora, está vendo que a gente pode ser acusada sem ter culpa alguma.

Contou-lhe, então, como se tinham passado coisas e, daí em diante, passaram a viver todos juntos, felizes e contentes, praticando o bem e fugindo sempre ao mal.

20. ELA ERA ESPERTA, DESCONFIU. E O QUE É QUE ELA FEZ? COMEÇOU A DAR-SE GRAÇA COM ELE PARA VER SE ELE DIZIA QUALQUER COISA. FORAM OS DOIS PRÁ JANELA. NISTO PASSA UM GRANDE VENTO E NELE VAI O PICO PELA ESTRADA FORA. ERA O TAL PICO TESTEMUNHO¹²⁷!

Isto foi mesmo o passado verdadeiro. Uma vez era um rapaz e tinha um irmão. Os dois irmãos gostavam duma rapariga, da mesma. *Atimavam... Atimavam, atimavam* um com o outro quem é que casava com ela. Ora quem casou foi o mais velho. O mais novo ficou furioso de desgosto e disse para ele sozinho:

__ O meu irmão casou-se com ela, mas não se há-de gozar por muito tempo, *hei-de-o* matar.

Ele só pensava na vingança. Um dia foi a casa do irmão chamá-lo para ir à caça.

__ Queres ir comigo à caça?

__ Acho um bocado de admiração que desde que casei não me falas.

__ Irmão, somos irmãos!

__ Sim, vou contigo.

O outro, o mau, passou pela cunhada e *amandou* uma gargalhada. Chegaram à caça!

__ Olha irmão, tu vais por aquele lado. Dizem que há pra'li muitos coelhos.

¹²⁷ **SERRA**, João Pavão. *Filhos da Estrada e do Vento*: contos e fotografias de ciganos portugueses. Lisboa : Assírio & Alvim, 1986.

O mau!

O coitadinho foi e não é que o outro em vez de apontar a pistola pró ar, prós pássaros aponta prás costas do irmão? Matou-o!

O morto caiu pró chão, mas faltava-lhe um bocadinho para morrer estava *morivundo*! Nisto vem uma testemunha, desta minha desgraça. Como ele não tinha ninguém, aquele ficou por sua testemunha.

E ali se ficou, completamente *tapado* em sangue. Coitadinho!

O outro, o mau, vem direito à casa da cunhada.

__ *Atão* o fulano? __ Perguntou ela pelo marido.

__ Ficou pra lá.

__ Acho um bocado *impossible*.

__ Sim, ficou, não quis vir.

Ela era esperta, desconfiou. E o que é que ela fez? Começou a dar-se graça com ele para ver se ele dizia qualquer coisa.

Foram os dois prá janela. Nisto passava um grande vento e nele vai o pico pela estrada fora. Era o tal pico testemunho! O irmão mau começou-se a rir com uma grande gargalhada. Ela que já estava desconfiada ainda desconfiou mais.

__ Descobre porque é que ris.

__ Não, por nada.

__ Podes dizer o que tu queiras. Eu já não gosto do teu irmão. É de ti que gosto.

(Ela soube foi falar bem!)

__ Eu matei o meu irmão. Prontos, matei-o! Ele com a aflição da morte viu passar um pico e o pico foi testemunho dele.

__ Ai.

__ O que é que queres dizer com isso? Se ela falasse, matava-a. Estava amalucado. Era simples de cabeça!

__ Nada. Ficamos os dois, que era o que eu queria.

(Soube falar bem, senão tinha ficado logo ali).

Lá prá noite:

__ Olha vou comprar comer pró nosso jantar. O que é que queres?

__ O que tu quiseres.

Ela vem por ali abaixo e em vez de ir buscar o comer, levou a carrinha. A polícia! Contou a história toda e ele foi preso.

21. POR QUE O PEIXE RIU¹²⁸

Uma pescadora passou diante do palácio apregoando seu peixe. A rainha apareceu à janela e acenou à moça para que se aproximasse e lhe mostrasse o seu produto. Naquele instante, um grande peixe pulou do fundo do cesto. "**É macho ou fêmea?**", perguntou a rainha. "**Eu desejo comprar um peixe fêmea**".

Ao ouvir isso, o peixe deu uma grande gargalhada. "É macho", replicou a pescadora, e prosseguiu em sua ronda.

A rainha retomou para seus aposentos **muito enraivecida**. À noite, quando veio vê-la, o rei notou que algo a tinha perturbado.

"Está indisposta?", ele perguntou.

¹²⁸ **CONTOS DE FADAS INDIANOS.** Seleção de Joseph Jacobs. Tradução de Vilma Maria da Silva. São Paulo: Landy, 2001.

"Não, mas estou muito aborrecida com o estranho comportamento de um peixe. Uma mulher trouxe-me um hoje, e, quando perguntei se era macho ou fêmea, **o peixe riu muito grosseiramente**".

"Um peixe que ri! Impossível! Deve ser um sonho".

"Não sou tola. Estou falando do que vi com meus próprios olhos e ouvi com meus próprios ouvidos".

"Que acontecimento estranho! Que seja! Vou indagar a respeito disso"

Na manhã seguinte, o rei repetiu ao seu vizir a mesma história que ouviu da esposa. Pediu-lhe que investigasse sobre o assunto, e que providenciasse uma resposta satisfatória dentro de seis meses, sob pena de morte. O vizir prometeu fazer o melhor, embora considerasse praticamente certo seu fracasso. Durante cinco meses trabalhou infatigavelmente para achar **a causa do riso do peixe**. Indagou em todos os lugares e de todos. Os sábios e estudiosos, aqueles que eram hábeis nas ciências mágicas e todas as formas de artifícios engenhosos foram consultados. Ninguém, entretanto, podia explicar a questão.

Ele retornou para casa com o coração confrangido, e começou a dispor todos seus negócios na expectativa da morte certa. Já tinha suficiente vivência com o rei para saber que Sua Majestade não voltaria atrás em sua ameaça. Entre outras coisas, ele aconselhou o filho a viajar por algum tempo, até que a ira do rei tivesse, de algum modo, se dissipado.

O jovem, que era **tão nobre quanto inteligente, partiu sem destino definido, decidido a ir para o lugar onde o destino o levasse**. Tinha partido há já alguns dias, quando encontrou com um velho agricultor, que estava viajando para uma determinada cidade. Considerando aquele senhor muito agradável, perguntou-lhe se podia acompanhá-lo, uma vez que, segundo professou, estava indo para o mesmo lugar. O velho agricultor consentiu, e seguiram juntos. O dia estava quente, e o caminho longo e fatigante.

"Não lhe parece que seria muito confortável se eu e você conduzíssemos alternadamente um ao outro?", perguntou o jovem.

"Como esse **homem é tolo!**", pensou o velho agricultor.

Mais adiante, passaram por um campo de trigo maduro para a colheita. O vento passava sobre o trigal e tudo aquilo parecia um mar de ouro que rolava em contínuas ondas douradas.

"Todo esse trigo já está comido, ou não?", perguntou o jovem. Não entendendo o significado dessas palavras, o agricultor respondeu: "Não sei".

Um pouco mais adiante, enquanto os dois viajantes se aproximavam de uma grande cidade, o jovem deu a seu companheiro um canivete, e disse:

"Tome isso, meu amigo, e consiga dois cavalos com ele, mas tenha cuidado e o traga de volta, pois tem muito valor".

O agricultor olhou para o canivete, entre **zombeteiro e zangado**, repeliu o objeto, e murmurou algo como a dizer que seu amigo era um tolo ou, de outro modo, estava tentando pregar-lhe uma peça. **O jovem fingiu não notar a alusão**, e permaneceu praticamente em silêncio até alcançarem a cidade, para além da qual, a uma pequena distância depois, ficava a casa do agricultor.

Eles passaram entre as tendas dos comerciantes e seguiram para a mesquita, mas ninguém os cumprimentava ou os convidava para entrar e descansar.

"Que grande cemitério!", exclamou o jovem.

"O que esse homem quer dizer chamando essa grande e populosa cidade de cemitério?", pensou o agricultor.

Longo depois, deixando a cidade, o caminho os levou a um cemitério, onde algumas pessoas estavam diante de um túmulo fazendo suas preces e distribuindo chapatis e kulchas aos passantes em nome de seus amados mortos. Acenaram aos dois viajantes para que se aproximassem, e deram a eles do que tinham à vontade.

"Que esplêndida cidade essa!", exclamou o jovem. "Decididamente, esse homem está louco!", pensou o velho agricultor. "O que fará em seguida? Chamará a terra de água, e a água de terra; falará que há luz onde está escuro, e que está escuro onde há luz". Contudo, manteve esses pensamentos para si mesmo.

Depois, tiveram de atravessar um riacho, que passava ao longo dos limites do cemitério. Era bastante fundo. O agricultor tirou os sapatos; só então atravessou; o jovem, ao contrário, entrou na

água calçado.

"Jamais vi um tolo tão perfeito, tanto nas palavras quanto nas ações", disse o agricultor consigo.

Contudo, ele **gostava** do companheiro, e, pensando que ele poderia divertir a esposa e a filha, convidou-o para hospedar-se em sua casa enquanto permanecesse na cidade.

"Muito obrigado", replicou o jovem, "mas deixa-me primeiro perguntar, se me permite, se a viga de tua casa é forte",

O velho agricultor o deixou ali desolado, e **dirigiu-se rindo** para sua casa.

"Há um homem lá no campo", ele disse, depois das saudações de chegada. "Ele veio comigo durante grande parte do caminho. Queria hospedá-lo aqui pelo tempo que permanecesse na cidade, mas esse **homem é de tal modo tolo**, que não sou capaz de fazer nada por ele. Imagina, ele quer saber se a viga desta casa está perfeita. Deve ser louco!". Acabou de dizer isso, e **caiu em um grande acesso de riso**.

"Meu pai", disse a filha do agricultor, uma jovem perspicaz e sábia, "esse homem, de onde quer que seja, não é esse tolo que julga. Ele apenas deseja saber se podemos dispor de recursos para hospedá-lo".

"Ó, naturalmente, isso está certo", replicou o agricultor. "Quem sabe, você pode me ajudar a solucionar alguns de seus outros mistérios. Enquanto estávamos vindo pelo caminho, ele, pensando que isso seria um modo agradável de proceder, perguntou-me se não seria bom ele me carregar, ou eu carregá-lo algumas vezes".

"Muito certamente", disse a jovem, "ele quis com isso significar que um de vocês deveria contar uma história para passar o tempo".

"Ó, sim! Depois disso, passamos por um campo de trigo, e ele me perguntou se todo o trigo já estava comido ou não".

"E não soube entender o significado disso, meu pai?" Ele simplesmente desejava saber se o dono daquele campo estava em débito ou não. Se o proprietário do campo estivesse em débito, então a sua produção de trigo já estava praticamente consumida, isto é, pertencia aos seus credores".

"Sim, correto; é isso, claro! Depois, quando entrávamos em uma cidade, ele deu-me seu canivete e pediu-me que conseguisse dois cavalos, e que trouxesse o canivete de volta para ele".

"E dois bastões fortes não são como dois cavalos para ajudar alguém a caminhar na viagem? Ele apenas te pediu para cortar dois bastões e tomar o cuidado para não perder o canivete".

"Agora percebo", disse o agricultor. "Enquanto andávamos pela cidade, não encontramos ninguém conhecido, e não houve uma alma que nos oferecesse o mínimo para comer. Depois passamos pelo cemitério. Ali, algumas pessoas nos chamaram e colocaram em nossas mãos chapatis e kulchas. Meu companheiro disse então que a cidade era um cemitério, e que o cemitério era uma cidade".

"Isso também é fácil de ser entendido, meu pai, se pensarmos que a cidade é um lugar onde tudo pode ser obtido, e que **a falta de hospitalidade do povo é algo pior que a morte**. A cidade, embora repleta de pessoas, estava como se morta fosse, no que diz respeito ao modo como seus habitantes procederam com vocês, enquanto no cemitério, que está repleto de morte, vocês foram cumprimentados por amigos bondosos, que lhes deram pão".

"Verdade, verdade!", disse surpreso o agricultor.

"Depois, exatamente no momento em que atravessávamos o riacho, ele entrou na água sem tirar os sapatos".

"Eu me admiro da sabedoria desse homem", replicou a jovem. "Penso freqüentemente como é estúpido arriscar-se a entrar em uma correnteza cheia de pedras cortantes com os pés descalços. O menor tropeço fará a pessoa cair e ensopar-se de água das cabeças aos pés. O teu amigo é um homem muito sábio. Gostaria de vê-lo e conversar com ele".

"Perfeitamente", disse o agricultor, "vou lá fora buscá-lo".

"Diga-lhe, meu pai, que nossas vigas são suficientemente fortes, e que ele pode entrar. Mandarei na frente um presente para mostrar-lhe que temos condições de hospedá-lo em nossa casa".

Ela chamou um criado e o mandou ao jovem com um presente, que consistia em um pote de manteiga, doze chapatis e uma jarra de leite, junto enviou-lhe uma mensagem: " Amigo, a lua está

cheia; um ano tem doze meses, e o mar está repleto de água".

A meio caminho, o condutor desses presentes encontrou o filho, que, vendo o conteúdo da cesta, pediu ao pai um pouco daquela comida. O pai consentiu tolamente. Em seguida, foi ao encontro do jovem, e entregou-lhe a mensagem e o que sobrara da cesta.

"Envio a sua senhora minhas saudações", disse o jovem, "e diga-lhe que a lua é nova, que eu pude encontrar apenas onze meses em um ano, e que o mar, de forma alguma, está repleto".

O criado, não podendo entender o sentido disso, repetiu a mensagem para sua senhora, palavra por palavra, tal como a ouviu. Com isso, seu furto foi descoberto, e ele severamente punido.

Logo depois, o jovem entrava na casa acompanhado do agricultor. Uma grande atenção foi dispensada a ele, em tudo tratado como se fosse o filho de um grande homem, embora seus humildes anfitriões nada soubessem de sua origem.

Ele, porém, revelou-lhes tudo: **a risada do peixe**, a ameaça que pairava sobre seu pai e o exílio a que teve de se submeter, e pediu-lhes conselhos de como deveria agir.

"**A risada do peixe**, que parece ser a causa de todos os problemas, indica que há **um homem** no palácio conspirando contra a vida do rei", disse o jovem.

"Maravilha, maravilha!", exclamou o jovem. "Ainda há tempo de voltar e salvar meu pai de uma morte ignominiosa e injusta, também livrar o rei do perigo".

No dia seguinte, ele partiu apressado de volta à sua cidade, levando consigo a filha do agricultor.

Assim que chegou, foi direto ao palácio e contou ao pai tudo que tinha ouvido. O pobre vizir, já quase morto diante da expectativa da morte, foi imediatamente procurar o rei, e repetiu para ele tudo que seu filho tinha acabado de contar-lhe.

"Nunca!", exclamou o rei."

Mas, certamente é assim, Majestade", replicou o vizir, "e para que eu possa provar a verdade de tudo que ouvi, rogo a Vossa Majestade convocar todas as jovens do palácio, e fazê-las saltar sobre um poço que deve ser cavado para esse fim. Descobriremos imediatamente se há um homem entre elas".

O rei consentiu, e mandou cavar o poço. Em seguida, ordenou que todas as jovens do palácio tentassem pular sobre ele. Todas tentaram, mas somente uma conseguiu. Descobriu-se depois que era um homem.

Com isso, a rainha ficou satisfeita, e o fiel vizir salvo da morte. Depois, tão logo quanto possível, o filho do vizir casou-se com a filha do agricultor, realizando-se o mais afortunado e feliz casamento que já houve.

22. SETE¹²⁹ "KRAJCAR"

Fizeram bem os deuses em determinar que o pobre também soubesse dar grandes risadas. Nas cabanas não se ouve apenas **lamento e choro**, mas também muita gargalhada, vinda do, coração. Até os pobres, cumpre confessá-lo, **até os pobres riem** muitas vezes, quando teriam antes **motivo para chorar**.

Bem conheço eu esse ambiente. A geração dos Soós, à qual pertence meu pai, já experimentou a mais grave forma da indignância. Nesse tempo meu pai era operário numa oficina mecânica. Nem ele nem outros se gabam daqueles anos. Entretanto eles existiram de verdade.

É também verdade que **nunca mais na vida hei de dar tantas gargalhadas quantas dei nos poucos anos desse período da minha infância.**

¹²⁹ ANTOLOGIA DO CONTO HÚNGARO. Seleção, tradução e notas de Paulo Ronái; revisão de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; prefácio de João Guimarães Rosa. 4ª.ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998. 354 p. 153

Como haveria de dá-las, se já não tenho minha **mãe alegre**, de faces vermelhas, que sabia rir tão cordialmente que por fim as lágrimas lhe corriam dos olhos e ela era presa de um tosse que por pouco não a sufocava? Mas **nunca riu** tanto como naquela tarde que passamos dois a procurar sete *krajcar*. A procurar e a achar. Três na gaveta da máquina de costura, um no armário... os demais tardaram a aparecer.

Os três primeiros, mamãe achou-os sozinha. Ela julgava encontrar mais na gaveta da máquina, pois costurava para fora e guardava sempre ali a paga. Para mim, aquela gavetinha era uma inesgotável mina de ouro: bastava abri-la, e lá estava o “abre-te, Sésamo”.

Por isso fiquei muito admirado ao ouvir mamãe, depois que a revistara completamente, remexendo entre agulhas, de, tesouras e pontas de fita, dizer com surpresa:

__ Sumiram-se.

__ Quem?

__ As moedinhas __ disse ela numa risada.

Puxou a gaveta:

__ Vem, filhinho, mesmo por pirraça vamos procurar esses danados *krajcárzinhos* levados da breca!

Acocorou-se, com toda a cautela, pôs a gavetinha no chão, como se temesse vê-los criar asas; depois virou-a, como quem apanha uma borboleta com o chapéu.

Impossível não rir daquilo.

__ Aqui estão eles! Estão presos! __ **ria-se ela**, sem se apressar em erguer a gavetinha. __ Mesmo que haja apenas um, deve estar aqui.

Acocorei-me também, e espiei para ver se não saía por alguma brecha uma moedinha brilhante. Porém nada se mexia. Na verdade, nem pensávamos que houvesse ali alguma coisa.

Trocamos olhares, **rindo a valer** daquele gracejo infantil.

Fui mexer na gavetinha virada.

__ Psiu! __ fez mamãe para me assustar. __ Caluda, senão ele escapa. Você ainda não sabe que bicho ligeiro é um *krajcár*. Quando pega a correr, vai rolando, rolando...

Encostamo-nos à parede para **rir à vontade**. Essa habilidade dos *krajcár* já a tínhamos experimentado mais de uma vez.

Ao voltarmos a nós, estendi novamente a mão para sondar a gaveta.

__ Cuidado! __ gritou mamãe.

E eu, assustado, retirei o dedo, como se tivesse mexido no fogão.

__ Cuidado, seu pequeno gastador! Por que tanta pressa em soltá-lo? É nosso apenas enquanto está escondido lá baixo. Deixe-o ficar mais um pouco. Você vê, eu quero e preciso de sabão; mas, para comprar sabão, são necessários, no mínimo sete *krajcár*, não se vende por menos. Já três, faltam mais quatro: eles moram aqui nesta casinha, não querem ser incomodados; senão __ zás! __ desaparecem e nunca mais tornaremos a vê-los. Tome cuidado, que o dinheiro é um bicho muito delicado, é preciso tratá-lo com a consideração. Melindra-se tão facilmente como uma mocinha fina. Você não conhecerá algum estribilho para sair da casa?

Quantas **risadas não teremos dado no meio de toda tagarelice!** E como era esquisito o jeito de chamar:

*Tio dinheiro, vem para a rua,
está em chamas a casa tua...*

Nisto virei a gaveta.

Havia ali toda espécie de bugigangas __ tudo, menos dinheiro. Mamãe, mordendo os beiços, mexia em vão.

__ Que pena não termos uma mesa! __ disse. Se a tivéssemos virado sobre a mesa, a honra seria maior e eles teriam aparecido.

Juntei todas aquelas miudezas e recoloquei-as na gaveta, enquanto mamãe dava tratos à bola para lembrar-se de a dinheiro escondido nalgum cantinho. Mas não lhe ocorria nenhum.

A mim, porém, acudiu-me uma lembrança:

__ Mamãe, eu sei de um lugar onde há um *krajcár*.

__ Onde é, filhinho? Vamos procurá-lo antes que derreta como a neve.

__ Na gaveta do armário envidraçado.

__ Oh, meu diabinho, como foi bom você não ter dito antes! Senão, esse também se teria sumido.

Levantamo-nos e fomos ao armário envidraçado, que não tinha vidraça havia muito, mas guardava um *krajcár* numa gaveta lá onde eu sabia. Fazia três dias que me preparava para surripiá-lo, mas faltara-me coragem para comprar balas, se essa coragem não faltasse.

__ Muito bem, agora já temos quatro. Não fique triste, filhinho, já temos a parte maior. Só faltam três. Se uma hora deu encontrar este, sobrar tempo para encontrar os demais antes do lanche. Ainda assim, poderei dar uma boa lavada até o cair da noite. Vamos, depressa, talvez haja um em cada gaveta.

Se assim fosse, sobraria dinheiro, porque o velho armário quando novo, servira numa casa que devia ter muita coisa esconder. Mas em nossa casa o coitado não guardava muitos tesouros; também, estava-se acabando, tísico, desdentado, carcomido.

Mamãe fez um sermãozinho sobre cada gaveta:

__ Está já foi uma gaveta rica. Esta nunca teve nada. Outra tem sempre vivido de empréstimo. Vai, mendiga, vagabunda, não tens sequer um *krajcár*!!! Esta não há de ter nunca: é a guarda da nossa pobreza. E tu, tomara que nunca tenhas nada, pois agora, pela primeira vez que te faço pedido, não me atendes. Quem tem mais é esta! __ exclamou ao abrir num puxão a gaveta de baixo, à qual até o fundo faltava.

Enfiou-a no meu pescoço e sentamo-nos no chão, **sempre a rir**.

__ Espere __ disse-me de repente __ agora é que vamos ser ricos. Vou encontrar dinheiro nas roupas do seu pai.

Elas estavam penduradas em uns pregos na parede. Milagre dos milagres! Ao passar o dedo no primeiro bolso, eis que mamãe tropeça num *krajcár*.

Ela nem quis acreditar no que via.

__ Ei-lo! __ gritava- ei-lo! Quanto temos, mesmo? Dá trabalho contar: um, dois, três, quatro, cinco... cinco! Só faltam dois. O que são dois *krajcár* ? Nada! Onde há cinco, há mais dois.

Com extrema aplicação varejou todos os bolsos, infelizmente sem resultado. Não encontrou mais nenhum. Os melhores gracejos não conseguiam fazer aparecer mais *krajcár*. Duas grandes rosas vermelhas ardiam já nas faces de mãe. Era-lhe proibido trabalhar, porque adoecia logo. Aquilo, porém, era um serviço excepcional: a ninguém se pode proibir que procure dinheiro.

Veio a hora do lanche, aproximava-se a noite. Meu pai precisaria de camisa no dia seguinte, e não era possível lavar. A simples água de poço não tirava as manchas de óleo. Nesse momento mamãe bate na testa:

__ Que idiota que eu sou! Não fui ver os meus próprios bolsos. Já que me lembrei, vamos revistá-los.

Fomos ver. Pois bem, lá também havia um *krajcár*. O sexto.

Aí a febre se apoderou de nós. Só faltava um!

__ Mostre os seus bolsos também! Talvez lá encontre mais um.

Pois sim, os meus bolsos. Podia mostrá-los quanto quisesse: não tinham nada.

Anoiteceu e lá estávamos com os nossos sete *krajcár* incompletos. Era como se não tivéssemos nenhum. O judeu não nos vendia mais a crédito, os vizinhos eram tão pobres como nós. De mais a mais, a gente não ia pedir um *krajcár*! Que se havia de fazer? **Ríamos de todo o coração da nossa miséria**. Foi quando entrou um mendigo. Em voz cantante recitou uma chorosa ladainha de pedinchão.

Mamãe quase caiu de tanto rir:

__ Pare, amigo, estou aqui a tarde toda de braços cruzados porque me falta um *krajcár* para completar o preço de meia libra de sabão.

O mendigo, um velho de rosto plácido, encarou-a com espanto.

__ Um *krajcár*? __ perguntou.

__ Isto mesmo.
__ Eu lhe dou.
__ Era só o que faltava! esmola de mendigo...
__ Deixe, minha filha, a mim não faz falta. A mim só faz uma pá de terra. Aí tudo vai melhorar.

Pôs-me o *krajcár* na mão e saiu aos solavancos, murmurando agradecimentos.

Graças a Deus! __ disse mamãe. __ Agora vá correndo...

Mas estacou e **pôs-se a rir**: __ Em boa hora é que juntamos o dinheiro! Hoje não posso mais lavar. Já está escuro, e eu não tenho petróleo para a lâmpada. A gargalhada transformou-se num acesso de sufocação, terrível, assassino. Acudi a sustentá-la, enquanto ela parecia fazer reverências com o rosto escondido nas mãos, e algo de quente me caiu sobre os dedos.

Era sangue, o seu caro sangue. O sangue de minha mãe, que **sabia rir** como poucos, mesmo no meio da gente pobre.

23. O LEÃO IRRITADO¹³⁰

Conta-nos a lenda que o rei Leão, depois de uma noite agitada por **maus sonhos e abalada por angustiosos pesadelos**, acordou, certa manhã, **muito irritado**.

Os animais da floresta, tomados de pânico, reuniram-se na clareira que ficava para além do rio.

Que fazer? **O rei Leão está de mau humor, enfurecido! Como levar a calma e serenidade ao conturbado espírito** do poderoso e invencível soberano?

__ Tenho uma idéia __ começou o prudente Camelo, dirigindo-se aos outros animais. __ o rei Leão **gosta de ouvir contar lendas**. Encanta-se com as histórias maravilhosas de gênios e aventuras. É indispensável que um de nós vá, agora mesmo, ao palácio contar uma história ao rei Leão. Estou certo de que **ele, sob a ação da narrativa, ficará alegre e a tranqüilidade lhe há de voltar ao coração**.

__ Quem, entretanto, terá a audácia de aproximar-se do rei Leão ? __ acudiu tristonho o Elefante. __ Qual de vocês conhece alguma história digna de ser ouvida por Sua Majestade?

__ Nada mais fácil retorquiu a alvoroçada raposa, com trejeitos de orgulhosa. __ Coragem não me falta a mim, nem há de faltar nunca! E se o curar-se o Rei depende apenas do relato de uma história, é-me fácil aplicar-lhe o remédio. Conheço quatrocentas histórias, lendas e fábulas interessantíssimas que aprendi no decurso de longas viagens empreendidas pelo mundo. Uma dessas histórias há de, por força, agradar ao nosso impávido soberano e dissipar a agitação que maus sonhos lhe trouxeram.

__ Muito bem! Muito bem! __ conclamaram alegres os outros animais. __ Está resolvido o caso! Vamos ao palácio do rei leão!

Puseram-se todos a caminho, pavoneando-se a frente da numerosa comitiva, a esperta raposa, que sabia quatrocentas histórias!

Em meio da jornada, porém, a Raposa parou repentinamente e assustada, a tremer, exclamou, dirigindo-se ao companheiros :

__ Meus queridos amigos, grande infortúnio acaba de ferir-me.

Que foi ? Que aconteceu ? __ indagaram os circunstantes aflitos.

__ Das quatrocentas histórias que eu tão bem sabia, esqueci-me agora do fio de duzentas!

__ Não te aflijas por isto __ consolaram os outros animais. __ Duzentas histórias são suficientes. Uma delas há de, por força, agradar ao Rei e dissipar de seu espírito a agitação que maus

¹³⁰ TAHAN, Malba. *Lendas do Povo de Deus*. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

sonhos lhe trouxeram.

E o cortejo novamente se pôs em marcha pela larga e verdejante estrada que conduzia ao palácio do soberano da floresta.

Momentos depois, quando já se ouviam nitidamente os urros atordoadores do Leão, a Raposa parou novamente e, ainda mais assustada, voltou-se para os que a acompanhavam, dizendo-lhes com voz transtornada, enrouquecida:

__ Amigos! Nova e terrível desgraça me vem surpreender!

__ Que foi que aconteceu, amiga Raposa? __ acudiram pressurosos e em coro os companheiros.

Das duzentas histórias que eu sabia na ponta da língua __ balbuciou chorosa __ de cem não me lembro mais!

__ Não vai nisso grande mal, boa amiga! __ redargüiram os animais já duvidosos da segurança da tão apregoada memória. __ Cem histórias dão de sobra! A metade desse número contentaria, por certo, ao próprio Sultão! Em cem famosas histórias uma haverá, pelo menos, cheia de peripécias atraentes. Esta há de agradecer ao rei Leão e dissipar de seu espírito a agitação que maus sonhos lhe trouxeram.

E, isto dizendo, puseram-se novamente a caminho, levando por diante a Raposa, que parecia triste e abatida com o seu apoquentador esquecimento.

Quando o cortejo __ que engrossara consideravelmente com a adesão de muitos outros animais __ chegava diante do palácio do rei Leão, a Raposa teve um desmaio e rolou desamparada pelo chão.

Reanimada, porém, pelos desvelos dos companheiros, reabriu os olhos e com voz sucumbida confessou, tristemente, a mastigar as palavras:

__ Que desgraça, meus amigos! Não sei como ocultar-lhes que já não me lembro das cem últimas histórias de que ainda há pouco me recordava tão bem!

A infanda revelação da Raposa causou, entre os animais presentes, verdadeira desolação. Que fariam eles ? Como remediar a situação ? Já sabiam todos __ pelos urros mais fortes e mais freqüentes do rei Leão __ que Sua Majestade, exaltado e impaciente, já se achava na sala do Trono à espera do anunciado emissário que vinha trazer-lhe calma ao espírito agitado.

Quem seria capaz, naquela grave emergência, de substituir a Raposa, atacada de tão forte acesso de amnésia?

O Chacal, prudente e sensato, sabedor do que acontecera à Raposa, reuniu os chefes do bando e disse-lhes:

__ Meus camaradas! Sou, como bem sabeis, um animal rude e inculto! Tenho vivido sempre em soturnas grutas, isolado do mundo, afastado dos sábios e dos poderosos. Aprendi, porém, com um velho mestre que tive, nos primeiros anos de minha vida, uma história muito original, de que jamais me esquecerei. Estou certo de que, ao ouvir essa única história, o nosso glorioso rei Leão verá restituída a calma e a tranqüilidade ao seu espírito conturbado.

__ Vai, Chacal! __ exclamara os animais. __ Quem sabe se não conseguirás com tua bela narrativa salvar-nos da fúria vingativa do rei Leão.

O Chacal, em três ou quatro saltos, galgou resolutamente as longas escadarias do rico palácio que abrigava o exaltado soberano.

A grande praça estava repleta. A população inteira da floresta aguardava ansiosa o desfecho da arriscada tentativa.

Esperavam todos, a cada instante, ouvir os uivos de dor que o pobre Chacal expediria quando estivesse sendo estraçalhado pelas garras impiedosas do Leão.

Decorridos, porém, alguns momentos de angustiada expectativa, viram todos, perplexos, abrirem-se as portas do régio palácio e surgir na larga varanda o rei Leão, calmo e satisfeito, em solene postura, a saudar risonho, com amáveis meneios de sua lustrosa juba, os súditos reunidos a seus pés.

E para maior pasmo ao lado do temido Leão perfilava-se o abnegado Chacal, o peito escuro coberto de ricas medalhas e distintivos nobiliárquicos, a cintura envolta pela faixa dourada de Ministro e Conselheiro do Reino.

Os animais não se mexiam, de assombrados. Ninguém sabia explicar aquele espantoso

mistério. Que teria contado o Chacal de tão extraordinário ao rei Leão ? Que história maravilhosa teria sido a que alterara tão radicalmente o gênio do monarca e fizera com que o seu narrador se tornasse digno de tão alta honraria ?

A curiosidade, mesmo entre os animais da floresta, é um fator da maior importância em todos os acontecimentos da vida.

O camelo, que fora até então um dos mais íntimos do Chacal, não podendo refrear a ânsia que o espicaçava, aproximou-se, discreto, do novo vizir do Rei e perguntou-lhe respeitosamente:

__ Ilustre, Ministro, digame, peço-vos por favor, que história contastes ao nosso glorioso soberano ?

__ Amigo Camelo __ respondeu com simplicidade o Chacal. __ **O conto que narrei ao Leão nada tem, realmente, de extraordinário. Aproximei-me do trono e narrei-lhe, sem nada ocultar, a peça que nos pregara a vaidosa e pusilânime Raposa! Sua Majestade achou-lhe muito graça e disse-me: “É sempre assim, meu caro Chacal! É sempre assim! Longe de um rei violento e irritado todos se inspiram e apresentam idéias geniais.** O verdadeiro talento e a verdadeira coragem só se revelam, porém, na ocasião exata e precisa, ao defrontarem o risco e a ameaça.

24. FELICIDADE E INFELICIDADE¹³¹

Era uma vez um pobre que tinha muitos filhos. Chegou a Primavera e ele não tinha com que lavar. Toda a gente tinha a sua charrua e animais, só ele nada possuía. Ora o pobre encontrou duas mulheres: uma era a Felicidade e a outra a Infelicidade. Elas perguntaram-lhe:

__Aonde vai, tiozinho?

Ele respondeu:

__ Minhas ricas senhoras, sou muito infeliz. Toda a gente tem animais, só eu é que não, nem ferramentas, e assim não posso sustentar os meus filhos. Elas começaram a falar uma com a outra, e disseram:

__Vamos dar-lhe algum dinheiro.

Deram-lhe **dez rublos**. Aconselharam-no:

__ Vá para casa e compre um boi.

O pobre foi para casa e escondeu o dinheiro num tacho de cinza.

No dia seguinte foi à casa dele uma vizinha rica e disse para a mulher:

__ Vossemecê não tem alguma cinza que me empreste, pois tenho a roupa muito suja?

A mulher pobre respondeu:

__ Leve a cinza que está nesse tacho.

Quando o homem chegou à casa, não viu o tacho e perguntou à mulher:

__ Onde puseste o tacho com o dinheiro? A mulher jurou que não sabia que o tacho tinha dinheiro e informou-o que a vizinha o levava.

Depois, o camponês foi à casa da vizinha e pediu-lhe que lhe entregasse o dinheiro. Ela disse que nunca tinha visto tal dinheiro.

O homem foi queixar-se ao bailio, mas este, não só não o atendeu como lhe afirmou:

__Nunca tiveste dinheiro e pretendes que a tua vizinha te dê algum usando este truque!

E assim o infeliz ficou sem o dinheiro.

Como andasse a chorar pelo campo, tomou a encontrar aquelas duas senhoras. Ele não as conheceu, mas elas reconheceram-no. Fizeram-lhe a mesma pergunta, e ele deu-lhes a mesma resposta.

¹³¹ **CONTOS POPULARES RUSSOS.** Seleção e Organização José Viale Moutinho. São Paulo: Landy, 2000. Este texto é traduzido também por: **APELL**, Alfredo. *Contos Populares Russos*: tradições do povo português e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro. Portugal-Brasil. Lisboa: Sociedade Editora - Rio de Janeiro: Companhia Editora Americana-Livraria Francisco Alves: 1920. Contos traduzidos do original.

As mulheres entregaram-lhe **vinete rublos**.

O Camponês voltou a correr para casa e guardou o dinheiro no celeiro, escondendo-o entre o feno.

No dia seguinte apareceu a mesma vizinha e pediu à mulher do pobre que lhe emprestasse algum feno para o gado. A mulher do desgraçado entregou-lhe o que tinha, pois não sabia que o dinheiro estava lá escondido.

Quando o homem chegou à casa, foi ao celeiro buscar o dinheiro, mas não o encontrou. Muito zangado, gritou para a mulher:

__Que é feito do dinheiro e do feno?

A mulher respondeu que a vizinha tinha levado o feno de empréstimo. E assim o camponês foi de novo à casa da vizinha e recebeu uma resposta torta. Por sua vez, o bailio também não o atendeu. Todos diziam que ele nunca na vida tivera dinheiro.

O pobre homem, sem um cobre, enfiou a chorar por uns campos e tornou a encontrar as tais duas mulheres, que lhe deram, desta vez, apenas cinco moedas pequenas. Mas disseram-lhe:

__Vai ao Rio Niemen e aí verás uns pescadores a pescar. Eles não apanharam nada. Pede-lhes que deitem as redes por ti.

Ele assim fez: foi ao rio Niemen e pediu aos pescadores que deitassem as redes por ele. Os pescadores assim que deitaram as redes, apanharam tanto peixe que já nem sabiam onde o haviam de meter. Os pescadores perguntaram-lhe quanto lhe deviam.

Ele respondeu-lhes que apenas queria que lhe vendessem cinco moedas pequenas de peixe. Recebeu um peixe vendido e outro de graça .

O camponês pegou naquilo e foi para casa, dando os peixes à mulher para que os cozinhasse.

Mas a mulher e os filhos ficaram tão encantados com o peixe, que preferiram deixá-lo ficar assim, por cozinhar. Ao ouvir a vontade da família, o **pobre riu-se do disparate**.

Nesse instante um fidalgo muito rico atravessava a aldeia e ao passar pela casa do pobre, que era a mais pequena e mal amanhada de todas as outras, **ouviu rir às gargalhadas**. Meteu-lhe impressão aquele contraste em **sentir alegria** na casa mais miserável do povoado. Bateu à porta e o pobre foi abrir. Logo lhe perguntou o fidalgo:

__ **De que te ris**, bom homem?

__ Ora, tenho ali um peixe, que basta a gente olhar para ele, logo nasce uma vontade de rirmos à gargalhada.

E o fidalgo viu o peixe, achou-o tão miúdo que, **se riu a bom rir**. E logo o quis comprar. Em troca , deu ao pobre uma junta de bois, dois cavalos e sete carros de trigo.

E foi assim que o camponês encontrou a riqueza por cinco moedas pequenas.

25. DO ESQUILO¹³²

Quero contar-vos aqui a história de uma senhora mui rica. Ela era de Rouen, segundo dizem. Cotam-nos que tinha uma filha que era bela, uma jovem mui graciosa, mui sedutora e bem-feita, pois a natureza a modelara com grande aplicação, colocara todos os seus cuidados em formar uma tal jovem. Ela era desmesuradamente bela. O pai e a mãe amavam-na e adoravam-na tanto quanto podiam, mais que a todos os outros filhos. A donzelinha tinha quinze anos.

Sua mãe **instruiu-a severamente**, dizendo :

__ Minha filha não, sejais nem tagarela nem muito amiga de contar. **Não tenhais por demais o hábito de falar**, pois pode ficar mal para u'a mulher **quando a ouvem falar mais do que deve**. É

¹³² PEQUENAS FÁBULAS MEDIEVAIS - Fabliaux dos Séculos XIII e XIV. Estabelecimento do texto, versão para o francês moderno e seleção de Nora Scott. Tradução de Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

por isso que **todas deveriam evitar falar excessivamente**. E vos proíbo uma cousa acima de qualquer outra: **jamais mencione** aquela coisa que os homens trazem pendente.

E a filha, que **já tinha escutado tanto que mal agüentava**, responde quando **não pode mais se calar**:

__ Mãe, **dizei-me** o que é e como se chama aquilo.

__ **Cala-te**, minha filha, não ouseis dizer.

__ É a cousa pendurada entre as pernas de meu pai, senhora?

__ Quieta, minha filha! Mulher nenhuma, a menos que seja de maus costumes, deve jamais falar desse equipamento de pesca que balança entre as pernas dos homens.

__ E o que há de espantoso em **mencionar** isso? É aquilo com que se pesca?

__ Quieta, minha filha, estais louca! Não faleis essa palavra! Esse equipamento não tem nome. Nós mulheres não o devemos mencionar de forma nenhuma, nem abertamente, nem em segredo.

__ Então esse diabo de penduricalho, minha boa mãe, é um gobião, ou é um mergulhão que sabe mergulhar e nadar no lago ou na fonte de meu pai?

__ Não, não, minha filha __ torna a mãe.

__ O que é então? **Dizei-me!**

__ Minha bela filha, vou dizer. Sim, pela fé que me deveis, e embora **seja proibido e essa proibição seja razoável e certa**, te digo que é um pau!

Ao ouvir isso, a **jovem riu e se alegrou**:

__ *Pau! Graças a Deus, pau! Pau! Direi de dia e de noite! Pau! Minha pobre! Pau! Diz meu pai. Pau diz minha irmã. Pau! Diz meu irmão. E pau! Diz nossa camareira. E pau na frente e pau atrás! Que todos falem à vontade! Vós mesma, minha mãe, em verdade dizeis “pau”! E eu mui cansada, que fiz para não ter o direito de dizer “pau”? Que Deus me dê pau para que eu também o mencione!*

Quando a mãe entende que está se atormentando em vão e que tudo o que diz nada resolve, vai embora chorando.

Prontamente, eis que acorre um jovem. Chama-se Robin. Era alto e belo de ver, pois era sobrinho de um prior. Por longo tempo vivera de migalhas na aldeia. Conhecía muitas manhas e artimanhas. De um lugar secreto onde estava, ouviu tudo o que a mulher de bem dissera à jovem e tudo o que a mocinha respondera à mãe. Com isso muito se alegrou e ficou contente. Esse celerado era alto e gordo. Levou a mão sob as roupas e começa a agitar seu pau até que o fez endurecer. Depois foi ter com a jovem que era tão sedutora e bela e disse:

__ Deus vos salve, minha bela amiga!

__ Ah, Robin, Deus vos abençõe! Dizei-me, Deus vos ajude, o que estais segurando aí?

E ele responde:

__ Senhora, é um esquilo. Vós o quereis?

__ Sim, quero muito. Deixai-me segurá-lo agora mesmo.

__ Inda não, amiga. Por enquanto, não é o caso. Mas colocai vossa mão dentro, bem devagarzinho para não machucar. Por favor sede boa para ele.

A jovem estende a mão e o outro segura-a e coloca-lhe na palma o pau, que de tal regalo tinha precisão.

__ Robin __diz ela __, ele está quentinho.

__ Doce amiga, Deus me salve, ele acaba justamente de se levantar do oco de seu ninho, pelos membros com que se move. Pois, em nome de Deus, está bem vivo.

__ Ah, sim! Pobrezinho, como estremece e mexe!

Ela viu os colhões!

__ Robin --, pergunta o que é aqui?

__ Minha bela, isso é o seu ninho.

__ É mesmo torna ela --, estou sentindo um ovo.

__ Por minha fé! Ele acaba de botar nesse instante.

__ Nome de Deus! Estou sentindo um outro.

__ Doce amiga, é que em qualquer mês do ano não bota a não ser dois juntos.

__ É mesmo? -- torna a jovem. -- Parece-me que é de muito boa raça. Ele sabe curar.

__ É claro, certamente. Consegue enxertar rabos, é bom para sondar feridas e cura do lento-mijar.

__ Gosto inda mais dele __ responde a outra. __ Robin, amigo, o que ele come? Come nozes?

__ Na verdade, sim!

__ Ai, ai! Infeliz que sou! Não tenho sorte! Ontem agi como uma insensata quando comi u'a mancheia de nozes! Gostaria muito de as ter comigo hoje, e ele as comeria esta manhã!

__ Não vos preocupeis, bela __ responde Robin. __ Pois na verdade ele saberá bem ir buscá-las. Estarias errada de te atormentares por nada.

__ E onde?

__ Na verdade, em vossa barriga!

__ Não sei por onde ele vai entrar.

__ Não te preocupes, pois em verdade ele dará boa conta disso.

__ Por onde ? Ele nunca entrou lá .

__ Por vossa cona.

__ Então vamos, colocá-lo lá . Deus me ajude, estou **mui contente** com isso.

Então Robin abraçou-a e depois derruba-a sob ele e ergue sua túnica azul, a camisa e a peliça. E colocou-lhe seu esquilo na cona.

O rapaz não era desatencioso. Começa a mover os flancos, a ir e vir. Não queria apenas fingir. E ela, a quem aquilo agradava muito, **diz rindo**:

__ Deus esteja convosco, senhor Esquilo! Ide procurar! Possais comer boas nozes! Agora procurai bem e mais fundo, até o local onde elas estão, pois, pela fé que devo a minha cabeça, tenho aqui um bicho mui delicioso. Nunca vi esquilo assim, nem ouvi falar de um que seja tão bom, pois ele não morde; quase não machuca! Vamos, procurai, belo, caro amigo! Desejo realmente, de todo o meu coração!

Enquanto a jovem assim falava, o outro procurava as nozes, sem fingir em nada. Tanto adentrou e malhou que, não sei por qual acaso, não sei se isso era normal, mas o esquilo sentiu náuseas. Começa a chorar de desgosto e então depois começa a cuspir, a vomitar, a devolver. Tanto vomitou, o tolo, o glutão, que a jovem sente escorrer ao longo das nádegas que o goteja.

__ Chega __ diz ela. __ Não malheis mais, não forceis mais, Robin. Não metais mais! Forçaste com tanto furor, tanto bateste, tanto empurraste que um dos ovos se quebrou. Isso me entristece, é muita pena. A clara esta escorrendo entre minhas nádegas.

A esta palavra o outro se levantou, pois não lhe restava mais nada a fazer. Vai embora, contente, tratar de seus afazeres. Não deixou de bem fazer.

Com este *fabliau* quero ensinar que alguns acreditam instruir bem a filha dizendo-lhe palavras loucas. Porém quanto mais a instruem mais a colocam no caminho do malfazer, que Deus seja minha testemunha.

26. A LENDA DA EMBRIAGUEZ¹³³

Preparava-se Noé para plantar a primeira vinha e eis que surge diante dele a figura negra e hedionda do Demônio .

__ Que pretendes plantar aí? __ perguntou o Demônio .

__ Uma vinha! __ informou Noé encarando com olhar sereno o seu insolente interrogante.

__ E como são os frutos que esperas colher, meu velho ? __ inquiriu friamente o Demônio.

__ Ora __ explicou o Patriarca, de bom humor __ são frutos deliciosos, sempre doces. Os homens poderão saboreá-los maduros e frescos, ou secos e açucarados. Do caldo desse fruto poderá

¹³³ **TAHAN**, Malba. *Lendas do Povo de Deus*. 11^a. Ed. Rio de Janeiro: Record, s.d.

ser fabricada uma bebida ___ o vinho ___ de incomparável sabor. Essa bebida levará alegria e inspiração aos corações dos mortais!

___ Quero associar-me contigo no plantio dessa vinha! ___ propôs o Demônio com certo acinte na voz.

___ Muito bem! ___ concordou Noé. ___ trabalharemos juntos. Ficarás, desde já, encarregado de regar.

E o Demônio, no desejo de agir pela maldade, regou a terra com o sangue de quatro animais tirados da Arca: o cordeiro, o leão, o porco e o macaco.

Em conseqüência desse capricho extravagante do Maligno, aquele que se entrega ao vício degradante de embriaguez **recorda**, forçosamente, um dos quatro animais. Bem infelizes os que se deixam dominar pelo álcool! Tornam-se alguns, **sonolentos e inermes como um cordeiro**; mostram-se outros, **exaltados e brutais como um leão**; muitos, sob a ação perturbadora da bebida que os envenena, **ficam estúpidos como um porco**. E há, finalmente, aqueles que depois dos primeiros goles, **fazem trejeitos, dizem tolices e saracoteiam como macacos**.

27. A FALA DOS ANIMAIS¹³⁴

Em tempos **remotos os animais falavam**, mas era **proibido que alguém deixasse sair o conhecimento, a fala dos animais**. E então esse senhor um dia na calçada da casa dele, com vários amigos mais ele, ouviu o cachorro da casa dele correr pro aceiro do mato e ladrar. Então o galo falou:

___ Se quieta, cão, que isso não é um ladrão.

O cachorro voltou e deitou-se. **Aí o sujeito riu-se, ficou a rir**. Aí os amigos disse: _____

De que é que você esta rindo?

___ Não, **eu não tô rindo de nada não**, não foi nada não.

Mas os amigos estiveram por lá e tal e depois se retiraram. Vem a mulher, que tinha assistido à **cena dele rindo** e os amigos perguntando de que era:

___ **Ó marido, de que você tava rindo?**

___ Não é nada não.

___ Aí lá vai ela apertar ele, acariciar ele, aí ele disse:

___ Não, é porque o cachorro ladrou aí no aceiro do terreno aí o galo disse:

Volta, cão se deita que não é um ladrão. E o cachorro voltou pra se deitar e o galo ficou calado, quieto aí. E ficou tudo calmo.

Aí a mulher disse:

___ Mas rapaz, **você ouviu as falas dos animais?**

Aí no outro dia ela começou a falar com as vizinhas e a história saiu, né, que tinha ouvido a fala dos animais. E a história saiu se alastrou. Então **ele foi preso**. Prenderam o homem. Mas prenderam na casa dele mesmo. Deram umas autoridades pra ficar com ele em detenção. Não era pra ele sair. Depois cegou. E logo no outro dia era pra ele ser enforcado ali no terreno da casa dele. E vai passando as horas, vai passando, aí quando chega uma certa hora lá, perto da hora dele ser enforcado, aí o galo deu uma carreira atrás de uma galinha, foi uma coisa danada, aí o cachorro disse:

___ Mas camarada galo, isso é uma desgraça, tu não tá vendo que o patrão aí vai morrer dentro de poucas horas e você num fogo deste?

___ É porque ele muito égua, eu tenho seis mulher aqui no terreiro e não diz “tanto assim” comigo e ele vai morrer por causa de uma mulher.

Aí esse nego deixou as duas polícia e entrou lá pra dentro e pegou a dar sova desgraçada lá na

¹³⁴ LIMA, Francisco Assis de Sousa. *Conto Popular e Comunidade Narrativa*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional do Folclore, 1985.

camarinha na mulher, a mulher gritando e chorando.

___ Hem, mulher, você sabe que **eu não vi segredo de animal...**

E era só pá, pá, pá, aí a polícia foi embora e o povo que ia assistir à morte foi embora também e ficou tudo em paz. Não morreu ninguém. O galo disse:

___ Agora ele criou sabedoria.

3. OS SOBERANOS QUE CHORAM E NÃO FALAM: O REIZINHO GAY E A RAINHA CARECA¹³⁵

O Reizinho Gay

Mudo, pintudo

O reizinho gay

Reinava soberano

Sobre toda nação.

Mas reinava...

APENAS...

Pela linda peroba

Que se lhe adivinhava

Entre as coxas grossas.

Quando os doutos do reino

Fizeram-lhes perguntas

Como por exemplo

Se um rei pintudo

Teria o direito

De somente por isso

Ficar sempre mudo

Pela primeira vez

Mostrou-lhes a bronha

Sem cerimônia.

Foi um Oh!!! Geral

E desmaios e ais

E doutos e senhoras

Despencaram nos braços

De seus aios.

E de muitos maridos

Sabichões e bispos

Escapou-se um grito.

Daí em diante

Sempre que a multidão

Se mostrava odiosa

Com a falta de palavras

Do chefe da Nação

O reizinho gay

Aparecia indômito

Na rampa ou na sacada

Com a bronha na mão.

E eram ós agudos

Dissidentes mudo

¹³⁵ HILST, Hilda. *Bufólicas*. São Paulo: Globo, 2002

Que se ajoelhavam
Diante do mistério
Desse régio falo
Que de tão gigante
Parecia etéreo.
E foi assim que o reino
Embasbacado, mudo
Aquietou-se sonhando
Com seu rei pintudo.
Mas um dia...
Acabou-se da turba a fantasia.
O reizinho gritou
Na rampa e na sacada
Ao meio dia:
Ando cansado
De exhibir meu mastrução
Pra quem nem é russo.
E quero sem demora
Um buraco negro
Pra raspar meu ganso.
Quero um cu cabeludo!
E foi assim
Que o reino inteiro
Sucumbiu de susto.
Diante de tal evento...
Desse reino perdido
Na memória dos tempos
Só restaram cinzas
Levadas pelo vento.

Moral da estória:
a palavra é necessária
diante do absurdo.

A rainha careca

“De cabeleira farta
De rígidas ombreiras
de elegante beca
Ula era casta
Porque de passarinha
Era careca.
À noite alisava
O monte lisinho
Co’a lupa procurava
Um ténue fiozinho
Que há tempos avistara.
Ó céus! Exclamava.
Por que me fizeram
Tão farta de cabelos
Tão carecas nos meios ?
E chorava.
Um dia ...

*Passou pelo reino
Um biscate peludo
Vendendo venenos.
(Uma gota aguda
Pode ser remédio
Pra uma passarinha
De rainha.)
Convocado ao palácio
Ula fez com que entrasse
No seu quarto.
Não tema, cavalheiro,
Disse-lhe a rainha
Quero apenas pentelhos.
Pra minha passarinha.
Ó Senhora! O biscate exclamou.
É pra agora!
E arrancou do próprio peito
Os pêlos
E com saliva de ósculos
Colou-os
Concomitante penetrando-lhe os meios.
**Ui! Ui!Ui! gemeu Ula
De felicidade.**
Cabeluda ou não
**Rainha ou prostituta
Hei de ficar contigo
A vida toda!**
Evidente que aos poucos
Despregou-se o tufo todo.
Mas isso o que importa?
**Feliz, mui contentinha
A Rainha Ula já não chora.***

Moral da estória:

Se o problema é relevante, apela pro primeiro passante.”

4. ALGUNS VERBETES DE CÂMARA CASCUDO¹³⁶ ... O GESTO ... O RISO ... O CORPO ... A VERGONHA ... O BRINCAR ... O SORRIR ...

SORRIR

Desde quando sorrimos? Será muito posterior ao riso. Na pré-história circulariam raras motivações para rir. A visão das iguarias rústicas e copiosas justificavam a exaltação plectórica dos berros e nunca a sonora explosão das gargalhadas. Sorriso é gesto de percepção requintada, entendimento sutil, contenção ao excesso demonstrativo. **É um documento denunciador de meu cenário, compreensivo, existência de um ambiente idôneo para a comunicação discreta e breve que o sorriso contém, sub-ridere, sob-o-Riso, o riso no pedal da surdina, baixo cifrado,**

¹³⁶ CASCUDO, Luís da Câmara. *Histórias dos Nossos Gestos: uma pesquisa na mímica do Brasil*. São Paulo : Melhoramentos, 1976.

disfarçado, ténue mas incisivo, nítido, suficiente. O riso opina ostensivamente. O sorriso é uma sugestão, mensagem cuja tradução depende da inteligência receptora. Em área tão , diminuta, a ondulação labial alcança todas as gamas da linguagem humana. O Gesto, em sua unidade, impressionará todos os níveis da Compreensão. Todas as criaturas entendem a voz silenciosa da confiança, a um tempo pública e privada porque na presença do grupo seria destinada a um único interesse. O sorriso documenta-se nas sociedades hierarquizadas, civilizações já tradicionais, com cerimonial e pompa. O mais antigo sorriso, esculpido em mármore nuns lábios femininos, olha-se ainda na Niké de Delos, obra de Arquemos, 550 anos antes de Cristo. Salomão Reinach comentou: "Ela sorri desjeitosamente, sem dúvida, com um *rictus* muito acusado, uma boca seca, pômulos salientes, mas enfim o sorriso existe, e não o havíamos encontrado anteriormente. As divindades egípcias, caldaicas, assirianas, são muito pouco humanas para sorrir. Elas são careteantes ou indiferentes. Com a Niké de Delos, a Arte já não se contenta em imitar as formas. Procura, começa a exprimir dos sentimentos, a vida interior. É uma grande descoberta e o anúncio de uma Arte Nova" (*Apolo Paris, 1910*). Muito mais que o movimento e o equilíbrio no joelho flectido, o sorriso seduz Salomão Reinach. Estará nas bailarinas dos Reis e dos Deuses, pela Ásia e África setentrional. Um sorriso fixo, indeformável em lábios de pedra, evidenciando não apenas a Antiguidade dinâmica mas a integração ornamental com uma finalidade de tração decorosa e de excitação comedido, regulados nos padrões sagrados das predileções dinásticas. O *sorriso* participa da liturgia majestática. Até presentemente, as bailarinas bailam sorrindo. Socialmente é complementar, moldura, traje, na missão comunicante. Saber sorrir, na infiltração irresistível, é vocação, exercício, raciocínio ou milagres da Intuição misteriosa. Provocação. Convite. Desafio. Repulsa. Promessa de prêmio e castigo. Sorriso de Intelectuais. Onipotências efêmeras, de Amorasas, de Aliciadores profissionais. Sorriso molhado de lágrimas, de Andrômaca, despedindo-se de Heitor (Ilíada VI, 484). A intensidade mental multiplica o conteúdo, sublinhando a destinação real da frase ou do olhar. Ironia. Afeto. Perfídia. *On ne ri plus, on sourit aujourd'hui*, poetava o Cardeal de Bernis, há duzentos anos. Sorriso de crianças reconhecendo as mães. Das matronas, noivas, personagens de teatro, televisão. Da espontaneidade ao Automatismo. Do smile ao smirk. Na mesma boca, sorriso diferente. Aparentar finura astral. Sorriso de candidato e do empossado no cargo. Fingir compreender. Sorriso filtrado entre as esponjas da Decepção e da Angústia. Esses elementos não se incluíram no Sorriso paleolítico mas foram surgindo, alojando-se no complexo dos lábios eloqüentes, contemporâneos ao beijo, intencional, devoto, sexual. Sorriso é gesto adquirido no exercício convivial nos caminhos do Tempo. *L' Ange du Sourire*, tão raro, da fachada da catedral de Reims (séc. XIII) , junto a Saint-Nicaise, abençoe a evocação de sua presença, irmão de Niké de Delos.

GRANDE ALEGRIA

Demonstração plectórica de júbilo é agitar as duas mãos, parecendo independentes na movimentação vibrante dos braços. Lembram borboletas ou flores, na espontaneidade da manifestação sonora e rítmica. Essa mímica comunicativa de emoção incontida, encontro na documentação diluvial sobre o túmulo do jovem Tutankamon, fotos de Harry Burton, álbuns de Howard Carter e A. C. Mace. divulgando o deslumbrante tesouro oculto durante 3.272 anos. Nas câmaras que antecedem ao ataúde do faraó de dezoito anos, os desenhos orlam as paredes com as cenas da vida normal do Egito, treze séculos e meio antes da Era Cristã. Em alguns murais as figuras esguias e seminuas pulam, eufóricas, agitando as mãos abertas, os braços sacudidos como flâmulas ao vento, modelos dinâmicos da instintiva coreografia dos meus três netos. As razões motivadoras seriam diversas mas a transmissão emocional e plástica é idêntica.

NUDEZ PUNITIVA

Meu primo Simplício Cascudo (1882-1943), criado por meu Pai, seu tio materno, viveu em

nossa companhia até 1913. Magro, inteligente, agitado, sorriso raro, pertenceu às associações da classe em Natal, sempre na diretoria. Faleceu solteiro, Fiscal da Prefeitura. Jamais abandonara os preceitos do Sertão, secura, rispidez, sinceridade, decoro, circunspeção, dignidade. Em 1908, estávamos veraneando num imenso casarão no meio de um de um terreno sem fim na Av. Deodoro, cheio de árvores e silêncio. Ficava tão distante do centro da cidade, então no bairro da Ribeira, que meu Pai e Simplício voltavam a cavalo, partindo da Rua do Comércio, hoje Rua Chile. Simplício, às vezes, regressava mais tarde. Numa noite deparou um ladrão interessado no exame de uns perus. Com o revólver apontado, obrigou o ladrão a despir-se, a abandonar toda a roupa, e ir-se embora nu em pêlo. Provocou gargalhadas felizes aos amigos e muito tempo o episódio foi comentário divertido e ruidoso. Simplício faleceu sem saber que **a nudez constrangida fora penalidade imposta aos veladores de quintas, granjas, alminhas, pomares, hortas, no Portugal-Velho dos séculos XIII e XIV**. Um foral de Tomar, datado de 1174, mandava que o gatuno assaltante peitasse, pagasse multa e deixasse **o que trouxer vestido**. Encontrei o registro no Elucidário de Viterbo. Sem saber a lei existira, 734 anos depois, meu primo aplicou-a na cidade de Natal. **A originalidade de 1908 datava da segunda metade do século XIII**. *Em que recôndito da memória inconsciente ocultou-se essa insólita punição medieval, ressuscitada e flagrante ao findar a primeira década do século XX numa cidade brasileira e tropical? Por que não ocorreu solução diversa, incluída na normalidade dos castigos habituais? Ao fazer-se desnudar o assaltante do galinheiro, meu primo tivera uma idéia nova ou a imagem vivia em potencial na sua lembrança, nas células portuguesas da família? O homem transplanta vísceras, pisa os granitos lunares, liberta a força atômica mas não atina com os segredos múltiplos da Reminiscência, o Mundo que vive em nós, obscuro e palpitante.*

BRINCAR

Vale relações sexuais na fraseologia popular, brasileira e contemporânea. O jocar prestava-se a esta extensão erótica. No Gênesis, 2,6, 8, o rei Abimelech vê Isaac jogando com Rebecca uxore sua. Comum nos velhos "romances" do ciclo de D. Carlos: de Montealbar, que Silvio Romero divulgou nas versões de Sergipe e de Pajeú de Flores, em Pernambuco (Cantos Populares do Brasil, 1997); com as minhas notas, registando as variantes (Cantos Populares do Brasil, I, 94, Rio de Janeiro, 1954):

A EI-Rei irei contar
Mais tem ele que me dar:
Apanhei a Claralinda.
Com Dom Carlos a brincar.

Nas variantes portuguesas do Porto e Beira Alta está "folgar" (Teófilo Braga, Romanceiro Geral Portugues, I, 365, Lisboa, 1906). E continua vulgar nos versos gaiatos:

Mulher que brinca com homem
Depressa empina a barriga.
Estabelece-se a diferença entre "brincador e brincalhão". O primeiro é da raça do conde de Montealbar .

5. LIBERDADE E LIBERTINAGEM NA EXPLORAÇÃO DE DISCURSOS RISÍVEIS

As leituras que se cruzam, os leitores que riem.

Em agosto de 1998 propus aos alunos a leitura de cinco textos de Gil Vicente: *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Alma*, *A Farsa de Inês Pereira*, *o Auto da Lusitânia* e *o Velho da Horta*. Lemos o

primeiro juntos para (re)conhecermos a linguagem vicentina. Caberia, em seguida, a eles, a leitura dos outros textos e a apresentação em grupo em forma de seminários. Depois pedi que eles mais uma vez se reunissem em grupo, não necessariamente, naquele dos seminários e, **recriassem** os textos vicentinos como assim o quisessem.

Combinamos que manteríamos a *fábula*, a que eles chamaram de certa essência do texto que deve ser mantida. Eles apenas mudariam o modo como *aquele assunto fora apresentado*. Sugeririam, então, uma nova *trama*, um novo percurso para o desenvolvimento *daquelas* circunstâncias. Surgiram rádio-novelas, vídeo-teatros, HQ, Músicas, e a encenação de **novos** textos vicentinos.

Alguns grupos me chamaram a atenção, naquela época, e me fizeram **retornar a academia para sobre o humor**. Um deles escolheu *O Velho da Horta* que conta a história de um ancião que se apaixona por uma moça muito formosa, evidentemente muito mais jovem que ele. Os outros escolheram *Auto da Alma* para contarem **suas** histórias.

O mote da peça - *Auto da Alma* também é simples e cristão: separada de seu corpo terrestre ela é “tentada” a permanecer no paraíso celeste - supostamente tranquilo e calmo ___ ou partilhar das ofertas irrecusáveis do ser diabólico que lhe apresenta inúmeras facilidades e uma **dinâmica e inconstante existência** *pos mortem* na morada satânica. A alma ficará em dúvida. Uma incerteza que a perseguirá. A assimilação e a **atualização** dos temas são efetuadas pelos grupos rapidamente. Eles compreendem que sua trajetória será permeada por escolhas e, embora o humor leve e zombeteiro prevaleça, no momento da descrição das diversas circunstâncias, as oportunidades de escolha, nem sempre serão as mesmas e talvez muitos de seus companheiros não possuam os dois caminhos sugeridos por Gil Vicente.

Eles se divertiram no prolongamento destes momentos de dúvida. No caso desta peça alguns grupos trabalharam de modo muito peculiar a duração deste titubeio. Ampliaram o universo do bem e do mal vicentinos, sem perderem o bom humor... Diria que eles o ampliaram e o enriqueceram.

Gil Vicente e Eles: morrer de samicas de caganeira sim!

O Maníaco da Horta

Numa rádio-novela idealizada exclusivamente, pelos alunos ouve-se, além da trilha sonora, curiosamente original, uma história sobre assassinatos ocorridos numa Horta. Os alunos escolhem, por alguma razão, o episódio do Maníaco do Parque que assustava a cidade de São Paulo naquele ano de 1998. O grupo mistura, com ingenuidade, violência e lascívia os estupros de garotas que se dirigiam ao verdureiro para comprar verduras. Assim que uma surgia ele dizia ‘Oba! Mais uma pronta para o abate!’ Todas elas, uma a uma, vão sendo estupradas e mortas pelo tarado juvenil. A **única prova** de seu crime eram os gritos das vítimas que sucumbiam sem oportunidade de resistência.

Até que um dia, aparece na Horta uma garota, extremamente bela que encanta e seduz o Jovem. Felizmente esta, ele não a exterminará de imediato, tenta, sim, persuadi-la acerca de sua repentina paixão, entretanto, sem sucesso. Ela consegue sair ilesa de um provável estupro, mas dilacera o coração do Pobre Jovem. Desiludido, ele despreza a namorada e a expulsa, ao confessar seu novo amor. Resta-lhe apenas a companhia de um parvo¹³⁷ que repete sem parar a frase “Moça bonita não quer Jovem, ihiaiaiaia, ahahah...” eu não vou contar pro Jovem que moça bonita tem namoradooôô...

Eis que surge uma Pistoleira¹³⁸ que promete ajudá-lo na conquista de sua amada. Tal

¹³⁷ Os alunos perceberam, provavelmente pela leitura do *Auto da Barca do Inferno*, os múltiplos papéis assumidos pelo louco num determinado contexto. Ele é o coro, a loucura e a justiça, por exemplo!

¹³⁸ Nas duas adaptações do *Velho da Horta*, é interessante observar que a imagem da Alcoviteira será assimilada, recriada e atualizada pelos alunos de um modo muito peculiar. No texto vicentino, ela é apenas uma alcoviteira, 168

pistoleira exige muito dinheiro do rapaz a fim de eliminar o namorado da garota e, finalmente, deixar o caminho livre para a conquista dele. Eliminado o parceiro da mocinha, o maníaco da horta retoma suas tentativas de sedução. A polícia é acionada e descobre, depois da confissão do tolo que vivia com o Jovem, além do assassino do namorado da mocinha, o temido Maníaco da Horta e os restos de suas vítimas.

O texto de Gil Vicente é simples e, de certo modo atual, haja vista a rapidez com que estes alunos misturam a realidade violenta, na qual sobrevivem com as informações folhetinescas que recebem em jornais, revistas e na televisão. Contudo, devo dizer que o modo como as novas imagens foram atualizadas por eles, foi bastante singular. Eles não pouparam a referências ao corpo e ao proibido. Talvez a comicidade permita que o proibido seja **driblado** pelos alunos.

O Velho João

Ao explorar os recursos de som e de imagem, este grupo encena e registra na filmadora a história de um casal de namorados que numa tarde entediante e monótona, na cidade de São Paulo, resolve fazer sexo. Embalados pela trilha sonora do Bolero de Maurice Ravel (música tema do vídeo-teatro), os parceiros abandonam suas roupas íntimas pela casa e são surpreendidos, durante o ato sexual, pela fragilidade do preservativo que não resiste aos movimentos exasperados dos jovens. Inconformados com a falha do produto os dois jovens reclamam junto ao órgão competente: o PROCON. Acionado, o órgão de defesa do consumidor, enviará um linda jovem para notificar o fabricante da Joãotex acerca da gravidade da falha e a fragilidade do produto. Este primeiro entretexto é o que na verdade dá razão ao que vem depois deste encontro. A moça do PROCON fará contato com os secretários da empresa Joãotex e informará sobre as sérias implicações da reclamação, assim agendará um horário com o dono da empresa para lhe informar as suas responsabilidades no caso.

Assim que entra na sala para comunicar o problema, Mônica, uma jovem linda e exótica, estremece o coração do velho executivo que, imediatamente, confessa, ali mesmo sua paixão repentina. Diz veementemente, que nada pode separá-los, nem sua considerável diferença de idade. Ele, inconformado, é recusado por ela. Depois disso, João se tornará triste, distraído e relapso com os negócios da Joãotex.

Preocupados com o ‘chefinho, os dois assessores¹³⁹ resolvem ‘descolar’ um passatempo que fizesse o velho João esquecer Mônica. Neste momento do vídeo, a cena da personagem que em Gil Vicente era uma alcoviteira e no Maníaco da Horta era uma pistoleira, aparece nesta adaptação, como uma personagem que faria corar atores e diretores de filmes como Romance, o Último Tango em Paris e alguns filmes de Pedro Almadóvar Ela fora contratada apenas para ‘divertir’ o velho e fazê-lo esquecer a paixão impossível, entretanto, a cena de sedução e erotismo explicitamente explorada por eles nos faz entrever que eles fundem todos os sentidos e ações de uma prostituta-de-luxo-pistoleira-cafetina-garota-de-programa numa única personagem. Ela prometerá, com a ajuda de muito dinheiro, que a moça será dele.

Envolvido naquela situação de paixão, ele despreza a velha esposa e seus negócios. Já falido, ele não terá saída: ficará sem a empresa e sem seu objeto de desejo.

Além desta perspectiva de decadência, os diálogos dos secretários e do policial (que recebe a notícia do desaparecimento do velho!) imprimem o caráter popularesco e brincalhão desta adaptação. Eles exploram os estereótipos dos personagens, ora de modo caricaturesco, ora em função de aspectos eróticos. Tais personagens estereotipados (que também aparecem no texto vicentino do século XV!): os homossexuais, por exemplo, representados pelos assistentes do empresário e pelo policial que os

ou seja, aquela que agencia encontros, que propicia determinados encontros amorosos.

¹³⁹ Alguns dos meus colegas acharam de mau gosto o policial rebolando e os assistentes agindo daquele modo tão caricaturesco e feminino! Fui advertida para o fato de que não havia apenas aqueles tipos de gays! Para eles era necessário dizer que no mundo dos homossexuais havia também **seriedade**. É... Os labirintos do cômico são surpreendentes!!!

atenderá na delegacia. O risível aqui se dá, como já se disse, pelo popularesco e pela escolha de tipos vítimas de preconceito. Em tempo é necessário dizer que toda a concepção da adaptação foi realizada por eles! Não imaginei que houvesse motivo para interferir na confecção do vídeo, com o objetivo de cercear a manifestação criativa deles, por exemplo; ainda que tenha assumido o risco deles terem sido chamados de preconceituosos. Acredito que pretendia, ainda que, intuitivamente, permitir que o imaginário deles emergisse, ainda que isto não fosse, **politicamente, correto.**

O auto do eleitor

A segunda rádio-novela, conta a história de um eleitor que assiste a comerciais televisivos e lê em cartazes de candidatos a governador, a deputado estadual e federal sobre propostas de campanha. Ele sente-se perdido e confuso em meio a tantas propostas, convites e promessas. Em 1998, Celso Pitta, Marta Suplicy e tantos outros candidatos entorpecem **aquele eleitor** que não sabe como escolher os cidadãos que o representarão .

O grupo escolheu vários recursos dramáticos e humorísticos para descrever esta trajetória eleitoral. Imitaram, parodiaram e zombaram dos programas realizados no horário político eleitoral veiculados em diversos meios de comunicação.

Inverteram entrevistas dos candidatos e se colocaram no papel dos jornalistas trapalhões. Nem mesmo estes profissionais foram poupados. As cenas da dúvida se pluralizam ante o eleitor que não vê saída para seu tormento. A sátira e a crítica se interpenetram numa trilha sonora muito apropriada aos instantes de incerteza não mais eleitoral, mas existencial daquele indivíduo, pisado, usado e impotente que percebe, em dado momento, que não é importante naquele processo.

Sua única e coerente alternativa é anular o voto. A opção “política” pela anulação do voto parece que ofereceu não um terceiro caminho, mas um percurso que revela a esperteza daquele cidadão que analisa e conhece o perigo da escolha. Ele não deixa de escolher, ele opta pelo reconhecimento acerca do despreparo dele como eleitor ante a avalanche de mentiras e promessas descabidas dos candidatos. Ele reconhece a hipocrisia e não quer ser mais um **palhaço** naquele circo do poder que cerca a política no Brasil, ele não as quer, ele não precisa delas. Embora o grupo tenha se valido de recursos humorísticos muito apropriados e variados, acredito que a crítica satírica, desnuda e emerge no final do trabalho.